

CAMILA DORNAS

100 canções para salvar sua vida



The Books
Editora



100 CANÇÕES
PARA SALVAR
SUA VIDA

Camila Dornas

Copyright © 2019 Camila Dornas

Revisão: Morgana Brunner

Capa: Lola Salgado

Diagramação: Ge Benjamim – Serviços Editoriais

Todos os direitos reservados.

100 canções para salvar sua vida

1. Romance.

2. Literatura Brasileira.

Edição Digital | Criado no Brasil.

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610. De Fevereiro de 1998 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Esta é uma obra de ficção e toda e qualquer semelhança com pessoas ou situações reais terá sido mera coincidência.

Para Igor e Aleixa, por me motivarem a sempre seguir meu sonho



*Garota, você é tão jovem e bonita
E uma coisa que eu sei que é verdadeira
Você estará morta antes que esse tempo acabe.*
We've gotta get out of this place - The Animals

A memória é uma coisa engraçada. Algumas delas se destacam, como estrelas luminosas em um céu noturno limpo. Outras se vão quase enquanto acontecem. Se pensar bem a respeito, não me lembro de muito do que fiz uma semana atrás. Ou mesmo do que comi ontem de manhã. Ou de onde estava quando Michel Jackson morreu.

No entanto, me lembro com uma clareza surpreendente daquela tarde de verão em 2008. Lembro do cheiro salgado e levemente metálico que vinha do mar calmo à minha frente, do sabor de amoras amassadas impregnado em meus dedos devido à uma tarde no jardim da casa dos meus pais. Lembro do som desastrado do meu pai derrubando tudo enquanto tentava nos preparar um churrasco, da voz melodiosa de minha mãe reclamando com ele. Da risada contagiante de Tasha, minha melhor amiga, enquanto procurava conchas na areia do mar.

Era uma daquelas raras ocasiões onde o universo parecia se alinhar para criar uma tarde perfeita, preguiçosa, quase magicamente boa em sua simplicidade. Ao menos foi o que eu pensei. Até surgir o homem na água. O primeiro pedaço do quebra-cabeças.

Aquela tarde que mudou tudo começou como qualquer outra tarde de verão. Eu, como qualquer outra garota de 13 anos de férias, estava nas nuvens. Era um daqueles dias quentes e úmidos onde você já acordava grudada ao travesseiro. Meus pais estavam na cozinha fazendo um bolo de limão que impregnava a casa toda quando eu descí as escadas, usando um biquíni de bolinhas vermelhas que me mataria de vergonha hoje em dia. Eles sorriam

um para o outro. Ela, com seus grandes olhos cor de tempestade aguçados. Ele, com seus indomáveis cachos castanhos que apontavam para todas as direções.

— Alicia. — Meu pai falou, arrastando seus chinelos pelo piso sujo de areia. —Tasha e Valentina estão batendo na porta.

Não perguntei como ele sabia quem era. Elas sempre apareciam todas as manhãs, exatamente na mesma hora.

— Guarde bolo pra mim!

Ouvi minha mãe resmungando um sim sonolento antes que eu saísse correndo porta afora, apenas para dar de cara com o mar de um azul límpido me dando bom dia. Minhas melhores amigas me esperavam sentadas na varanda. Tasha ria de alguma coisa, os cabelos curtos de um castanho claro quase loiro levantando com o vento. Era magricela, bem franzina, e parecia ter menos que os seus 13 anos. Valentina estava lá também, exuberante com seus cabelos negros e sardas no nariz que lhe conferiam certo ar travesso. Seus olhos escuros brilhavam daquele modo reservado, como se guardassem um segredo irrevelável.

Se eu apenas soubesse naquele momento o que aconteceria. Se eu apenas pudesse ter impedido...

— Nós tivemos uma ótima ideia! — Valentina praticamente gritava, mal se contendo de animação.

Estreitei os olhos, desconfiada.

— Nenhuma de suas “ótimas ideias” é realmente uma boa ideia, Val.

Ela cruzou os braços, franzindo o nariz arrebitado como sempre fazia quando queria provar que estava certa.

— Isso é absurdo.

Tasha deu uma risadinha tímida e levemente esganiçada. Val virou seus olhos flamejantes em sua direção, para os quais Tasha apenas deu de ombros.

— Não me olhe assim. Você nos fez fugir de casa no meio da noite no último verão. Ficamos perdidas por horas até Alicia encontrar o caminho de volta.

— Irrelevante. — Valentina descartou seu argumento com um gesto despreocupado. — Olhe! — disse, animada, apontando para uma caixa metálica decorada com desenhos disformes feitos com marca-texto.

Franzi as sobancelhas.

— Uma caixa terrivelmente mal decorada? Que ideia incrível!

Valentina suspirou profundamente. Ela odiava sarcasmo. Sua tia, que a havia criado depois da morte dos pais, sempre ácida e portadora de uma língua ferina, usava o sarcasmo como uma lança afiada e certa.

— Vamos enterrá-la! — Ela continuou, me ignorando completamente. — Vamos escrever uma carta para nós mesmas ou uma para as outras. Ano que vem, exatamente na véspera de ano novo, abrimos a caixa de novo e substituímos as cartas. Vai ser nossa nova tradição.

Lutei contra a vontade de revirar os olhos. No entanto, algo em Valentina fez com que a história toda não parecesse tão absurda. Talvez fosse o modo como ela ansiosamente se agarrava ao metal rabiscado, como se temesse soltá-la, como se algo especial se escondesse ali. Ela tinha o raro talento de persuadir qualquer um a seguir seus planos.

Suspirei.

— Vamos fazer isso agora? —Tasha perguntou, entusiasmada.

Valentina balançou a cabeça. Abraçou a caixa fortemente, encarando o mar por um segundo antes de voltar a atenção para nós novamente.

— Hoje à noite. Logo antes da meia noite, antes que os fogos de ano novo comecem.

As duas viraram as cabeças na minha direção. Tasha parecia mais como uma garotinha do que nunca, os olhos gigantes animados, prontos para seguir qualquer loucura que Valentina propusesse.

Dei de ombros.

— Tudo bem — declarei, sem muita convicção.

Sorrindo de um lado a outro, Valentina apoiou a caixa metálica na varanda de madeira e nos puxou para a areia, em direção à praia. Lembro de como nossas gargalhadas misturavam-se ao som das ondas que se quebravam na costa enquanto nós corríamos. Lembro de ter olhado para trás uma última vez, para o metal pálido da caixa, que refletia o sol intenso. Eu não fazia a menor ideia de como aquele pequeno objeto mudaria tudo.

Naquela mesma noite, enquanto todos na casa se preparavam para a noite de ano novo, Valentina, Tasha e eu nos escondíamos embaixo de um velho carvalho no quintal da minha casa de praia, cada uma com uma carta nas mãos. Tasha segurava um envelope cor de rosa, perfumado, recheado com milhares de coisas das quais eu nem sonhava saber. Valentina segurava um envelope vermelho, sua cor favorita, e tinha nas mãos uma velha pá enferrujada que parecia apenas levemente sinistra à luz da lua prateada. Minha carta era um papel velho arrancado de um caderno qualquer, e

parecia ridícula em comparação. No entanto, eu estava preocupada demais com o cheirinho de peru assado vindo da cozinha para me importar.

— Anda logo! Está congelando aqui fora — reclamei, esfregando os braços em busca de calor.

Valentina colocou a caixa dentro do buraco que tinha cavado, cuidadosamente recolheu nossas cartas e as colocou lá dentro.

Tasha segurou minhas mãos, parecendo querer dizer alguma coisa, mas se manteve calada, os cabelos quase loiros lhe conferindo um aspecto pálido.

— Temos que prometer voltar aqui todos os anos. — Valentina nos olhava com sua intensidade característica, que quase parecia loucura. Ela sempre me parecera intensa demais, volátil demais, mas havia algo sobre aquela noite, sobre como ela segurava aquela caixa, que me deu arrepios. — Não importa pra onde a gente se mude no futuro ou o que estivermos fazendo. Todos os anos na noite de ano novo. Prometem?

Engoli em seco, ignorando a sensação gelada que se instalou na base de minha coluna.

— Prometo. — Tasha declarou, os braços arrepiados, enquanto ela respirava pesadamente. — Podemos ir comer agora, por favor?

Tremi, resmungando baixo sobre o frio intenso bem no meio do verão. Não era tão comum assim na maior parte das cidades, principalmente no Rio de Janeiro, mas durante aquele ano, todas as noites eram gélidas, contrastando com o calor tórrido todos os dias.

— Não. — A voz de Valentina cortou meus pensamentos aleatórios.

Ela agarrou meu pulso, os dedos finos gelados, pálidos ali no escuro, as sardas suavemente marcando a pele.

— Você tem que prometer — disse, fervorosa.

Revirei os olhos. As folhas verdes do carvalho acima de nós tremeram, ecoando no silêncio.

— Tudo bem, eu prometo! — resmunguei, me liberando de seu aperto.

Ela sorriu, cobriu a raiz exposta da árvore com terra, levantou devagar, espanando a sujeira no vestido branco, e simplesmente saiu correndo, dando a volta ao redor da casa, em direção ao mar.

E, assim como sempre fazíamos, Tasha e eu a seguimos.

Valentina corria de braços abertos, os cabelos negros se destacando contra o branco ofuscante de seu vestido, e o tom pálido da areia. Havia algo livre nela aquela noite, quase selvagem. Tão fora do usual para uma garota tão jovem quanto ela. O mar estava revolto, e nuvens pesadas se rebelavam acima de nós. Ainda estávamos muito longe de alcançá-la quando ela parou de repente. Meus olhos desviaram-se, ávidos, para seguir o que a havia feito parar, e foi quando eu o vi. O homem nas ondas.

Não havia nada extraordinário sobre ele. Cabelos ralos, roupas folgadas e esfarrapadas, as feições indistinguíveis daquela distância. Seus ombros estavam caídos, uma garrafa de bebida na mão. Ele cambaleava, tonto. Valentina se aproximou dele, devagar, como se algo sobre ele a fascinasse.

Quando ele a notou, todos os meus alarmes internos dispararam, com um único e claro aviso: Mantenha-a longe dele! Eu corri mais rápido, com Tasha em meu encalço. Meu peito doía, uma

sensação de pânico estranha fazia com que meus pés não se movessem rápido o suficiente.

Valentina estava ao lado dele agora, e dizia alguma coisa que eu não podia ouvir. Ela tentou se aproximar, mas ele a afastou como se ela queimasse. Não ouvi o que diziam, mas de onde eu estava, pelos movimentos vorazes de seus lábios, ele parecia gritar.

Ele agarrou os ombros dela, os olhos arregalados, e disse o que pôde ter dado início a tudo. Nunca soube quais foram suas palavras, mas a expressão chocada e aterrorizada de Valentina me disseram tudo o que eu precisava saber.

— Valentina! — gritei.

Os dois olharam para mim, o homem parecia mal me notar. Com um movimento bruto, empurrou Valentina para a areia e, devagar, caminhou para dentro da água, lentamente, um passo atrás do outro, até que as ondas o engolissem.

Paralisada, observei enquanto ele desaparecia lentamente, as ondas o recebendo de braços abertos, como se esperassem por ele. Esperei que ele emergisse novamente. Ele nunca o fez.

Tasha alcançou Valentina primeiro que eu. Ela a ajudou a se levantar. Seus braços finos não eram fortes o suficiente para erguerem o corpo da garota. Val parecia inerte na areia, olhando para as ondas violentas como se esperasse alguma coisa delas.

— Temos que ajudá-lo! — gritei, me sentindo enjoada. — Chamem alguém!

Encarei as ondas, temerosa. A superfície da água permanecia intocada. Eu não entendia exatamente o que estava acontecendo na época. Continuei encarando o mar, esperando o homem emergir,

querendo ajudá-lo, até que Valentina olhasse para mim, os olhos tempestuosos.

— Ele não quer ser ajudado, Ali — disse, em um tom sombrio que não parecia certo em alguém tão pequena, tão jovem. — Ele quer morrer.

Franzi o cenho, como se o conceito me parecesse absurdo. Valentina afundou a cabeça no peito de Tasha ali na areia, olhando para o oceano aberto com uma expressão insondável.

— Você está bem? — Tasha insistiu, preocupada, o fino lábio inferior fremente.

Ela não respondeu. Olhou diretamente para mim, os olhos arregalados, assustados.

— Vamos pra casa — pediu, tremendo.

Assenti. Peguei suas mãos trêmulas nas minhas e nós três caminhamos de volta à casa de praia, em silêncio. Ao longe, na cidade, os fogos de artifício explodiram, ensurdecedores, deslumbrantes e cheios de cor. Era oficialmente um novo ano.

Nos afastamos daquele homem, da praia, de tudo. Nunca mais falamos a respeito, nunca descobrimos o que ele disse a Valentina aquela noite. Nunca contamos pra ninguém. E todo o ano, exatamente na véspera de ano novo, voltamos àquela casa de praia e lemos as cartas enterradas.

Até o ano novo de 2015, onde uma de nós não pôde voltar.



Minha alma desliza para longe
“Mas não olhe para trás com raiva”
Eu a ouvi dizer.
Don't look back in anger - Oasis

DEZEMBRO DE 2014

Eu tinha o melhor emprego do mundo. Trabalhava em uma loja de música absolutamente peculiar e incrível. Meu trabalho era basicamente ficar entre discos de vinil, pôsteres dos maiores astros do rock e falar sobre música para os meus clientes. E eu trabalhava com as pessoas mais adoravelmente estranhas que já conhecera.

Estava seguindo o mesmo caminho que seguia todos os dias para chegar ao trabalho, debaixo de uma chuva insistente e irritante. O odor pungente que a cidade tinha quando chovia me acompanhava pelo caminho, e mesmo que as gotas finas fossem suficientes apenas para deixar o dia cinzento e melancólico, eu já estava encharcada.

Desci a rua cantarolando baixinho, perdida demais em meus pensamentos pra notar qualquer outra coisa. Pessoas apressadas passavam ao meu redor, as cabeças baixas focadas na tela do celular. Todos estavam sempre apressados nesta cidade. Era quase como viver em uma versão estranha de um filme de ficção científica dos anos 90. São Paulo era um completo caos, mas era meu caos, e eu adorava.

Ainda embaixo da garoa, atravesssei a Rua da Consolação em direção ao imponente prédio no estilo Art Déco da Biblioteca Mário de Andrade. Continuei andando, contorcendo-me como um gato molhado para tirar o excesso de água das roupas. Pude ver meu reflexo em uma poça, o cabelo castanho escuro, os cachos frisados

devido a umidade, os olhos acinzentados, quase do mesmo tom das nuvens acima, encarando-me de volta, selvagens.

Avistei a loja de discos espremida entre uma agência do Itaú e uma padaria logo na esquina. Escrito em uma placa de madeira velha, moldada como uma guitarra, o nome familiar piscava em vermelho morango “Alan’s Vinil”. Sorri.

Empurrei a porta de vidro apenas para sentir o familiar odor de discos empilhados, caixas de papelão e couro. O lugar era uma bagunça completa, como se o deus da música tivesse vomitado discos por todo lugar. Empilhados em um canto, havia centenas de discos de vinil. As paredes eram completamente tomadas por colagens que eu tinha ajudado Alan a fazer. Eram, na maior parte, imagens de astros do rock e lugares ao redor do mundo que eram referência em música. Havia uma foto do Slash beijando o Big Ben, John Lenon caminhando pelas ruas de Liverpool. Jaquetas de couro e coturnos pendurados em uma arara aos fundos completavam o cenário catastrófico. Respirei fundo, apreciando a sensação de paz que aquele lugar trazia.

Minha paz durou pouco, porque um furacão de um metro e meio de altura e muito delineador nos olhos me atacou assim que pisei lá dentro.

— Você desapareceu por dois dias!

Tasha tinha uma expressão engraçada no rosto pequeno, a testa franzida, o nariz enrugado e os olhos amendoados faiscando.

— É bom te ver, também.

Ela cruzou os braços em cima do peito, estreitou os olhos e bufou.

— É melhor você ter uma boa desculpa.

Apoiei os braços no balcão de mogno e suspirei.

— Precisava de um tempo sozinha. Você sabe que dia é hoje....

Tasha engoliu em seco e cerrou a mandíbula com força, determinada a ignorar o fato de que dali a três dias, seria véspera de ano novo. Nosso primeiro desde o suicídio de Valentina. Dispensando completamente meu comentário, ela se equilibrou em seus saltos gigantescos e tentou se acalmar.

— Só... Não desapareça assim novamente! Tem ideia do quanto fiquei preocupada?

Eu estava morando com Tasha há mais de um ano, desde que toda a situação com meu pai ficou insustentável. Quando Valentina morreu, os pais de Tasha vieram para São Paulo, e eu fui com eles.

— Prometo que vou ligar da próxima vez — falei, tirando a jaqueta molhada.

— É melhor mesmo, se não quiser a polícia atrás de você. — Ela empinou o queixo, em um aviso não tão silencioso.

Observei sua compleição miúda, e por um segundo, não vi a garota na minha frente, com os cabelos quase loiros repicados e com mechas negras, a saia jeans rasgada e meias arrastão. Vi a garota franzina e tímida que ela costumava ser, antes de tudo.

Ela suspirou, os ombros finos caindo em derrota. Parecia inexplicavelmente imponente para alguém tão minúscula. Mesmo com o ar rebelde de punk dos anos 80, ela tinha uma aura de autoridade que era difícil ignorar.

— Saiba que você perdeu a noite de meditação e comunhão com os coelhinhos da montanha da família Moreira.

Uma risada involuntária rasgou minha garganta, e Tasha revirou os olhos. Os pais dela eram hippies que passavam o tempo livre cantando e fumando maconha. Tenho certeza que morariam em um trailer em uma praia qualquer, ou voltariam para Farol da Ilha, nossa cidade natal, se não fosse por Tasha e por todas as lembranças ruins que tínhamos lá. Ela odiava a natureza. Uma vez, quando éramos pequenas, fomos passar algum tempo em uma fazenda no interior de Minas, e eu a convidei a fazer uma trilha. Ela reclamou todo o caminho, e acabou com tantas picadas de mosquito que ficou quase irreconhecível.

— Nem vem. Na última reunião de família à qual compareci na sua casa, tia Janice estava seminua.

Ela suspirou dramaticamente. Fazia isso quase sempre que mencionava os pais. No entanto, mesmo que levemente insanos, tia Janice e tio Lione eram incríveis.

— Você ainda não viu nada. Janice viu em algum lugar uma matéria sobre incensos e a energia do ambiente. Está praticamente impossível respirar lá em casa agora.

Tirei a jaqueta molhada e a coloquei no balcão, ainda rindo levemente.

— É impressionante a quantidade de maluquice que perdi em apenas dois dias.

Tasha ergueu uma sobrancelha desconfiada.

— Você ainda não me disse onde estava esse tempo todo.

Comprimi os lábios, pensando em uma mentira plausível. Não queria que ela soubesse que havia passado os últimos dias vagando pelas ruas de São Paulo, indo da casa de um cara qualquer para a de outro, sem rumo.

— Conheci um cara em uma galeria no centro. Estava com ele — falei, o que não era inteiramente uma mentira. Realmente tinha passado uma das noites com o cara que conheci em um bar.

Tasha parecia prestes a me repreender, mas algo a interrompeu. Com um estrondo agudo de metal atingindo metal, uma bola de couro e glitter ambulante saiu do depósito, e, só então, consegui me mover novamente. Alan tinha três jaquetas em cima dos ombros e equilibrava uma pilha de discos nos dois braços. Apenas seus óculos redondos com armação de oncinha e o cabelo preto espetado eram visíveis por cima de toda aquela tralha.

— O que pensam que estão fazendo? Admirando a vista? Parem de gritar uma com a outra e me ajudem!

Tasha chegou a ele primeiro que eu. Tirou parte dos discos de cima dele e os depositou no balcão. Seu rosto exibia a mesma máscara levemente irônica que vinha exibindo ao longo do último ano. Não pela primeira vez, me perguntei quanto daquilo era verdadeiro.

— Encontrei isso no depósito. Não acredito em quanta coisa boa nós enterramos lá. Olha! — Ele apontou para o disco no topo da pilha, empolgado. — É o primeiro disco do Pink Floyd! Sabe o quanto é difícil encontrar isso em vinil?

Completamente alheio ao clima de tensão, Alan continuou tagarelando sem parar enquanto eu acenava pacientemente. Ele era uma figura engraçada. Baixinho, com os cabelos muito pretos e o rosto redondo, olhos grandes demais ampliados pelo par de óculos sempre diferentes e um mais absurdo que o outro. Usava uma camiseta verde berrante com aquele Mario do vídeo game estampado bem no centro, onde uma leve gordurinha da infância

que nunca tinha desaparecido se insinuava. No entanto, os sapatos eram sociais e incrivelmente bem polidos. Era como um híbrido de nerd e gênio fissurado em Chanel.

Não era muito mais velho que nós. Tinha apenas vinte um anos e era o gerente da loja desde os dezenove, e, recentemente, havia comprado a loja do antigo dono para si. Estava sempre empolgado por causa de alguma coisa, seja lá o que fosse. Quase nunca falava sobre si, mas eu sabia que ele vinha de uma família conservadora no interior de São Paulo. Os pais o tinham expulsado de casa assim que ele fez dezoito anos porque ele não se encaixava exatamente na ideia do filho ideal. E agora, ele passava seu tempo gritando com a gente. Foi exatamente o que ele continuou fazendo quando ouvimos o sino irritante que a porta de vidro sempre fazia quando alguém entrava.

— Finalmente algum cliente! — Alan bateu palmas no ar e fez uma dancinha ridícula, para qual eu prontamente gargalhei. — Andem, mexam esses traseiros e me consigam algum dinheiro.

Lancei um beijinho debochado para Alan, que devolveu a gentileza com uma careta irritada. Sacudi os cabelos molhados para tentar fazer os cachos mais apresentáveis, e, por fim, desisti. Um garoto inacreditavelmente alto tinha entrado pela porta, e remexia pacientemente a primeira estante com os discos de vinil amontoados. Reparei em seus cachos escuros e levemente bagunçados, um pouco úmidos por causa da garoa.

Quando Alan notou o garoto mais de perto, correu para atendê-lo, parecendo um gato que encontrou uma presa succulenta.

Olhei por cima dos ombros de Tasha, apenas para checar se Alan estava por perto. Não parecia que ele estava dando a mínima

para a nossa existência, ocupado demais flertando com o cliente. Puxei Tasha pelo braço até um canto ao lado do balcão de madeira antiga e me inclinei em sua direção como se tivesse que compartilhar o segredo mais bem guardado de todos.

— Tasha, andei pensando....

Hesitei, tentando pensar na melhor maneira de propor o que estava prestes a propor. Ela inclinou a cabeça para a frente, estreitando os olhos como se soubesse exatamente o que eu estava prestes a dizer.

— Acho que devemos ir ao Rio novamente esse ano — falei rapidamente, esperando que de alguma maneira as palavras fossem mais facilmente aceitas se eu as cuspiisse de uma vez. Mordi o lábio inferior, hesitante.

Ela reagiu exatamente como eu sabia que iria. Suas feições mudaram completamente em questão de segundos. Observei seu rosto anuviar-se como quem observa o céu mudar logo antes de uma tempestade.

— Não. — Sua voz era como as extremidades de vidro afiado, gélida e cortante.

Ela não disse mais nada, apenas balançou a cabeça como se tentasse afastar um pensamento ruim. Seu rosto era como uma frágil máscara de cristal, prestes a se partir em milhares de estilhaços se ela fizesse o movimento errado.

— Tasha...

— Não! Não quero ter nada a ver com ela, Alicia. Nunca mais.

Ela me deu as costas e se abaixou atrás do balcão, como se procurasse alguma coisa ali. Mas eu podia ver seus olhos

lacrimejando, as mãos firmemente fechadas em punhos ao lado do corpo.

— Tasha, por favor...

Tentei fazer minha voz soar delicada e compreensiva, no entanto, tudo o que consegui foi um tom agudo e desesperado. Os ombros de Tasha subiram e desceram enquanto ela respirava fundo. Ela abaixou a cabeça, tentando esconder o rosto com os cabelos platinados, como sempre fazia quando estava prestes a chorar e não queria que ninguém visse.

— A carta dela está lá. — Minha voz tremia. A água em meus cabelos e roupas parecia subitamente mais gelada.

Ela parou de fingir estar arrumando alguma coisa, parou de respirar, de se mover.

— Não está curiosa? Nem um pouquinho? Talvez tenhamos uma resposta — implorei.

Ela se levantou em um rompante, derrubando algumas caixas de papelão vazias com seu movimento brusco. O rosto estava vermelho, as narinas dilatadas, e os olhos pareciam três vezes maiores.

— Uma resposta pra quê? Valentina era egoísta, cheia de si e prepotente. Essa foi apenas mais uma maneira que ela encontrou de ser o centro das atenções.

Recuei um passo, chocada. Nunca a tinha ouvido falar assim. Ela costumava adorar Valentina. Quando pequenas, a seguia para todo canto, apoiava todas as suas ideias insanas, ouvia tudo aquilo que ela dizia com avidez.

No entanto, ela parecia tomar o suicídio de Valentina como uma ofensa pessoal. Era como se a odiasse por deixá-la.

— Não acredito que disse isso.

Ela pressionou os lábios em uma linha tão fina que eles desapareceram em seu rosto. Levantou o queixo, inflou o peito. Parecia bem maior que seus 1,53 de altura.

— Dizer o quê? A verdade?

Coloquei minhas mãos sobre as suas, tentando acalmá-la. Ela respirou fundo algumas vezes, mas por trás das camadas de delineador, seus olhos faiscavam.

— Não tem que ir comigo se não quiser, mas eu espero que vá.

Ela não disse nada. Eu não esperava que dissesse.

— Não pode fingir que ela nunca existiu — insisti.

Tasha apenas cerrou o maxilar.

— Estou indo amanhã de manhã, já falei com Alan para adiantar minhas férias. Se mudar de ideia, vou esperar por você.



Como eu queria que você estivesse aqui
Nós somos apenas duas almas perdidas nadando em um aquário
Ano após ano.
Wish you were here - Pink Floyd

Acordei bem cedo na manhã seguinte. A janela enferrujada que ocupava grande parte do meu quarto fazia com que fosse quase impossível acordar depois das oito. Abri os olhos devagar, envolvida pelo odor suave de incenso de sálvia que pairava no ar, adocicado. A casa de Tasha sempre cheirava diferente, todas as manhãs. Por um segundo, tudo estava perfeito. O silêncio, o calor do sol banhando meu rosto. Estendi a mão para o telefone na escrivaninha, com a intenção de chamar Valentina para tomar um sorvete no centro, como sempre fazíamos em dias como aquele. Então eu me lembrei.

Por um instante, não consegui respirar. Respirei fundo, empurrando as lágrimas para longe, exatamente como fazia todas as manhãs. Alguns dias eram piores que os outros. Alguns dias, sua ausência era tão forte que parecia tangível.

Empurrei os pensamentos pra longe e me vesti apressada, colocando o primeiro par de jeans que pude encontrar. Dei uma olhada nos meus cachos castanhos grossos e pesados, que emolduravam meus enormes olhos avermelhados por causa da falta de sono. Suspirei, decidindo que não valia a pena tentar domá-los.

Desci o corredor até a porta preta coberta de adesivos que se destacava na casa repleta de incensos e trabalhos manuais. Abri a porta do quarto de Tasha, ansiosa, mas não havia ninguém lá. Nada além do caos usual de bugigangas, pôsteres e colagens nas paredes. Desde o dia anterior, na loja, Tasha não havia dito uma palavra sequer para mim. Todas as vezes em que tentei me

aproximar, ela me lançou um olhar indignado, me fazendo desistir. Ainda assim, tinha esperanças de que ela fosse comigo.

Tentando ignorar a decepção, voltei ao meu quarto e peguei a velha mochila desgastada que carregava comigo sempre que ia pra qualquer lugar e a enchi de tudo que achei que seria útil durante a viagem. Ajeitei a mochila nos ombros e suspirei.

— Rio, lá vou eu! — gritei para o quarto vazio, tentando fabricar uma voz empolgada.

— Falando sozinha, querida? — Uma voz calma indagou, me fazendo derrubar a mochila no chão, o coração palpitando.

Virei-me, alarmada, apenas para encontrar tia Janice parada na porta, os cabelos avermelhados presos em um lenço grosso, as orelhas pendendo com brincos pesados que tinham mais penas que um pavão da Índia, e um vestido solto que a deixava meio etérea.

— Tia Janice.

Ela riu do meu espanto, a pele dos olhos enrugando-se para completar seu sorriso doce e meio insano.

— Venha, querida. Vamos comer alguma coisa. Você está magra demais.

Janice era pior que uma avó, enquanto houvesse bocas pra alimentar, ela tinha comida pronta no forno para sustentar um batalhão. Quando morávamos em Farol da Ilha, Valentina e eu sempre procurávamos uma desculpa para aparecer na casa de Tasha durante o almoço. Isso foi antes de Tia Janice decidir que se tornaria vegetariana. Daí em diante, fazíamos o possível para escapar de todo o tofu que ela tentava fazer com que comêssemos. Ela não era realmente nossa tia, mas insistia que a chamássemos assim. Com o tempo, se tornou um hábito.

Peguei a mochila no chão, olhando uma última vez para o quarto de Tasha e me perguntando onde ela tinha se metido.

— Onde está o Tio Lione?

Ela deu de ombros com aquele ar despreocupado. Nunca se importava muito em controlar os passos do marido, talvez por que soubesse que ele sempre voltaria, não importa pra onde fosse. Era um tipo de amor livre, inspirador. Eles estavam casados há mais de 20 anos, mas todos os dias de manhã, ele acordava mais cedo, preparava o café da manhã com torradas e leite que Janice adorava e a cumprimentava com um beijo que chegava a ser constrangedor de observar. Tinha vergonha de admitir, mas às vezes queria que eles fossem meus pais também.

— Se eu o conheço bem, deve estar na estufa namorando alguma flor. — Ela riu. Tinha uma risada engraçada, um pouco soluçada. — E você, para onde vai com essa mochila?

Encolhi-me um pouco, sem querer falar demais. De certo modo, parecia que ainda era um segredo partilhado com Valentina se eu não contasse a ninguém. Pigarreei.

— Estou indo passar o fim de semana na casa do meu pai, no Rio.

O semblante de Tia Janice se anuviou, uma linha profunda surgindo entre as sobrancelhas.

— Ah, sim. É quase véspera de ano novo.

Ela envolveu meus ombros com os dedos longos e esqueléticos, em um abraço confortante e silencioso. Graças a deus, não mencionou mais nada. Ficou assim até chegarmos à cozinha, que cheirava a bolo de cenoura, a especialidade dela, e a tofu, infelizmente. Depois de quase um ano morando em uma

família vegetariana, eu estava seriamente alucinando com bifes gordurosos e suculentos.

Minha mente flutuou para longe dali enquanto Janice servia o bolo, o vestido flutuando de um lado para o outro, cantarolando na luz da manhã que inundava a cozinha pela janela que cobria quase a parede esquerda inteira.

— Seu pai ainda está morando lá, querida? — indagou, tentando esconder a preocupação na voz.

Fechei as mãos em punhos e cerrei os dentes, focando toda a minha atenção no bolo à minha frente, como se ele pudesse me teletransportar para outro lugar.

— Não. A última vez que cheguei, ele tinha abandonado a casa e ido morar em alguma espelunca acima de um bar.

Tia Janice me fitou com uma expressão simpática.

— Sinto muito.

Dei de ombros, fingindo não me importar.

— Tudo bem, mesmo. Dessa maneira não vou ter que vê-lo quando visitar a casa.

Parecendo perceber que eu não queria falar a respeito, Janice colocou uma montanha de comida à minha frente, me fazendo rir, com água na boca.

— Você viu Natasha hoje? — perguntou, uma leve ruga de preocupação entre as sobrancelhas. — Ela chegou mal-humorada ontem à noite. Aconteceu alguma coisa?

Balancei a cabeça negativamente. Janice levantou uma sobrancelha inquisitiva, sorrindo daquela maneira dócil na qual sorria quando éramos pequenas e fazíamos alguma travessura.

— Você é uma mentirosa deplorável.

Ri baixinho, desistindo de mentir para ela.

— Você é que parece um detector de mentiras humano — resmunguei.

Ela se acomodou na cadeira a minha frente, o semblante preocupado e maternal.

— Ela só está chateada porque eu estou voltando para Farol da Ilha.

Janine inclinou a cabeça, um pouco da leveza que ela sempre tinha deixando seus ombros.

— Ela está com medo de ver as cartas, não é?

Arregalei os olhos, surpresa.

— Sabe sobre as cartas?

— Claro que sei, querida. Vocês fugiam pra debaixo daquele velho carvalho todos os anos. — Ela deu um sorriso um pouco triste. — Temo que Natasha não esteja lidando muito bem com o que aconteceu.

— Ela só precisa de um tempo — insisti, querendo que o mesmo fosse verdade para mim.

Janice assentiu, aquela velha ruga de preocupação aparecendo na testa mais uma vez.

— Quando você planeja voltar?

— Logo depois do ano novo.

Ela tocou minha bochecha com delicadeza. Desviei os olhos, sem querer ver a pena no rosto dela. Ultimamente, todos que sabiam o que tinha acontecido me olhavam assim.

— Boa sorte. Espero que encontre o que está procurando.

Não respondi. Não sabia exatamente o que estava tentando encontrar. Mas sabia, com cada átomo em meu corpo, que

precisava estar debaixo daquele carvalho quando o relógio marcasse meia-noite e o novo ano começasse.

Janice empurrou o prato com os ovos remexidos para mim e insistiu que eu comesse. Ataquei a comida como uma leoa, grata por não ter que dizer mais nada. Depois de terminar o café da manhã, me despedi de Janice e peguei a mochila.

Minha velha Kombi estava estacionada no quintal espaçoso que era usado como garagem. Árvores grandes cobriam a lataria completamente grafitada com desenhos diversos da Kombi, que mais parecia o carro de uma hippie dos anos 70. Eu tinha comprado o carro velho de um amigo da família Moreira quase dois anos antes, quando ainda tinha uma lataria azul encardido e mal andava, e a transformei no carro mais legal do mundo com a ajuda de Valentina, que basicamente dava ordens enquanto eu grafitava tudo. O desenho de uma mulher com olhos ferozes e cabelos feitos de tentáculos cobria quase toda a parte dianteira. Valentina costumava dizer que se parecia comigo.

Engoli em seco. Janice acenou um adeus apressado, o vestido ondulando com a brisa matinal. Retribuí seu adeus com pouca convicção.

Agarrei um dos tentáculos que envolviam a maçaneta da porta ao lado do banco do motorista e joguei a mochila lá dentro. Sentei no confortável banco antigo, que rangeu sobre o meu peso. De repente, um par de mãos cobriu meus olhos e nariz, e eu reagi imediatamente. Agarrei um dos pulsos que me mantinham cativa e girei, jogando o peso da minha cabeça para trás com força, na esperança de quebrar o nariz do meu agressor. Nunca se podia ser cauteloso demais em uma cidade como São Paulo.

— Eiiiiiii! Isso dói, sua louca!

Reconheci a voz apenas um segundo antes de tentar quebrar mais alguma coisa.

— Tasha?

— Não, Jack o Estripador — retrucou, ácida. — Claro que sou eu. Você quase quebrou meu pulso!

Ela se remexeu no banco traseiro, segurando o pulso com uma careta de dor e praguejando como um marinheiro. As batidas do meu coração desaceleraram, e eu ri, aliviada.

— Desculpa por não ser mais educada com alguém que está tentando me matar. Você deveria pensar em usar um sininho da próxima vez, ou, olha só que boa ideia, não me atacar no meu próprio carro!

Resmungando, Tasha pulou para o banco do carona ao lado do meu, bufando. Trazia consigo uma mochila com estampa militar e uma expressão muito irritada.

— Você vai comigo?! — indaguei, em um grito esganiçado.

Tasha bufou mais algumas vezes, fazendo uma careta enquanto massageava o próprio pulso.

— Alguém tem que te manter fora da cadeia. Com um temperamento desses, estará espancando desavisados na estrada em duas horas sem mim.

Uma gratidão infinita invadiu meu peito. Não queria admitir, mas estava apavorada com a ideia de enfrentar as cartas de Valentina sem Tasha ao meu lado.

— Tem certeza?

Ela abaixou a cabeça, o lábio inferior tremendo. Quando me encarou novamente, os olhos lacrimejavam.

— Não, não tenho nenhum pouco de certeza. A última coisa que quero é perseguir fantasmas. — Ela cerrou os punhos, como se tentasse controlar as emoções. Quando abriu as mãos novamente, marcas profundas causadas pelas suas unhas cortavam sua pele. — Mas você está indo, e nós somos um time.

Quase joguei meus braços ao redor dela em um abraço apertado. Só não o fiz porque tinha certeza que ela me socaria se eu tentasse.

— Alan te deixou tirar uns dias de folga?

Ela fez um som debochado.

— Se por tirar uns dias de folga você quer dizer gritar comigo enquanto eu saía correndo, sim.

Balancei a cabeça, incrédula.

— Ele pode te demitir por isso.

Ela deu de ombros.

— Vou descobrir quando voltar.

Fiquei lá, sorrindo por uns dois segundos, até que Tasha, tentando esconder um sorriso também, disse:

— Vai começar a dirigir ou o quê?

Então, com essa brilhante demonstração de carinho, eu pisei no acelerador, rumo ao Rio de Janeiro. Rumo a algo que sequer entendia. Rumo à carta de Valentina.



*E se um ônibus de dois andares colidisse contra nós
Morrer ao seu lado, que jeito divino de morrer
E se um caminhão de dez toneladas matasse nós dois
Morrer ao seu lado
Bem, o prazer e o privilégio são meus
There is a light that never goes out - The Smiths*

As duas primeiras horas na estrada foram incríveis. No carro, a voz rouca e marcante de Amy Winehouse acompanhava enquanto eu e Tasha cantávamos como loucas. Oreos velhos e levemente moles estavam jogados por todos os lados, e nós tínhamos tomado tanto refrigerante que nossa bexiga estava prestes a explodir.

Era um daqueles raros momentos de uma paz tão simples que chegava a ser nostálgica. O próprio tempo parecia se mover devagar, curvando-se a nossa vontade, o vento fresco fazia música junto as nossas risadas.

— Você contou para os seus pais que vinha comigo?

— Não. — Tasha disse com um dar de ombros despreocupado, os cabelos platinados brilhando na luz intensa do sol da manhã.

— Sua mãe vai me matar.

Ela revirou os olhos, como se o pensamento fosse ridículo.

— Janine não mataria nem uma formiga. Vou ligar para ela quando chegarmos lá — insistiu. — Agora pare de se preocupar e preste atenção na estrada porque você dirige como um marinheiro bêbado. Gostaria de sobreviver pelo menos mais alguns anos.

Para provocá-la, joguei a Kombi um pouco para a esquerda, os pneus gritando na estrada. Ela me encarou com os olhos arregalados, furiosa.

— Admita que sou uma motorista fantástica.

Ela se segurou no cano de apoio da porta, que rangeu em protesto.

— Pare de tentar nos matar e eu admito que você é uma antiga deusa inca, se você quiser — implorou, a pele já naturalmente pálida quase verde agora.

Diminuí a velocidade, rindo. Tasha se ajeitou no banco e praguejou alguma coisa em alemão. Ela sabia pelo menos dois palavrões em cada uma das principais línguas ao redor do mundo. Sempre dizia que nunca se sabe quando um bom insulto pode ser útil.

Ainda um pouco pálida, minha amiga aumentou o som decadente da Kombi e encostou a cabeça no banco.

— You know I am no good... — cantarolou alto o suficiente para ensurdecer alguém.

Sua voz suave e doce me envolveu como um velho amigo. Era fácil esquecer o quão boa ela era naquilo. Tasha só cantava quando achava que ninguém podia ouvir. Ou ali, comigo.

— Deviam te proibir de fazer isso — resmunguei.

— O quê? Cantar?

— Não, tentar estourar meus tímpanos.

Tasha me mostrou o dedo do meio e continuou cantando, mais alto que antes. Aos poucos, minha voz esganiçada se juntou à dela.

Então algo estranho aconteceu. Tasha estendeu o braço para fora da janela, para sentir a força do vento em sua pele, os dedos dançando, devagar. Pisquei os olhos com força e engoli em seco. De repente, não era o rosto dela que eu via, não eram mais seus fios louros com mechas negras que se revoltavam com o vento forte. Subitamente, não conseguia ver o que acontecia na minha frente. Podia ouvir meu próprio coração pulsando em minhas têmporas, e a paisagem pacífica da estrada quase deserta se tornou

um borrão. Perdi o controle do carro momentaneamente, fazendo com que nós derrapássemos na estrada.

— Isso não é engraçado. — Tasha falou, um misto de alarme e dúvida na voz.

Engoli em seco e fechei os olhos com força. Em algum recanto longínquo da minha mente, podia ouvir Tasha perguntando se estava tudo bem, gritando para que eu prestasse atenção na estrada. Era como se eu não estivesse mais ali.

— Alicia! — Tasha gritou quando percebeu que eu não estava brincando. Agarrou o volante enquanto o carro seguia em frente, descontrolado.

Minhas mãos começaram a suar. Tentei focar minha atenção de volta ao que estava acontecendo no momento, mas não consegui. Um gosto metálico surgiu em minha boca. Todos os meus sentidos pareciam estar sendo atacados ao mesmo tempo. Me levando de volta. De volta à uma lembrança.

Por volta de um ano atrás, era Valentina no assento ao meu lado na Kombi. Era a mão dela estendida para fora da janela. Ela sempre fazia aquilo quando estávamos em alta velocidade na estrada, sentia o vento com os dedos como se pudesse, de alguma forma, capturá-lo. Eu podia ver seu rosto com uma clareza impressionante. As diversas sardas no nariz, os fios escuros e longos flutuando ao seu redor.

— Um caminhão vai passar e cortar seu braço fora — informei, enquanto tomava um gole generoso de uma cerveja barata que tínhamos comprado em um posto de gasolina.

Ela me ignorou, como sempre. Olhava para a janela com os olhos perdidos, como às vezes ficavam.

— Você não tem medo, Ali? De desaparecer?

Virei a cabeça bruscamente, surpresa com uma pergunta como aquela vinda de lugar nenhum.

— Como assim desaparecer?

Ela me encarou com intensidade. Havia algo naquele olhar. Certa melancolia. Virou a cabeça para a paisagem verde e marrom que passava rápido pela janela, suspirando.

— Olho para a quantidade infinita de estrelas, para a grandeza dos mares e a vastidão em nós mesmos. Toda essa imensidão... — Ela engoliu em seco. — Isso não te assusta, Ali? Saber o quão pequena você é diante de tudo isso, o quão insignificante. Não importa o que façamos, nem o quanto tentamos ser importantes. Porque não somos.

Fiquei calada alguns segundos, apreciando o silêncio dela. Então coloquei minha própria mão para fora da janela, sentindo o vento passar entre as brechas dos meus dedos, forte, invisível, infinito.

— Vamos desaparecer. É inevitável. E tudo o que fizemos eventualmente vai desaparecer conosco. As pessoas que amamos também vão morrer. Não seremos lembradas, não seremos celebradas. E, sinceramente, não acredito que nossa existência vai mudar o mundo, Valentina. Mas eu acredito em energia. Tudo isso, as estrelas, os mares, as montanhas, Deus, eu e você. Tudo é a mais pura e vibrante energia. E energia nunca desaparece. Apenas se transforma em algo diferente.

Ela abaixou o olhar, parecendo considerar minhas palavras. Ambas bebemos um gole, sentindo o peso do que havia sido dito. Ao fundo, a voz suave de Morrissey tomava o carro, cantando a

melodia inesquecível de “There is a light that never goes out.” Mais que nunca, percebi a ironia daquela canção para aquele momento.

— Se tudo isso não é nada além de energia, por que sequer tentamos? Quer dizer... Pra que se esforçar tanto pra fazer a diferença, pra viver uma vida memorável, se no fim tudo se torna nada?

Encostei a cabeça no banco, uma das mãos no volante, e observei a estrada cinza que cortava as montanhas pelo caminho. Talvez, se estivesse mais atenta, pudesse realmente ter entendido a dor por trás daquela conversa, daquela desesperança no tom dela. Mas não entendi. E agora era tarde.

— Porque você está aqui agora. E talvez você não signifique muito para o resto da eternidade, mas significa o mundo para quem está do seu lado. E isso vale a pena. As coisas não precisam ser pra sempre para merecerem ser vividas.

Ela olhou para mim, com aqueles abismos que eram seus olhos quase negros, e sorriu. Valentina tinha o tipo de sorriso que mudava o mundo.

— Acho que estamos bêbadas — declarou. Então nós rimos, rimos até que nossa barriga doesse, até que não conseguíssemos respirar. Rimos embriagadas e loucamente, daquela maneira sem sentido com que grandes amigas o fazem. Rimos e bebemos até que não houvesse nenhuma gota sobrando.

Pisquei com força algumas vezes, com dificuldade em separar presente e passado. Meu estômago se revirou, e controlei a ânsia de vômito. Aos poucos, a imagem borrada do rosto de Valentina começou a desaparecer, substituída pelo rosto apavorado de Tasha. Seus olhos estavam arregalados. Ela parecia tão enjoada quanto

eu, embora por razões diferentes. Eu não conseguia entender o porquê. Não conseguia separar o que estava acontecendo do que só existia nas minhas lembranças.

Respirei fundo e tentei olhar ao redor, tentando acalmar as batidas descontroladas do meu coração. Controlei-me o suficiente para absorver o que estava acontecendo e percebi porque Tasha parecia tão alarmada. Eu tinha perdido o controle do carro, e a Kombi girava descontroladamente para fora da estrada. Ao nosso redor, tudo era um borrão disforme. Meus dedos gelados estavam firmemente grudados ao volante, mas não havia mais nada que eu pudesse fazer. Um pânico frio se instalou em meu âmago. O carro girava, girava e girava.

Tudo que eu consegui ouvir em meio ao caos foram os gritos de Tasha, altos, agudos e apavorados. A Kombi continuava girando para fora da estrada, completamente fora de controle. Fechei os olhos, a mente em branco. Não queria ver o que aconteceria em seguida. A última coisa da qual me lembro é de ver o rosto de Valentina antes de apagar.



Claro que eu vou ficar enquanto você está negando
Claro que vou ficar enquanto você vaga cegamente
Mas não se esconda da luz
Ela nunca vai te machucar
Don't shy from the light - Neulore

A primeira coisa que percebi quando acordei foi um homem me encarando. A segunda? Se eu estava morta... doía como o inferno. A próxima coisa que me ocorreu surgiu tão súbita e vorazmente que me pegou de surpresa. Pensei no quão mais fácil seria se eu realmente tivesse atirado o carro contra uma árvore. Pensei na paz absoluta e final de não ter mais que acordar. O pensamento se foi tão rápido quanto surgiu.

Abri os olhos devagar, cautelosamente. Uma luz ofuscante se espalhava por todo os lugares, e era tudo o que eu via. Até um rosto cobrir a luz forte, os cabelos emoldurados pelos raios dourados do sol. Um par de olhos me encaravam de cima, preocupados. Olhos de um verde profundo e escuro, como o musgo que cobria as pedras ao redor de uma cachoeira em um dia úmido.

— Você está bem?

Minha cabeça girava em cinquenta direções diferentes, e algo molhado e gosmento parecia estar escorrendo pela minha testa, no entanto, eu conseguia sentir as pernas e nada mais parecia fora do lugar.

— Acabei de conduzir meu carro para fora da estrada e tem uma banda de heavy metal tocando diretamente nos meus neurônios. Estou fantástica.

O garoto riu. Franzi o cenho, o que fez a dor ficar mil vezes pior. Ele estava rindo de mim? Se eu conseguisse me levantar, daria um soco nele.

— Sarcasmo. Bom sinal. Você provavelmente não tem nenhum dano cerebral — disse, em tom de deboche.

Ele não parava de olhar para mim. Fixamente, e sem parecer ter nenhuma intenção de desviar os olhos. Se eu estivesse em uma situação um pouco menos constrangedora, poderia ter gostado daquilo. Seus cabelos cacheados tinham um tom castanho profundo, e ele tinha um sorriso meio torto, meio adorável.

Balancei a cabeça. Me arrependi imediatamente. Resmunguei um monte de palavrões e fechei os olhos.

— O que... O que aconteceu?

O garoto tirou um pedaço de pano do bolso e delicadamente pressionou minha testa com ele. Que tipo de pessoa em pleno século XXI andava por aí com lenços no bolso do jeans rasgado? Arregalei os olhos quando notei a quantidade de sangue no tecido. O garoto sorriu, um sorriso reconfortante e lento. Então, devagar, como se testasse as palavras, me contou o que aconteceu.

— Estava dirigindo logo atrás de vocês quando o carro saiu da estrada. Quando consegui alcançá-las, sua amiga estava gritando e você tinha desmaiado. Tirei você do carro.

Olhei ao redor, para o campo vasto em um monótono tom de palha seca. Não havia nada a quilômetros dali. Nada além de carros passando na estrada da qual eu tinha desviado. Fechei os olhos, sentindo o toque suave do garoto limpando o sangue que não parava de sair. Suspirei.

— Obrigada.

O garoto sorriu, os lábios grossos curvando-se de um jeito peculiar.

— Acredite, o prazer foi meu.

— Como está o meu carro? — perguntei de repente, alarmada. Olhei ao redor, em busca da Kombi.

Ao longe, ouvi alguém resmungar.

— Bom saber quais são as suas prioridades.

Uma onda de alívio tomou conta de mim quando reconheci a voz fina e irritada da minha melhor amiga.

— Tasha! — gritei, a garganta seca.

Levantei de uma vez, e quase caí novamente. O garoto me segurou e me ajudou a manter o equilíbrio. Seu toque era leve, gentil. Ele me ajudou a cambalear na direção de Tasha. Exceto por alguns arranhões no braço, ela parecia bem. Seus cabelos repletos de mechas negras estavam desgrenhados, a meia arrastão completamente destruída, e suas roupas estavam cobertas por uma grossa camada de sujeira e sangue. Abracei-a forte pelo que pareceu um ano, deixando o alívio substituir qualquer outra sensação.

— Você está me esmagando. — Ela resmungou.

Não a soltei, ignorando seus protestos até que me abraçasse forte de volta. Quando nos separamos, parecia prestes a chorar. Claro que escondeu esse fato rapidamente com algumas piscadelas estratégicas.

— Fico feliz que esteja bem, sua cabeça dura imbecil. — Ela disse.

— Que amor — comentei, a cabeça girando.

Com os dedos ainda trêmulos, tocou o queixo machucado, empalidecendo ao notar o sangue nos dedos.

— É por isso que não te deixo dirigir — resmungou.

— Sinto muito — disse, sincera.

— Fique feliz por eu não te bater com um taco de baseball. Você quase nos matou! De verdade, dessa vez. — Ela abaixou a

voz e se aproximou com cautela. — O que aconteceu lá, Ali? Era como se você estivesse fora de si.

Senti um calafrio se espalhar por minha coluna, seguido por uma onda de culpa. Lembrei do modo como meus membros pareciam feitos de gelatina quando comecei a lembrar, da completa falta de controle sobre minha própria mente.

— Não sei explicar — falei, baixinho, para que o garoto que ainda nos encarava a uma distância respeitosa não nos ouvisse. — Em um minuto, estava no carro com você. No outro, estava em outro lugar.

— Parecia que você estava tendo um ataque de pânico. Você não tem um desses desde que sua mãe... — A voz dela morreu no meio da frase.

Cerrei os dentes, ouvindo as palavras não pronunciadas.

Tasha me lançou um olhar que eu nunca tinha visto antes. Parecia apavorada. Desviei os olhos dela, sem querer dizer mais nada.

Olhei ao redor, já que ninguém parecia disposto a me dizer qual era a situação do meu carro. Suspirei de alívio ao encontrá-lo quase intacto, a pintura vibrante me recebendo como um velho amigo. A mulher grafitada na lataria parecia ter um olho arranhado, e o pneu traseiro estava furado. Exceto por isso, meu bebê não tinha sofrido nenhum dano. Respirei fundo, dando graças aos céus pelo terreno vazio e inóspito no qual tínhamos derrapado. Se houvesse alguma árvore ou casa ali...

— Precisamos levá-la a um hospital. — O garoto falou.

Olhei para o lado, onde o garoto ainda estava parado, calmo. Tinha me esquecido dele. Tinha as mãos nos bolsos, o cabelo

castanho levemente rebelde. Usava um par de All Star vermelhos rasgados e uma camisa de flanela horrível. Agora que minha cabeça não girava mais, ele parecia ainda mais bonito, de uma maneira meio caótica.

— Estou bem. Só preciso trocar o pneu.

Ele levantou uma sobrancelha, como se estivesse surpreso que eu pudesse fazer tal coisa.

— Nem me olhe assim. Posso trocar um pneu tão bem quanto qualquer homem — falei, na defensiva, as mãos na cintura. Ouvi a risadinha debochada de Tasha.

— Não duvido que consiga. No momento, estou mais preocupado com o buraco enorme e sangrento na sua testa do que com suas habilidades mecânicas.

Revirei os olhos.

— Estou bem — insisti, fingindo não notar a vertigem.

Então, ignorando completamente as recomendações dele, caminhei, meio cambaleante, até minha Kombi. Abri o porta-malas, resmungando sobre carros e buracos na minha testa, e encontrei o macaco hidráulico jogado ali. Percebi os olhares completamente exasperados de Tasha e do garoto quando enrolei as mangas da camisa solta que usava e comecei a trocar o pneu.

— Ela é sempre tão teimosa? — ouvi o garoto perguntar.

— Sempre. — Tasha confirmou.

Devagar, tentei soltar o pneu furado, mas minha cabeça girava tanto que eu não sabia por qual dos três na minha frente devia começar. Trinquei os dentes e esperei a tontura passar.

— Eu ainda consigo ouvi-los — resmunguei.

O garoto riu. Parece que rir de mim era um novo hobby. Ele tinha uma risada interessante, profunda e macia, levemente rouca.

Tirei a blusa larga que usava e deixei apenas a regata de baixo. Pressionei o tecido na testa e enrolei os cachos castanhos em um coque estratégico no topo da cabeça. O garoto continuava me observando. Com cuidado, usei o macaco e peguei uma chave de roda no porta-malas, junto com o step. Ele se adiantou para tentar me ajudar, mas acredito que o olhar que lancei foi tão hostil que o fez desistir. Depois de algumas tentativas e do suor começar a se misturar ao sangue, finalmente consegui trocar o pneu. Coloquei as mãos na cintura, satisfeita. Pelo menos algumas coisas úteis meu pai havia me ensinado.

— Pronto.

Abri a porta da Kombi e já estava prestes a entrar lá dentro e dirigir pra bem longe quando percebi que o garoto continuava exatamente onde estava, sem se mover.

— Hum... obrigada.

Seus lábios se curvaram de leve para cima.

— Não sei você, mas não costumo deixar garotas bonitas sangrarem até a morte. Então, você pode me deixar te levar a um hospital, ou eu posso te jogar sobre os ombros e te arrastar até lá.

Levantei uma sobancelha, observando-o, dos braços longos e ombros estreitos ao rosto forte, desafiador.

— Você é impossível — suspirei.

Ele sorriu.

— É uma das minhas melhores qualidades.

Continuei sentada no banco do motorista, tentando ignorar os olhares de Tasha, que parecia prestes a dizer algo constrangedor.

Peguei a chave e liguei o carro, feliz em ouvir o ranger familiar do motor.

— Eu dirijo — disse, teimosa.

— Diz a garota que acabou de atirar o carro pra fora da estrada. — Ele retrucou, pegando minhas chaves. Bufei.

Tasha pulou no banco traseiro, ignorando nossos argumentos, e se espremeu entre a pilha de coisas que estavam estocadas ali desde que eu tinha comprado a Kombi. O garoto abriu a porta do motorista, calmo e inabalável, como se aquilo fosse a coisa mais natural do mundo. No horizonte, o sol se punha, tingindo o ambiente estéril de um belo tom alaranjado, que misturava-se ao azul límpido do céu aberto. A luz refletia no rosto dele, fazendo os fios da barba rala um pouco mais claros que o castanho profundo de seus cachos desarrumados. Observei-o por um segundo, incerta sobre o que dizer.

— Você não pode me levar para o hospital. Quem vai ficar com o seu carro?

Ele se acomodou no banco da frente, ignorando meus protestos, o All Star surrado pronto para pisar no acelerador.

— Alguns amigos estão vindo logo atrás trazendo os instrumentos da banda. Eles podem levar o carro.

Ele pegou o celular no bolso da calça jeans surrada e digitou o que eu presumi ser uma mensagem para os colegas de banda levarem seu carro. Sem mais argumentos, subi no banco do carona, suspirando levemente. De canto de olho, notei o sorriso divertido que ele lançava, parecendo apreciar minha falta de resposta diante daquilo.

— Por quê? — perguntei, com certa desconfiança.

— Por que o quê?

— Por que está se submetendo a tudo isso pra me ajudar? Você já me tirou do carro. Já fez mais que o suficiente.

Ele girou a chave, e o familiar ronco do motor preencheu o carro. Por um momento, pensei que não tivesse me ouvido. No entanto, ele voltou o queixo delineado para mim, uma sobrancelha levantada daquela maneira levemente divertida que estava sinceramente me dando nos nervos.

— Você faz muitas perguntas, não é mesmo?

— Como espera que eu consiga respostas se não perguntar?

— respondi com outra pergunta, apenas para irritá-lo. Ele sorriu, vencido.

Seguimos uma avenida cheia de buracos em meio a lugar algum pelo que pareceram horas até encontrarmos um pequeno hospital perto da fronteira do estado. Durante metade da viagem, tentei manter os olhos abertos porque não queria deixar de conversar com Gabriel, o garoto da estrada. Ele dirigia meu carro com confiança, como se estivesse plenamente confortável com a marcha dura e ronco ensurdecador da Kombi. Falava com entusiasmo sobre sua banda de indie rock e escolheu a música durante a viagem sem pudor. Gostava do jeito como ele articulava as palavras quando discutia música, como se mal pudesse contê-las.

Falar com ele era tão fácil. Pelo que eu sabia, ele podia ser um maluco que estava prestes a roubar meu carro e me matar, mas era

quase impossível desconfiar de alguém tão abertamente gentil.

Encontramos o hospital e ele insistiu em me acompanhar até ter certeza de que eu ficaria bem. Depois de uma consulta longa e cansativa, alguns pontos que me deixaram parecida com a noiva do Frankenstein e muitas reclamações, eu estava finalmente livre para voltar para a estrada.

Gabriel ficou comigo o tempo inteiro, ao lado de Tasha, os dois segurando minhas mãos enquanto o médico, um senhor idoso com os fios de cabelo ralos, costurava minha testa com uma agulha enorme. O tempo todo, enquanto eu olhava para qualquer coisa que não fosse aquela agulha monstruosa entrando e saindo da minha pele, ele manteve os olhos nos meus, sorrindo como se estivéssemos deitados na areia da praia em um dia de sol.

— Precisa de uma tomografia. — O médico insistiu, pela segunda vez desde que eu havia chegado. — Você bateu a cabeça com força, senhorita Barboza. Pode ter causado sérios danos.

— Não preciso de mais exames. Estou bem — retruquei, teimosa, balançando os braços como se minha coordenação motora fosse determinar se eu tinha ou não algum dano cerebral.

— Ela parece acreditar que é invencível, doutor. Tenho certeza que tem uma síndrome pra isso, não é? — Tasha provocou.

O médico levantou uma pequena lanterna até os meus olhos e observou meu nariz e olhos, em busca de sangramentos. Quando não achou nada, anunciou:

— Você parece bem. Mas recomendo que faça uma tomografia, só para garantir.

Balancei a cabeça negativamente. Apesar da ardência onde tinha sido cortada e da leve dor de cabeça, estava bem melhor.

— É absolutamente necessário?

— Não, mas é recomendável. — O doutor insistiu, e anotou algo em um prontuário.

— Quer dizer que posso ir embora?

— Fique e faça os malditos exames, Ali. — Tasha me repreendeu. Ela ainda usava as roupas sujas e danificadas pelo acidente, mas tinha saído dele melhor que eu. Apenas alguns arranhões inofensivos.

— Estou bem.

O doutor, provavelmente cansado de nossa discussão, me entregou um documento para assinar e rabiscou uma prescrição para a dor em uma caligrafia inelegível.

— Se sentir qualquer tontura, perda de consciência ou desmaiar durante os próximos dias, venha ao hospital imediatamente — disse.

Concordei com ele, com pressa para sair daquele hospital. Gabriel silenciosamente nos acompanhou até a Kombi, que estava estacionada em frente ao prédio decadente, e embora Tasha tagarelasse sobre alguma coisa, tudo em que eu conseguia pensar era que por alguma razão, queria não ter que me despedir.

— Então... — Gabriel começou, estranhamente hesitante. — Acho que esse é o momento em que seguimos rumos diferentes.

Ele fez um floreio com as mãos, sorrindo desajeitado, como um cavaleiro medieval.

— Não é esse o momento em que você me deixa seu lenço, agradece em lágrimas e diz que espera me ver novamente? — brincou.

Ouvi a risadinha debochada de Tasha em algum lugar atrás de mim, e prontamente a ignorei.

— Desculpe, sem lenços pra você. Mas eu te deixei uma camisa ensanguentada. O que poderia ser melhor que isso?

Ele olhou para baixo, para a mancha de sangue em sua camiseta cinza, deu de ombros e voltou os olhos para mim. Nos encaramos em silêncio, e eu senti a sombra de um sorriso lentamente tomar conta do meu rosto.

— Caso não tenha ficado claro, isso é ela dizendo obrigada. — Tasha disse, me cutucando nas costelas.

Sem nenhuma delicadeza, esmaguei seu dedo do pé com minhas botas. Não tentei esconder a satisfação com sua bufada de dor. Então, calmamente, voltei minha atenção para Gabriel.

— Obrigada.

Seus dedos se moveram nervosamente, inquietos, como se decidissem se queriam me tocar ou não. Até finalmente repousarem ao lado de seu corpo, derrotados. Ambos nos mexemos desconfortavelmente, então eu disse adeus.

Mesmo enquanto subia na Kombi, os dedos se fechando em volta do familiar volante antigo, com Tasha ao meu lado, ainda podia sentir seu olhar em mim, insistente. Olhei para trás uma última vez ao pisar no acelerador. Ele ainda estava lá, em frente ao hospital, a camisa de flanela revolta contra o vento, o cabelo levemente ondulado caindo sobre os olhos. E ele sorria.



Venha pra casa, venha pra casa
Estive esperando por você por tanto, tanto tempo.
Come home - One Republic

Farol da Ilha era uma cidadezinha engraçada a mais ou menos uma hora do Rio de Janeiro. Como toda cidade do interior, havia certa calma no ar, certo aconchego que nunca seria encontrado em uma cidade como São Paulo. As ruas estreitas estavam repletas de pessoas andando sem pressa quando chegamos, algumas carregando sacolas de compras, outras sentadas nas calçadas, conversando animadas com os vizinhos em frente a casas coloridas e pequenas. Tinha esquecido o quanto eu adorava aquele lugar.

Várias cabeças se viraram em nossa direção quando conduzi a Kombi para dentro da cidade. Vamos apenas dizer que um carro grafitado e enorme não era exatamente comum por ali. No entanto, assim que me reconheceram, suas caretas de estranhamento se tornaram sorrisos acolhedores. Acenei para todos que reconheci nas ruas, como o velho Sebastião, o bêbado da cidade, e dona florzinha, a florista de rosto rosado. Tasha afundou no banco, permanecendo imóvel, como se esperasse desaparecer nos bancos de couro. Franzi o cenho. Ela costumava adorar aquele lugar.

— O que está acontecendo?

Ela se remexeu em seu acento, desconfortável.

— Não acredito que você nem pegou o número dele — disse acusadoramente, mudando de assunto. Estava resmungando o quão burra eu tinha sido desde que deixamos o hospital no Rio. Revirei os olhos.

— Chegamos.

Estacionei na estradinha pequena que dava de cara para a praia. Por um momento, fiquei paralisada, maravilhada. A velha

casa dos meus pais estava a poucos passos de distância, completamente feita de madeira pintada de branco, as janelas azuis claro combinando com o tom do céu aberto, suas fundações fincadas na areia branca e fina. Ao longe, o farol que dava nome a cidade se erguia, cinza e pálido, completando a paisagem.

Pegamos as malas e seguimos pela areia, em silêncio, o vento ameno acalmando um pouco o calor intenso. Subitamente, Tasha jogou sua mochila na areia e me olhou de canto de olho, uma faísca de alegria genuína em seus olhos que eu não via há muito tempo.

— O que acha de reviver uma velha tradição?

Sem mais palavras, dividimos um olhar cúmplice e corremos em direção à água azul, deixando as roupas pelo caminho. Rimos alto enquanto corríamos, e gritamos igualmente alto quando caímos na água fria, que nos recebeu de volta como uma velha amiga.

— Tinha esquecido o quanto sentia falta do mar.

Tasha riu.

— Claro. Ter areia e sal em suas partes íntimas é uma sensação realmente maravilhosa — retrucou, sarcástica.

Apesar de sua resposta ácida, dava pra notar que ela gostava de estar ali. A maquiagem tinha derretido em seu rosto, a deixando mais pálida e com olhos menos intimidadores. Ela parecia exatamente como cinco anos antes. Mergulhei mais uma vez, sentindo o familiar gosto salgado da água do mar queimar meus lábios. Ficamos lá pelo que pareceu uma pequena eternidade, até nos arrastarmos, exaustas, para a areia da praia.

— Isso é divertido. — Tasha ria, o tom de pele quase desaparecendo em contraste com a areia.

— Lembra de quando a gente tinha doze anos e nossos pais deixavam a gente passar o verão inteiro aqui na praia? Você decidiu que queria conquistar um garoto que estava visitando a cidade e acabou com uma queimadura terrível tentando ficar bronzeada?

— Nem me lembrava mais disso. — Tasha gargalhou, passando os dedos na pele clara como se ainda sentisse o ardor.

Encaramos o farol, contando histórias por horas a fio, até que o sol começou a desaparecer na linha ampla do horizonte, levando nossa energia consigo.

— Lembra daquela vez que Valentina organizou um luau aqui? Ela convenceu todo mundo a vir. A cidade inteira se reuniu em volta de uma fogueira que ela insistiu em acender. Depois daquele dia, as pessoas continuaram fazendo o luau todos os anos. Virou uma tradição.

O rosto de Tasha despencou novamente à menção do nome de Valentina. Ela se sentou na areia, trincando o maxilar até suas veias ficarem visíveis embaixo da pele, azuis e raivosas, como cicatrizes cortando seu queixo machucado.

— Sim. Ela com certeza era boa em criar suas pequenas tradições — confirmou, amarga.

Depois disso, o silêncio reinou. Colocamos nossas roupas e voltamos para a casa na praia, cansadas. Revirei a mochila em busca da chave que sempre carregava comigo, embora não visitasse àquela casa há muito tempo, então notei algo. A fresta escura entre a porta e o portal. Parei de repente, alarmada.

— Tem algo errado — anunciei.

Tasha dispensou minha preocupação com um gesto.

— Não seja boba. O mais próximo que Farol da ilha já teve de um criminoso foi um ladrão de galinhas.

— A porta não devia estar aberta.

— É uma fechadura velha. Vamos. — Tasha empurrou meu cotovelo, impaciente.

Engoli em seco, ignorando a sensação de que algo estava prestes a acontecer, e empurrei a porta branca. A casa estava escura, coberta por uma fina camada de poeira, e nada parecia estar fora do lugar na sala de estar. Os mesmos sofás amplos com almofadas azuis ainda estavam no centro, as mesmas janelas de vidro me encaravam frias. Obriguei-me a relaxar.

— Vou deixar essas malas no quarto. Me espera aqui.

Tasha não precisou de nenhum outro incentivo. Jogou o corpo pequeno no sofá e agarrou o controle da televisão na mesa de centro, despreocupada. Ela resmungou que a televisão não funcionava, o que não me surpreendeu. Ninguém estava pagando as contas da casa há algum tempo. Agarrei as mochilas no chão e entrei no corredor rústico que levava aos quartos, atenta.

Observei a estrutura antiga. Tijolos vermelhos à mostra, pequenos e peculiares, davam a casa grande um ar atemporal. Minha mãe tinha escolhido aquele lugar. Ela costumava dizer que sua coisa favorita sobre ser decoradora de interiores era o modo como podia fazer o moderno e o antigo se misturarem. Madeira revestia todo o exterior, no entanto, ali dentro, alguns cômodos eram como aquele. Às vezes, podia ignorar o mundo ao redor naquela casa, e imaginar-me perdida em algum tempo passado. As janelas brancas contrastavam com o vermelho dos tijolos, refletindo a pouca

luz que a lua provia. Parecia mágica, como um templo onde nada ruim jamais pudesse acontecer.

Um baque surdo, seguido do som catastrófico de várias coisas caindo ao mesmo tempo me fez sair do meu transe nostálgico, alarmada. Forcei minha respiração a voltar ao normal e cerrei as mãos em punhos. Virei a cabeça, tentando decifrar de onde vinha o som.

A porta de onde antes era meu quarto estava aberta, a fresta escura me desafiando a entrar. Com a garganta fechada e uma sensação horrível no estômago, coloquei a mão sobre a maçaneta prateada, fria contra meu toque. Imaginei-me como a personagem peituda em um filme de terror, que sempre entrava no quarto escuro e sinistro mesmo enquanto todo mundo gritava para que ela não o fizesse.

Girei a maçaneta.

Lá dentro, as cortinas de um azul intenso balançavam com o vento. O barulho dos meus pés contra o piso de cerâmica parecia altos demais na casa silenciosa como uma tumba. As paredes grafitadas com desenhos, cobertas com pôsteres e fotografias, a cama bagunçada, os livros amontoados nas estantes. Tudo era tão familiar que doía. Exceto pela garrafa de uísque no chão, vazia.

Abaixei-me e peguei a garrafa, enojada. Se aquela garrafa estava ali, então ele também estava. Se aquela garrafa estava ali, não havia mais como fugir.

— Pai? — rosnei, mas não houve resposta.

Comecei a revirar o quarto, a procura do homem que eu esperava jamais ter que ver novamente. Mas não havia sinal dele

em lugar algum. Nada além da garrafa vazia que eu ainda segurava com tanta força que temia esmagá-la.

Em um ataque de raiva, joguei a garrafa na parede. Não virei o rosto enquanto os estilhaços banhavam o quarto. Nem mesmo quando o vidro cortou a minha mão, entrando na pele. Apenas observei fascinada enquanto o vidro estilhaçado se espalhava pelo chão, como estrelas cadentes.

Não percebi que estava chorando até sentir minhas bochechas úmidas. Limpei as lágrimas rapidamente, escolhendo sentir raiva a tristeza.

— Ali, está tudo bem? — ouvi Tasha gritando da sala. — Ouvi um barulho.

— Quebrei um vaso sem querer — gritei de volta. — Pode ir na cozinha e ver se ainda tem alguma coisa pra comer lá?

— Você sabe que eu mal sei esquentar água. — Ela resmungou, a voz ressoando pela casa deserta. Ouvi o ranger da madeira que indicava que ela descia o corredor e gritei, alarmada:

— Eu trouxe alguns lanches. Estão na mochila, só precisa fazer um café pra acompanhar.

— Lembre-se, foi você quem pediu. Se minhas habilidades culinárias causarem algum dano, vou culpar você.

Esperei até ouvir os passos dela se afastando até a cozinha miúda logo depois da sala de jantar. O cômodo mais afastado da casa. Se meu pai estava mesmo ali em algum lugar, não queria que Tasha estivesse por perto quando eu o encontrasse.

Saí do quarto com um caco nas mãos, segurando-o na ponta dos dedos, como se, de alguma maneira, fosse algo perigoso e de valor inestimável. Já estava no corredor estreito que ligava todos os

quartos do andar de cima quando percebi que se ele não estava no meu quarto, tinha que estar em algum lugar por ali.

Voltei pelo mesmo caminho que tinha feito, praguejando como um marinheiro por causa do barulho das minhas botas contra o chão de mogno. Quando cheguei à sala, percebi que sabia onde devia procurar. Caminhei novamente pelo corredor estreito. Meus olhos involuntariamente se voltaram para a porta azul bebê do quarto que tinha sido dos meus pais.

Minha mãe tinha escolhido a cor azul bebê. Era sua cor favorita. Meu pai odiava, mas acabou cedendo porque sempre acabava fazendo sua vontade no final. A casa inteira agora tinha insuportavelmente doces tons de azul bebê por todo lado.

Minha mão pairou na maçaneta da porta, os dedos finos trêmulos. Engoli em seco, incerta sobre entrar ou não. Finalmente, com o corpo estranhamente pesado, abri a porta.

Não esperava ver o que encontrei lá. Os móveis estavam arranjados exatamente da mesma maneira que sempre estiveram. A cama grande, com um dossel dourado antiquado que eu sempre detestei. O closet de um azul celeste suave, os quadros que eu havia pintado anos atrás ainda estavam nas paredes, com molduras extravagantes que não combinavam em nada com a arte urbana dentro delas.

Tudo gritava. O silêncio era ensurdecedor. O vazio era opressor. Ela estava ali, em cada canto daquele cômodo. Minha mãe. Parecia errado que justo ela, sempre cuidadosa sobre tudo, tivesse morrido em um acidente de carro. Algum idiota bêbado a atropelou enquanto ela estava a caminho da minha exposição de

fotografia na escola. Eu tinha catorze anos. Ela estava tão orgulhosa de mim.

Balancei a cabeça e fechei os olhos, surpresa em notar os olhos secos. Estava prestes a deixar o quarto quando notei um murmúrio estranho vindo de algum lugar. Alerta, avancei alguns passos e olhei para o carpete felpudo ao lado da cama, onde um homem vestido com um pesado casaco marrom estava deitado.

Uma onda de fúria, saudade e pena me invadiu, tudo de uma vez.

— Pai?

O homem no chão gemeu, enrolou-se em uma bola e voltou a roncar, completamente alheio a minha presença. Ajoelhei-me ao seu lado, e me afastei, enojada, quando senti o odor pungente de álcool irradiando dele, tóxico. Seus cabelos estavam na altura dos ombros agora, espalhados ao redor do rosto de ossos proeminentes. Alguns fios brancos se destacavam contra o castanho intenso. Olheiras pesadas cobriam seus olhos, e rugas novas rasgavam sua pele. Ele estava quase irreconhecível. Não se parecia com o homem que me criara, o homem que me ensinou quase tudo o que eu sabia.

Estava agarrado a uma garrafa de uísque vazia, como se temesse soltá-la. Embaixo dele, espalhadas pelo ridiculamente felpudo tapete azul claro, fotografias antigas me encaravam, tristes. Pensei que sentiria raiva ao vê-lo novamente, mas só sentia pena.

Com a garganta fechada, os lábios pressionados em uma linha fina, tirei a garrafa de suas mãos. Peguei um cobertor em cima da cama e o envolvi ao redor dele, como meu pai sempre fazia quando eu era criança.

— Sinto muito, pai — sussurrei, baixinho.

Recebi apenas silêncio como resposta.

Peguei uma das fotografias no chão. Não me surpreendi em ver o rosto delicado de minha mãe em cada uma delas. Meu pai estava ao seu lado, sempre, sorrindo como se o mundo fosse perfeito, como se nada o assustasse.

Acaricieei a superfície da fotografia antiga, no jardim da casa onde eu estava. Minha mãe sorria para a câmera, meu pai segurava no colo a versão de cinco anos de mim. O rosto dela era exatamente como eu me lembrava, pequeno e delicado, de lábios finos e feições clássicas, os cabelos lisos e negros presos em um coque acima da cabeça. Nós não nos parecíamos em absolutamente nada. Exceto pelos olhos cor de tempestade. Enquanto seu rosto era elegante e suave, o meu era exagerado e tinha uma aparência selvagem, lábios grossos, as maçãs do rosto altas como as do meu pai, olhos grandes e sardinhas desafiadoras espalhadas pelo nariz. Também tinha os cachos cor de chocolate indomáveis do meu pai.

Sempre fomos próximas, minha mãe e eu, mas não tínhamos muito em comum. Ela gostava da vida simples, com noites tranquilas regadas a Frank Sinatra e vinho branco. Tinha o sorriso reconfortante que eu nunca tive. Meu pai era diferente, mais livre, mais rebelde. Ouvia comigo discos antigos de bandas que eu nunca esqueci até tarde da noite, tinha a risada mais extravagante do mundo, e uma tendência ao sarcasmo que minha mãe detestava.

Eles sempre se completaram. Eu gostava disso, gostava que ela fosse uma decoradora de interiores elegante e ele um publicitário solto e entusiasta por música. Minha infância tinha sido perfeita. Então ela morreu. Meu pai não falou nada durante um mês

depois da morte dela, e quando começou a falar, era apenas para me culpar. Começou a beber como louco, todas as noites e sem parar, até desmaiar na sala de estar todas as manhãs.

Eu aguentei tudo aquilo por três anos, até fazer dezoito, mais de um ano antes. No entanto, eu ainda voltava ocasionalmente para checar o que ele estava fazendo, visitava essa casa. A casa que ele eventualmente abandonou por que não conseguia lidar com a presença dela ali. Com a morte de Valentina também, simplesmente não pude mais aguentar olhar para ele, viver com ele. Então o esqueci.

Mudei para São Paulo porque os pais de Tasha estavam indo para lá para exhibir as obras de arte de Tio Leone, e, sinceramente, para fugir do fantasma de Valentina. Vivi em um apartamento qualquer perto da Praça da República por um tempo, mas, devido a minha completa e total falta de dinheiro para pagar o aluguel, acabei indo parar na casa dos Moreira novamente.

Tirei uma mecha de cabelo teimosa da frente do rosto de meu pai, e, com um nó na garganta que parecia querer me sufocar, coloquei a foto de volta ao lado dele, junto com todas as outras. Levantei-me, o caco de vidro ainda nas mãos, preparada para ir embora. Então senti os dedos de alguém agarrando pateticamente meu tornozelo. Olhei para baixo, para os olhos grandes, castanhos escuros, avermelhados e moles de meu pai, que me encaravam em uma súplica silenciosa e brutal.

— Alicia?

O odor de álcool ficou mais intenso quando ele chamou meu nome, e meu primeiro impulso foi chutar sua mão para longe e gritar para que ele me deixasse em paz, gritar que ele era culpado, que

ele era fraco. Mas não o fiz. Não o fiz porque os olhos que me encaravam do chão eram tão absolutamente tristes que partiam meu coração.

— Sou eu, pai.

— Ali... — Ele chamou mais uma vez, e tentou se levantar, mas estava tonto demais e caiu ao chão, patético e fraco. Seus olhos estavam úmidos, e com todas as minhas forças, implorei para que ele não chorasse. Não podia aguentar que ele chorasse, não ali, não depois de tudo.

— Vá dormir, pai. Está tarde.

É claro que ele não me ouviu. Apenas rastejou, procurando apoio na parede também azul para se levantar. Finalmente desistindo, ele apenas se sentou, cercado pelas fotografias, como uma versão triste de um garoto abrindo presentes na manhã de natal.

— Eu a amava — disse, babando um pouco, sentado de cabeça baixa. Ele chorava. — Eu a amava tanto.

Fechei as mãos em punhos, lutando contra a vontade de gritar que eu amava também, que ele não era o único a sentir sua falta, que ele estava fazendo tudo tão pior. Não fiz isso, no entanto. Apenas sentei ao seu lado, tirei a fotografia de suas mãos e disse, em uma voz mais dura do que pretendia:

— Eu sei.

Ele cobriu o rosto com as mãos, os cabelos cobrindo o rosto. Queria que ele parasse, queria que brigasse comigo, com o mundo, queria que xingasse, qualquer coisa menos aquelas lágrimas. Qualquer coisa menos as lembranças.

Pegou minha mão, seus dedos estavam finos, muito mais finos do que um dia foram. Devia estar sem comer há dias agora, bebendo como um louco. Não encontrei o seu olhar, nem quando ele apertou meus dedos nos seus.

— Sinto muito, Ali. Sinto tanto. Por não ser um bom pai pra você.

Mordi a língua, lutando contra as lágrimas. Sabia que parecia fria e indiferente. Mas não importava o que eu fizesse, o fedor de álcool vindo dele apenas me lembrava de todas as noites em que tive que buscá-lo em bares, todas as vezes em que o encontrei desmaiado em ruelas sem nome em meio a lugar nenhum. Tirei minha mão da dele.

— Vem, vamos colocar você na cama. Você precisa dormir. Vai se sentir melhor amanhã.

Ambos sabíamos que aquilo era mentira. A sobriedade iria fazê-lo miserável, e ele iria se refugiar em outra garrafa, como sempre fazia.

Ele assentiu, e apoiei seu peso em meus ombros, ajudando-o a se levantar. Desabou na cama, olhou desesperado para as paredes, então começou a rir descontroladamente, sem razão alguma.

Parei ali, sem saber o que fazer. O que dizer. Ouvindo sua risada alta perfurar meus ouvidos. Não era como a risada que ele costumava ter, estrondosa e repleta de felicidade. Tudo o que eu conseguia ouvir era desespero.

— Que porra de paredes azuis idiotas! — gritou em meio as gargalhadas. — Odeio azul! Mas ela gostava tanto...

Ele continuou a gritar coisas aleatórias e sem sentido. Ouvi em silêncio, os dentes travados um no outro, suprimindo as palavras, enterrando-as em algum lugar.

Não impedi quando ele se levantou, cambaleante, batendo nos móveis enquanto caminhava até a vitrola antiga apoiada na escrivaninha de salgueiro ao lado do guarda roupa. Pegou um disco na prateleira de aço, derrubando vários outros na tentativa de achar o correto.

— O que está fazendo?

Ele não respondeu. Apenas encaixou o disco no lugar e abaixou a agulha fina. Não precisou de muito mais que a introdução para que eu reconhecesse a música. Cazuzza, Blues da Piedade. Quase sorri. Meu pai costumava dizer que não havia dor tão grande que Cazuzza não conseguisse curar. Parecia irônico, agora, enquanto as notas melodiosas tocavam e ele chorava, perdido em uma dança bêbada que seria cômica se não fosse tão triste.

— Ótima música... As pessoas não fazem mais música assim hoje em dia.

Observei-o como quem observa um fantasma, o reflexo de algo que já foi incrível. Música era a conexão entre meu pai e eu. Sempre foi. Costumávamos conversar sobre seus discos favoritos por horas e horas inacabáveis. No entanto, não consegui dizer nada.

Ele tentou rodopiar, cantando alto, a voz rouca, intensa, estilhaçada.

— *Vamos pedir piedade, senhor piedade, dessa gente careta e covarde...* — Ele meio gritava, meio cantava o refrão. Em meio a um dos seus rodopios, caiu no chão, e não se levantou mais. Apenas

babou e chorou caído no piso empoeirado. Ainda sem expressão, eu o levantei e o coloquei de volta na cama. Sabia que se demonstrasse a menor reação, tudo o que eu estava mantendo escondido ia sair em um fluxo assustador, a raiva, o medo, a dor.

Enrolei-o no cobertor mais uma vez. Ele fechou os olhos devagar, como se já estivesse alheio a minha presença ali.

— Ali... minha pequena. Volta para casa, filha. Por favor.

Com uma dor no peito que parecia querer me partir ao meio, acariciei seus cabelos, tão parecidos com os meus, um emaranhado sem rumo.

— Não posso.

Ele piscou uma vez, duas, três. Então finalmente aquietou-se, dormindo. Parecia tão vulnerável, tão absolutamente danificado. Senti algo quente umedecer meu rosto. Limpei a lágrima com brutalidade, e plantei um beijo suave na testa do homem que um dia fora meu herói. Não sei por quanto tempo fiquei ali ao seu lado até conseguir murmurar:

— Adeus, pai.

Ele resmungou alguma coisa sem sentido e apagou novamente. Levantei e peguei o cobertor que ele tinha deixado enrolado ao lado da cama. Envolvi-o com cuidado, com medo de acordá-lo. E depois lhe dei as costas, sentindo aquele peso familiar em meus ombros. Enquanto eu partia, a voz suave de Cazuza vindo da vitrola espalhava sua magia pelo quarto quieto. Olhei uma última vez para trás. Fechei a porta, trancando lá dentro a velha canção, e as lembranças.



*Chega de dias solitários
Estou indo para casa,
porque minha querida me escreveu uma carta.*

The Box Tops - The Letter

Tropecei até a sala de estar, me sentindo estranhamente aérea. O cheiro de alguma coisa que devia ser café, mas definitivamente não era, pairava no ar. Respirei fundo para me recompor antes de ter que encarar Tasha. Encontrei-a no sofá, as pernas jogadas para cima, as roupas ainda rasgadas e sujas do acidente. Ela roncava levemente. Tasha tinha um dom para dormir em uma questão de segundos, em qualquer lugar, independente do barulho e ou nível de conforto. Uma vez realmente a vi dormindo em pé durante uma exposição do pai. Por um segundo, quis abraçá-la.

— Pegue as suas coisas. Temos que ir embora. Agora! — falei em um tom frenético e dei um tapa em sua cabeça loura para acordá-la.

Ela se levantou do sofá de uma vez, os olhos vermelhos e confusos.

— Hummm? O quê? Onde?

Comecei uma dança frenética arrumando tudo o que estava bagunçado na sala de estar, fazendo tudo para não ter que encarar minha amiga nos olhos.

— Meu pai está aqui — anunciei, a voz fria e cortante.

Isso pareceu acordá-la. Não olhei para trás para conferir sua expressão, mas ouvi o farfalhar suave do tecido do sofá quando ela se levantou. Dois segundos depois, seus dedos gélidos e finos estavam em meu braço, me confortando.

— Ele não estava morando em cima de um bar em algum lugar?

Ergui os ombros, escondendo a raiva.

— Deve ter gastado o dinheiro todo em bebida e voltado para cá.

Um flash de pena tingiu o semblante de Tasha.

— Tudo bem. Podemos ir embora se é o que você quer fazer — disse, já colocando a mochila estampada nos ombros estreitos. Ela tirou o celular do bolso da saia rasgada e olhou as horas. — Será meia noite daqui quatro horas. Não quer fazer o que veio até aqui para fazer?

Engoli em seco, tentando ignorar todos os instintos que me puxavam em direções diferentes. Sentia que se ficasse ali mais um segundo sequer poderia sufocar. Mas sabia que tinha que manter a tradição, tinha que manter aquele último fio que ainda nos conectava a ela. Não seria a mesma coisa se eu apenas desenterrasse a caixa. Eu podia esperar até a meia noite.

Suspirei.

— Podemos esperar na praia.

Tasha assentiu, e nós saímos da casa, sem olhar para trás.

**

Ficamos sentadas na areia, observando até que as ondas calmas se tornassem revoltas, e o calor de verão desse lugar a uma brisa gelada que atravessava o tecido fino da minha camiseta. Era possível ver o movimento no farol, que não funcionava há anos e havia se tornado um destino cobiçado pelos jovens apaixonados.

Pouco tempo atrás, ali estávamos, Valentina, minha mãe, meu pai, Tasha e eu. Todos juntos, assando carne e rindo sem razão. Poucos meses mudaram tudo. Duas daquelas pessoas estavam

mortas. As que foram deixadas para trás quebradas demais para um dia serem consertadas.

— Quando foi que tudo ficou tão complicado? — perguntei, sem querer realmente uma resposta.

Tasha se deitou na areia, observando o céu noturno com uma expressão sombria. Deu uma olhada para a imponente casa de verão que se erguia como se surgisse da própria areia.

— Será porque ele não veio atrás de nós?

— No estado que ele estava, duvido que acorde antes do amanhecer — retruquei, amarga.

Deitei junto à minha melhor amiga, sentindo a areia macia massagear minhas costas. Deixei que o odor salgado vindo do mar acalmasse meus pensamentos turbulentos. Tasha suspirou ao meu lado, os olhos fixos no veludo negro que se unia ao mar no horizonte.

— Ali?

— Hum?

— Acha que ela ainda está por aí em algum lugar?

Encarei o rosto dela, que parecia pacífico e melancólico ao invés de furioso pela primeira vez desde que tínhamos recebido a notícia do que Valentina tinha feito. Fechei os olhos, lembrando daquela conversa que tive com Valentina tanto tempo antes, sobre as pessoas nunca realmente desaparecerem. Sobre a energia mutável dentro de nós sobrevivendo mesmo quando nós não o fazíamos. Senti o vento úmido no rosto, com um fio de esperança de que talvez Valentina fosse parte dele.

— Não sei — falei, com sinceridade, o olhar fixo nas estrelas que cintilavam, cúmplices, acima de nós. — Mas espero que sim.

Quando os fogos de artifício cortaram o céu, retumbantes e brilhantes como estrelas cadentes, Tasha e eu nos levantamos e caminhamos em direção ao quintal atrás da casa, onde o velho carvalho ainda se erguia, levemente torto, as raízes expostas como garras se erguendo da terra.

Respirei fundo, sentindo aquele lugar me atrair como um imã, me puxando para mais perto. Tasha chegou lá primeiro que eu. Ela se jogou no chão, os joelhos afundando na terra, e cavou o local com as próprias mãos, em desespero. Seus olhos estavam vítreos, e pareciam não ver nada. Ajoelhei-me ao lado dela e pousei uma mão em seu ombro. Ela respirou fundo, como se despertasse de um transe.

Então, juntas, nós cavamos.

Uma parte de mim queria virar as costas e ir embora, no entanto, avistei algo, brilhando como um diamante precioso em meio ao caos de terra e folhas. A velha caixa prateada. Tasha parou de cavar, e encarou a caixa com intensidade.

— Você acha que ela deixou algo pra nós aqui? — questionou.

— Só há um modo de descobrir.

Tirei a caixa da terra, e, com cuidado, abri a tampa. Os desenhos feitos com marca-texto haviam desaparecido, desbotado com o tempo, mas a caixa ainda brilhava prateada, como se tivesse sido polida há pouco tempo.

Havia duas coisas lá. Um envelope cor de creme bem dobrado com o nome de Tasha, que ela rapidamente pegou e escondeu debaixo do braço, e uma outra caixa de cartolina vermelha, decorada com caveiras ridículas desenhada à mão. Um pingente em formato de coração estava enrolado na tampa.

Com os dedos tremendo, afastei a poeira da caixa vermelha, com laços exagerados e coloridos na lateral, e segurei o pingente entre os dedos, uma sensação sufocante no peito.

Não via um pingente como aquele há muito tempo. Tasha segurava um quase exatamente igual no dia em que apareceu na porta da minha casa, exceto pelo formato, logo após a morte de Valentina. Ainda me lembro da expressão em seu rosto vazio e encovado, a pele pálida e macilenta parecia não ter sido lavada há tempos, os olhos inchados, os cabelos, ainda longos e cor de mel, oleosos e bagunçados. Tenho certeza que eu não estava muito melhor. Tasha foi quem encontrou o corpo, as pílulas e a garrafa de uísque no chão do quarto. Algo nela se quebrou irremediavelmente naquele dia.

— Ela estava segurando isso.

Ela me mostrou o pingente, o nariz contorcido, como se a visão a machucasse. Lembro exatamente da sensação do vidro contra os meus dedos, da frieza cruel e feroz do material na minha pele. Do peso inacreditável para uma coisa tão pequena. Eu não disse nada. Não perguntei como ela estava, não pedi que ela me contasse o que tinha acontecido. Tasha ficou ali, contemplando meu silêncio com os olhos marejados, então, sem dizer adeus, saiu correndo. Observei-a se afastar em silêncio, o corpo pequenino ganhando distância até finalmente desaparecer.

Quando a vi novamente, ela não era mais a garota parada na minha porta naquela manhã. Era a versão dela que eu conhecia agora, com as roupas exageradas, os cabelos repicados de um modo quase bruto, de um loiro platinado e mechas negras.

Nunca pensamos muito na morte. Em quão súbita e sem sentido é. Sempre pensei que apenas os covardes cometiam suicídio. Apenas aqueles que eram fracos demais para continuar. Não compreendia como justo Valentina podia ter feito algo assim. Como posso ter perdido os sinais.

Ela era triste, sim, isso era óbvio pra mim. Apesar do sorriso sempre presente, ela se escondia em suas aventuras por que tinha medo do nada, medo do que aconteceria se ficasse sozinha tempo demais consigo mesma. Ela nunca conheceu os pais, morou com a tia rabugenta da qual nunca realmente gostou desde que tinha cinco anos. Acho que ela nunca se encontrou. Seja como for, não previ o que aconteceu. Um dia, ela estava aqui, naquela mesma cama em meu quarto, falando sobre um futuro esplendoroso. No outro, simplesmente deixou de existir.

— Seu nome está escrito na tampa. — Tasha sussurrou. — O que será que ela deixou aí?

Prendi a respiração, como se privação de ar fosse de alguma forma me dar a coragem necessária para que eu abrisse aquela tampa. Minhas mãos já estavam pegajosas, os dedos apertando com tanta força a pequena caixa de papelão que ela já estava completamente amassada nas beiradas. Soltei a respiração em uma baforada quente. Abri a caixa.

O que eu vi lá dentro não era de maneira alguma o que eu esperava. Havia um ipod rosa berrante, brilhando de maneira exagerada. Exatamente o tipo de coisa que Valentina adorava. Peguei o aparelho pequeno, na dúvida se ainda funcionava. Girei-o entre os dedos, e um sorriso involuntário se espalhou pelo meu

rosto quando vi o recado colado ali em um papel rosa claro, colado com fita adesiva. “100 canções para salvar a sua vida.”

— Que ironia — comentei para ninguém em particular.

Cuidadosamente, coloquei o ipod de volta dentro da caixa, tocando-o com certa reverência, como se ele contivesse todas as respostas para as perguntas que eu vinha remoendo incansavelmente desde que ela se suicidou. Continuei a revirar o conteúdo lá dentro, quase desesperadamente agora. Encontrei fotografias de todas as nossas férias, shows aos quais fomos juntas, anos de colégio, em preto e branco, em cores berrantes, algumas desgastadas pelo tempo.

Afastei todas elas e as coloquei em uma pilha organizada ao lado do ipod. Não consegui olhar para elas novamente, não ainda. Havia ainda dezenas de outras coisas lá dentro, coisas que não faziam muito sentido para mim ainda. Cartões postais de algumas cidades, selos antigos, uma câmera digital, um papel colorido e em um branco, um mapa desenhado à mão. No entanto, uma coisa ali dentro se destacava, como a luz amarelada de um farol em uma noite sem estrelas. Vários envelopes cor de creme, cada um cuidadosamente dobrado e lacrado. Eles estavam unidos por uma fita vermelha acetinada, dobrados em um laço elaborado. O envelope no topo não tinha nada escrito, sem remetente ou destinatário, apenas um solitário número 1 desenhado no centro.

Desfiz o laço delicadamente. Espalhei os envelopes pelo chão. Um por um, os observei, como se pudesse prever o que havia em cada um deles. 6 envelopes, numerados em ordem crescente, começando pelo número 1. Seis envelopes.

Respirei fundo, uma, duas, três vezes. Um medo irracional e paralisante me impediu de mover os dedos, que pairavam sobre o papel, hesitantes. Será que eu realmente queria saber o que ela tinha a dizer? Será que ela merecia que eu lesse aquelas palavras, depois de ter me abandonado como fez?

Uma risada nervosa rasgou minha garganta. Eu nunca tinha sido muito medrosa. Desde pequena, aprendi que se você se deixa intimidar, as pessoas simplesmente passam por cima de você. No entanto, aquele pequeno envelope cor de creme me apavorava.

Senti Tasha prender a respiração ao meu lado.

— Vamos lá, Alicia. Você consegue fazer isso — resmunguei para mim mesma.

Meu sussurro fraco, amplificado pelo silêncio sepulcral, pareceu juntar-se ao som da voz de Valentina, ressoando junto à minha. Finalmente tomando coragem, abri o envelope.

A caligrafia tola e quase infantil de Valentina foi como um soco, me atingindo com força o suficiente para me deixar ofegante. As palavras pareciam pular do papel perfumado e fazerem uma dança elaborada em frente aos meus olhos.

Querida Alicia,

Você me disse uma vez que o futuro é um labirinto, e apenas aqueles com coragem o suficiente para lutar sem medo sabem como escapar dele. Gostaria de te dizer que eu fui corajosa o bastante, mas as paredes estão se aproximando, fechando-se sobre a minha cabeça, e não sei como impedi-las de me esmagar.

No entanto, não posso ir a lugar algum antes de te contar uma história. Uma história sobre mim e como cheguei até aqui. Por favor,

tente não me odiar por tê-la deixado. Tente entender. Prometo que encontrará algumas das respostas aqui, nessas cartas. Os envelopes que você achou são de extrema importância, e é essencial que você não os abra fora de ordem, e em hipótese alguma abra o último envelope antes de seguir todas as instruções nas cartas anteriores.

Antes que eu te diga o que precisa fazer, preciso que me prometa que vai seguir as instruções conforme eu as escrevi aqui. Você me conhece, sabe que não faço nada sem um bom motivo.

Agora que já nos acertamos, preste atenção no que eu quero que você faça. Vá até o antigo farol hoje, pouco antes de o sol nascer. Há algo esperando por você lá. Algo importante. Preciso que vá sozinha, e não conte nada a Natasha ou a mais ninguém.

Abra a caixa novamente. Vai encontrar uma câmera lá dentro. Precisa levá-la com você. Antes que eu me esqueça, leve também o velho ipod que te deixei. Escute as 10 primeiras músicas na playlist. Não o faça antes de chegar ao farol. Feche os olhos, deixe elas te curarem. A primeira fotografia é meu presente para você.

*Com amor,
Valentina.*

Encarei o papel colorido pelo que me pareceu uma eternidade. Primeiramente, fiquei furiosa com Valentina, a odiei com tanta intensidade que a amargura daquele sentimento me pegou de surpresa. Como ela ousava me dizer como viver a minha vida se ela tinha tirado a dela? Que tipo de hipocrisia era aquela?

— Você está bem? Está olhando para o papel como se quisesse fazer um buraco nele. — A voz de Tasha me lembrou de

que eu não estava sozinha.

— Confie em mim, esse seria o melhor momento possível para desenvolver visão de raio laser.

Podia sentir seus olhos em mim, enormes, indagadores.

— O que ela te disse?

Pensei em mentir, e manter segredo como Valentina pedira, mas não pude fazê-lo. Tasha ainda estava ali, ainda estava viva, e merecia uma explicação.

— Disse pra eu ir ao farol.

Tasha franziu o cenho.

— Fazer o que no farol? Aquele lugar está caindo aos pedaços.

Balancei a cabeça, segurando os envelopes com os dedos trêmulos.

— Não faço ideia. Parece que tem algo lá que eu tenho que encontrar.

Tasha cerrou o maxilar.

— Ótimo. Ela te mandou em uma caça ao tesouro do além — resmungou, sarcástica. — Quer ir agora?

Assenti.

Tasha se levantou, como se para me acompanhar. Ouvi as palavras de Val em minha cabeça, pedindo para que eu não contasse a Tasha sobre o que faria.

— Acho... que preciso ir sozinha — disse, hesitante.

Minha amiga parou de se mover, os ombros tencionando-se de repente, o maxilar travado. Apesar de ter assentido em concordância, como se não importasse, notei a mágoa em cada linha de seu rosto franzino.

Encarei o envelope dela, que ela havia jogado de volta na terra revirada.

— O que o seu dizia? — perguntei, querendo mudar de assunto.

Ela desviou o olhar, encarando o chão frio como se fosse a coisa mais interessante do mundo.

— Me perdoe.

— Só isso?

Ela assentiu.

— Já sabemos o que ela quer de mim. A pergunta é, o que diabos ela quer de você? — Tasha indagou.

Olhei para a carta número 1 novamente. Conforme as palavras no papel se tornavam embaçadas diante dos meus olhos vidrados, comecei a sentir uma saudade tão intensa e brutal que me fez sentir falta da raiva. Por fim, um sentimento cálido se instalou em meu peito, como se ela estivesse ali, viva, conversando comigo entre xícaras de chocolate quente.

— Acho que ela está tentando me dar uma chance.

Fechei a carta e abri a caixa vermelha novamente. Tirei de lá a câmera grande e reluzente da Nikon e o ipod cor de rosa. Segurei cada um deles como se eles fossem frágeis pedaços de vidro do mar. Sonhava com uma câmera daquelas há anos, desde que tinha vendido a minha para pagar uma dívida do meu pai. Devia ter custado uma fortuna. Quanto tempo Valentina tinha passado planejando aquilo? E por quê?

Decidi que não importava. Às vezes tudo que precisamos é uma oportunidade de dizer adeus. Valentina estava me dando uma, e eu iria aproveitá-la.



*Tem um lugar aonde eu vou
Quando estou sozinha
Para fazer o que eu quiser
Ser quem eu quiser ser
Mas é a gente que eu vejo.*

Dream catch me - Newton Faulkner

O antigo farol era bem similar a algo que você veria em um filme de terror ou sobre o qual talvez leria em *O morro dos ventos uivantes*. De longe, ele erguia-se em sua elegância simples e dava a cidade algo especial, único. No entanto, de perto ele era maior do que parecia, as rachaduras finas se espalhando pelo cimento como veias.

Exceto pelos ocasionais casais que escapavam para o topo escondidos, ninguém subia ali, e a luz não funcionava há anos. Encarei sua estrutura imponente e suspirei. 450 degraus. Se Valentina ainda estivesse ali, eu iria matá-la.

Empurrei a porta que dava acesso à escadaria que levava ao topo. Os degraus eram estreitos e em espiral, o que fazia a experiência de subir vertiginosa e desconfortável, mas a visão lá em cima compensava o esforço.

Soltei a respiração que nem sabia que estava prendendo quando cheguei ao topo, levemente ofegante devido à quantidade desumana de degraus. A vista lá em cima era exatamente como eu me lembrava. O espaço vazio entre a escadaria e a varanda cercada por metal negro e antigo estava empoeirado, mas um velho pano de mesa estendido no chão indicava que alguém tinha estado ali. Chutei a toalha para o lado e caminhei até a varanda devagar, como se de repente o que Valentina tinha me deixado fosse saltar das paredes e me engolir.

A visão lá em cima era perfeita. O céu ainda estava levemente arroxado conforme o primeiro dia do ano começava, o sol ainda se

escondia atrás do mar. A água revolta batia incansável contra as rochas nas quais o farol se apoiava. Era deslumbrante.

— Ok, Valentina. Vamos ver o que você tem pra mim.

Minha voz ecoou no espaço vazio. Tremi.

— Estou falando com gente morta — esfreguei os braços para espantar o súbito calafrio que tomou conta de mim. — Ótimo.

Revirei todos os lugares em que pude pensar, em busca de alguma coisa que Valentina pudesse ter me deixado, mas não havia nada. A não ser que você considere uma barata morta. Procurei debaixo do cobertor, entre as brechas da madeira antiga que segurava a estrutura, debaixo das caixas vazias e até mesmo no painel que controlava a luz no topo. Não havia nada. Absolutamente nada.

Considereei a hipótese de alguém ter pegado seja lá o que ela tenha deixado. Já fazia muito tempo. Era uma possibilidade. Subitamente, eu estava com raiva. Com raiva por ter sido arrastada até ali, com raiva por ter ouvido aquela estúpida carta. Gritei. Em um súbito impulso soquei a parede de cimento e pequenos tijolos. Como se isso fosse uma boa ideia! Um velho tijolo na parede balançou, mole.

Observei o movimento do tijolo, fascinada. De repente, sabia exatamente onde devia procurar.

Um ano antes, Tasha, Valentina e eu subimos no farol na noite de ano novo. Depois de uma noite de bebedeira e de recuperar as cartas enterradas e colocar outras em seus lugares, decidimos subir no velho farol e assistir o sol nascer. Tasha mal conseguia falar, e basicamente a arrastamos escada acima. No topo, nós abrimos

mais uma garrafa de champanhe e bebemos animadamente, lendo as cartas do ano anterior uma para as outras.

Valentina estava vestida de branco aquela noite, como sempre. Ela costumava dizer que algumas tradições devem ser mantidas. Ria sem parar, descontroladamente. Segurava a cerca de metal negro como se temesse cair lá embaixo, nas rochas.

— Temos que ir. Prometemos estar em casa assim que o sol nascesse. — Tasha comentou, enrolando a língua.

Sentei no chão empoeirado, ao lado de Tasha, a cabeça girando.

— Vamos ficar só mais um pouco. Alguns minutos não vão fazer diferença.

— Você está errada. — A voz de Valentina cortou meus pensamentos nebulosos, e eu a encarei. Ela não ria mais, o rosto estava sério como uma tumba, os olhos pareciam subitamente mais escuros. — Um minuto é a diferença entre nada e alguma coisa. Alguns minutos podem mudar tudo.

Seu vestido longo agitava-se contra o vento, os cabelos negros lisos e cercando-a como tentáculos escuros. Me lembro de não pensar muito no que ela quis dizer, todos os pensamentos racionais indo embora com o champanhe no meu sistema.

Quando ela saiu da varanda e caminhou até nós, deixando o sol nascendo atrás de si, o sorriso estava de volta, brilhante, quase doloroso de se ver. Ela se sentou ao meu lado e apoiou a cabeça nos tijolos da parede, parecendo meio tonta. Um ronco alto ressoou.

— Tasha?

A cabeça de Tasha pendia contra meu ombro, a boca aberta em um ângulo cômico, e ela babava como uma cachoeira. Cutuquei

seus ombros, tentando acordá-la. Ela resmungou alguma coisa sobre sapos e voltou a dormir. Nós rimos.

— Para uma garota tão pequena, ela ronca como um caminhão.

— Vamos desenhar um bigode nela — sugeri.

— Não sei. Acho que um par de chifres combinaria melhor.

— Ou coelhos nas bochechas.

— Você está sendo até gentil. Na última vez que desmaiei bêbada, vocês desenharam um par de genitálias na minha cara — comentei, gargalhando.

— Essa garota consegue dormir em qualquer lugar — comentou, cutucando a bochecha de Tasha, que soltou um ruído grotesco e voltou a babar.

Um baque surdo subitamente calou nossas risadas, e nós olhamos para trás, alarmadas. Valentina pegou um tijolo solto no chão, e franziu o cenho. Levantei os olhos, tentando descobrir de onde o tijolo tinha vindo. Um buraco na parede decadente indicava o local. Valentina se levantou, animada.

— Tem alguma coisa lá dentro — anunciou.

Segui a direção do seu olhar. Dentro do buraco vazio deixado pelo tijolo, havia um pequeno bilhete. Parecia um cartão postal de algum lugar, um lugar com montanhas verdes e céu claro. Levantei, me apoiando nas paredes para que a tontura não me fizesse cair, e examinei o bilhete nas mãos de Val. Escrito ali, em uma caligrafia descuidada, estava uma declaração de amor.

Para a minha Mari. Lembre-se que voltarei pra você.

Peguei o bilhete das mãos dela e enfiei tudo de volta no buraco, cobrindo-o com o tijolo que se encaixou ali perfeitamente.

— Ei! Não quer ler o resto?

— Não são nossas palavras para lermos — respondi, solene.

Ela me encarou, as órbitas negras que eram seus olhos focadas em mim com um brilho travesso.

— Às vezes você precisa quebrar as regras, Ali — disse, e tive a sensação de que não falava mais da carta. — É quando as coisas interessantes acontecem.

Não respondi. Não li o resto de cartão postal. Valentina suspirou, mas por fim, desistiu e deixou o papel em paz. Aquela foi a última vez que havíamos estado todas juntas naquele lugar. Ou em qualquer lugar. Ela morreu menos de um mês depois.

Fui até a parede antiga com os tijolos expostos, a procura daquele mesmo local que tínhamos visto um ano antes. Tateei a parede até encontrar um ponto irregular, e gritei de animação quando senti o tijolo solto embaixo dos dedos. Arranquei-o sem cerimônias, o coração batendo rápido no peito. Havia algo lá dentro!

Enfiei a mão lá, na esperança de não encontrar nenhum animal morto. Senti algo que parecia papel entre as teias de aranha e puxei. O que consegui de volta não foi absolutamente o que eu esperava. Eram dois ingressos. Coloridos com um azul berrante, anunciavam o show de uma banda local no Rio de Janeiro, em um pub no centro da cidade. Em letras minúsculas, estava escrito que também haveria uma competição valendo cinco mil reais para quem ganhasse a batalha de bandas. Acontecia todos os anos, o ingresso dizia. Franzi o cenho. Eu nem sabia cantar. O que diabos Valentina estava pensando?

Virei os bilhetes de um lado para o outro, procurando por qualquer tipo de explicação. Por fim, encontrei um recado naquela

familiar caligrafia infantil.

Uma bela voz não é nada se não for apreciada. Leve Natasha até lá, seja a sua coragem.

Franzi o cenho, um pouco decepcionada. Estava esperando por alguma revelação, algum conforto. E o que tinha recebido? Um ingresso empoeirado. O que diabos Valentina queria com aquilo?

Tasha podia cantar. Ela quase nunca o fazia, mas tinha uma voz que muitos matariam pra ter. Mas ela tinha um medo absurdo de subir ao palco desde um incidente na quinta série. Será que era isso que Valentina queria? Que eu a ajudasse a enfrentar seus medos. Pra quê? Com que propósito? Aquele ingresso não me dava nenhuma das respostas que eu tinha ido até ali buscar. Mas por enquanto, eram tudo que eu tinha.

Olhei para a data neles. O show seria amanhã. Guardei-os na mochila, junto com a câmera e o ipod, tentando decidir o que fazer. Era mesmo saudável seguir as instruções de um fantasma?

O sol estava nascendo. Era hora de seguir o próximo passo. Peguei o ipod e li a fita adesiva colada lá novamente. 100 canções para salvar a sua vida. Essa era uma coisa que meu pai e Valentina sempre tiveram em comum. Ambos acreditavam que a música certa podia salvá-lo.

Subi mais um andar até o lugar onde a lâmpada gigante que costumava guiar marinheiros nos anos 60 ficava, queimada. Estava ainda mais empoeirado que o andar debaixo, mas o vidro transparente que cercava o topo brilhava com os poucos raios de sol que surgiam, colorindo o céu de laranja. Peguei minha câmera. Apertei o play.

Sorri quando a primeira canção invadiu meus ouvidos, calma e serena como o sol tocando o mar. *Here comes the sun*, dos Beatles. As notas delicadas no violão se mesclavam ao leve toque de um violino. Aos poucos, a voz de John invadiu meus ouvidos, como o abraço de um velho amigo.

Ela sabia. De alguma maneira, sabia exatamente qual seria a canção perfeita para aquela paisagem, para curar o inverno que tinha sido sem ela ali. Levantei a câmera e a apontei para o horizonte, tremendo.

Eu não fotografava há anos. Desde a morte de minha mãe. Ela era minha maior fã, meu maior suporte. Desde que ela se foi, eu nunca consegui fotografar novamente. Ao menos, não como antes. Valentina sabia. Ela queria me devolver o que eu perdi.

A câmera pesou ali em minhas mãos por alguns minutos, sem que eu fizesse nada. Então, devagar, como se arrancasse o pino de uma bomba, liguei-a, ouvindo o familiar som da lente girando. Ajustei a luz e o enfoque, os dedos tremendo, aquele frio na barriga que eu não sentia desde a última vez que tinha tocado em uma câmera. Fazia tanto tempo. Soltei o obturador.

— Essa foi por você — sussurrei.

Esperei que a música parasse. Que o mundo voltasse a ter seu enfoque. Então chorei, pelo que tinha perdido ou pelo que tinha conseguido de volta. Chorei com apenas aquela canção como companhia. E, ao menos por um momento, foi o suficiente.



*É só mais um dia
É só mais um ano
"Um passo de cada vez", eles dizem
"Uma viagem e você está de volta naquele caminho"
Se ao menos eu pudesse voltar pra quando eu
Eu era eu
Imagine Dragons - I was me*

Quando finalmente cheguei a casa de praia, o sol já estava alto no céu e o dia estava claro. Tasha me esperava nos degraus, os cabelos platinados jogados sobre o rosto, as mechas negras parecendo pálidas. Usava um par de tênis confortáveis e minissaia. Segurava a sua velha mochila surrada como se estivesse pronta para ir embora.

— Tasha... — comecei, tentando encontrar as palavras.

Ela levantou os olhos ferozes de um amêndoa rico e suspirou.

— Deixa eu adivinhar, me deixou dormindo na praia sozinha e saiu por aí seguindo o conselho maluco de Valentina.

Não respondi. Não precisava, ela já sabia a resposta. Ela se ajeitou no lugar, jogou a mochila de lado e me encarou direta, a mão na frente do rosto para evitar os raios impiedosos do sol, a sobrelha erguida em uma pergunta silenciosa.

— Desculpe.

Ela cerrou os dentes, mas depois deixou os ombros caírem, derrotada.

— Encontrou alguma coisa?

— Não exatamente.

Ela franziu o cenho.

— Misteriosa não faz o seu estilo.

— Houve uma leve mudança nos planos.

Ela levantou uma sobrelha atrevida, como se soubesse exatamente o que eu pretendia dizer, embora eu a tenha deixado antes do sol nascer para ir para o farol sem nenhuma explicação.

— Não quero voltar pra São Paulo. Não ainda.

Seu rosto se contorceu em uma decepção mal disfarçada. Ela suspirou, parecendo envelhecer alguns anos bem diante dos meus olhos.

— Acho que você está cometendo um erro. Temos que seguir em frente, deixar o passado para trás. — Havia uma pontada de dor em sua voz.

— Não precisa ir comigo se não quiser.

Ela cerrou os punhos.

— Ir pra onde? Pra que outra roubada ela está te enviando dessa vez?

Encarei a mochila que tinha nas costas, imaginando as cartas ainda fechadas que tinha guardado lá dentro.

— Não sei ainda. Mas quero descobrir.

— Você não vê? Ela encontrou um jeito de nos controlar até do túmulo.

Encolhi sobre o peso da raiva dela.

— Vai comigo ou não?

Pensei que ela fosse me socar, por um momento, mas ela apenas suspirou, cansada.

— Já te disse, somos um time.

Um sorriso de gratidão surgiu em meu rosto. A envolvi em um abraço apertado e agradei, aliviada por não estar sozinha naquela loucura. Tasha se remexeu, desconfortável com minha demonstração de afeto, e resmungou alguma coisa em francês.

— Está me chamando de que dessa vez? — perguntei, inutilmente. Ela só sabia palavrões.

— Nem queira saber.

Tasha se levantou calmamente e abanou o tecido gasto da saia jeans para expulsar a areia. Então, pegou a mochila no chão e a colocou sobre os ombros estreitos.

Ela encarou a porta pequena pintada de azul celeste da casa de praia com uma expressão nebulosa. Enrijeci. Quase tinha me esquecido do problema que tinha deixado ali na noite anterior. Por um segundo, quis dar as costas e nunca mais voltar ali. Não me surpreenderia se ele tivesse sufocado no próprio vômito na noite anterior.

— Tem algo que você precisa ver — anunciou. Antes de girar a maçaneta, ela mirou aqueles olhos grandes delineados por linhas grossas em mim e comprimiu os lábios em uma linha fina.

Estreitei os olhos.

— O quê?

Sem cerimônias, ela abriu a porta. Entrei.

Eu teria ficado menos surpresa com a minha máquina de lavar tentando dominar a minha cozinha do que com a cena que encontrei lá dentro. Meu pai estava em pé ao lado do fogão, os cabelos ainda desgrehados pela noite anterior. No entanto, não parecia bêbado e prestes a vomitar ou cair. Tinha trocado as roupas esfarrapadas por uma camiseta limpa e jeans desbotados. Usava um avental ao redor da cintura e surpreendentemente não cheirava a álcool.

— Pai?!

Ele se virou de repente, sorrindo. Minha cabeça começou a girar em confusão. Eu não o via sorrir há anos. Acenou uma velha colher de madeira para mim, limpou as mãos no avental e acenou para Tasha também, que o cumprimentou de volta como se temesse que algo fosse explodir.

— Oi, querida.

Pisquei os olhos uma, duas, três vezes, esperando que qualquer que fosse aquela visão estranha na minha frente desaparecesse de uma vez. Aquele homem na minha cozinha era um fantasma, alguém que eu tinha conhecido anos atrás e que há muito tempo tinha deixado de existir.

Farejei algo familiar, um odor doce que me lembrava a infância. Toda a cozinha estava impregnada com aquele cheiro, forte, sedutor.

— O que diabos pensa que está fazendo?

Ele colocou uma luva acolchoada e tirou alguma coisa do forno. Depois me olhou, com a maior cara lavada, como se não fizesse a menor ideia do que eu estava falando.

— Bolo de cenoura. É seu favorito.

Abri a boca pelo que pareceram minutos intermináveis, até o ponto em que Tasha me deu um chute na canela e me fez sair do meu estado de choque.

— Você deve estar brincando comigo. — Com o rosto fervendo e os ouvidos zunindo com uma raiva que eu nem sabia de onde vinha, virei as costas e voltei para o meu quarto, deixando aquele estranho na cozinha. Só percebi que sair da casa teria sido mais eficiente depois de fechar a porta.

Ouvi seus passos atrás de mim, firmes, decididos. Ele abriu a porta e ficou parado do lado de fora do quarto. O ar começou a ficar estranhamente rarefeito. Eu me sentia encurralada. Queria gritar, queria correr. Qualquer coisa menos olhar para ele. No entanto, foi isso o que fiz.

— O que você quer de mim, *pai*? — pronunciei a última palavra com desdém.

Ele parou de repente e colocou as mãos dentro dos bolsos da calça jeans, um velho hábito de quando estava nervoso. Observei-o enquanto ele ponderava as palavras. Éramos tão parecidos, os mesmos cachos indomáveis, os mesmos traços fortes e orgulhosos. Ele levantou uma das mãos, como se pretendesse me tocar. Por impulso, recuei alguns passos. O flash de agonia em seus olhos quase me fez sentir culpada. Quase.

— Senti tanto a sua falta, querida. Todos esses meses, você não respondeu nenhuma das minhas ligações, não deu notícias. Pensei que nunca mais veria você novamente. — Ele pausou, respirou fundo, as mãos começando a tremer, como sempre acontecia quando ele não começava o dia com sua usual dose de uísque. Em breve a febre e o vômito da remissão começariam. — Eu só quero ser melhor, filha, por você.

Engoli em seco, tentando fazer o bolo em minha garganta se dissolver. Meu pai me olhava com expectativa, como se esperasse que eu fosse sua salvação. Trinquei os dentes, tentando dizer alguma coisa, mas tudo o que eu via era o que eu tinha deixado pra trás, um homem em pedaços. E tudo o que eu ouvia eram seus gritos furiosos quando ele chegava em casa, sua mão pesada em meu rosto quando eu fazia algo que o lembrava dela. Eu o odiava.

— Não sou seu colete salva-vidas, pai. — Minha voz era afiada. — Quer ser melhor? Bom pra você! Mas o faça por si mesmo, não por mim. Deixei de me importar muito tempo atrás.

Tremendo, bati a porta, deixando-o do lado de fora. Assim que a porta se fechou completamente, eu desabei. Encostei a cabeça na

madeira e tentei não chorar. Tentei manter o controle.

Uma batida insistente soou na porta. Todo o meu corpo ficou tenso.

— Vá embora!

A batucada continuou.

— Sou eu. — Reconheci a voz de Tasha. — Abra a porta.

Hesitei por um momento, até, por fim, abrir a porta. Tasha me recebeu com uma careta de simpatia e me estendeu um prato pequeno com um pedaço gigantesco de bolo de cenoura.

— Diga o que quiser, mas eu te conheço. Você nunca recusa comida.

Considereei pisar naquele bolo idiota até que ele se tornasse farelos, mas Tasha tinha razão. Eu estava faminta, e o bolo cheirava bem pra caramba. Com um suspiro de derrota, peguei o prato e dei uma mordida generosa.

Tinha sabor de infância. De dias de verão na praia com meu pai e minha mãe. Ela quase nunca cozinhava, embora gostasse de fazê-lo. Meu pai sempre dominava a cozinha, inventando receitas mirabolantes e fazendo nós duas ajudarmos em cada detalhe. Apenas metade de suas receitas realmente eram gostosas, o resto era um desastre completo. Mas ele gostava tanto que nunca reclamávamos. Na véspera de Natal, todos os anos, ele enlouquecia comprando os ingredientes ideais para cozinhar uma refeição sem carne de porco, porque minha mãe era judia. Eu costumava me perguntar como duas pessoas tão diferentes se apaixonaram uma pela outra.

Aquele homem tinha morrido junto com ela.

— Não acha que devia dar uma chance pra ele? — Tasha perguntou.

Enfiei mais um pedaço de bolo na boca para não ter que conversar. Não funcionou. Tasha era extremamente paciente, ela apenas ficou ao meu lado em silêncio, calmamente esperando uma resposta.

— Eu dei milhares de chances, T. Você sabe disso.

Ela cutucou alguns dos farelos no prato branco.

— É diferente desta vez. Ele parece sincero.

— Também parecia sincero dois anos atrás quando parou de beber por um mês. Eu achei que estava tudo bem, que voltaríamos a normalidade. Você lembra o que aconteceu?

O corpo dela ficou tenso. Ela lembrava, é claro que lembrava.

— Ele invadiu a casa dos meus pais, bêbado, procurando por você — declarou, triste.

— E socou o tio Leone — completei.

E isso nem era o pior de tudo. Ele saiu de casa um dia e começou a atirar pedras na igreja onde ele e minha mãe tinham se casado. Eu tive que ir tirá-lo da cadeia na manhã seguinte.

Tasha agarrou minha mão e a deixou ali. Ela nunca tinha sido muito boa com palavras de conforto, mas, mesmo em silêncio, sabia me confortar como ninguém.

— Não vamos mais falar sobre ele, ok? Tenho boas notícias.

Ela franziu o cenho, desconfiada.

— Boas notícias?

— Sim. Vamos sair hoje à noite.

Tirei os ingressos da mochila e mostrei a ela. Senti a animação emanando dela em ondas quando pôs as mãos neles.

— Finalmente. — Ela arrancou-os da minha mão. — Uma ideia boa.

— Hey! Todas as minhas ideias são fantásticas — defendi, sem mencionar que a ideia não era minha, afinal.

— Sorte a sua que estou me sentindo subitamente bem-humorada, então não vou listar todas as suas ideias terríveis somente na última semana.

Peguei os ingressos de volta e os enfiei na mochila.

— Vamos. Levante esse seu traseiro magrelo daí. Temos que encontrar um hotel barato pra ficarmos essa semana.

Na verdade, Farol da Ilha só tinha um hotel, então não era realmente um trabalho muito complicado.

Assim que saímos do quarto, vi a figura franzina do meu pai no corredor. Ele ergueu as mãos em uma súplica silenciosa quando pôs os olhos em mim. Levantei o queixo e passei direto por ele, sem encará-lo.

— Alicia, por favor. Me dê uma chance. — Ele implorou, a voz quebrada.

— Me deixe em paz — supliquei, tentando engolir as lágrimas teimosas que insistiam em aparecer. — Por favor.

Dei as costas a ele mais uma vez, com a mão de Tasha nas minhas costas me mantendo equilibrada, me dando forças. Não havia a menor chance de eu ficar ali com ele. Pegamos a Kombi e dirigimos de volta à cidade.

**

Estávamos a caminho do hotel, passando pela rua principal de Farol da Ilha, onde ficava o supermercado e os pequenos barzinhos, quando a visão de alguém entrando no único pet shop da região me fez parar a Kombi repentinamente, fazendo os pneus gritarem contra o asfalto.

— Alicia, você está maluca? Quase nos matar em um acidente de carro uma vez não foi o suficiente? — Tasha me repreendeu, massageando o pescoço que havia sofrido o golpe da parada brusca.

— Olhe — falei, apontando para a o pet shop.

Tasha colocou a cabeça para fora e encarou o lugar para onde eu apontava.

— O quê? Comida de cachorro? Não estou com tanta fome assim.

Resisti a vontade de estapeá-la e apontei para o garoto que saía do pet shop, revirando despreocupadamente sua sacola de ração.

— Não. Olhe para ele! Aquele é Guilherme, não é?

Tasha finalmente avistou o garoto e arregalou os olhos, curiosa.

— Ele está tão diferente — comentou.

E estava. Na última vez que o vimos, ele era o típico garoto praiano, sempre usando shorts e camisetas com bordões que ninguém entendia sobre a onda perfeita. Tinha cabelos loiros como uma juba que fazia com que fosse quase impossível ver seu rosto com clareza e pequenas marcas de expressão ao redor dos olhos causadas pelo riso solto. O garoto que estava a minha frente agora não era nada como o que eu me lembrava. Tinha cortado os fios

loiros bem curtos e a pele tinha perdido o tom bronzeado, parecendo quase translúcida agora. Ele não sorria.

— Vamos falar com ele — insisti.

— Não. Nós provavelmente somos as últimas pessoas que ele quer ver agora.

— Nós nos dávamos bem quando ele namorava Valentina.

Eles haviam se conhecido na praia. Ela o vira surfar e implorou para que ele a ensinasse. Valentina sempre conseguia o que queria, quem queria, mas era diferente com ele. Ela parecia genuinamente feliz. Ela era terrível no surfe, mas ele não se importava. Pouco tempo depois da primeira lição, os dois estavam fazendo tudo juntos.

Tasha olhou para a janela mais uma vez, vendo Guilherme se afastar.

— Sim. Mas ele nem quis falar com a gente no funeral. Duvido que queira agora. É melhor não revirar feridas antigas.

— Ele pode saber algo que não sabemos.

— Alicia, confie em mim, ele não sabe de nada. Deixe-o em paz.

Ignorei completamente o que ela tinha dito e pulei do carro, correndo pela rua de pequenos tijolos atrás dele.

— Guilherme!

Ele olhou para trás, procurando quem tinha chamado. Quando percebeu que tinha sido eu, seu rosto desabou. Por um segundo, pensei que ele iria continuar andando para longe, mas ele parou.

— Alicia?

— Oi. Tudo bem?

Ele deu de ombros. Vê-lo parecia tão estranho. Valentina não costumava namorar ninguém por muito tempo. Nunca tinha namorado ninguém local até conhecer Guilherme. Por um tempo, ela parecia tão feliz com ele que era difícil olhar. Mas a euforia tinha acabado. Sempre acabava. Eles estavam brigando quando ela morreu.

— O que está fazendo de volta? Pensei que Natasha e você tinham se mudado pra São Paulo.

— Nós nos mudamos. Estamos na cidade por apenas alguns dias.

Ele suspirou, parecendo aliviado. Depois, envergonhado por essa reação, tentou forçar uma expressão mais satisfeita.

— Espero que se divirtam.

Deu alguns passos para trás, prestes a ir embora.

— Guilherme... Você... você a visita? O túmulo dela, quero dizer?

Ele congelou no lugar, o rosto rígido. Um flash intenso de dor atravessou seus olhos.

— Alicia, não me leve a mal, mas não quero falar sobre ela. Eu a amava. — Ele engoliu em seco, como se aquelas palavras tivessem arranhado sua garganta ao saírem. — Pensei que ela me amava também, por um tempo. Mas, de repente, era como se ela olhasse pra mim e visse outra pessoa. Às vezes, ela me olhava como se me odiasse.

— Guilherme...

— Não. — Ele me interrompeu, a voz embargada. — Ela pegou aquelas pílulas na minha casa, sabia? Bem debaixo do meu nariz. E eu nem percebi.

Fiquei ali paralisada por um segundo, me sentindo horrível por ter trazido o assunto à tona. Eu não sabia daquilo. Nem tinha pensado em como ela havia conseguido as pílulas quando aconteceu. Valentina sempre conseguia o que queria. Guilherme tremia, raivoso. Reconheci aquela culpa em seu rosto, porque ela também era minha.

— Não foi sua culpa. Nem de ninguém — tentei confortá-lo.

Ele abaixou a cabeça, as sombras embaixo dos olhos ficando mais escuras.

— Tenho que ir. Boa sorte com tudo.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele se afastou com passos largos. Observei-o ir embora com o coração pesado. Voltei para a Kombi, onde Tasha me encarou com um olhar apologético.

— Eu te avisei.

— Eu sei.

A expressão de Tasha se suavizou.

— Nós não fomos as únicas pessoas que ela machucou ao deixar pra trás, Ali.

Liguei o motor do carro, tentando fingir que aquele encontro não havia acontecido. Dei partida, recebendo a distância entre mim e ele com gratidão.

— Vamos. Temos um show ao qual chegar — disse, com falsa animação, tentando levantar a cortina densa que havia descido sobre nós.

Os ingressos pareciam pesados na minha mochila. Por alguma razão, tinha a sensação de que aquela noite poderia mudar tudo.



*Eu esperarei na fila
Quando o trem retornar
Ficarei com você
Onde as sombras fogem de si mesmas
White Room - Cream*

Uma hora e meia na estrada valia a pena por aquele lugar. Tasha e eu havíamos nos perdido pelo menos duas vezes até encontrar o lugar no ingresso, mas a sensação de pertencer que tive ao chegar ali compensou a dificuldade em encontrá-lo. O clube, que se chamava Olho de Águia, era um pequeno oásis do rock bem no coração do Rio de Janeiro. Longe do tumulto de Copacabana, escondido em Ipanema. Era uma mistura de tudo o que eu amava. Boa música, energia e aquele leve odor de cerveja e decadência.

— Você está perdoadada. — Tasha gritou por cima do som furioso da música alta. Bebericou uma cerveja que tinha nas mãos, um sorriso de êxtase no rosto.

— Perdoadada pelo quê?

Ela jogou os cabelos de um lado para o outro, o platinado neles brilhando na luz artificial dos holofotes. Ajeitou a saia curta de couro no lugar e se equilibrou em seus saltos inumanamente altos para acompanhar o ritmo frenético da música.

— Perdoadada por me arrastar até o Rio. Esse lugar é incrível.

No palco, uma banda chamada Pararelo 19 fazia um cover incrível de *Riders on the Storm*, do *The Doors*. Uma camada fina de suor cobria minha testa, a garganta ardia pelas horas na estrada e agora ali, cantando a plenos pulmões. Depois do show principal, a competição começaria. Tinha que encontrar uma maneira de colocar Tasha nela.

— Vou pegar uma cerveja pra nós duas no bar. — Ela berrou, antes de desaparecer entre o mar de pessoas que dançava.

A bateria marcava o compasso, em sua melodia furiosa, ela traduzia a tempestade raivosa em meu peito. O som do baixo acompanhava, discretamente ditando o ritmo. Então vinha a guitarra, ressoando como um raio poderoso. Os pelos no meu braço se arrepiaram. O coração seguia o ritmo, socando minha caixa torácica com uma fúria dolorosa. A multidão gritava, cantando o refrão, perdidos naquele limbo sem rosto e sem nome onde tudo é emoção, onde você é a música.

Deslizei pela multidão de corpos mexendo-se naquela dança frenética, as mãos para o alto e um sorriso quase lunático no rosto. Fechei os olhos, e segui, continuei andando, empurrando, gritando a letra.

As paredes eram repletas de quadros espalhados sobre a tinta negra, alguns representando anjos com asas escuras, outros eram uma explosão de cor e sentimento. A decoração era pura arte, quadros, fotografias, guardanapos com frases que pessoas deixavam nas paredes. Aquele lugar era especial. Era um refúgio.

Pensei no que estava escrito no bilhete e no que ela queria dizer com ele. Se estávamos ali, era para que Tasha cantasse. Tudo o que eu precisava fazer era tentar inscrevê-la no concurso, sem que ela visse, é claro. Localizei um homem com fones de ouvido grandes sobre os ombros, longe do mar de pessoas. Arrumava fios soltos ao redor do palco e gritava descontroladamente com alguém no celular. Eu podia apostar que era quem eu estava procurando. Acotovelei meu caminho por entre as pessoas para chegar até ele.

Ele não parecia exatamente feliz em me ver quando eu o cutuquei, insistente. Tinha uma franja de cabelos negros cobrindo a

testa, brilhando com gel e suor. Os lábios finos lhe davam um ar rígido.

— Desculpa, moço! Onde posso fazer a inscrição para a competição?

Ele me olhou da cabeça aos pés, me analisando com um olho só, o outro curiosamente escondido debaixo da franja.

— Não pode. Quem quisesse participar devia ter mandado um vídeo pelo site da boate pelo menos um mês atrás.

Decepção inundou meus ossos, me fazendo sentir mais pesada. Por que diabos Valentina havia me mandado ali, então? Eu não podia falhar. Coloquei no rosto meu melhor sorriso convincente.

— Não pode fazer uma exceção? Por favor?

Olhei para o bar, ansiosa. Tasha estava debruçada sobre o balcão, flertando descaradamente com o barman. Eu não tinha muito tempo antes que ela viesse atrás de mim e acabasse com aquela ideia maluca.

— Isso não é um karaokê, garota. — Ele me cortou, ácido.

Contive a vontade de lhe dar uma resposta mal-educada e estava prestes a abrir a boca e implorar mais uma vez quando ele colocou as mãos sobre os ouvidos, resmungando com alguém como se eu não estivesse ali. Rabiscou alguma coisa em uma prancheta de madeira, enquanto gritava com alguém nos fones de ouvido enormes.

— Como assim desistiu?! — rosnou. — Porcaria de músicos idiotas!

Começou a andar de um lado para o outro, frenético, gritando cada vez mais alto e mais raivoso. Por fim, arrancou os fones de ouvido e os jogou no palco. Quando finalmente voltou o olhar para

mim, parecia levemente surpreso em me ver ali. Com um torcer de lábios irritado, anunciou:

— Você está com sorte. Uma das bandas desistiu. Quem você quer inscrever no concurso?

Destino. Só podia ser. Escolhi pensar que Val estava ali em algum lugar, garantindo que tudo desse certo. Dei um gritinho de alegria nada digno e apontei para Tasha.

— Minha amiga. Natasha Moreira.

Ele voltou a rabiscar o que eu supus ser o nome dela na prancheta de madeira. Olhou para mim de rabo de olho, com um torcer de lábios irritado transformando o rosto franzino.

— É melhor que ela seja boa.

Pulando de alegria, envolvi meus braços ao redor do homem desconhecido e um abraço empolgado. Ele enrijeceu de repente e eu o soltei, ainda sorrindo.

— Ela é demais!

O homem me dispensou com um gesto de mãos e eu cortei meu caminho de volta através da multidão, tentando chegar a Tasha. Alcancei o balcão. O barman, um cara bonitinho de olhos assustadoramente claros, me ofereceu uma bebida.

— Já falei que adoro esse lugar? — Tasha perguntou, tentando se fazer ouvir acima da música estrondosa.

— Só umas 7 vezes.

Eu a puxei para longe do bar, tentando encontrar uma maneira de contar o que tinha acabado de fazer. Ela reclamou, querendo ficar onde estava e flertar um pouco mais.

— Vamos dançar — pedi.

Ela soltou um gritinho animado e levemente bêbado e começou a se retorcer na pista de dança.

A banda fez aquela pausa antes da próxima música, e tudo ficou em suspenso naqueles poucos segundos. Então, o vocalista, um garoto magrelo de cabelos loiros e olhos claros, a camiseta velha encharcada de suor e a franja grudada na testa, anunciou o cover seguinte.

Tasha gritou, balançando a cabeça de um lado a outro, os fios loiros brilhando, parecendo platinados contra as mechas negras. Puxou meu braço, rindo, e me arrastou para mais perto do palco, enquanto dançava com uma desenvoltura impossível.

Em algum ponto, olhei ao redor, para as pessoas sem rosto que se amontoavam ali, um mar de corpos em movimento, e a perdi de vista. Continuei seguindo em direção ao palco, e, de repente, na meia luz cortada pela eventual luz dos refletores, eu o vi.

Um garoto, parado ali, na frente do palco. Os olhos fechados, o All star rasgado e meio sujo acompanhando o movimento extasiado dos pés enquanto ele seguia o compasso do baixo, tocando uma bateria invisível. Tinha os cabelos na altura da orelha, uma mecha teimosa caindo no rosto. Usava uma camiseta detonada do Van Halen, e uma camisa de flanela que tinha saído de moda nos anos 70 com um número bordado no bolso esquerdo.

Era ele. O garoto que tinha me ajudado na beira da estrada. Era Gabriel. Estática, eu o observei.

Não havia nada de extraordinário nele. Era bonito, bem bonito, na verdade. Belo, eu diria. Mas haviam milhares de garotos atraentes por aí. No entanto, havia algo no modo como ele

mergulhava na música, de olhos fechados, se recusando a ver qualquer outra coisa.

Quase involuntariamente, meus pés me guiaram naquela direção. Em direção à ele.

Um vibrar suave na minha bolsa me distraiu, e resmungando, tirei o celular de lá. Um calafrio de raiva abalou meu corpo inteiro quando vi o número na tela. Era ele. Meu pai. Tremendo, desliguei antes de atender.

O celular tocou novamente, mais alto e mais estridente desta vez, ou talvez fosse apenas porque eu já sabia quem era do outro lado. Sem nem olhar para a tela, cortei a ligação. Quando o maldito aparelho inventado pelo capeta tocou novamente, eu atendi. Com a voz trêmula e baixa, disse:

— Nunca mais me ligue novamente, entendeu? Nunca mais!

E desliguei pela terceira vez. Desta vez, abri a tampa e tirei a bateria. Boa sorte tentando falar comigo, babaca.

Respirei fundo, tentando me acalmar, tentando fazer com que minhas palmas suadas não ficassem tão frias. Sempre achei esse um efeito curioso. A maioria das pessoas esquentava quando estão com raiva. Eu não. Quanto maior meu ódio, mais fria eu me torno. Fechei as mãos em punho. Estava fria como um cadáver.

Olhei para frente, procurando o garoto que estava ali apenas um segundo atrás. Uma quantidade assustadora de rostos me encararam de volta. Mas nenhum era o dele. Ele se foi, desapareceu na multidão. Uma cortina pesada de decepção se alojou em meus ombros e balancei a cabeça, pensando em por que estava sendo tão idiota. Eu nem o conhecia.

Como se soubesse do meu estado de espírito, o cara no palco começou a cantar *White Room*, do Cream. Congelei no lugar e arregalei os olhos, e, como se nada tivesse acontecido, comecei a cantar.^[1]

Meu corpo seguiu o movimento, como se ele próprio fosse feito de notas. Meus cabelos, um amontoado de cachos castanho escuros, caíram sobre os ombros naquela onda meio selvagem que eles formavam. Alguém colocou a mão na minha cintura, um cara alto, de olhos escuros. Sem pensar, dancei com ele, sorrindo daquele jeito meio perigoso. Ele queria me beijar. Dava pra notar. Eu deveria afastá-lo, sei que deveria, mas estava cansada demais pra me importar, então eu dancei.

“I’ll wait in this place where the sun never shines”

Estava gritando, meus pulmões pareciam prestes a explodir. O cara de olhos escuros pareceu perceber que estava sendo ignorado, e tentou agarrar meu traseiro para chamar atenção.

— Vem cá, gostosa.

Virei-me em um giro ágil e agarrei o volume entre as suas pernas. Então, sem dó, eu torci. O cara gritou, surpreso. Liberei meu aperto, deliciada com sua agonia, e o empurrei para longe de mim.

— Faça isso novamente e a próxima coisa que eu vou torcer vai ser seu pescoço.

Ele pareceu estar com raiva. De perto, não era tão bonito quanto parecia. O pescoço muito curto, pele ruim e muito gel no cabelo. Ele se abaixou, segurando as calças como se temesse que alguma coisa fosse cair dali, e gritou:

— Garota maluca.

Sorri como a garota inocente que eu sabia que não era, e, com a voz exageradamente doce, disse:

— Você não é a primeira pessoa a me dizer isso.

Então me virei e continuei a cantar, ignorando-o completamente. Consegui ouvi-lo praguejar, mas não me importei, por que estava absorvida demais pela magnitude daquela letra. Alguém se aproximou, e meu corpo ficou rígido, preparado para dar um soco bem aplicado caso o babaca de preto tivesse voltado. Mas não era ele. Não, o garoto parado ao meu lado era mais alto, infinitamente mais bonito, e usava a camisa de flanela mais feia que o mundo já viu.

— *Yellow tigers crouched in jungles in her dark eyes.* — Ele cantou, baixinho, a voz suave, rouca e profunda.

Engoli em seco. Ele sorriu, sem desviar o olhar do meu por um segundo sequer. Havia certa arrogância em seu sorriso. Sei que parece loucura, mas enquanto ele cantava, pude me ver como a garota na canção, aquela com os tigres dourados nos olhos escuros. E era inigualável. Queria dizer alguma coisa, qualquer coisa que seja, mas, justo eu, que sempre sei o que dizer, não consegui encontrar as palavras. Então cantei, acompanhando sua voz profunda com a minha, mais suave. Nós dançamos, e parecia que eu o conhecia, que entendia a energia dele.

— Eles entenderam tudo. — Ele disse, levantando o queixo em direção ao palco, falando em um tom tranquilo, despreocupado, como se estivesse continuando uma conversa que começamos há séculos. Nenhum oi, nenhum “Não acredito que nos encontramos aqui.”

— O quê? — perguntei, confusa.

O garoto sorriu, meio de lado. Tinha o sorriso de quem acreditava conhecer uma verdade essencial. Os cabelos encaracolados curvavam-se no pescoço, em um castanho suave. Ele olhava para o palco com os olhos inquietos, absorvendo tudo.

— Essa música. Estamos todos no quarto branco, todos presos na estação.

Não perguntei do que ele estava falando, e não precisava. Ao invés disso, me peguei sorrindo.

— Você parece ter pensado bastante nisso — disse, ali parada, sem sair um centímetro do lugar, ao lado da multidão que dançava.

O garoto também não se moveu. Éramos duas rochas em meio ao mar turbulento, estávamos cercados nessa bolha onde tudo era silêncio, e mais nada.

Ele sorriu, aquele mesmo sorriso intrigante que não era exatamente um sorriso, apenas um leve levantar dos lábios.

— Pensei.

— E o que te faz imaginar que a canção não é apenas um monólogo sobre o apartamento mais chato do mundo?

O garoto arregalou os olhos, ultrajado, parecendo levar meu comentário como uma ofensa pessoal. Algo em sua expressão era cômico. Comecei a rir, devagar a princípio, depois descontroladamente. Ali estava eu, de frente a um garoto bonito que passava seu tempo livre filosofando sobre minha música favorita e salvando loucas na beira de estradas, e eu não conseguia parar de rir. Boa.

— Você não realmente acha isso.

Limpei uma lágrima do canto dos olhos e levantei uma sobrancelha em desafio.

— A é? E por que diz isso?

Ele fixou os olhos nos meus, e finalmente pude notar a cor deles. Eram de um verde insanamente intenso, como o musgo ao lado de uma cachoeira ou as folhas de uma árvore. Sei que disse que não havia nada de extraordinário nele, mas estava errada.

— Está aí, claro como um outdoor pra quem conseguir ler. Garota bonita, cachos selvagens, encarando o mundo como se o desafiasse. Vi o modo como você cantou o refrão, não se canta assim a não ser que se conecte à música.

Engoli em seco, a risada morrendo na garganta, subitamente sem palavras. Pigarreei, sentindo as bochechas aquecerem-se. As luzes piscavam, lançando sobre o rosto dele um efeito interessante, com sombras que se alongavam em seu queixo forte, moldando a curva irônica dos lábios.

— O quarto branco é um estado de espírito. É uma metáfora para a nossa solidão. Estamos ali, o tempo são os trilhos, nós somos fantasmas, vagando em uma estação vazia. E não há como escapar.

Mordi os lábios com força, perguntando-me de onde diabos aquilo tinha vindo. Alguma coisa naquele garoto que era todo meio sorrisos e camisetas legais simplesmente arrancaram as palavras da minha boca, antes que eu pensasse nelas.

Travei os olhos nos dele, e ele não desviou o olhar. Ficamos ali, encarando um ao outro pelo que pareceu uma eternidade, até que ele sorriu.

— Impressionante.

Cruzei os braços, levemente desdenhosa.

— Você também não é nada mal, garoto da estação.

Ele me olhou, do alto daqueles olhos verdes que mudavam de cor como um caleidoscópio, girando e girando em uma velocidade vertiginosa.

— Só há um detalhe.

Presumindo que ele ainda falava de *White Room*, levantei uma sobrancelha indagadora.

— E qual seria?

— Há um modo de escapar. Da estação, quero dizer.

Ele se aproximou, do alto daquela altura impossível, e assim tão de perto, seus olhos eram tudo o que eu conseguia ver. Grandes, redondos e impossivelmente verdes. Havia sardas em seu nariz, espalhando-se em um tom de cobre, como uma constelação. Engoli em seco, inebriada pelo leve brilho de suor em cima do seu lábio superior, por aquele sorriso que simplesmente não deixava seu rosto.

— E qual é segredo? Você pula nos trilhos?

Devagar, ele tirou um cacho teimoso que insistia em cair em meus olhos, fixou o olhar na curva cheia do meu lábio inferior, e disse:

— Você pega o trem.

Senti meu corpo inclinar-se para frente, atraído pra Gabriel como se ele fosse gravidade. Não sei o que teria dito a seguir. Nunca descobri, porque, em um segundo, um flash pálido chamou minha atenção em meio ao mar de pessoas que dançava.

Uma garota olhava diretamente para mim. Uma garota morta. Valentina estava ali.



*Oh, mas eu não me importo
Se você não se importar
Porque eu não brilho
Se você não brilhar
Antes que você vá
Você pode ler minha mente?
Read my mind - The Killers*

Eu não conseguia respirar.

Lá, em meio à multidão, translúcida e etérea, minha melhor amiga olhava diretamente para mim. Valentina. Tinha os olhos enormes e muito escuros, tão negros que era impossível enxergar a pupila. Os cabelos repicados eram igualmente escuros, longos e fluidos, e pequenas sardas pontilhavam o rosto fantasmagoricamente branco, exatamente como quando ela estava viva.

Pisquei diversas vezes, tentando fazê-la desaparecer. Não funcionou. Ela continuava ali, imóvel.

De repente, as luzes intensas que banhavam a pista de dança eram ofuscantes demais, e eu estava zozua. Nas caixas de som, como uma piada cruel, a letra da música *Suicide Girl* pulsava, as notas intensas, breves. Cada uma delas era como um soco no estômago.

Você está morta, sussurrei pra mim mesma, *você está morta*.

Do outro lado do salão, ela sorriu sem mostrar os dentes, apenas um levantar de lábios complacentes. Balancei a cabeça. *Por favor, vá embora*. Implorei em pensamento.

Gabriel ainda me olhava, os olhos grandes e verdes preocupados. Mesmo estando bem ali na minha frente, seu rosto era como um daqueles sonhos bons que acontecem de vez em quando, que duram apenas segundos naquele limbo antes que você abra os olhos, e então desaparecem.

Eu estava prestes a vomitar. Alguém continuava a cantar uma versão mais rápida e mais agressiva de *Suicide Girl*. Era como se

em algum lugar naquele salão gigantesco, cujas paredes pareciam se aproximar cada vez que eu piscava, Valentina estivesse rindo de mim.

— Tenho que ir — tentei dizer, mas minha voz era mais um engasgo incompreensível que qualquer outra coisa.

Virei as costas, e Gabriel colocou a mão em meu ombro. Virei para ele, por um segundo apenas, e vi novamente o número na sua camisa de flanela. 560.000.000.000. Hesitei.

É engraçado como nunca pensamos nas decisões simples e fugazes que fazemos todos os dias. Naquele segundo que durou uma batida de coração, pensei em ficar, em descobrir o que significava aquele número, o que havia por trás daquele sorriso de lado que parecia prestes a estilhaçar. Mas a música ainda tocava, a risada de Valentina ainda ressoava. E quando olhei para trás, lá estava ela, me encarando em silêncio, imóvel e fria.

Pisquei os olhos com força. Uma camada fina de suor frio umedeceu meu rosto. Ela não estava ali, não podia estar.

— Não... Não consigo respirar.

Tirei sua mão do meu ombro, e corri, acotovelando quem quer que estivesse em meu caminho. Meus olhos ardiam, as lágrimas teimosas e vorazes tentando abrir caminho. Lutei contra elas.

Em algum lugar ali, pensei ter ouvido a voz de Tasha chamando meu nome, então apertei o passo, em uma corrida quase desesperada para sair dali o mais rápido possível.

Abri a porta dos fundos e cambaleei para fora, trôpega e sem fôlego. Coloquei as mãos nos joelhos, tentando fazer os batimentos cardíacos voltarem ao normal. Respirei fundo, uma, duas, três

vezes. Fechei as palmas frias e suadas em punhos e enterrei as unhas na carne até a dor desanuviar meus pensamentos.

Era só o que faltava, Alicia. Você está vendo fantasmas. Uma risada seca e sem humor, quase um grunhido, irrompeu da minha garganta. Olhei ao redor, procurando minha velha Kombi grafitada. Cocei a cabeça, incapaz de lembrar onde tinha estacionado. Com o molho de chave nas mãos, desci a ruela estreita atrás do pub, sentindo o vento frio chicotear minha pele exposta demais no vestido verde musgo e coturnos.

— Ei!

Virei o pescoço bruscamente ao ouvir alguém chamar. Engoli em seco quando vi quem estava na frente da porta enorme e verde nos fundos do clube. O garoto da camisa de flanela. Ele estava ofegante, as mãos nos joelhos, os cabelos cacheados voando em todas as direções. Um carro passou por ele, o farol aceso refletindo-se nos fios, e por um momento, com o rosto disforme banhado na luz do farol, ele parecia uma fotografia antiga.

Parei, sem mexer sequer um músculo.

— Você me seguiu.

Ele deu de ombros, tirando as mãos dos joelhos e tentando fazer a respiração voltar ao normal.

— Não, eu corri estoicamente atrás da garota que estava tendo um ataque. Muito heroico, não?

Revirei os olhos.

— Claro, dá pra ver que você é do tipo atlético. Cavaleiro em armadura brilhante e tudo mais. — Meu sarcasmo era tão óbvio, e sua expressão ofendida era tão cômica, que por um momento, esqueci o motivo pelo qual tinha saído correndo.

— Vou ignorar completamente o sarcasmo. Apenas por que cai bem em você.

Ele enfiou as mãos nos bolsos do jeans rasgado, sorrindo com certa arrogância.

— Por que veio atrás de mim?

Deu de ombros, despreocupadamente.

— Você disse que não conseguia respirar e saiu correndo. Fiquei preocupado.

Cruzei os braços na frente do peito, em uma postura defensiva.

— Com uma completa estranha?

Fez um gesto breve com as mãos, displicente, como quem diz que não foi nada.

— Tecnicamente, não completamente estranha. Se eu me recordo direito, nós nos encontramos antes. Foi bem memorável, sabe, com todo o sangue, carros quebrados e tudo o mais.

Me peguei rindo, as mãos trêmulas um pouco menos frias. Por alguma razão, Gabriel me fazia sentir calma. Ele era como um dia de sol logo depois de uma tempestade.

— Você gosta mesmo de me salvar, não é?

Suas pupilas se dilataram, o negro nelas quase consumindo por inteiro o verde.

— Há algo intrigante em você.

Não disse isso em um tom de flerte ou nada assim. Seu tom era calmo e estável, como se ele falasse sobre a coisa mais óbvia do planeta.

— Aposto que diz isso pra todas as garotas que encontra por aí sangrando até a morte.

Ele riu.

— Absolutamente todas.

Ele deu um passo adiante, para mais perto de mim. Involuntariamente, me encolhi com a proximidade. Se fosse qualquer outro dia, adoraria tê-lo mais perto, o mais perto possível. Mas eu ainda estava em choque, e me sentia como um animal acuado. Ainda esperava ver o fantasma de Valentina pairando sob seus cachos castanhos.

Ele recuou ao perceber minha hesitação, respeitando a distância imposta entre nós.

— Está tudo bem? Precisa de alguma coisa?

— Estou bem. Posso cuidar de mim mesma.

Ele sorriu, e encostou-se na lataria de um reluzente carro vermelho estacionado logo à frente, os braços cruzados diante de si.

— Tenho certeza que pode. Mas não tem que fazê-lo, se não quiser. Não tem nada errado em querer alguma ajuda de vez em quando.

Abri a boca pra dizer que estava bem novamente, mas não o fiz. Talvez ele estivesse certo. Eu realmente sentia menos medo agora que ele estava ali. Que mal havia em deixá-lo ficar apenas mais alguns minutos?

— O que você está fazendo aqui? — perguntei, esfregando os braços para espantar os calafrios causados pela alucinação. Ou o que eu esperava ser uma.

— Salvando uma donzela em perigo. — Ele debochou.

Revirei os olhos.

— Você veio ao meu resgate duas vezes em dois dias. Parece improvável.

Um sorriso torto surgiu em seu rosto, fazendo calafrios inteiramente diferentes percorrerem meus braços.

— Não acredita em destino?

Segurei uma risada cética.

— Não, Romeu. Nem em unicórnios, fadas do dente e coelhos da páscoa. Vai ter que pensar em algo melhor que isso.

Ele jogou as mãos para o alto, como quem se rende.

— Estou aqui para a competição.

O vento forte nos atingiu com força, o frio penetrando na pele como farpas afiadas. Tremi, arrepios abalando o corpo inteiro. Ele, sem pestanejar, tirou a velha camisa de flanela e a colocou em meus ombros. Seu corpo pairou ali, perto do meu, pelo que pareceu uma eternidade. Ele segurou a blusa ao meu redor, para que o vento não a carregasse, e apenas me olhou em silêncio, como se pudesse fazer aquilo para sempre.

O silêncio costuma incomodar as pessoas, por que tem uma capacidade singular de te deixar completamente exposto a si mesmo. Então nós o preenchemos com palavras desnecessárias. Mas o silêncio não parecia intimidá-lo. Ele apenas ficou ali, naquela rua estreita, ao lado de uma lixeira gigantesca, como se esperasse até eu estar pronta pra dizer alguma coisa.

— O que significa?

Ele franziu a testa, ainda perto demais, o cheiro suave de sabonete de baunilha me envolvendo suavemente.

— O número na camisa. O que significa? — perguntei novamente.

Ele sorriu, um sorriso aberto e maior que seu rosto. Observei aquele sorriso como quem observa um pôr do sol, completamente

maravilhada pela sua capacidade simples de transformar algo ordinário em algo inigualável.

Seus olhos grandes vagaram lentamente pelo meu rosto, como se buscassem uma resposta para uma equação impossível.

— Não vai me dizer, não é? — insisti.

Ele engoliu em seco, os dedos longos e finos passearam pelo número na camiseta, sentindo a textura como se tocasse um tesouro de valor imensurável. Depois, com o mesmo olhar de admiração silenciosa, desta vez pra mim, lentamente abriu aquele sorriso que não era exatamente um sorriso.

— Um dia. — Ele tocou de leve a curva pronunciada da minha maçã do rosto, fazendo com que meu corpo inteiro tremesse. — Algum dia.

Suas palavras eram como uma promessa de um futuro que certamente não existiria. Eu iria embora em breve, provavelmente nunca mais o veria, mas assenti ainda assim.

A porta verde atrás de nós se abriu com um estrondo, e me afastei em um sobressalto. Um garoto magrelo, de cabelos escuros espetados e olhos grandes demais para o rosto fino colocou a cabeça pra fora, quebrando aquele momento de silêncio estático.

— Detesto interromper. — O garoto disse com um torcer de lábios desdenhoso. — Mas precisamos de você lá dentro.

Gabriel suspirou e se afastou de mim com relutância.

— Só me dê um segundo — pediu.

— Gabriel. — O garoto de cabelos espetados disse em um tom de advertência, com uma voz rouca e fraca. Um cheiro forte de

cigarro o acompanhou. — Lucas desapareceu. Nós entramos em vinte minutos. Vocês podem se pegar depois.

— Não é o que estamos fazendo — intervim, imediatamente irritada com a postura superior do idiota.

Ele não me disse nada, e o único sinal de que reconhecia minha presença foi um olhar lânguido em direção as minhas pernas. Gabriel suspirou, o rosto se transformando em uma máscara de preocupação. Virou-se para mim, como se pedisse desculpas.

— Por favor, me espere aqui.

E então saiu correndo, com o cara de cabelos espetados logo atrás.

Um som alto e frenético ainda pulsava, e era possível ouvir o frenesi das pessoas lá dentro, cantando à plenos pulmões. Envolvi a camisa em meus ombros. Cheirava levemente a sabonete de baunilha. Como ele.

É claro que não esperei. Olhei ao redor uma última vez, procurando a imagem translúcida de Val, mas não havia nada naquele beco escuro além de carros e a catinga de urina nas paredes. Tinha batido a cabeça há pouco tempo, e provavelmente alucinara tudo aquilo.

Engolindo em seco, torcendo para que Valentina houvesse desaparecido para sempre, e entrei no club novamente. O concurso estava prestes a começar. Eu precisava encontrar Tasha.

Não foi uma tarefa muito difícil. Ela estava na frente do palco, o cabelo platinado brilhando na luz intensa dos refletores, os braços para o alto, o corpo movendo-se junto com a música. Parecia tão feliz, tão livre.

— Espero que ela esteja feliz o suficiente para não me matar
— murmurei para ninguém em particular.

Cutuquei seu ombro e ela se virou para mim, a testa coberta por uma camada fina de suor, os lábios pintados de um vermelho intenso esticados em um sorriso.

— Tasha, tenho que te contar uma coisa...

— Diga. — Ela ainda dançava, os saltos gigantescos a deixando quase da minha altura.

— Você tem que prometer não arrancar o meu pescoço.

Ela franziu o cenho, desconfiada. Parou de dançar e colocou as mãos na cintura.

— O que você fez, Alicia?

Forcei um sorriso animado.

— Eu te inscrevi no concurso.

Ela arregalou os olhos, uma série de emoções passando em seu rosto de uma vez só. Primeiro, choque. Depois, completo pânico e, por fim, raiva.

— O quê?!!

A música parou no exato momento em que Tasha gritou, e sua voz furiosa ecoou por todo o salão, fazendo centenas de olhos curiosos se voltarem em sua direção. Suas bochechas assumiram um tom de tomate, mas ela não tirou os olhos faiscantes de mim.

— Eu vou te matar!

— Não vai, não. O que você faria sem mim?

Ela recebeu minha piada com um contorcer de lábios assustador.

— O que diabos te fez pensar que isso era uma boa ideia? Eu não posso cantar na frente de ninguém. Você sabe disso.

Quando estávamos na sexta série, nossa escola em Farol da Ilha organizou um show de talentos. Valentina convenceu Tasha a participar, e, por semanas, ela estava tão animada com a ideia que não falava de outra coisa. No entanto, quando ela subiu no palco, não conseguiu cantar. Ela saiu correndo, chorando, e eu nunca mais a tinha ouvido cantar em público novamente. Tinha até me esquecido de que ela podia fazê-lo.

Aparentemente, Valentina lembrava.

— Você tem uma voz maravilhosa, Tasha. E daí se você não ganhar? A pior coisa que pode acontecer é você não cantar e nós sairmos daqui rindo da situação e bebendo vodka até termos amnésia.

Era bem claro que minha tentativa de animá-la não estava surtindo nenhum efeito. Ela ainda parecia levemente verde e prestes a vomitar.

— *Vaffanculo!* — grunhiu em italiano, os olhos faiscando.

— Imagino que isso queira dizer algo horrível, mas vou ignorar sua grosseria porque tenho certeza de que você vai se sair muito bem e me agradecer depois.

— Eu não posso. — Ela disse, parecendo enjoada, a raiva em seu semblante logo sendo substituída pelo pânico.

Levantei seu queixo e fiz com que ela me encarasse de frente.

— Como assim, não pode? Você é Natasha Moreira. Pode fazer o que te der na telha.

Ela quase sorriu, um pouco da atitude de garota fodona se insinuando de volta a superfície.

— Todas essas pessoas vão estar me encarando, Alicia.

— E daí? Imagina todo mundo pelado.

Com isso, ela riu. Suspirei, aliviada. O mesmo cara com os cabelos negros cheios de gel e pele assustadoramente pálida com quem eu tinha falado mais cedo subiu no palco e anunciou que o concurso estava prestes a começar, valendo um prêmio de cinco mil reais para o primeiro lugar e de mil para o segundo.

— Uma salva de palmas para a nossa primeira banda, diretamente de Santa Catarina... The Angry Rabbits!

Um grupo de garotos jovens subiu no palco, acompanhados por uma vocalista ruiva cheia de curvas. Eles começaram sua apresentação, mas eu não estava prestando muita atenção no que estava acontecendo. Tasha segurava minha mão com tanta força que eu temia perder os dedos em breve.

Uma série de outras bandas subiu no palco, uma atrás da outra, muitas bastante boas. Eu podia ver o nervosismo aumentando em Tasha a cada minuto. Depois de um cantor de meia idade do interior do Rio, o apresentador mal-humorado subiu no palco novamente.

— Nossa próxima cantora é... — O homem parou de repente, encarando sua prancheta com uma expressão vazia, provavelmente se dando conta de que não sabia nada sobre ela. Por fim, disse, a voz estridente ressoando. — Natasha!

Tasha olhou pra mim com os olhos já enormes arregalados, como se considerasse seriamente fugir dali o mais rápido possível.

— Olhe somente para mim, ok? Sou só eu na plateia. Não há mais ninguém.

Ela assentiu. Devagar, caminhou até o palco. A multidão bateu palmas, gritando o nome dela. Tasha sorriu, tentando disfarçar o nervosismo, empinou o peito e secou as mãos na minissaia.

O homem sussurrou alguma coisa no ouvido dela. Parecia perguntar que música ela ia cantar. Ela respondeu algo que não pude entender, e um segundo depois, as notas suaves de um violão saíram da caixa de som. Tasha engoliu em seco, segurando o microfone com tanta força que as pontas dos seus dedos se tornaram brancas como ossos.

Ela abriu a boca, respirou fundo, mas nenhum som saiu de lá.

A multidão começou a ficar inquieta, um murmurinho lentamente tomou conta do lugar, erguendo-se como uma onda logo antes de um tsunami.

— Cante! — Um babaca ao meu lado gritou, gargalhando.

Olhei-o com tanta fúria que ele se calou.

Tasha observava os rostos confusos como se fosse desmaiar. Caminhei até que estivesse bem em frente ao palco e sorri, formando com os lábios as palavras “Você consegue”. Tasha fixou os olhos em mim.

A música começou novamente, dando a oportunidade para que ela recomeçasse. Ela separou os lábios mais uma vez, e desta vez, disse:

— Essa música é para uma velha amiga. Espero que ela consiga ouvir, onde quer que esteja.

Ela fechou os olhos e segurou o microfone perto dos lábios, como um bote salva-vidas. Então, devagar, ela começou a cantar.

Sua voz preencheu o lugar, hesitante a princípio, mas com uma doçura singular que eu jamais teria imaginado. Reconheci a letra de *Wherever you will go*, do The Calling. Assim que começou a cantar, eu soube, pela dor que ela colocava em cada verso, que ela cantava para Valentina.

Aos poucos, ela ganhou confiança, e sua voz dominou tudo e todos, até que cada pessoa na plateia a acompanhasse, as mãos para cima, juntos como se todos fôssemos pequenas partes de algo inimaginável. Até mesmo o babaca que a provocara um segundo antes agora gravava sua performance com um celular maior que seu rosto.

If I could, then I would, I'll go wherever you will go

Way up high, or down low

I'll go wherever you will go.

Sua voz aos poucos se extinguiu, levando consigo a conexão. Uma lágrima solitária deixou os olhos dela. Ela a limpou rapidamente, e aos poucos o silêncio foi substituído pelas palmas estrondosas. Tasha deixou o palco um pouco cambaleante, como se suas pernas mal pudessem segurá-la.

A recebi com um abraço que deve ter esmagado muitos dos seus ossos.

— Você foi incrível!

— Obrigada. Por tudo.

A abracei mais apertado.

— Não seja boba. Sou sua melhor amiga, está na minha descrição de trabalho.

Ela ficou ao meu lado em frente ao palco, ao invés de ir para os bastidores com os outros cantores. Todo seu corpo tremia, mas ela parecia melhor do que eu havia visto em anos. Talvez as cartas de Valentina não fossem apenas para me salvar de alguma coisa, afinal. Talvez ela quisesse salvar a todos nós.

— Hey, aquele não é o Gabriel?

Virei meu pescoço de uma vez, tão rápido que quase o parti ao meio. Ela tinha razão, ele estava perto do palco, mexendo nas caixas de som. Uma ruga apareceu entre as sobrancelhas de Tasha, como acontecia quando ela resolvia alguma charada interessante.

— Você está usando a camisa dele — disse, com um sorriso travesso.

— Nem pergunte.

Ele hesitou até por fim subir no palco, a silhueta delineada pela luz intensa do refletor que girava, fazendo-o parecer uma sombra qualquer naquela multidão de pessoas tão diferentes, que buscavam uma coisa só. Uma noite, um minuto, uma música sequer que os fizesse sentir como se fossem parte de algo maior.

Pisou no palco, o All Star se enrolando nos cabos grossos perto da caixa de som. Deu de ombros, se recuperou do tropeção e agarrou o microfone. Não parecia uma estrela do rock. Parecia só um cara que estava exatamente onde queria estar.

O garoto de cabelo espetado que eu tinha visto lá fora estava com ele, e um outro cara bonito de braços robustos também parecia fazer parte da banda, um na bateria, outro no baixo, e Gabriel na guitarra e vocal.

— Essa música é pra uma mulher que conheci uma vez. — Gabriel disse, a boca perto do microfone, um cacho castanho impaciente caindo sobre o olho direito, os lábios curvados para cima no sorriso mais arrogantemente sexy que eu já tinha visto. — Não sei muito sobre ela. — Ele continuou, e a multidão vibrou. — Mas espero que isso mude depois dessa noite.

Então ele tocou. Tocou notas na sua reluzente guitarra vermelha como se colocasse seu coração naquelas cordas. Sua voz

era como veludo escuro, macia e suave. O tempo todo, seus olhos estavam em mim. Por um momento, senti como se eu fosse aquelas cordas. Como se ele me tocasse.

Gabriel saiu do palco com o som dos aplausos e gritos furiosos. Assim que ele se aproximou, Tasha inventou algo para fazer e sumiu dali antes que eu pudesse dizer qualquer coisa.

— Então, essa é sua estratégia?

Ele inclinou a cabeça, a testa franzida.

— Minha estratégia?

— Você conhece uma garota, canta pra ela, e Bum! Ela é sua.

— Minha voz era puro flerte, cada palavra era um jogo.

Ele riu.

— Depende. Funcionou?

Cheguei mais perto, perto o suficiente para sentir seu cheiro. Cigarro, sabonete de baunilha, chuva e shampoo. Ele se inclinou, como se esperasse algo, e eu sorri.

— Não desta vez — menti. Estava funcionando. Seriadamente.

Deu de ombros, sorrindo como um garotinho. Virou de costas e pegou uma palheta caída em cima do palco. Olhou por cima do ombro, inabalável.

— Suponho que eu tenha que tentar novamente, então.

Devagar, ainda incapaz de desviar o olhar, tirei sua camisa dos meus ombros, deixando exposta a generosa quantidade de pele no meu vestido tubinho verde musgo. Ele manteve os olhos em mim, hipnotizado. Eu sorri.

— Acho que isso é seu — estendi a camisa. Ele tocou o tecido desbotado.

— Fica bem melhor em você.

— Quer uma cerveja? — Ele ofereceu, e aceitei prontamente. Pela bebida, claro. Não porque queria mais tempo para me afogar no verde inacreditável daqueles olhos brincalhões.

Sentamos nos bancos altos diante do bar. Gabriel pediu uma cerveja à bartender de cabelos rosa e então voltou sua atenção para mim. Apesar do burburinho de vozes, gritaria e da música que mais uma banda tocava no palco, o lugar me pareceu vazio de repente.

— Então... — ele começou — me conte.

Levantei uma sobrancelha inquisitiva.

— Te contar o quê?

Ele se inclinou para mais perto, até que seu hálito quente aquecesse minha face.

— Absolutamente tudo.

Então eu o fiz. Conversamos pelo que pareceram anos, e segundos ao mesmo tempo. Falamos sobre música, principalmente, e sobre as casualidades que nos trouxeram ali.

Antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, o homem de cabelos escuros subiu no palco novamente, um envelope nas mãos.

— Parece que vão anunciar o vencedor.

Gabriel mordeu o interior da boca, e os dedos longos e elegantes começaram a batucar nas próprias pernas.

— Nervoso?

Ele balançou a cabeça.

— Não.

— Mentiroso.

Sua mão inquieta sem querer roçou na minha, e uma quantidade absurda de terminações nervosas acordou em resposta

aquele simples toque. Sem pensar demais a respeito, entrelacei seus dedos nos meus e olhei para ele, séria.

— Não se preocupe. Você foi ótimo.

Ele respirou fundo, como se minhas palavras fossem ar para alguém sufocando. Apertou meus dedos mais forte, a palma fria. Tracei pequenos círculos na parte superior da sua mão, lentamente, até que ele se acalmasse.

O mundo se calou. Não havia som nem sensação que não fosse a dele. Não havia cheiro ou energia que não viesse dele. Não ouvi nada até os gritos começarem, até a multidão animada aplaudir o vencedor. Balancei a cabeça, como se saísse de um transe.

— Quem ganhou?

Gabriel abriu um sorriso luminoso, tão grande que poderia abraçar o mundo inteiro.

— Nós ganhamos.

Apenas quando ele subiu no palco eu percebi quem estava lá, parecendo completamente desnorteadada, segurando o cheque gigantesco de mil reais do segundo lugar. Tasha. Ela abriu a boca e articulou as palavras “Não acredito” com os lábios. Havia uma incredulidade extasiada em seu rosto que teria feito aquela viagem inteira valer a pena. Sorri de volta para ela.

Gabriel pegou o cheque gigantesco do prêmio de primeiro lugar junto com a banda. Lá do alto, ele piscou pra mim. Senti minha pele formigar, como se eletricidade pura acendesse cada célula em mim enquanto ele me olhava. Silenciosamente, agradei Valentina por aquela noite. Por aquela sensação. Por ele.



*Mas não somos todos estrelas perdidas
Tentando iluminar a escuridão?
Lost Stars - Adam Lavine*

Depois do show, Gabriel me convidou para ir para o Arpoador e ver o sol nascer. Tasha e os outros membros da banda vieram conosco e juntos, subimos todos na minha Kombi. Descobri que o garoto de cabelo espetado se chamava Mauricio. Por alguma razão que eu não conseguia identificar, ele me dava calafrios. Durante todo o caminho, pude sentir seus olhos castanhos em minha nuca, insistentes.

Lucas, o baterista desaparecido, era um cara forte, de braços robustos que destoavam com seu sorriso doce e olhos cor de chocolate. Tasha estava ao seu lado, quase sentada em seu colo, e os dois riam alto. Gabriel estava no banco do carona, e mesmo com a atenção completamente focada na estrada, podia sentir seu olhar em mim, como uma pergunta que eu não sabia como responder.

— Então você é garota na estrada? — Lucas comentou, a voz mais potente do que eu tinha imaginado. — Gabriel não parava de falar de você.

Gabriel lhe lançou um olhar de advertência do banco da frente e Lucas deu de ombros. Eu ri.

— Sim, eu mesma.

Ouvi Mauricio fazer um som desdenhoso no banco de trás.

— Você é sempre tão mal-humorado? — Tasha alfinetou, e eu quis beijá-la.

Mauricio a encarou como se quisesse derreter sua cabeça com o poder de seu olhar. Contraiu a boca, fazendo o piercing no lábio inferior brilhar na luz prateada da madrugada. Não respondeu. Gabriel fez um som exasperado ao meu lado, como se desculpasse

pelo amigo. Fiquei grata quando finalmente alcançamos a praia e tive que estacionar.

— Será que ainda tem algum lugar aberto por aqui? — Tasha desceu da Kombi com a ajuda de Lucas, que parecia feliz em ter as mãos em sua cintura. — Estou morrendo de fome.

— Podemos ir procurar alguma coisa, se você quiser. — Lucas sugeriu, com um sorriso doce que amenizou os traços quadrados e rígidos do seu rosto.

— Adoraria. — Tasha lhe deu a mão e acenou um adeus animado antes de desaparecer rua abaixo no estacionamento logo ao lado da areia clara que parecia brilhar na falta iluminação precária dos postes.

— Vem comigo. — Gabriel me estendeu a mão, e eu o acompanhei até uma rocha imponente que parecia formar um muro entre a praia e o resto da cidade. Fiquei mais que feliz em perceber que Mauricio tinha decidido ficar no carro.

A praia do Arpoador era a minha favorita no Rio de Janeiro. Talvez fosse pelas rochas que se erguiam imponentes ao redor do mar azul intenso. Talvez fosse por sua serenidade. Não haviam muitas pessoas ali. Apesar da proximidade a mais famosa praia carioca, comparado ao caos de Copacabana, a praia do Arpoador era pacífica, bela e infinita. Especialmente a noite.

Ainda estava escuro, e o mar antes azul cristalino parecia negro, suas águas calmas convidativas como a superfície de um espelho. As rochas se estendiam até a praia, como se até elas quisessem tocar o mar.

— Adoro esse lugar — respirei fundo, os olhos fechados, sentindo o ar salgado na pele.

Gabriel observava ao meu lado, seu corpo tão perto que eu podia sentir seu calor. Mesmo de olhos fechados, sabia exatamente onde ele estava.

— Eu também.

— Sabe o que eu mais gosto?

Abri um olho, e como esperava, ele olhava para mim, o corpo levemente inclinado para frente, esperando uma resposta.

— É um dos poucos lugares onde consigo ouvir com clareza os meus próprios pensamentos, sabe?

Ele assentiu, como se entendesse perfeitamente.

— Em todos os outros lugares, estou quase sempre distraída, me movendo, procurando algo para fazer. Principalmente em São Paulo. Mas aqui...

— É apenas você. Você pode fechar os olhos e desaparecer.

Observei-o por longos segundos, as mãos enterradas no jeans da calça desbotada, o All Star detonado na areia fina. E aqueles olhos, verdes como o musgo nas rochas atrás de nós. Eles viam tudo. Surpreendentemente, eles me viam.

As pontas dos meus dedos coçaram com o desejo de mergulhar os dedos naquelas ondas suaves em seus cabelos. Fechei-os com força para evitar ceder ao impulso, e estava quase desistindo quando uma risada alta cortou o ar e quebrou aquele momento, aquela conexão. Olhei ao redor, procurando a origem do som. Revirei os olhos quando vi Tasha e Lucas pulando ondas na praia, de mãos dadas, os corpos colados. A comida esquecida.

— Acho que Tasha gosta do seu amigo ali.

Gabriel riu.

— Pelo que eu vi até agora, ele é quem deve ter cuidado.

— Tasha é bem mais doce do que parece.

Olhei para ela. Tinha me esquecido do som da sua risada. Ela parecia tão feliz ali, tão livre. Uma versão melhor de si mesma que unia a garota tímida e alegre que conheci um dia com a mulher de atitude e levemente mal-humorada que ela se tornou.

— Gabriel! — Alguém chamou não muito longe, e me encolhi quando percebi quem deveria ser. Gabriel virou a cabeça em direção à voz, os lábios comprimidos em irritação diante da imagem de Mauricio caminhando pela areia em nossa direção.

De repente, um par de olhos escuros ocupou minha visão, e me senti subitamente fria. Mauricio parou diante de nós com as mãos cruzadas diante do peito, onde uma camiseta com uma estampa perturbadora de um homem devorando outro espiava. Ele me checou de cima a baixo, mordendo o piercing no lábio inferior como se imaginasse coisas que eu preferia ignorar. Não tinha tirados os sapatos escuros, que agora estavam repletos de areia, e parecia prestes a cometer uma série de assassinatos.

— Temos que ir embora — insistiu, com um tom urgente, novamente ignorando minha presença. — Se não pegarmos a estrada logo não vamos chegar em Ribeirão a tempo para o próximo show.

Gabriel tirou as chaves do bolso do jeans e as jogou na direção de Mauricio, que as agarrou, confuso.

— Se quiser ir, pode pegar meu carro. Vamos ficar por aqui até o sol nascer.

Mauricio contraiu os lábios, os dentes trincados.

— Tanto faz — respondeu.

Deu uma última olhada em mim, estreitou os olhos e foi embora, pisando firme até causar pegadas profundas na areia atrás de si.

— Oi pra você também — resmunguei ao vê-lo partir. O único sinal de que ele tinha me ouvido foi o leve contrair dos músculos nas suas costas. Ele foi embora sem me dirigir uma palavra.

— Que amor de pessoa — disse, me perguntando como diabos uma pessoa tão doce quanto Gabriel era amiga de um babaca daqueles.

Uma sombra atravessou o rosto dele, e um leve contrair de seu maxilar me deixou saber que havia mais entre os dois do que eu imaginava.

— Ele é... complicado — disse, por fim, a leveza desaparecendo de seu tom de voz.

— Pra dizer o mínimo. Como se conheceram?

Ele limpou a garganta, encarando o horizonte. Seu rosto estava mais sério do que jamais vira.

— Crescemos juntos. — Ele disse, finalmente.

Esperei por uma resposta mais elaborada, que não veio. Decidi deixar o assunto de lado. Ele me contaria mais quando estivesse pronto.

Observei o horizonte, procurando por algum sinal do sol, mas o céu estava escuro, pontilhado de estrelas que brilhavam intensas, como se nos observassem.

— Uma amiga minha costumava dizer que as estrelas roubavam segredos — disse, tentando recuperar aquela leveza fácil entre nós.

— Segredos?

Confirmei com a cabeça.

— E por que elas faziam isso?

Olhei para cima, para o brilho prateado dos pequenos pontos de luz no veludo escuro do céu.

— Ela dizia que era triste ser uma estrela. Forçadas a assistir os erros humanos, a crueldade, de novo e de novo. Então elas roubavam segredos, para manter as coisas interessantes.

Gabriel levantou a cabeça, em direção ao céu. A luz suave banhou seu rosto, transformando-o com seu jogo de sombras, fazendo-o parecer ainda mais belo, e mais distante.

— Concorda com ela?

Lembrei da versão de Valentina quando a conheci. Uma criança brilhante, que filosofava sobre as estrelas. Balancei a cabeça.

— Não exatamente.

— Então, o que acha?

Gabriel tinha um modo ansioso de fazer perguntas, como se apenas as fizesse se realmente quisesse saber as respostas.

— Não acho que colecionar segredos seja assim tão interessante. Segredos podem ser tão destrutivos quanto uma arma. Talvez mais.

— Você fala como se tivesse muitos.

Pensei em Valentina. Ela adorava segredos. Tinha mais deles do que eu jamais podia imaginar. Pensei em Tasha, cujos segredos a transformaram. Pensei em mim mesma...

— Tenho alguns — engoli em seco.

Ele esperou, mas eu sabia que algumas coisas não deviam ser ditas. Principalmente não para alguém que eu tinha acabado de

conhecer.

— Se não são os segredos, como elas suportam? — Ele sorriu com a pergunta, se divertindo com o rumo da conversa.

Uma estrela brilhou mais forte acima de mim, como se me desse uma piscadela cúmplice.

— Amor. Acho que é a única coisa que pode dar a elas alguma esperança. Guerras, mortes, ditaduras, nossa obsessão com poder. O ser humano pode ser monstruoso. Mas nós também temos algo que ninguém mais tem. Nós podemos amar, de verdade e com todo o coração. E não falo só do amor entre um homem e uma mulher. Digo em geral, sabe? Entre uma mãe e um filho, uma pessoa e um cachorro, dois amigos verdadeiros...

Mordi o lábio inferior, sentindo o sabor das minhas próprias palavras.

— Não sei sobre as estrelas, mas com certeza me dá algo em que acreditar.

Sentei na areia clara, e apoiei as mãos nos joelhos. Gabriel sentou-se ao meu lado, em silêncio. O que diabos ele tinha que me fazia começar a tagarelar como louca sobre estrelas e estações de trem?

— Você deve achar que eu sou maluca.

Ele olhou para mim, nenhum vestígio de humor em seus olhos, com uma intensidade que me desarmou completamente.

— Eu acho que você é incrível.

Senti um sorriso surgir. Um sorriso de verdade, daqueles que tomam todo o seu rosto. Eu não sorria assim há tanto tempo...

— Você também não é nada mal, garoto da estação — repeti as palavras que havia dito no show.

Uma rajada de vento afastou meus cabelos do rosto, e os cachos castanhos revoltosos responderam como se tivessem vida. Não me importei. Procurei por Tasha e Lucas, mas eles tinham desaparecido, provavelmente se agarrando em algum lugar. Ainda eram quatro horas da manhã. Não havia ninguém na praia. O mar estava tão calmo, seria um pecado não tomar um banho.

Levantei rapidamente, abanei a areia do vestido e estendi a mão para Gabriel.

— Vem comigo.

Ele agarrou minha mão sem hesitar e nós caminhamos juntos até a beira do mar, que incansavelmente atingia a costa.

— O que está pensando em fazer?

Sorri.

— Entrar.

Levantou uma sobrancelha, a expressão cheia de malícia.

— Não temos roupa de banho.

Meu tom de voz era puro flerte.

— Eu sei.

Desamarrei os cadarços do coturno e tirei-os. Senti a areia entre meus dedos, macia. Devagar, comecei a tirar o vestido.

— Confie em mim, não precisaremos delas.

Joguei o vestido na areia, ficando com apenas um par azul escuro de sutiã e calcinha. Gabriel percorreu meu corpo com os olhos, as pupilas dilatadas, o peito subindo e descendo em um ritmo acelerado. Eu não costumava tirar a roupa na frente de estranhos, mas ali, com ele, parecia a coisa mais natural do mundo.

Sem pesar duas vezes, mergulhei. A água fria me envolveu, clareando meus pensamentos.

Gabriel ainda estava de pé na praia, me observando com um sorriso.

— Você não vem? — gritei.

Ele colocou as mãos nos bolsos novamente, um pouco nervoso.

— Eu e o mar não nos damos muito bem.

Percebi então que ele estava com medo. De alguma maneira insana, gostei mais dele por isso. Ele sempre parecia tão sereno, tão confiante. Tão imbatível. Estendi a mão novamente, como tinha feito minutos antes. Ele sacudiu os ombros e suspirou.

— Ok.

Observei enquanto ele tirava as roupas, primeiramente a camisa de flanela com o número misterioso, então a camiseta do Van Halen. Engoli em seco ao ver seu torso nu, magro, mas cuidadosamente esculpido. Ele tirou os sapatos e os jeans, e eu não me atrevi a desviar os olhos de suas pernas fortes e da cueca box preta. Ele era belo. Observá-lo era como ouvir uma canção calma depois de um dia frenético.

Entrou no mar, passo a passo, hesitante. Quando ele me alcançou, seu corpo inteiro tremia. Peguei sua mão e entrelacei seus dedos nos meus. Ele engoliu em seco, os dedos segurando os meus como se temesse soltá-los.

— Está tudo bem. Estou aqui — falei.

Trancou o olhar no meu, a expressão nele mudando de repente. O vento soprou meus cabelos novamente. Ele tirou um cacho teimoso do meu rosto com um dedo. Seu toque era como eletricidade, dominando tudo o que eu sentia. Envolveu minha cintura e me trouxe para mais perto. Desenhou suavemente as

mações do meu rosto com os dedos, e eu arfei. Ele se inclinou em minha direção, e todo meu corpo era uma grande massa de terminações nervosas entrando em colapso. Seus lábios se aproximaram dos meus, perto o suficiente para que eu sentisse sua respiração acariciando minha pele. Ele sorriu. Então, finalmente, me beijou.

Seus lábios macios exploraram os meus, devagar a princípio, acordando algo em mim que só queria que ele chegasse mais perto. Puxei-o para mim, e ele me beijou com mais fúria, seu desejo respondendo ao meu com a mesma intensidade. Enterrei meus dedos em seus cabelos e ele me envolveu mais fortemente em seus braços. Sua língua explorou a minha boca, e me peguei suspirando. A água salgada nos envolvia, me fazendo sentir como se flutuasse.

Mesmo quando nossos lábios pararam de se tocar, Gabriel não me soltou. Ele me olhava como se eu fosse algo precioso.

— Talvez o mar não seja tão ruim assim. — Ele sussurrou no meu ouvido, e eu ri.

Ficamos ali pelo que pareceram horas, até Gabriel ficar mais tranquilo e nossos lábios começarem a assumir uma coloração roxa devido ao vento gelado. Saímos do mar rindo como loucos, os corpos cobertos por uma fina camada de sal, e desabamos na areia, o corpo dele absorvendo o impacto.

Os primeiros raios de sol começaram a se insinuar, tingindo o céu de laranja. Apoiei minha cabeça nos ombros de Gabriel, e continuamos ali deitados na areia, seus dedos acariciando meus cabelos, enquanto o sol nascia.

— Nunca vi nada assim.

— Você devia ir para Farol da Ilha um dia. O pôr do sol em frente ao farol é maravilhoso.

Gabriel beijou a minha testa, desenhando círculos na minha cintura com as mãos.

— Farol da Ilha?

— Minha cidade natal.

— Nunca ouvi falar.

— É bem pequena. Fica a umas duas horas daqui. Quase ninguém conhece. Morei lá durante muitos anos, quase a vida toda. Parece mais minha casa que São Paulo.

Subitamente me senti nostálgica. Lembrei das tardes no farol com Tasha, dos dias longos na pequena praça onde a cidade inteira se reunia aos domingos. Parecia uma outra vida agora.

— Eu nunca tinha ido a lugar nenhum antes de começar os shows com a banda. — A voz de Gabriel cortou meus pensamentos. — O caos de São Paulo era tudo o que eu conhecia. Não sei se conseguiria viver em uma cidade pequena.

— Tem seu charme, acredite.

Ele moveu o corpo apenas alguns centímetros e me puxou para mais perto. Pousou um beijo suave em meus lábios que me fez sentir como se queimasse. Passou a ponta dos dedos em uma bochecha e sussurrou, só para que eu ouvisse.

— Posso pensar em algo que me convenceria a ir lá.

Tentei não me agarrar demais às suas palavras. Ele pegaria a estrada novamente amanhã, e eu seguiria meu caminho pra onde quer que Valentina me mandasse. Só tínhamos aquela noite, e teria que ser suficiente.

O barulho estridente do meu celular tocando interrompeu aquele momento, e eu praguejei baixinho, tirando-o do bolso da jaqueta que ainda estava jogada na areia, junto com o resto de nossas roupas. Não devia ter colocado a bateria de volta. Quando vi o nome do meu pai no identificador de chamadas, meu corpo enrijeceu. Joguei o aparelho de volta na areia e o deixei tocar. Gabriel observou a cena com o olhar atento, absorvendo tudo.

— Está tudo bem?

Assenti.

— Sim. É só meu pai.

— Pode atender, se quiser.

Neguei com veemência.

— Ele é a última pessoa com quem quero falar agora.

Ele envolveu minha mão pequena com a sua, os olhos fazendo a pergunta que ele não fazia. Suspirei. Mal conhecia esse garoto, não tinha motivos para compartilhar algo tão pessoal, mas quem sabe o que aconteceria depois daquela noite? Não sabia nem se eu o veria de novo. Sem pensar demais, comecei a falar:

— Ele é um bêbado. Começou quando minha mãe morreu e nunca mais parou. A bebida o transformou em uma pessoa completamente diferente. Eu já tentei de tudo pra recuperar o homem que ele foi, mas em algum ponto temos que desistir de quem não quer ser salvo.

Gabriel inclinou o corpo para frente, de modo a ficar bem na minha frente. Não havia pena em seu rosto, apenas uma compreensão profunda. Ele apertou meus dedos levemente em um pequeno gesto de conforto que me fez sentir melhor imediatamente.

— Não quero me intrometer aqui, até porque não sei a história toda, mas se eu tivesse a chance de falar com meu pai de novo, não desperdiçaria.

A imagem do meu pai na cozinha com um bolo de cenoura diante de si surgiu em minha mente. Ele estava tentando. Talvez eu pudesse fazer o mesmo. Talvez. Apenas talvez.

— O que aconteceu com seu pai?

Ele cerrou o maxilar, aquele ar despreocupado desaparecendo por completo de seu semblante.

— Ele morreu quando eu era pequeno — disse, coma voz embargada. — Minha mãe me criou sozinha. Ela foi uma verdadeira heroína depois que ele...

Ele deixou a frase morrer, com um sorriso de orgulho no rosto ao mencionar a mãe.

— Sinto muito — falei, com sinceridade. Talvez Gabriel e eu fôssemos mais parecidos do que eu tinha imaginado. Eu entendia bem demais a dor de perder um pai.

Ele balançou a cabeça e envolveu meus ombros com os braços. Ficamos ali compartilhando uma infinidade de palavras naquele silêncio, nossas cicatrizes expostas. Nossos medos bem ali, para quem quisesse ver. E por um segundo apenas, parecia que qualquer fardo era suportável se compartilhado assim, como nós fazíamos naquele momento.

Uma sombra grande surgiu de repente e bloqueou a luz do sol. Coloquei os dedos em frente aos olhos e reconheci a figura pequena de Tasha na minha frente, com Lucas a tiracolo, parecendo sério com seus cabelos cortados no estilo militar. Ela me olhava com um sorriso que dizia “te peguei!”

— Eu deixo vocês sozinhos dois minutos e vocês tiram as roupas. — Ela revirou os olhos.

Fingi que minhas bochechas não estavam corando, levantei e agarrei meu vestido na areia. Vesti-me rapidamente e coloquei as mãos ao redor da cintura.

— Olha quem fala. Para onde diabos vocês foram?

Tasha deu o sorriso mais cara de pau do planeta e deu de ombros.

— Uma garota tem que ter seus segredos.

Lucas revirou os olhos e envolveu sua cintura pequena com seus braços enormes. Exibiu seu melhor sorriso de surfista doce.

— Não precisa se preocupar. Eu tomei conta dela.

Dei uma risada debochada.

— Melhor mesmo. Do contrário, eu arrancaria suas bolas.

Lucas fingiu que tinha ficado muito assustado com a minha ameaça e Tasha revirou os olhos. Gabriel vestiu suas roupas e envolveu minha mão na sua. Era um daqueles raros momentos que pareciam perfeitos. Mas como tudo na vida, não durou.

O som estridente do meu celular tocando marcou o que seria o começo de um dia muito, muito ruim. Cansada de ignorar as chamadas insistentes, atendi o telefone, com a estranha sensação de que algo estava prestes a dar errado.

— Alô?

Uma voz feminina ecoou do outro lado da linha, ao invés da voz rouca do meu pai.

— Senhorita Barboza?

— Sim, sou eu.

— Aqui é do hospital local de Farol da Ilha...

Todas as suas outras palavras foram um borrão de som e sensações. Senti meu coração apertar, e o celular deslizar da minha mão até cair na areia. Podia ver Tasha e Gabriel tentando falar comigo, mas seus rostos pareciam imagens distorcidas que eu não conseguia acessar. Fechei as mãos em punhos e tentei lutar contra o desespero. Peguei meu celular e as chaves da Kombi na areia.

Agarrei o pulso de Tasha.

— Precisamos ir. Agora!

— O que aconteceu?

Não respondi. Não podia me forçar a dizer. Apenas voltei o olhar para Gabriel, sabendo que estava prestes a deixá-lo para trás novamente.

— Sinto muito.

Corri até a minha Kombi sem mais nenhuma palavra, como se minha vida dependesse disso. Deixei Gabriel para trás, deixei aquela noite para trás. Tasha me seguiu. Só percebi que estava chorando quando sentei no banco do motorista e dei partida. Natasha me encarava, uma pergunta silenciosa nos olhos amendoados. Engoli em seco.

— Meu pai está no hospital — choraminguei. — É grave.



Sou uma gota d'água
Sou um grão de areia
Você me diz que seus pais não entendem
Mas você não entende seus pais
Pais e filhos – Legião Urbana

Eu detestava hospitais. Os tons estéreis de branco e azul sempre me deram dor de cabeça e a frieza imparcial que emanava das paredes e das pessoas me fazia querer sair correndo pela porta mais próxima.

Em Farol da Ilha, um pouco daquela frieza era deixada de lado, tendo em vista que todos na cidade se conheciam. Quando Tasha e eu chegamos ao hospital, Julia, a recepcionista, nos atendeu com um sorriso preocupado e já nos encaminhou até o quarto do meu pai. Antes que eu entrasse no quarto minúsculo, Tasha segurou minha mão, calma como uma rocha.

— Vai ficar tudo bem, Ali.

— Como você sabe?

Minha voz era pouco mais que um fiapo, algo que parecia sempre prestes a desaparecer.

— Eu simplesmente sei.

Encarei a porta branca de superfície lisa. O homem que havia me criado estava do outro lado. Uma parte de mim se perguntava se o homem que eu esperava encontrar já não estava morto há muitos anos.

— Você ouviu o que o médico disse, Tasha. Ele entrou em uma briga de bar e acabou esfaqueado — torci os lábios, como se minhas palavras tivessem um gosto amargo. — Sabia que algo assim aconteceria. E ainda pensei em dar mais uma chance. Sou uma idiota.

— Não é idiotice tentar redimir quem você ama.

— Se eles retribuem com dor, então não é apenas burrice, é masoquismo também.

Tasha ainda segurava minha mão como se esperasse me sustentar em pé.

— Você acha que eu sou horrível por não querer entrar aí?

— Não. — Sua voz era firme, sem nenhuma dúvida.

Suspirei.

— A última coisa que eu disse foi que não me importava com o que acontece com ele. — Cerrei o maxilar, tentando com todas as forças desfazer o bolo em minha garganta e não chorar.

— Você veio correndo assim que soube que ele estava internado, Ali. Você se importa, sim. E se não quiser entrar aí, eu entendo. Vamos pegar a sua Kombi e dirigir até o México. — Ela levantou meu queixo e me forçou a encará-la. — Mas não acho que é isso que você quer.

Engoli em seco e coloquei a mão na maçaneta. Levantei a cabeça e respirei fundo, controlando as emoções. Eu precisava estar bem quando entrasse naquela sala.

— Quando foi que você ficou tão sábia?

Tasha riu.

— Deve ser genético, como essa minha pele maravilhosa.

Revirei os olhos e sorri. Agradei a Tasha e ela foi embora, me deixando sozinha com aquela porta lisa. Girei a maçaneta.

Meu pai estava deitado na cama, os olhos fechados, os cabelos castanhos cacheados como os meus espalhados pelo travesseiro branco. Parecia sereno, em paz. Uma bandagem enorme circulava seu ombro esquerdo, o sangue já começando a

manchar o tecido pálido, chamando atenção naquela sala clara como um ponto de alerta.

Aproximei-me de sua cama e fiquei de pé ao seu lado, em silêncio. Ele se mexeu algumas vezes, até voltar a roncar. Seu hálito ainda fedia a álcool. Um leve levantar de lábios se insinuou, e ele abriu um dos olhos.

— Sua mãe costumava me encarar assim de manhã, até que eu acordasse.

Não respondi.

— Desculpe. — Ele implorou, o lábio inferior fremente, a voz falhando. Parecia tão pequeno, tão fraco.

Continuei em silêncio.

— Eu sei que fui irresponsável. — Ele estendeu a mão, como se esperasse me tocar, e fez uma careta de dor com o movimento.

Apenas encarei-o.

— Não vai acontecer novamente. Prometo.

Meu pai suspirou, olhando para o meu rosto petrificado como se esperasse redenção. Exatamente como no dia anterior, quando eu tinha chegado. Fechou os olhos e fez uma careta de dor. Quis ajudá-lo, mas meu corpo recusou-se a se mover.

— Eu não sei exatamente o que aconteceu. Em um minuto, estava no bar, olhando pra foto da sua mãe que guardo na carteira. Eu não fiz nada, juro, querida. Mas um homem que não parecia ser da cidade pegou a foto das minhas mãos... — Ele esfregou as mãos com força no rosto, como se esperasse arrancar a pele. — Não consegui me conter, fiquei tão furioso. Nós brigamos. Eu não sabia que ele tinha uma faca, juro. Por favor, acredite em mim.

Trinquei os dentes com ainda mais força ao ouvir sua história. Todos os meus instintos me diziam para sair do quarto e bater à porta atrás de mim. No entanto, eu fiquei, ainda incapaz de falar. Ainda incapaz de dar a ele o que queria. Apenas o encarei até que ele abaixasse a cabeça, envergonhado.

— Não vai dizer nada?

— O que quer que eu diga, pai?

Ele abaixou os olhos, o pescoço assumindo um tom rosado. A vergonha tingindo seus traços.

— Não sei. Que me perdoa?

Soou mais como uma pergunta do que um pedido. Cerrei o maxilar. Um misto de emoções lutava dentro de mim. Raiva, desprezo, e embaixo de tudo isso, aquele amor que eu nunca tinha conseguido enterrar.

— Conversei com seu médico. Aparentemente, você vai estar bem em um ou dois dias. Ele recomendou que você ficasse para o programa de reabilitação deles. Se fosse você, faria isso. Está na hora.

— Vai voltar pra cá se eu fizer isso?

Ele me olhou com expectativa, esperando uma resposta que eu não podia dar. Desviei os olhos e ajeitei seu travesseiro embaixo da cabeça. Cobri seus ombros com o cobertor fino do hospital, fazendo qualquer coisa que me mantivesse ocupada, assim não precisava olhar para ele.

— Ali?

— Sim? — respondi, sem olhá-lo nos olhos.

— Pode tocar uma música pra mim?

Olhei para seu rosto pálido com o cenho franzido, surpresa com o pedido. Ele tentava sorrir, os lábios trêmulos produzindo pouco mais que um fantasma de felicidade. Abri a mochila na qual ainda guardava a câmera e a carta e tirei de lá o velho ipod rosa shoking.

— O que você quer ouvir?

Meu pai fechou os olhos, as pálpebras finas e enrugadas parecendo cansadas de aguentar todo aquele peso.

— Qualquer coisa bonita.

Liguei o aparelho e sentei na cadeira desconfortável ao lado de sua cama, procurando alguma coisa que ele ia gostar. Parei na décima primeira música na playlist. *Wish you were here*, do Pink Floyd. Ele costumava adorar aquela canção. Apertei o play. Meu pai levantou a cabeça, como se as notas iniciais acordassem algo nele que ele tinha colocado para dormir. Aumentei o volume até que a música fosse tudo o que podíamos ouvir.

— Essas canções supostamente devem salvar a minha vida — sussurrei, baixo o suficiente para que apenas eu ouvisse. — Espero que salvem a sua também.

A voz marcante de Gilmour invadiu o quarto, dominando tudo, acalmando nossos corações carregados e mentes nervosas. Meu pai fechou os olhos, e eu sabia que estava pensando nela. Na mamãe. Uma lágrima cristalina deixou seus olhos, e eu fingi que não vi. Parecia pessoal demais. Devagar, como se temesse que minha pele fosse queimar com o contato, coloquei minha mão sobre a sua.

Ouvimos a música em silêncio, naquele limbo onde nossos problemas foram temporariamente esquecidos.

Fechei os olhos. Pensei em Gabriel, no seu olhar confuso quando eu fui embora sem deixar nada para trás, nenhum número, nenhum meio de me encontrar. Era a segunda vez que o deixava pra trás. Provavelmente nunca mais o veria. Não podia explicar o porquê, mas aquele pensamento fez meu estômago revirar.

Pensei em meu pai, e as lembranças que eu havia enterrado voltaram em uma onda opressiva. Meu pai costumava sentar na biblioteca da casa todas as noites, em uma poltrona azul bebê, segurando uma caneca de chocolate quente. Todos os dias, exatamente no mesmo horário, ele subia até lá e abria o jornal, sentava-se na sua velha poltrona ao lado da janela e bebericava seu chocolate. Às vezes, colocava um disco na velha vitrola na mesa de canto, bem baixinho, para não atrapalhar a leitura.

Muitas vezes, eu me esgueirava pela escada e o seguia até a biblioteca, por nenhuma outra razão que não fosse observá-lo ler, a cabeça balançando suavemente, acompanhando a música. Ocasionalmente, ele me via observando entre os livros e levantava os olhos acima dos óculos de leitura.

— O que faz agachada aí, Alicia? Sente-se aqui comigo.

Feliz, eu caminhava até ele e sentava em seu colo. Ele lia em voz alta histórias sobre heróis e revolucionários, e eu absorvia cada palavra como se elas fossem a chave para algo grandioso.

Quando eu adormecia, ele levantava a agulha na vitrola e me levava até a cama. Como toda garota de sete anos, eu era curiosa. Uma vez, seguindo sua velha rotina, ele colocou o disco na vitrola e abriu um livro antigo de capa amassada. Machado de Assis. Ele não gostava muito dos clássicos, mas minha mãe adorava. Ele sempre dava o braço a torcer e os lia por ela.

— Pai, por que não ouve música no som lá de baixo? É bem mais alto.

Ele ajeitou os óculos, abaixou a agulha, que arranhou o vinil devagarzinho, produzindo um som mágico.

— A música fica mais especial quando ouvimos o riscar da agulha no disco.

Minha mãe entrou na biblioteca naquele dia, os cabelos presos em um coque elegante, os olhos da cor de uma tempestade de inverno, acinzentados. Sorriu para nós dois e fez uma careta para o rock clássico tocando. Ela sempre gostara mais de música clássica. Usava um vestido azul suave que destacava o tom dos cabelos.

— Vocês dois vão criar mofo presos nesta sala, sabiam?

Meu pai levantou, tomou-a em seus braços e beijou a ponta do seu nariz empinado.

— Um pouco de ferrugem não faz mal a ninguém.

Ela contorceu o nariz em uma careta, mas acabou cedendo. Naquela noite, dormimos amontoados na velha poltrona azul, juntos.



*Não gosto de andar nessa casa velha e vazia
Então segure minha mão, caminharei com você, querida
As escadas rangem enquanto eu durmo, me mantendo acordada
É a casa te dizendo para fechar os olhos
Of Monsters and Men - Little Talks*

Adormeci na cadeira desconfortável ao lado da cama de hospital. Como sempre, levantei-me em um sobressalto e demorou alguns minutos até conseguir espantar os pesadelos. Arrumei os lençóis ao redor do meu pai e saí de fininho, tentando não acordá-lo.

Assim que saí do quarto, o rosto ansioso de Tasha surgiu no meu campo de visão. Ela tinha os olhos inchados e olheiras escuras ao redor dos olhos. Os cabelos normalmente desgrehados agora pareciam um ninho de rato e ela parecia nervosa.

— Como foi? Está tudo bem?

Esfreguei os olhos e senti a língua seca dentro da boca.

— Você dormiu aqui?

Tasha revirou os olhos como se eu tivesse feito a pergunta mais idiota no planeta.

— Claro. Eu não podia deixar você aqui sozinha.

Ela revirou sua bolsa gigantesca em busca de alguma coisa. O conteúdo dela era um mistério para mim. Era como se tivesse algum tipo de feitiço, como o da Hermione, que a tornasse interminável. Depois de revirar a bolsa, começou a tirar de lá uma quantidade absurda de itens.

— Saí pra comprar alguns bens muitíssimo necessários. — Ela tirou um saco da bolsa. — Salgadinhos, Oreos, refrigerante, cerveja — colocou a mão sobre os lábios e disse em tom conspiratório. — Não podemos beber no hospital, mas podemos nos esconder em um depósito, em caso de emergência.

— Tasha...

Ela levantou um dedo exigente e cortou minhas palavras no meio.

— Também trouxe um pouco de maquiagem. Ninguém merece olhos inchados logo de manhã.

Desisti de argumentar e apenas peguei tudo o que ela jogava em minha direção.

— Pode ficar com ele enquanto eu vou jogar uma água no rosto?

Ela bateu continência como o soldado mais mal treinado que eu já vira e, com um sem problema dito em uma voz exageradamente grossa, entrou no quarto.

Fui até o banheiro pequeno do hospital, sendo atingida em cheio pelo odor forte de álcool ao entrar. Encarei meu reflexo no espelho acima da pia. Meus cachos castanhos estavam uma bagunça, olheiras escuras embaixo dos olhos deixando-os com um tom mais escuro de azul. A pele pálida repleta de marcas da cadeira onde eu tinha dormido. Bufei.

Entrei em um dos boxes de banheiros, fechei a tampa e sentei sobre o vaso. Abri a minha mochila surrada e encarei os envelopes lá dentro. O tom suave de creme parecia especialmente delicado naquela luz fluorescente. O número dois em um dos envelopes, escrito em uma caligrafia cuidadosa, me chamava. Passei os dedos sobre o papel, sentindo a textura áspera. Engoli em seco e, cuidadosamente, abri o envelope.

Querida Alicia,

Posso te contar um segredo? Nem sempre fui sincera com você. Você me conhece melhor que ninguém, Ali, mas alguns

segredos são sombrios demais para serem compartilhados.

Gosto de pensar que te conheço bem, melhor que você mesma, mas sei que isso não é inteiramente verdade. Qual é o seu segredo mais sombrio, Ali? Qual o seu medo mais profundo?

Tenho uma proposta pra você. Vá até a casa dos Graciano. As respostas estão nas ruínas. Procure onde tudo começou. Conte-me seu segredo, Ali. Eu vou te mostrar o meu.

*Com amor,
Valentina.*

A diferença no tom da carta me pegou completamente de surpresa. Fechei o envelope com a boca levemente aberta. Essa carta parecia ter sido escrita por uma pessoa completamente diferente da primeira. No entanto, Valentina era exatamente assim. Mudava de humor com uma inconstância que se tornou usual após algum tempo, e que sempre me perturbava um pouco quando acontecia.

Passei os dedos sobre o envelope. Que segredo ela queria me contar? Valentina adorava seus segredos, guardava-os como pequenos tesouros, como se de alguma forma eles a tornassem especial. Não sabia o que ela estava tentando me contar, mas sabia que ela tinha me dado uma pista, um mapa para um tesouro só dela. E eu tinha que encontrá-lo.

Saí do banheiro em um rompante, e, em um único impulso, corri até a recepção, onde Tasha pacientemente me esperava enquanto engolia uma pilha interminável de salgadinhos.

— Pensei que tinha se afogado lá dentro — disse, lambendo o corante laranja da ponta dos dedos.

— Temos que ir.

Ela jogou as pernas em cima da mesinha pequena em frente aos bancos e enfiou a mão no saco de salgadinhos novamente, como se tivesse toda a paciência do mundo.

— Pra onde?

— As ruínas. A casa abandonada.

Tasha arregalou os olhos, um tremor espalhou-se pelo corpo. Ela se encolheu. Nós nunca visitávamos aquela casa. Nunca falávamos sobre ela. Trocamos um olhar cheio de significado. Ambas sabíamos o que havia acontecido lá anos antes. Era mais um dos nossos segredos. Mais um esqueleto que estávamos prestes a desenterrar.

**

As ruínas da casa dos Graciano eram famosas em Farol da Ilha. Anos antes, era a casa mais elegante e impressionante de toda a cidade. Seus pilares brancos se erguiam imponentes, as enormes janelas de vidro tornavam-se alaranjadas durante o pôr do sol. As portas de madeira de quase três metros de altura lhe conferiam um ar de mistério que intrigava a todos que atravessavam a fronteira. Seus moradores, a família Graciano, viviam em Farol da Ilha quase desde sua fundação, e o patriarca costumava ser o prefeito.

Havia algo sobre a casa antes, uma aura de felicidade da qual só me lembro vagamente, porque, pouco depois que eu nasci, algo terrível aconteceu por lá.

Durante a festa de comemoração do aniversário da cidade, um dos montantes de fogos de artifício acidentalmente atingiu a casa e começou um incêndio. Ninguém percebeu o que estava acontecendo até ser tarde demais. A mulher do prefeito, dona Marília, e sua filha mais nova, estavam dormindo quando aconteceu. Nunca tiveram sequer a chance de fugir. O prefeito Graciano estava no centro da cidade, e, quando finalmente chegou a casa, seu esqueleto escurecido já lançava chamas ferozes de mais de cinco metros de altura ao céu negro. Mesmo assim, ele entrou, em busca da família. Os três queimaram juntos e se tornaram parte das ruínas.

Coisas terríveis assim nunca aconteciam em Farol da Ilha, portanto, quando ocorriam, causavam uma fascinação mórbida que durava anos e anos a fio. Ninguém nunca comprou o terreno da casa. Nunca a reformaram. Nunca sequer a mencionaram novamente. Seu esqueleto vazio e enegrecido agora servia como entretenimento para os adolescentes que saíam da escola e queriam fumar escondidos em algum lugar. Dezenas de histórias eram contadas e recontadas sobre o que acontecera ali. Alguns gostavam de dizer que o espírito dos Graciano nunca tinha deixado a casa. Eu não me sentia particularmente animada com a história, entretanto, como era de se esperar, Valentina adorava aquele lugar.

Tasha parou de repente e encarou a estrutura com as mãos firmemente fechadas em punhos. Ela não costumava temer muita coisa, mas eu sabia que não era a velha história sobre espíritos que a assustava. Ela temia os próprios fantasmas.

— O que diabos estamos fazendo aqui, Ali?

Ela estreitou os olhos, a luz suave cortada pelas árvores altas que cercavam a casa iluminando seus fios curtos.

— Valentina me enviou até aqui. Preciso saber por quê.

Tasha girou o corpo em minha direção, as narinas infladas em uma fúria mal disfarçada. A maquiagem derretida ao redor dos olhos lhe conferia um ar quase lunático.

— Você enlouqueceu? Está seguindo conselhos de uma garota morta! De novo!

— Não está nem um pouco curiosa pra saber o que aconteceu?

As narinas dela tremeram.

— Eu passei meses depois da morte dela tentando fazer o que tinha acontecido ter algum sentido, procurando uma razão. Isso quase me destruiu. Agora, tudo o que eu quero fazer é esquecer que ela existiu.

— Mas, Tasha...

Ela levantou uma mão, pedindo com um gesto para que eu parasse de falar.

— Você se esquece às vezes de que ela era minha melhor amiga também.

Ela comprimiu os lábios como sempre fazia quando tentava não chorar. Esperei até que ela parasse de respirar tão pesadamente. Aos poucos, seu rosto assumiu um tom de vermelho tomate que eu não via em anos.

— Ela está tentando me dizer alguma coisa — insisti.

Tasha agarrou meus ombros com força, as unhas longas arranhando minha pele. Seus olhos estavam arregalados, desesperados.

— Ela morreu, Ali. E não vai voltar.

Tirei suas mãos de mim com cuidado, e com uma calma peculiar, disse:

— Eu sei disso.

Tasha jogou as mãos pro alto, exasperada.

— Sabe mesmo? Por que me parece que você deixou toda a sua vida de lado pra seguir as instruções de um fantasma.

Ela parecia prestes a explodir. Os olhos cercados de delineador pesado estavam vermelhos, como se ela estivesse prestes a chorar. Seu corpo inteiro tremia, e naquele silêncio estático que cercava a casa, com apenas as árvores altas como testemunhas, sua raiva parecia gritar.

— Você não entende. Eu sinto que essas cartas são importantes. Posso sentir que o que quer que esteja enterrado naquelas cinzas precisa ser encontrado.

Aos poucos, vi a fúria deixá-la. E quando se foi, parecia que mais nada a sustentava. Deixei que ela se apoiasse em mim, esperando que dissesse alguma coisa.

— Ela escolheu nos deixar. Foi uma escolha, não um acidente, não uma fatalidade. Uma escolha.

Seus olhos encheram-se de água, e eu me encolhi, sem saber o que dizer. Tasha nunca chorava. A abracei mais forte, esperando uma enxurrada. Mas nada aconteceu. Ela secou os olhos, mas continuou apoiada em mim.

— Não tinha nada a ver com a gente. Não foi culpa nossa — disse, sem saber se estava tentando convencer a ela ou a mim mesma.

Tasha se afastou um pouco, arrumou uma mecha negra atrás da orelha, o rosto impassível.

— Valentina gostava de ser o centro das atenções. Ela tinha medo de ser esquecida e agora está jogando com a gente. É apenas o modo dela de garantir que não vamos apagá-la da memória.

— Talvez você esteja certa, mas preciso fazer isso. Não tem que vir comigo se não quiser.

Ela suspirou, como se de repente estivesse exausta.

— Até parece que vou deixar você fazer isso sozinha.

Ela deu alguns passos em direção a casa, olhou para trás uma última vez, para mim. Apesar de tudo, tentou sorrir.

— Vamos, Bond Girl. Temos fantasmas pra caçar.

Corri para alcançá-la. Ambas paramos na entrada e observamos em silêncio. Os galhos das árvores ao redor pareciam curvar-se em direção a casa, como garras esqueléticas tentando tocá-la. Em meio à madeira enegrecida, ainda era possível ver vestígios do branco, do que a casa um dia foi. Agora, não havia muito além de entulho. Teias de aranha envolviam a madeira danificada, e tábuas soltas amontoavam-se na entrada.

Tasha olhou pra mim de rabo de olho, o rosto sério como uma tumba.

— Lembra do que aconteceu a última vez que viemos aqui?

Um vento gelado soprou, causando-me arrepios.

— Como poderia esquecer?

Anos antes, depois de um dia comum na escola municipal de Farol da Ilha, Valentina desapareceu. Simplesmente sumiu da superfície da terra por horas e horas. Sua tia e mãe adotiva a

procurou pela cidade inteira, perguntando a todos que podia encontrar se a tinham visto. Ninguém sabia. Nem mesmo eu e Tasha. Não levamos muito a sério no começo. Simplesmente achamos que ela estava na traseira da caminhonete de algum cara que mal conhecia.

No entanto, depois de quase sete horas desaparecida, começamos a ficar preocupadas. A cidade inteira ficou inquieta, se perguntando o que tinha acontecido. Não era o tipo de cidade em que garotas bonitas simplesmente sumiam. Tasha foi a primeira a sugerir qual poderia ser seu paradeiro. Ela sempre sabia onde encontrá-la.

Naquela noite, saímos da casa de praia e seguimos a pé até a casa abandonada. Tasha levou sua pequena lanterna de joaninhas, e eu levei uma mochila cheia de coisas inúteis que pareciam muito importantes quando eu a peguei. Assim que chegamos à casa, ouvimos os sons. Os soluços intensos. Tasha e eu trocamos um olhar assustado.

Entramos na casa de braços dados, respirando pesadamente. Os sons dos nossos passos fazendo a madeira velha do piso ranger fantasmagoricamente. Não foi difícil achar Valentina. Ela estava encolhida no canto mais distante da sala, e ainda usava o uniforme branco e azul da escola. Sua cabeça estava abaixada, os longos cabelos negros cobrindo o rosto. Tasha apontou para o seu braço, e eu arfei. Cortes de todos os tamanhos e larguras se espalhavam pela pele clara, e o sangue escorria livremente, manchando suas roupas.

— Valentina — arfei seu nome, em choque.

Ela levantou o rosto, alarmada. Seus olhos estavam vermelhos e inchados, e ela chorava. Corremos até ela e tiramos a lâmina de suas mãos. Ela não disse uma palavra sequer. O sangue ainda escorria. Tirei meu suéter da mochila e coloquei sobre seus ombros. A levamos para longe dali. Antes que saíssemos, ela sussurrou, a voz tão áspera que parecia não ter sido usada em séculos.

— Ninguém deve saber disso.

E nós nunca contamos. Ela voltou para a casa e contou a todos que tinha ido para uma exposição de arte do seu novo namorado que morava na cidade. Tasha e eu nunca dissemos uma palavra. No dia seguinte, ela voltou para a escola, o sorriso gigantesco sempre presente. Exceto pelos suéteres pesados em pleno mês de agosto, parecia a mesma de antes. Como se nada nunca tivesse acontecido.

E aqui estávamos novamente, anos depois, tentando desenterrar mais um segredo.

— Vamos entrar logo, Tasha. Qual é a pior coisa que pode acontecer?

Tasha arregalou os olhos e jogou as mãos pro alto como se eu tivesse feito a pergunta mais horrível já pronunciada.

— Por que você perguntou isso? Não assiste filmes de terror? Agora provavelmente seremos picadas e mastigadas por algum canibal violento. Muito obrigada.

Revirei os olhos e entrei na casa. O familiar ranger da madeira indo de encontro com a sola dos meus coturnos ecoou no espaço vazio. Ouvi a respiração acelerada de Tasha atrás de mim, arrepiando meu pescoço.

— Não faça isso. Está me assustando — reclamei, esfregando os braços para espantar a corrente de ar frio que assolava os restos da sala de estar.

— Não venha me culpar. Foi você quem convocou o canibal violento. E provavelmente me condenou a uma morte lenta e dolorosa. Todo mundo sabe que a loira sempre morre primeiro.

Revirei os olhos dramaticamente mais uma vez.

— Você assiste filmes demais.

Olhei ao redor da sala, procurando por uma pista. A janela mais distante, com o vidro completamente estilhaçado, provia luz o suficiente para que fosse fácil encontrar algo ali. Uma escada estreita quase preservada levava ao andar de cima, mas ninguém se arriscava a subir.

Não havia nada muito óbvio que indicasse uma pista, algo que eu precisava encontrar. Caminhei ao redor da sala, levantando os tocos de madeira soltos e conferindo se havia algo embaixo deles. Exceto por baratas e ratazanas gigantescas, não encontrei nada.

— Vamos lá, Valentina. Onde devo procurar? — murmurei.

— Isso mesmo. Continue falando com os mortos. Não vai fazer essa situação nem um pouco mais estranha. — Tasha resmungou, e eu fiquei feliz em ignorá-la.

Tentei pensar como ela. Na primeira vez, ela tinha deixado o ingresso entre os tijolos. Em um lugar que sabia que apenas eu encontraria. Deve ter feito a mesma coisa desta vez. Relembrei tudo o que já tínhamos vivido naquele lugar, todas as lembranças, em busca de alguma coisa útil, mas não consegui nada.

Peguei a carta na mochila e reli mais uma vez, procurando por algo que não tinha visto antes.

— É isso! — gritei de repente.

Procure onde tudo começou.

Tasha espiou por cima do meu ombro, ficando na ponta dos pés pra igualar a diferença de altura.

— Procure onde tudo começou. O que diabos isso significa?

Coloquei a carta de volta na mochila.

— O incêndio. Começou no segundo andar, no quarto da Ana.

Os olhos dela se iluminaram, chegando a mesma conclusão que eu.

— Não podemos ir ao segundo andar. Aquelas escadas estão mais velhas e cheias de cupins que o velho armazém na casa dos meus pais.

Sem escutar uma palavra do que ela disse, fui até as escadas, e devagar, testando o piso antes de continuar, comecei a subir.

— Nem sei porque ainda me incomodo — ouvi Tasha resmungando antes de me seguir.

No meio do caminho, ouvi um som horrível. Então, veio a dor. Meu pé afundou em uma das tábuas de madeira. Notei o olhar de pânico no rosto da minha amiga e fiz um sinal de que estava tudo bem antes de tirar o pé de lá, com nada além de uma dor incômoda. Benditos coturnos.

Quando finalmente chegamos ao segundo andar da casa, Tasha teve uma crise de tosse terrível. O chão estava completamente coberto de poeira, estilhaços de vidro e pichações no que restara das paredes. Identifiquei o quarto de Ana, a filha do prefeito, no fim do corredor. A porta havia sido arrancada, então o caminho estava livre pra quem quisesse entrar.

Lá dentro, a destruição era ainda mais intensa que no resto da casa. Era onde os fogos haviam atingido primeiro. Um lado da parede havia tombado, e era possível ver claramente o lado de fora. Estava empoeirado e vazio, exceto por um único móvel quebrado e chamuscado. Um criado-mudo que deve ter sido rosa claro e delicado no passado.

Sem pensar duas vezes, corri até o criado-mudo e abri uma das gavetas emperradas. Uma criatura enorme e peluda me encarou de volta com olhos miúdos. Tasha gritou.

— Fique calma. É só um rato.

— Ratos se alimentam de carne humana.

Segui até abrir a última gaveta. E quando finalmente o fiz, lá estava o que eu precisava encontrar. Franzi o cenho.

— Isso não faz sentido.

— O que é? — Tasha indagou.

— Uma foto.

Olhei atentamente para a imagem na minha frente. Era uma fotografia antiga de Valentina, sua tia e o namorado dela, Marco. Havia algo estranho sobre a foto, mas eu não conseguia dizer exatamente o que era. Valentina estava no centro. Sua tia estava ao seu lado, os cabelos presos em um rabo de cavalo bagunçado, um sorriso aberto no rosto cansado e tão diferente do de Valentina. Do seu outro lado, estava Marco, um sorriso de lado espalhado pelo rosto rígido de nariz torto. Abraçava Valentina e a tia, e parecia muito satisfeito consigo mesmo.

Havia algo estranho sobre Valentina. Ela sempre sorria nas fotos, queria estar deslumbrante e sabia que tinha um sorriso que

deixava as pessoas sem palavras. No entanto, na foto, havia uma tensão inegável na linha rígida dos seus lábios.

— Se lembra dessa foto?

Tasha espiou por cima do meu ombro.

— Não. Acho que não foi tirada aqui em Farol da Ilha. Não reconheço o prédio no fundo.

Passei a mão sobre o material liso, afastando a poeira para que ela ficasse mais nítida. O prédio grande e reluzente no fundo realmente não poderia ser em Farol da Ilha. Nossa construção mais impressionante era o próprio farol.

— Onde você acha que eles estavam?

Tasha tocou a superfície da foto, depois retirou a mão rapidamente, como se o material queimasse.

— Não faço a menor ideia — constatou. Passou os dedos sobre o rosto de Marco. — Nunca gostei desse cara. Ele nem sequer se incomodou em ir ao funeral dela.

— Ela tinha uns 16 ou 17 anos aqui. Foi pouco tempo antes de...

Não precisei terminar a frase. Tasha deu alguns passos para trás.

— É só uma foto antiga — cortou, com a voz gélida. — Vamos embora, Alicia. Já encontrou o que queria.

Coloquei a foto no bolso e fiz o que Tasha pediu. No entanto, algo me dizia que ela era a chave para algo mais. Algo que eu nem sequer estava perto de entender.

— Não é apenas uma foto. E seja lá o que for que ela significa, vou descobrir.

Tasha não pareceu me ouvir. Com cuidado, caminhamos entre as ruínas, deixando nossos próprios fantasmas para trás e carregando algumas novas dúvidas em seu lugar. A foto parecia queimar em minhas mãos, como se tentasse me contar um segredo que estava apenas a um toque de distância. Fui embora com a estranha sensação de que aquele era apenas o começo. E algo terrível estava por vir.



*Ele volta para você
Todas as coisas que você tinha perdido
Vão encontrar um caminho até você
It comes back to you - Imagine Dragons*

Voltei para o hospital local e fiquei do lado de fora, esperando o horário de visita para checar como meu pai estava. Tasha voltou para o hotel para tomar um banho. Reli a carta tantas vezes que o papel claro e forte começou a ficar desgastado nas beiradas. Procurei algum sentido naquelas palavras, tentando conectá-las àquela foto, mas não conseguia imaginar o porquê de aquilo ser tão importante.

Sentei no gramado debaixo de uma árvore em frente ao hospital, desenrolei o ipod cor de rosa e fuzei músicas aleatoriamente, esperando encontrar algo interessante. Havia de tudo ali, desde suaves baladas para serem ouvidas em um dia triste até clássicos de MPB. Não eram todas tristes, como eu havia imaginado. Algumas eram canções sobre esperança, a maioria era sobre amor. Parecia uma playlist que eu faria pra mim mesma, não o último recado de alguém que estava planejando morrer.

Coloquei a mochila debaixo da cabeça e encostei o corpo no tronco da árvore larga, sentindo o sol suave aquecer meu rosto, devagar, como se pudesse de alguma forma derreter meus pensamentos sombrios.

Peguei a câmera na mochila, surpresa em notar que o material frio contra minha pele ainda parecia tão certo, tão familiar. Liguei a câmera, ajustei a luz e apontei a lente para cima, para o céu azul com nuvens brancas que se contorciam em formas impossíveis, interrompidas pelo verde rico e galhos nodosos da árvore acima de mim.

Uma sombra escura surgiu em frente à lente, interrompendo antes que eu conseguisse capturar a imagem. Estava prestes a gritar com ele e dar uma boa lição sobre interromper fotografias alheias quando meus olhos começaram a se acostumar com a luz intensa e a sombra disforme lentamente se metamorfoseou em um rosto familiar.

— Que diabos...

Coloquei os dedos em frente ao rosto, apenas para ter certeza de que não estava ficando completamente maluca.

— Eu esperava uma recepção mais calorosa. — Uma voz suave, baixa e levemente sarcástica veio da alucinação que eu com toda certeza estava tendo.

Observei em silêncio o rosto forte, de queixo delineado, os cabelos castanhos que apontavam em todas as direções e um par de olhos verdes de curiosidade incomparável.

— Mas...

Gabriel sorriu, sentou-se ao meu lado na grama macia e simplesmente me encarou por segundos intermináveis, como se minha careta embasbacada fosse a coisa mais fascinante do mundo.

— Sem palavras? — Ele riu, a pele ao redor dos olhos enrugando-se da maneira mais adorável. — Não se preocupe. Eu causo esse efeito nas mulheres. — Disse, colocando os cabelos para trás em uma paródia ridícula de um herói de contos de fadas prepotente.

Isso finalmente me tirou do estado de choque e despertou uma gargalhada engasgada. Ataquei-o brevemente com a minha

mochila. Ele tirou a câmera das minhas mãos e a revirou nos dedos longos.

— Câmera legal. Não sabia que você fotografava.

Peguei a câmera de volta, sentindo o peso confortável dela entre os meus dedos.

— Não sou uma profissional ou nada assim. Só gosto — disse, um pouco tímida. Tê-lo ali do meu lado na grama em Farol da Ilha me parecia tão surreal que não soube como me portar.

Gabriel estendeu a mão e tentou pegar a câmera de volta para dar uma espiada nas fotos. Estendi os braços para fora do seu alcance. Ele riu e levantou as mãos no ar, em um ato de quem se rende.

— O que diabos está fazendo aqui?

Gabriel encostou-se calmamente no tronco grosso da árvore antiga.

— Sempre recebe suas visitas assim?

— Não, nem sempre. Ocasionalmente as ataco com sapatadas na cabeça — dei de ombros. — Depende muito do meu humor.

Gabriel se calou por um instante, as sobrancelhas arqueadas emoldurando os olhos atentos, levemente envergonhados.

— Você saiu correndo sem dizer adeus. Não podia simplesmente deixá-la desaparecer e, já que você tinha mencionado a cidade, dirigi até aqui e tentei encontrá-la. — Ele curvou os lábios em um quase sorriso. — Não foi tão difícil. A cidade inteira sabia onde você estava.

Suas maçãs do rosto altas e elegantes assumiram um tom levemente mais rosado, e fui tomada por uma vontade tão intensa de beijá-lo que me peguei inclinando-me para frente.

— Basicamente, você me seguiu — levantei uma sobrancelha acusadora, mas meu tom de voz era leve, suave.

Ele se inclinou para mais perto, os lábios quase tocando minha orelha, perto o suficiente para que eu pudesse sentir seu cheiro suave de colônia pós-barba, baunilha e dias quentes de verão.

— Prefiro pensar que fui romanticamente atrás de você.

— Romântico, sei...

Ele se inclinou mais um pouco, e eu parei de prestar atenção em suas palavras, completamente focada na curva discreta e elegante do seu lábio inferior.

— Tenho uma teoria...

— Mesmo? E que teoria é essa?

— A única diferença entre um ato romântico e um completamente maluco e perseguidor é o interesse da pessoa a quem esse ato é destinado.

Ele levantou o queixo, como se fosse explicar o segredo do universo.

— Pensa bem, se um cara do qual você não gosta te manda mensagens e aparece na sua casa depois de uma corrida de táxi onde vocês conversaram por meia hora, você provavelmente chama a polícia. Acrescente um bom frio na barriga à equação e de repente a coisa toda é extremamente romântica, amor à primeira vista.

Semicerrei os olhos, devagar, tentando conter uma risada.

— Então você acha que estou interessada?

Gabriel corou levemente e jogou os cachos para trás, dando de ombros.

— Você ainda está aqui. Estou tomando isso como um bom sinal.

Senti minhas bochechas esquentarem e um leve bater irregular no meu peito, que logo voltou ao normal. Não neguei meu interesse, e não via por que o faria. Antes que eu respondesse, Gabriel estendeu a mão até a minha mochila e colocou meu velho chaveiro entre os dedos, analisando a textura cravada no alumínio como se o fascinasse.

— Não consigo imaginá-la como uma garota que gosta de contos de fadas — disse, me olhando de rabo de olho, os dedos ainda analisando o vestido azul volumoso e pomposo da Cinderela no meu chaveiro.

Dei de ombros e me perdi na imagem daquele pequeno objeto. Mal me lembrava dele. Pertencia a Tasha quando ela tinha doze anos. Ela nunca saía de casa sem ele. A tinta desgastada nos cabelos que antes eram dourados e o vestido que aos poucos desaparecia mostravam as marcas do tempo.

Finalmente, voltei o olhar para Gabriel, que não observava mais o chaveiro, mas a mim.

— Toda garota gosta de contos de fadas — disse, em um tom factual.

— Você não é qualquer garota.

Havia a sombra de algo em seus olhos, uma intensidade incomum que eu nunca havia visto antes.

— Não os odeio nem nada assim. Só me incomoda um pouco a ideia que eles propagam de um final feliz.

Gabriel encostou a cabeça no tronco encorpado da árvore, os galhos lançavam sombras sobre seu rosto, tornando seu olhar indecifrável.

— Não acredita em finais felizes?

— Não acredito na ideia de felizes para sempre. Por que tem que ser eterno pra ser verdadeiro? — chutei algumas pedras soltas para longe com a ponta do coturno enquanto esperava que ele dissesse alguma coisa. Quando ele não o fez, continuei: — Finais felizes acontecem o tempo todo. Pessoas se apaixonam, aprendem uma com a outra, às vezes se casam, algumas até mesmo ficam juntas por muito tempo, talvez pra sempre. Mas as pessoas brigam, se separam. É natural. Não significa que foi um desperdício completo de tempo só por que acabou. Somos imperfeitos, é o que nos faz humanos. Nenhum relacionamento é como nos contos de fadas, nem deveriam ser. Seres humanos erram, brigam, fazem as pazes. Não entendo por que estamos tão desesperados para esconder nossas próprias falhas.

Coloquei a mochila atrás da cabeça e encostei meu corpo no tronco, junto ao dele. Ele continuava a me observar em silêncio, a sombra de um sorriso sempre presente na curva daqueles lábios que eram um mistério por si só.

Mesmo quando fechei os olhos e deixei o calor suave do sol que brilhava acima de nós esquentar meu rosto, ainda pude sentir seu olhar em mim.

— Quando eu era pequena, sempre imaginava o que acontecia depois do felizes pra sempre, sabe? Imaginava a Bela Adormecida percebendo que já tinha perdido tempo demais e viajando o mundo... Imaginava um cenário onde a vida deles não fosse só sobre se casar. Continuava esperando uma delas dizer “Não preciso que você lute minhas batalhas, posso derrotar meus próprios dragões. Não preciso que você me complete, sou inteira e perfeitamente feliz por conta própria, muito bem, obrigada. Não

posso te prometer um para sempre, mas eu te amo, e se quiser ficar comigo, meu caro príncipe, entenda que quero viver *com* você, não *por* você.”

Gabriel soltou uma gargalhada leve, daquelas quase sem som, mas que abalam o corpo inteiro. Cruzei os braços e semicerrei os olhos, intrigada.

— Que foi?

Ele parou de rir de repente, abriu os olhos e bateu algumas vezes aqueles cílios impossivelmente longos.

— Nada. Nunca conheci ninguém como você.

Lá estava novamente, aquela pausa suspeita no ritmo insano do meu coração. Minhas palmas suavam frio e minha língua subitamente ficou seca. Agradei aos céus por estar perto de um hospital, porque havia uma boa chance de eu estar tendo uma parada cardíaca.

— Isso é uma coisa boa? — perguntei, a voz entrecortada, saindo em meio a lufadas de ar.

Ele se aproximou, o suficiente para que tudo o que eu visse fosse seu rosto, tudo que eu sentisse fosse seu cheiro almiscarado e suave.

— Sim. É uma coisa maravilhosa.

Ele chegou mais perto, seus dedos traçando uma linha delicada pelo meu braço, minhas bochechas, meus lábios. Ele me tocava com delicadeza e fome ao mesmo tempo, como um artista que toca uma tela preciosa. Engoli em seco, tentando controlar a bateria furiosa em meu peito.

— É esse o momento em que você me beija? — sussurrei.

Gabriel sorriu.

— Você adora estragar surpresas, não é?

Enterrei meus dedos em seus cabelos e ele me puxou para mais perto.

— Surpresas são completamente superestimadas.

Sem mais palavras, eu o beijei.

Seus lábios se moveram de encontro aos meus, macios e com encaixe perfeito. A familiaridade daquela frieza amena e do gosto doce em sua boca me acertarem em cheio, e eu esqueci o mundo. Tudo que eu sentia era ele. Seus lábios nos meus, sua língua provocando a minha, suas mãos firmemente envolvendo minha cintura. Eu não era nenhuma garota inocente, mas, quando ele me beijava assim, parecia a primeira vez.

Quando minha boca deixou a sua, uma série de perguntas complicadas substituíram a sensação aérea. Quis perguntar o que ele faria quando o dia acabasse, se ainda estaria aqui. Quis perguntar onde a banda o aguardava para o próximo show, quis perguntar o que aconteceria quando aquele mês acabasse e ambos estivéssemos de volta em São Paulo, mas não o fiz. Não perguntei coisa alguma por que sabia que as respostas estragariam o momento, e quis fingir que hoje era tudo o que havia. Então suspirei em seus braços, deitei a cabeça em seu colo e observei as formas misteriosas nas nuvens em silêncio.

Observei as sombras que as folhas lançavam sobre o queixo quadrado de Gabriel, o modo como o sol tingia sua pele bronzeada, iluminando as pequenas sardas cor de cobre ao redor do seu nariz, a curva intrigante do seu sorriso com um dente levemente torto. Aquela curva provocante, suave, tão amena quanto um dia de março, no entanto, poderosa como um furacão. E a estúpida camisa

de flanela, com seu número bordado em linhas desajeitadas. 560.000.000.000.

— Algum dia vai me contar o que o número significa?

Seu rosto se anuviou de repente. Senti todos os seus músculos enrijecerem, desde o maxilar até os punhos que se fecharam involuntariamente. Seus olhos vagaram para longe de mim, longe daquele momento. Havia medo neles, uma fragilidade incomparável. Observá-lo era como observar uma rara peça de cristal, bela e quebrável.

Ele tentou sorrir, forçou o corpo a relaxar.

— Um segredo por outro.

Franzi o cenho, na defensiva.

— Quer que eu te conte um segredo? — indaguei.

— Eu te conto o meu, você me conta o seu. Parece justo.

Hesitei, olhando para cima, para seu rosto, medindo as consequências, como sempre fazia. E sendo vencida pela curiosidade, como sempre era.

— Tudo bem. Você primeiro.

Ele assentiu, o rosto sério. Parecia estar prestes a dizer algo impossivelmente difícil. Por um momento, me senti tentada a pedi-lo que parasse. Soube, pelo modo como ele cerrava os dentes com força, que preferia não saber o que ele estava prestes a dizer. No entanto, ao invés de impedi-lo de dizer as palavras, envolvi seus dedos nos meus suavemente, como havia feito naquela noite no Galeria.

— Já ouviu falar da doença de Huntington?

Neguei com a cabeça. Ele abaixou os olhos, como se as palavras que fosse dizer o envergonhassem.

— É uma doença neurológica degenerativa, que causa perda da coordenação motora, movimentos involuntários, perda progressiva da memória, transtornos emocionais e um bando de outros sintomas nada agradáveis. Meu pai tinha essa doença. Ele morreu alguns anos atrás, depois de muitos anos miseráveis. — Ele pausou, analisando minha expressão, procurando por uma reação. Eu estava imóvel, mal conseguia respirar. — É genética. Uma alteração em um cromossomo. Cinquenta por cento de crianças com pais portadores da doença também a possuem.

Ele parou, cerrando o maxilar com ainda mais força, como se quisesse provar que podia lidar com aquilo, que podia lidar com tudo. Continuei em silêncio. Apertei sua mão mais forte. Ele engoliu em seco, e, devagar, continuou:

— Quando eu tinha quinze anos, minha mãe me testou para a doença. Foi positivo. Naquele dia, eu encontrei essa camisa em um bazar pequeno perto da nossa casa em São Paulo. Pedi que ela bordasse o número no bolso. — Gabriel passou os dedos sobre os números irregulares, como um reflexo de um hábito. — É o número de pessoas no mundo no ano em que eu nasci. Acho que, de certa maneira, eu queria lembrar que tem muita gente por aí, com muitos problemas só deles. O número me relembra que não estou sozinho, que sou insignificante, só uma parte pequena de algo enorme. É reconfortante.

Ele parou de falar, cortando aquele fluxo que me deixou tonta. Tentei fazer suas palavras fazerem sentido, tentei entender, ao menos superficialmente, o que ele sentia. Mas não pude, é claro que não pude. Então apenas segurei sua mão como se pudesse segurar seu mundo inteiro, como se pudesse parar o tempo.

— Sinto muito — murmurei com um farrapo de voz.

Ele balançou a cabeça e levantou o queixo, como se me desafiasse a sentir pena. Percebi que havia muito mais ali que fragilidade. Muito mais que medo. Havia força, havia esperança.

— Não há cura?

Gabriel balançou a cabeça negativamente. Engoli em seco. Senti a súbita vontade de chorar, mas sabia que não tinha o direito de fazê-lo.

— Quando os sintomas começam a se manifestar, sobram talvez dez anos bons, se eu tiver sorte. — Ele se virou para mim, me olhou do alto daqueles olhos caleidoscópicos. Então sorriu. — Não é inteiramente ruim. Cada dia é um presente, Alicia. Não tenho mais medo de aproveitá-lo.

— Você nunca fica com raiva? Nunca quer desistir?

Me arrependi da pergunta assim que a fiz. Que tipo de pergunta era aquela? Gabriel não parecia ofendido.

— Às vezes eu acordo e quero desistir dessa merda toda, sabe? Quero gritar com o universo e socar paredes. Mas aí eu lembro que é inútil, que o único modo de me rebelar contra essa porra toda é viver minha vida da melhor maneira possível.

Tirei minha câmera da bolsa e apontei a lente para o rosto dele. Através da lente, vi algo inteiramente novo. O vidro estilhaçado em seus olhos. A esperança tentando emendar os pedaços. Tirei a foto no exato momento em que ele olhou pra mim.

— Por que fez isso?

Guardei a câmera de volta e olhei para ele.

— Por que quero lembrar desse momento. Do que você disse — senti meu rosto esquentar. — Quero lembrar de você.

O ar estava estático, o tempo parecia suspenso. Às vezes, anos pareciam se encaixar no infinito de um minuto. Ali, debaixo daquela árvore nodosa, com os ruídos dos pássaros acima de nós, o tempo pareceu se estender, dobrar-se a uma força ainda mais poderosa.

— Você ainda me deve um segredo. — Ele falou, baixinho, como se temesse quebrar aquela conexão.

Ajeitei meu corpo rapidamente, ansiosa.

— O que quer saber?

Ele inclinou a cabeça, parecendo ponderar a próxima pergunta.

— Por que saiu correndo naquele dia, no Galeria?

Meu primeiro instinto foi mentir, dizer que estava me sentindo mal e por isso fugi, mas pensei na honestidade dele e as palavras que se seguiram foram a mais pura verdade.

— Vi minha melhor amiga morta.

Gabriel arregalou os olhos e franziu o cenho, alarmado. Quase ri.

— Literalmente?

— Claro que não. Quer dizer... acho que não.

Respirei fundo. Ele esperou que eu continuasse.

— Alguns meses atrás, minha melhor amiga, Valentina, se suicidou. Nós tínhamos essa antiga tradição de sempre enterrar cartas na véspera de ano novo e lê-las no ano seguinte. Esse é o verdadeiro motivo de eu ter voltado para Farol da Ilha esse ano. Encontrei seis cartas enterradas no meu quintal. Cartas dela. E, desde então, venho fazendo o que ela me diz pra fazer.

Gabriel ficou parado alguns segundos, de boca aberta, parecendo intrigado.

— Você deve me achar maluca — disse, pela segunda vez desde que o conheceu.

Ele riu.

— Completamente, mas, cá entre nós, normalidade também é superestimada.

Estreitei os olhos, surpresa. Não esperava essa reação. Esperei ele levantar e sair correndo, para longe da garota maluca que andava por aí vendo fantasmas, mas ele não o fez. Permaneceu exatamente onde estava, os cabelos castanhos bagunçados apontando em todas as direções, o semblante relaxado, como se estivesse exatamente onde queria estar.

— Quero te mostrar uma coisa.

Tirei de dentro da mochila o ipod cor de rosa e um fone de ouvido. Gabriel observou o adesivo na parte de trás com avidez.

— 100 canções para salvar a sua vida. Legal.

Liguei o aparelho e esperei a tela se iluminar.

— Valentina deixou pra mim, junto com as cartas.

Desci pela playlist que não parecia seguir nenhuma ordem específica até encontrar a música que estava procurando. *The man who sold the world*, do Nirvana. Coloquei um dos fones no meu ouvido e o outro no de Gabriel. As primeiras notas na guitarra inundaram nossos ouvidos, e eu vi Gabriel ser completamente tomado. Algo extraordinário acontecia quando ele se conectava com uma canção. Era como observar um pôr do sol, perplexo por sua simplicidade que compelia a tudo, a todos.

A letra intensa na voz rouca de Kurt começou, e eu fechei os olhos e deixei a música curar tudo, me fazer esquecer tudo. Quando os abri novamente, Gabriel começou a tocar instrumentos invisíveis em seus jeans rasgados, e eu ri, acompanhando-o com minha guitarra imaginária.

— Não sei o que é sobre Nirvana. Não é que o Kurt tenha uma voz extraordinária ou que seja o melhor som que já ouvi. Mas há algo na música deles que simplesmente não pode ser ignorado, entende? Um magnetismo.

Lá estava ele novamente. O garoto da estação. O cara com quem eu havia falado em frente a um palco empoeirado. O brilho nos olhos, a animação que o fazia inclinar-se para frente e mexer o corpo inquietamente. A música parecia ligar algo dentro dele.

— *The man who sold the world* é minha música favorita deles. Não sei o que é sobre ela. Sempre me causa arrepios — comentei, aumentando o volume.

Cantamos juntos, e eu me peguei mais uma vez envolvida pela voz dele. Quando a música finalmente cessou, toda a tensão causada pela conversa anterior tinha desaparecido.

— Todos os meus heróis cometeram suicídio — disse, subitamente.

— Todos? — Gabriel indagou.

Dei de ombros.

— A maioria. Kurt Cobain, Ian Curtis, Virginia Woolf, Marilyn Monroe, Ernest Hemingway, Van Gogh. Valentina. Todos eles.

^[2] — Van Gogh não conta. O cara era maluco o suficiente para cortar a própria orelha. — Ele disse, rindo.

Pensei em Valentina, nos seus mistérios, nos seus segredos. Engoli em seco.

— Li em algum lugar que Kurt escreveu na sua carta de suicídio que era melhor queimar do que apagar aos poucos. Você acha que é por isso que eles fazem isso? Por que queimam forte demais, são intensos demais? — Pausei, pensando na energia intensa, quase destrutiva, que emanava de Valentina, envolvendo a todos que se aproximassem. — Valentina era assim. Ela queimava mais intensamente do que qualquer um que eu já vi. Mas não era felicidade, sabe? Era algo diferente.

Gabriel pegou um dos meus cachos entre os dedos e brincou com ele, parecendo pensar no que dizer.

— Não acho que essa seja a única razão. Acho que arte verdadeira, daquela que muda tudo, que muda as pessoas, é criada a partir da dor. Algumas pessoas tiram algo bom dela, a transformam em algo belo. Mas nem todo mundo consegue lidar com essa dor, então eles desistem. Não é apenas sobre pessoas extraordinárias, mas dores extraordinárias.

Absorvi suas palavras em silêncio, pensando na dor de Valentina. Ela queria me dizer o que era. Estava tentando me mostrar. Eu precisava entender, precisava decifrar aquelas cartas, aquela foto.

— É por isso que você fotografa, não é? — A voz de Gabriel me trouxe de volta a realidade.

Balancei a cabeça, confusa.

— Como assim?

— Você quer exorcizar seus demônios. Quer ver a beleza como ninguém mais vê. Escolheu transformar a sua dor em algo

extraordinário.

Sorri para ele, tentando ver o que ele via. Tentando enxergar a mim mesma através de suas lentes.

— Talvez eu só goste de me esconder atrás da câmera.

Ele inclinou a cabeça, o vento fazendo seus cabelos, e os meus, balançarem em todas as direções.

— Você não me parece o tipo de garota que se esconde.

Sorri. Travamos nossos olhares naquela dança lenta, envolvente. Ali estávamos, compartilhando nossos medos, nossas dores. Eu não sabia se elas eram extraordinárias. Mas sabia, com toda certeza, que aquele momento, aquela energia, era. Então, sem medo, eu a deixei queimar.



*Então não vá embora
Diga o que disser
Mas diga que ficará
Para sempre e mais um dia
Na minha vida
Don't go away - Oasis*

— O que você acha de me ajudar a desvendar um mistério?

Essa foi a pergunta que começou uma das tardes mais insanas da minha vida. Gabriel me olhou de rabo de olho, debaixo da velha árvore.

— Sempre quis que alguém me perguntasse isso. — Ele riu.

Levantei-me em um rompante e estendi a mão, convidando-o a me acompanhar.

— Então vem comigo, *cowboy*. Quero te levar a um lugar.

Ele ergueu uma sobrancelha, um meio sorriso debochado nos lábios cheios.

— É esse o momento em que eu devo começar a me preocupar? Vamos a alguma coisa abandonada? Devo avisar, sou um covarde. — Ele riu, arregalando os olhos de maneira dramática.

Revirei os olhos.

— Você já seguiu a garota maluca até uma cidade no meio do nada. Quão pior pode ficar?

Pensando bem, gostaria de não ter dito aquilo. A voz de Tasha surgiu na minha cabeça, dizendo que essa frase jamais devia ser pronunciada.

Sem hesitar, Gabriel ergueu o corpo. Agarrou minha mochila no chão e sacudiu a terra dos jeans rasgados.

— Vai me dizer onde estamos indo?

Senti meus lábios se curvarem para cima, um frio no estômago que eu era incapaz de explicar.

— E qual a graça nisso?

Levantou as sobrancelhas, desconfiado. Estendi a mão. Ele a pegou, sem pestanejar.

— Devo confiar em você?

Dei de ombros, tentando parecer misteriosa.

— Não sei. Você decide.

Ele deu alguns passos para frente, me acompanhando.

— Você confia em mim? — indagou.

Olhei pra ele de soslaio.

— Mal o conheço.

Ele balançou a cabeça.

— Isso não é verdade — afirmou, convicto.

Ignorei os arrepios que suas palavras provocaram e continuei caminhando. Nunca respondi se confiava nele ou não. Ele também nunca me disse se confiava em mim. Contudo, conforme caminhávamos para longe do hospital, soube que confiava.

Mandei uma mensagem para Tasha pedindo para que ela checasse meu pai. Então arrastei Gabriel para longe, para a raiz de tudo aquilo. Para o lugar onde eu sentia que as respostas estariam.

Eu o levei ao Farol.

Estava tudo exatamente como eu tinha deixado. A mesma superfície empoeirada, o tijolo ainda levemente solto na parede. Apenas o mar estava diferente. Como um espelho magnífico, ele refletia o cinza intenso das nuvens pesadas que começavam a surgir, levando o calor sereno que a manhã trouxe.

— Nossa, nunca vi um lugar como esse. — Gabriel disse, maravilhado, observando a vista com olhos vidrados que absorviam tudo. Ainda estava levemente ofegante devido ao lance de escadas que tivemos que subir até ali.

Toquei a superfície irregular das paredes, cuja tinta descascava aos poucos.

— É meu lugar favorito.

Caminhei até a borda de ferro que cercava o farol e fechei os olhos, sentindo o vento ferino no rosto. Senti Gabriel se aproximar.

— Acho que é isso que eu vejo quando penso na minha infância, sabe? Esse farol. — Abri os olhos devagar, apenas para me ver diante daquele caleidoscópio de um verde intenso. — Meu primeiro beijo foi aqui. Minha primeira vez foi aqui. Fumei escondido aqui. Vínhamos aqui para caçar fantasmas quando tínhamos oito anos.

— Já encontrou algum? — Gabriel arqueou as sobrancelhas de uma maneira provocante, modificando a voz para parecer mais assustador.

— Claro. O tempo todo. Tem um atrás de você agora mesmo. — Acenei alegremente. — Oi, Ben!

Gabriel colocou as mãos no peito dramaticamente e olhou para trás com um olhar de falso pânico. Ri baixinho.

— Quero te mostrar uma coisa.

Gabriel arqueou levemente uma sobrancelha, um brilho quase indecente em seus olhos. Ele exibia seus pensamentos como uma tela em movimento, era tão claro, ali nos nuances de sua expressão.

— Vai tirar as roupas de novo? — Ele riu. — Por que eu apoio a ideia.

Estralei a língua, como se tivesse profundamente decepcionada.

— Você sempre acaba com a surpresa.

Tirei da mochila um dos familiares envelopes cor de creme, no qual o número 3 escrito com caligrafia impecável parecia desenhado em carvão. Estendi o envelope para Gabriel, que o pegou com um olhar hesitante.

— Essa é uma das cartas dela?

Acenei em silêncio.

— O que quer fazer com ela?

Respirei profundamente, sentindo a garganta seca, imaginando que tipo de pista ela poderia ter deixado ali desta vez.

— Pode ler pra mim?

Gabriel assentiu, uma expressão intensa no rosto. Não pude dizer se ele entendia o quanto os segundos se esticaram quando seus dedos tocaram o papel, não sei se ele se deu conta da tempestade trovejando em meu peito, ensurdecadora. Sabia, no entanto, que ele entendia a grandeza daquilo para mim, que ele entendia o quão importante era compartilhar aquele pedaço de papel.

Ele desdobrou o papel e começou a ler, o ritmo suave de sua voz, constante, era como a maré alta da primavera, me carregando para longe. No início, era sua voz que eu ouvia, clara e forte. No entanto, conforme as palavras eram ditas, era a voz *dela* em minha mente.

Querida Alicia,

Imagino que tenha encontrado a foto. Se te conheço bem, deve estar imaginando o que ela significa, e por que a deixei para você. Você tem todos os pedaços, Ali. Confio em você para montar o quebra-cabeças. Sei que vai saber o que fazer com as respostas que encontrar. Lembre-se de uma coisa: Todo grande segredo vem com um preço, e uma decisão. Preciso que faça o que eu não pude. Que encontre os pedaços que não consegui encontrar. Tudo fará sentido na hora certa, eu prometo.

Lembra de quando éramos crianças e imaginávamos o mundo além de Farol da Ilha? Lembra o quanto queríamos fugir? Imaginávamos o caminho que seguiríamos, eu e você. Procure na caixa que deixei.

As respostas estão na estrada. Siga-a, Ali. Você sempre pertenceu à ela. Todos os seus sonhos estão lá. Farol da Ilha foi apenas a primeira parada, procure entre as últimas canções na playlist. Encontre a fotografia para cada uma na estrada. Não tenha medo desta vez. Deixe tudo para trás. Verá que deixei algumas coisas no caminho.

Com amor, Valentina.

Gabriel parou de ler de repente, e olhou para mim como se esperasse que eu tivesse todas as respostas. Retornei seu olhar com igual confusão. Esfreguei o rosto, frustrada e bufei.

— Às vezes me pergunto se ela está tentando não fazer o menor sentido ou se vem naturalmente.

Ele se aproximou, devagar, como se pedisse permissão. Deixei os braços caírem ao redor do corpo, desanimada.

— Ela mencionou uma caixa. — Ele observou, curiosidade acendendo seu rosto.

— Sim. A caixa na qual encontrei as cartas.

— Está com ela agora?

Assenti, fracamente.

— Não a perdi de vista desde que a encontrei.

Ele se aproximou ainda mais.

— Talvez as respostas que ela mencionou estejam aí.

Balancei a cabeça enfaticamente, sentindo a frustração agitar meus ossos.

— São só um bocado de fotos e velharias sem sentido.

Gabriel deu de ombros.

— Não custa tentar.

Vencida, abri a mochila e tirei a caixa de lá. Abri a tampa com cuidado. As fotos foram a primeira coisa que vi. O rosto dela em todas elas, às vezes sorrindo. Mesmo quando seu rosto se iluminava com um sorriso radiante, seus olhos pareciam vagar, tristes.

Tirei as fotos do caminho com um nó na garganta. Embaixo delas, cartões postais, algum dinheiro, papéis soltos e mais uma quantidade alarmante de velharias. Suspirei.

— Não tem nada aqui.

Gabriel observou a caixa atentamente.

— O que é aquilo?

— O quê?

— Aquilo. — Ele apontou para um papel envelhecido, com as bordas corroídas pelo que pareciam mordidas de rato.

Peguei o papel sem muito interesse. Era um velho mapa que Valentina e eu tínhamos desenhado, uma rota de viagem. A viagem de carro que faríamos assim que tivéssemos dezoito anos. Desenhados em uma letra infantil, uma linha contínua levava a nomes como Gramado, Búzios, e dezenas de outras cidades. Embaixo de algumas delas, coisas que queríamos fazer. Pular de Asa-Delta no Rio, beijar um estranho em um show da nossa banda favorita, comer o maior bife que conseguíssemos encontrar em um restaurante de beira de estrada, dormir em um hotel barato. A lista continuava por alguns outros itens absurdos que pareciam incrivelmente glamorosos para garotas de treze anos.

Gabriel tocou as bordas do papel, lendo com avidez.

— Por que esse ponto está circulado?

Apontou para um ponto na cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais. Um círculo vermelho tinha sido desenhado com caneta ao redor desse ponto na linha. Franzi o cenho.

— Não me lembro de ter feito isso.

Virei o mapa ansiosamente, uma sensação quente de antecipação queimando nas veias. Arfei quando vi o que estava escrito ali atrás, na caligrafia infantil de Valentina.

— É um endereço.

Gabriel inclinou a cabeça para observar melhor os números no papel.

— Conhece esse lugar?

Balancei a cabeça.

— Nunca nem fui em Minas. Até onde eu sei, Valentina também nunca foi lá.

Estava começando a entender que havia muito sobre ela que eu não sabia. Encaramos o mapa em silêncio, observando o círculo vermelho como se ele fosse se metamorfosear em nos revelar algum segredo.

— O que vai fazer agora?

Virei o mapa, e depois suspirei profundamente.

— Sei que parece loucura, mas tenho que ir nessa viagem. Tenho que fazer isso. Preciso encontrar esse endereço.

Gabriel não disse nada, apenas assentiu em silêncio enquanto eu ponderava. Por que não Tasha? Ela tinha sido, diversas vezes, muito mais próxima de Valentina do que eu. Então por que era eu naquela missão impossível? Por que era eu com aqueles envelopes nas mãos?

A resposta me atingiu quase tão rápido quanto a pergunta. Ela sabia que eu não poderia ignorar as cartas. Sabia que assim que eu as tivesse em mãos, não ia parar até entender o que significavam. Tasha conseguia deixar as coisas pra lá. Eu não.

— Como ela era? — A voz suave de Gabriel me puxou de volta.

Franzi o cenho, tentando encontrar as palavras certas.

— Ela era livre. Impulsiva, instável e incrivelmente interessante. Parecia sempre ter as respostas para tudo. Bem misteriosa, também. A conheci por mais de dez anos, e ainda assim, às vezes acho que não sei nada sobre ela.

Gabriel me analisou com aqueles caleidoscópios de um verde intenso que parecia mais escuro cada vez que eu o olhava. Era uma das coisas que eu mais gostava nele. Ele sempre sabia quando palavras não eram necessárias.

— Tasha diz que ela era egoísta e egocêntrica, e que as cartas são só sua maneira de continuar sendo o centro dos nossos mundos, mesmo depois de morta.

— É isso que você acha?

Balancei a cabeça.

— Não. Acho que ela está me dando uma chance. De fazer o que sempre disse que faria, de ser quem eu sempre disse que seria. Ela sempre dizia que eu me escondia de tudo o que pudesse me machucar de novo. Acho que as cartas são a forma de me fazer parar.

Gabriel estendeu a mão e tocou a pele sensível da minha bochecha. Fechei os olhos, sentindo a suavidade dos seus dedos ali, a onda de eletricidade em cada lugar que ele tocava. Seu cheiro suave de sabonete me envolveu, assim como naquele dia do lado de fora do Galeria. Podia sentir seus lábios perto dos meus, como uma força me puxando para si. Estava prestes a tocá-los novamente quando senti o impacto, mais forte dessa vez, de sua mão em meu rosto, quase como um tapa.

Abri os olhos, alarmada e prestes a socá-lo. Dei de cara com seus olhos arregalados, espantados. Ele olhava para sua mão como se não a reconhecesse, como se a quisesse longe de si. Não estava entendendo o que tinha acontecido até notar o espasmo involuntário dos seus dedos, tremendo.

— Alicia, eu... Me desculpa... eu....

Engoli em seco. Ele agora parecia apavorado. Lembrei do que ele tinha me dito debaixo da árvore no hospital. Sobre sua doença. Devagar, me aproximei dele. Ele recuou, parecendo confuso.

— Está tudo bem — tentei confortá-lo, colocando sua mão trêmula de volta na minha bochecha. — Está tudo bem.

Agarrei seus dedos trêmulos e os coloquei entre os meus. Coloquei minha mão em sua nuca e o fiz olhar para mim. Seus lábios agora também tremiam, mas eu duvidava que tivesse algo haver com Huntington dessa vez.

— Isso já tinha acontecido antes?

Gabriel balançou a cabeça negativamente.

— Geralmente demora mais tempo pra isso acontecer. Só tive tremores leves até agora, quando estou nervoso ou com raiva.

Mesmo a alguns centímetros de distância, eu podia ouvir seu coração esmurando sua caixa torácica. Ele, que sempre parecia tão calmo, parecia prestes a desabar.

— Te deixo nervoso? — perguntei, tentando aliviar um pouco da tensão que tinha se estabelecido entre nós.

— Como ninguém. — Ele retrucou, tão perto que eu podia ver suas pupilas dilatarem-se, engolindo o verde nos olhos dele.

Toquei sua bochecha, como ele tinha feito alguns segundos antes. Mantive meus olhos nos dele, e fui sugada por aquele verde inacreditável. Cheguei mais perto, até que ele fosse tudo que eu sentia. Deslizei meus dedos pelo seu braço e segurei sua outra mão. Podia senti-lo se acalmando. Eu, no entanto, sentia que podia explodir a qualquer momento.

Tirei os cabelos bagunçados dos seus olhos. Estava tão perto agora que podia sentir sua respiração no meu rosto, acariciando-me.

— Está tudo bem — repeti em um sussurro.

Pensei que ele fosse me beijar, mas ele não o fez. Ao invés disso, envolveu meu corpo em seus braços e colocou meus pés, envoltos em um velho coturno encardido, em cima dos seus, cobertos por um All Star vermelho cheio de buracos. Ele tocou minha cintura com suas mãos largas, e nos balançamos por alguns segundos, em uma dança levemente desastrada, enquanto ele murmurava um velho heavy metal que não estava em sincronia alguma com nossos movimentos. Não consegui resistir ao impulso de gargalhar, e, não muito tempo depois, estávamos ambos no chão, as mãos na barriga tentando conter as risadas.

Gabriel parou de rir de repente e olhou para mim, sério.

— Obrigado.

— Não se preocupe. Estive procurando uma desculpa para colocar as mãos em você a manhã inteira.

Ele riu, e aquele sorriso por si só era incrível. Seus lábios cheios, largos, pareciam tomar seu resto inteiro quando ele sorria assim. Ele rolou seu corpo para cima do meu, seus cabelos desgrehados quase tocando minha testa.

— Você não precisa de desculpas.

Podia sentir suas pernas enroscadas nas minhas, seu abdômen reto e apenas levemente musculoso encostado no meu. Eu o queria. Coloquei minha mão em seu pescoço e arranhei a pele sensível ali. Senti seu corpo estremecer. Sem mais delongas dessa vez, ele me beijou.

Mergulhei naquele beijo e deixei que ele me levasse. Seus lábios percorreram cada centímetro do meu corpo, sem pressa, como se ele tivesse todo o tempo do mundo para saborear aquele momento. Deslizei sua camisa de flanela por seus ombros e puxei

sua camiseta pela cabeça, até que ela estivesse no chão ao nosso redor. O despi com uma fome voraz que nunca tinha sentido antes. Minha pele queimava, minha respiração ofegante parecia misturar-se com a dele, até que o mundo inteiro perdeu a cor e textura comparado ao seu toque. Era tudo uma onda tão intensa de sensações que eu mal notei como minhas roupas acabaram no chão, junto com as dele. Ele parou por um segundo, os lábios separados em um quase suspiro.

— Tem cer...

Coloquei meus dedos em seus lábios antes que palavras pudessem escapar. Ambos sabíamos que depois que a noite caísse nós tomaríamos caminhos diferentes, e a última coisa que eu queria era que palavras estragassem o momento. Coloquei meus lábios sobre os seus, sentindo seu cabelo macio fazer cócegas em meu nariz. Envolvi sua cintura com minhas pernas. Pude sentir seu sorriso em meus lábios, e depois disso, o mundo se dissolveu. Ao menos naquele momento, eu era dele, e ele era meu.



*Eu estou a caminho
Eu estou no meu caminho de volta pra onde eu comecei
E todos os lugares onde eu nunca estive
Down the Valley - The Head and The Heart*

Acordei na manhã seguinte com algo vibrando. Abri apenas um olho, franzindo o cenho devido aos raios intensos de sol que inundavam o farol, colorindo tudo com um suave tom de laranja. Peguei minha mochila no chão onde estava deitada e envolvi meus dedos no telefone.

— Alô? — atendi, com a voz sonolenta.

— ONDE DIABOS VOCÊ ESTÁ? — Tasha gritou do outro lado da linha.

Afastei o celular da orelha, tentando fazer o som da sua voz parar de ressoar na minha cabeça.

— Calma, Tasha. Estou no farol.

— Você está maluca? Desaparecendo sem dizer pra onde estava indo? Sem atender minhas ligações o dia e a noite inteira? Quer me matar do coração?

Esfreguei os olhos devagar e suspirei.

— Desculpe, nem pensei nisso, ou em muitas outras coisas também. Estou com Gabriel.

Um momento de silêncio se fez ouvir do outro lado da linha.

— O QUÊ? COMO? COMO ELE TE ENCONTROU?

Afastei o telefone da orelha e esperei ela terminar de gritar, envolta naquela sua bolha de empolgação.

— Tasha, não consigo responder todas as suas perguntas ao mesmo tempo.

Ela bufou do outro lado da linha.

— Lucas está com ele?

— Não, acho que o resto da banda está esperando na próxima cidade onde eles vão tocar.

Pude sentir sua decepção mesmo sem poder ver seu rosto. Ela pigarreou, então, com a voz atrevida, perguntou:

— Vocês... sabe... dormiram juntos?

Sabendo exatamente ao que ela se referia, corei levemente.

— Sim — respondi, corando.

— Ai meu Deus! Foi incrível?

Parei por um segundo, as lembranças da noite anterior, do corpo forte de Gabriel entrelaçado ao meu, fazendo meu corpo esquentar.

— Sim — sussurrei, como um segredo, para não acordar Gabriel, que ainda dormia pacificamente ao meu lado. — Foi maravilhoso.

Tasha explodiu mais um bocado de perguntas.

— Pensei que você não tivesse deixado nenhuma forma dele te encontrar.

A voz dela estava tão esganiçada de empolgação que era quase impossível entender o que ela dizia.

— Não deixei. Mas falei que estava ficando em Farol da Ilha. Você sabe como a cidade é pequena. Não foi difícil me encontrar.

Tasha soltou um gritinho empolgado.

— Vocês se reencontraram duas vezes quando eu achei que nunca mais se veriam. Sabe o que isso significa?

— Que ele tem boa memória? — debochei. — Que estávamos na mesma BR, então faz sentido que tenhamos ido pro mesmo lugar?

Ela bufou do outro lado da linha, causando um chiado.

— Não. Isso significa que é o destino.

Revirei os olhos.

— Posso sentir você revirando os olhos daqui. — Tasha afirmou, do outro lado do telefone. Eu ri. Como diabos ela sabia?

— Não acredito em destino, Tasha. É pura bobagem — pausei por um segundo. — Meu pai está bem?

— Sim. Fui visitá-lo ontem. Acho que ele vai ser liberado amanhã. — Houve um silêncio cauteloso do outro lado da linha. — Ele quer ficar na clínica. Ir para reabilitação.

Antes que eu tivesse tempo de reagir à notícia, ouvi Gabriel resmungar um pouco ao meu lado e então voltar a dormir.

— Tenho que ir. Ele está acordando. Vou estar de volta ao hotel em breve, prometo.

Antes que ela dissesse mais alguma coisa, desliguei o telefone.

Voltei minha atenção para Gabriel, e o observei dormir pelo que pareceram horas a fio. Estávamos ambos deitados em uma cama improvisada feita de nossas roupas. Ele parecia pacífico enquanto dormia, um braço longo e esculpido atrás da cabeça, as maçãs do rosto interessantes e angulares relaxadas, exibindo a sombra dos cílios longos, os cabelos iluminados pela luz amarelada do sol. O peito exposto, com fios levemente dourados espalhados pelo torso nu. Queria repetir tudo o que havíamos feito na noite anterior.

Pensei em acordá-lo e começar tudo novamente, mas algo me impediu de fazê-lo. Assim que ele abrisse os olhos, teríamos que nos despedir. Ele voltaria a sua turnê com a banda e eu partiria para seguir a trilha da lista de lugares que Valentina havia deixado.

Então, ao invés de acordá-lo, peguei uma caneta e um pedaço de papel na mochila e escrevi um bilhete para ele, deixando meu número de telefone e e-mail.

Levantei, tentei achar minha calcinha e sutiã no meio da bagunça que havíamos deixado espalhada no chão, vesti meu vestido rapidamente, enfiei os coturnos no pé e estava prestes a ir embora quando percebi que Gabriel estava acordado, e me observava atentamente.

— Fugindo na manhã seguinte. Você sabe como fazer um cara se sentir usado. — Ele sorriu de uma maneira charmosa, mas havia um traço de mágoa em seu tom.

Engoli em seco e pensei no que dizer.

— Não sou boa com despedidas.

Gabriel se apoiou nos cotovelos, ainda seminu e deitado no chão do farol, com os cabelos desgrehados e expressão preguiçosa de quem acabara de acordar. Senti meu corpo esquentar.

— Vem cá. — Ele indicou o lugar ao seu lado no chão levemente empoeirado.

Suspirei, tentando decidir se saía de uma vez ou se ficava lá, com ele. Derrotada, caminhei até ele e me sentei ao seu lado. Ele sorriu, aquele sorriso meio de lado, solto, que fazia seu rosto inteiro se transformar.

Esperei que ele dissesse alguma coisa, mas ele não o fez. Apenas afastou um cacho definido do meu rosto e me observou pelo que pareceram segundos intermináveis, então, devagar, me beijou.

— Quem disse que isso é uma despedida? — perguntou. — Pense nisso como um “até mais”.

Franzi o cenho, prestes a dizer alguma coisa que provavelmente estragaria tudo. Decidida a não fugir dessa vez, sussurrei um “até mais” perto do seu ouvido e o deixei me envolver em seus braços longos.

— Até mais. — Ele sussurrou de volta.

No entanto, não nos separamos, não nos movemos um centímetro sequer. Fechei os olhos e respirei fundo, deixando o cheiro dele, suave como as ondas que atingiam o farol, preenchesse meus pulmões. Tracei linhas preguiçosas em suas costas com as pontas dos dedos, em silêncio, temendo que as palavras quebrassem a magia que nos envolvia naquela calma amena.

Com as pontas dos dedos frias, ele afagou meus cabelos com uma delicadeza ímpar que de alguma maneira o servia perfeitamente. Estava começando a perceber que ele adorava fazer aquilo. Havia algo em seus olhos, uma saudade intensa e desoladora. Pelo modo como ele absorvia meus traços, perdido nas linhas do meu rosto, eu podia jurar que aquela saudade, aquela vontade, era pra mim, por mim. Contudo, aquilo não fazia sentido, fazia? Eu estava bem ali, em seus braços. Ele estava bem ali, nos meus.

— Vai mesmo seguir o mapa? Viajar por aí, sozinha?

Suspirei, pensando a respeito.

— Acho que é algo que preciso fazer.

Ele assentiu, como se entendesse.

— Além disso, Natasha vai estar comigo. Ou pelo menos espero que sim. Ela vale por um exército.

Uma onda de excitação abalou meu estômago, causando um estranho frio na barriga. Em apenas algumas horas, eu estaria na

estrada. Viajando, sem dinheiro, sem nenhum plano claro além do que minha amiga morta havia me deixado. Eu deveria estar assustada. Deveria achar que era loucura. No entanto, tudo o que eu sentia era uma força poderosa, quase uma necessidade ansiosa, de partir. De me aventurar. De descobrir o que Valentina estava tentando me dizer.

— Quando minha mãe morreu, eu perdi algo, sabe? Algo essencial. Acho que é o que acontece quando alguém que você ama para de existir. A parte que eles ocupavam simplesmente fica lá, vazia.

Cerrei os dentes, surpresa com a enxurrada de palavras que deixava minha boca, mas incapaz de pará-las.

— Ela estava indo para minha primeira exposição de fotografia, em Búzios, bem perto daqui. Meu pai nunca foi o mesmo depois que ela morreu. Ele me culpava, e eu também me culpava. Não sei o que teria feito sem Valentina. Ela me salvou.

Gabriel envolveu meus ombros com um dos braços. Encostei minha cabeça em seu peito e fechei os olhos. Suavemente, ele levou seus lábios à minha testa, os dedos desfazendo os padrões intrincados dos meus cachos. Ele esperou que eu continuasse, seu corpo sólido fazendo com as palavras saíssem com facilidade

— Fiquei em casa trancada por semanas, só ouvindo o som da bebedeira do meu pai toda noite. Um dia, ela simplesmente surgiu na minha porta, com o carro que roubou da tia, e disse que estávamos indo em uma viagem. Nem me deu tempo de responder. Dirigimos por horas, tentando evitar a polícia. Nem tínhamos carteiras ainda. Seguimos por cidadezinhas pequenas. Por dois dias

inteiros, eu não pensei em nada além da estrada. Fizemos aquele mapa que estava na caixa naquele dia.

Gabriel riu, fechando os olhos como se pudesse imaginar a cena. Duas garotas menores de idade atrás do volante, dirigindo sem rumo.

— As pessoas falam em *carpe diem* o tempo todo. Em aproveitar o dia, o futuro que se dane. Mas eu acho que até você estar na estrada, sem rumo, sem uma rota definida, com apenas uma mochila nas costas e a disposição de deixar as coincidências te guiarem, você não experimentou liberdade de verdade. — Gabriel falou, aquele sorriso deslumbrado no rosto, os músculos relaxados. — Eu amo fazer música, mas, sinceramente, viajar com a banda é a melhor parte.

Deus, ele era lindo.

— Posso te fotografar?

Gabriel riu.

— Claro. Aprecie toda a gostosura do meu corpo magrelo — disse, dando uma piscadela.

Peguei a câmera na mochila, rindo. Tentei capturar tudo sobre ele, o modo como a luz matinal iluminava sua pele, conferindo-a um tom dourado. O modo como ele se movia, com uma graciosidade despreocupada. As ondas de um castanho rico, que acompanhavam a linha elegante do seu pescoço. O tempo todo, Gabriel fazia poses ridículas que dificultavam o meu trabalho.

— Fique quieto, criatura! — exclamei, as gargalhadas já se ajustando às dele.

— Você ama fazer isso, não é?

— O quê? — perguntei. — Te ver com um dedo sexy na boca?
Não, muito obrigada.

— Não. Fotografar.

Movi a câmera, sentindo o peso dela nas mãos, o som do obturador.

— Sim. Eu realmente amo. Parei por alguns anos, depois da morte da minha mãe. Mas, quando comecei a receber as cartas, comecei de novo.

— Que bom. Você é muito boa nisso.

— Você nunca viu nenhuma das minhas fotos.

Ele deu de ombros.

— Eu simplesmente sei.

Rindo, tirei uma nova foto, dessa vez apenas do seu rosto.

Coloquei a câmera de volta na mochila, os dedos quase inconscientemente tocando a caixa. A superfície áspera era um lembrete do que estava lá dentro. Da foto. A foto! Me afastei de Gabriel em um pulo, os olhos arregalados. É claro, a foto!

— O que foi?

Abri a mochila, tirei a foto de dentro e encarei os três sorrisos forçados pelo que me pareceram horas.

— Nada. Tem um lugar que preciso visitar antes de ir embora.

Gabriel me fitou com curiosidade, no entanto, não dei mais detalhes da minha súbita epifania. Coloquei a foto em seu devido lugar novamente, enterrando Marco, Valentina e Tia Maria bem fundo naquele mar de tecido desgastado.

— Gabriel?

Abri a boca, mas nenhum som saiu dela. O que eu poderia dizer? “Muito obrigada por todo o sexo selvagem. Falando nisso,

sei que mal nos conhecemos, mas acho que estou me apaixonando por você”. Uma risada tola escapou por entre meus lábios com o pensamento. Desistindo, por fim, apenas lancei a ele meu melhor sorriso matador e disse, em um tom de voz aveludado.

— Adorei passar a noite com você.

Ele abriu um sorriso gigantesco, que tomou quase todo o rosto, transformando suas feições agudas em algo suave. Parecia prestes a dizer algo. Beijei-o antes que as palavras deixassem sua boca. A última coisa da qual precisava era uma despedida.

Então eu o beijei novamente. E mais uma vez. E mais uma vez.



*Diga-me o que você quer ouvir
Algo que agradará aos seus ouvidos
Estou cansado de tudo que não é sincero
Então vou entregar todos os meus segredos
Desta vez
Secrets - One Republic*

Algumas horas mais tarde, depois de passar no hotel para pegar Tasha e de uma breve visita ao hospital para checar meu pai, que dormia profundamente, Tasha e eu nos encontramos em frente a um local que não víamos há muitos meses. A casa de Valentina.

A pequena casa ficava espremida entre a escola municipal e a padaria da dona Marta. O portão branco e delicado deixava a casa visível, sua estrutura frágil marcada por vincos causados pelo tempo. Alguns tijolos a mostra conferiam a casa um ar descuidado.

— Será que tem alguém em casa? Está tudo tão silencioso.

Dei de ombros.

— Vamos descobrir.

Estendi meus dedos extremamente magros até a campainha e toquei. Depois de alguns segundos sem resposta, toquei novamente. Nenhum som ecoou através dos tijolos à mostra.

— Maria! — gritei.

— Vamos embora, Ali. — Tasha suplicou, o rosto contraído em uma expressão séria. — Nunca gostei dessa mulher. Tenho uma sensação ruim sobre ela.

— Você não gosta de ninguém.

— Verdade. — Ela deu de ombros. — Mas com ela é mais que isso.

Bati no portão com força algumas vezes, esperando.

— Ela é a única que pode me dizer mais sobre aquela foto — bati o pé, teimosa.

Depois do que me pareceram horas, uma mulher de cabelos escuros e frisados presos em um rabo de cavalo bagunçado e

círculos escuros marcando a pele pálida debaixo dos olhos apareceu na soleira da porta, a testa franzida destacando as marcas da idade.

— Alicia? Natasha? — perguntou, surpresa, com as mãos na frente dos olhos para lutar contra os impiedosos raios de sol.

— Oi, dona Maria — acenei, alegremente.

Maria se aproximou do portão em passos hesitantes, os lábios comprimidos com certa desconfiança. Abriu um sorriso um pouco forçado que evidenciava as marcas de descuido em seu rosto e abriu o portão, indicando com um gesto para que entrássemos.

— Querem entrar, meninas? — disse em um tom açucarado.
— Tem um cafezinho fresco pronto lá dentro.

Natasha entrou na frente, observando as roupas agora extremamente folgadas no corpo magro de Maria com um ar intrigado.

— Não vejo vocês em tanto tempo. Como estão?

— Estamos bem — respondi.

— Como você acha? — Tasha retrucou ao mesmo tempo.

Se Maria percebeu o tom mordaz de Tasha, ela o ignorou. Lancei um olhar de advertência para minha amiga e segui Maria até a sala de estar minúscula, onde o sofá coberto de manchas se espremia entre a parede e a pequena televisão. Ela indicou o sofá com um sorriso débil no rosto. Natasha me cutucou e levantou as sobrancelhas freneticamente, como se quisesse me dizer alguma coisa.

— O quê? — perguntei, quando Maria nos deixou sozinhas e foi buscar o café.

— Ela está sendo legal demais.

Joguei os braços para o ar enfaticamente.

— Preferia que ela nos recebesse com vassouradas nessas suas pernas magrelas?

Natasha se encolheu no sofá, os olhos percorrendo cada centímetro da sala pequena, desde a estante de madeira que descascava até a imagem de uma santa em cima da televisão.

— Você pode ter esquecido, mas eu me lembro com clareza. Essa mulher foi uma cretina quando Valentina morava aqui. Ela era rude, má e sempre fazia questão de diminuí-la na frente de todos. Não sei o que estamos fazendo aqui.

Maria voltou com duas xícaras de café antes que eu pudesse formar uma resposta coerente. Olhei para seu rosto encovado, a pele macilenta contra o cabelo oleoso. Ela parecia tão diferente. Seria o luto fazendo aquilo? Ou algo inteiramente diferente?

— A casa está tão organizada. Marco está viajando? — Tasha perguntou, com a expressão mais inocente que conseguiu fabricar.

Maria recuou como se a pergunta a tivesse atingido fisicamente. Seus dedos tremeram, e gotas do café que ela segurava caíram, quentes, sobre a minha blusa.

— Sinto muito! — Ela exclamou, estendendo as mãos para limpar.

— Não tem problema.

— Então, e o Marco? — Tasha insistiu, e eu tentei chutá-la na canela e passar despercebida.

Maria abaixou os olhos e esboçou um sorriso cansado, sem mostrar os dentes.

— Ele foi embora há mais de um ano, pouco antes de Valentina... — Ela não terminou a frase, não precisava. Todas

sabíamos ao que ela se referia.

Sacudiu os ombros como se tentasse se livrar de uma lembrança ruim.

— Ele terminou comigo em uma mensagem de texto. Nunca mais tive notícias, nem uma palavra. — Maria disse, se encolhendo, a expressão entre a raiva e a dor. — Talvez tenha sido melhor assim.

De repente, como se tomada por lembranças horríveis, seu rosto desabou, adquirindo um aspecto sombrio.

— Chega de falar de mim. — Ela nos cortou, firme. — O que fazem por aqui?

— Estamos só visitando. Viemos passar o ano novo, mas já vamos embora amanhã — respondi.

Maria se sentou em um cantinho no sofá, e eu tirei a mochila dos ombros, procurando por algo que precisava mostrar a ela. Não foi difícil encontrar a foto. Tirei-a da mochila e a coloquei na frente dela, fazendo com que ela se encolhesse ao ver a imagem.

— Eu achei essa foto essa semana, entre algumas coisas antigas. Você se lembra onde foi tirada?

Natasha encarou a foto com aqueles olhos ferozes que analisavam tudo. Depois fixou-os em Maria, como se temesse perder qualquer reação. Maria pegou a foto de minhas mãos, passou os dedos sobre o rosto com o nariz torto de Marco e depois puxou a mão quando chegou ao rosto de Valentina, como se ele queimasse.

— Foi no Rio. Marco nos levou pra lá pra passar um fim de semana.

Tasha espremeu os olhos, desconfiada.

— Eu me lembro disso — disse, levantando-se subitamente. — Ela voltou machucada...

Arregalei os olhos, a lembrança daquele dia voltando como um tornado. Valentina tinha ido passar um fim de semana com a família adotiva, e não tinha nos dito para onde tinha ido até voltar. Chegou um pouco marcada, mas atribuiu os hematomas a uma queda feia na praia.

Tasha parecia agora bem maior do que era, os olhos delineados brilhando, raivosos. Maria parecia se encolher cada vez mais sobre o peso daquele olhar.

— Ela caiu na praia — disse, a voz fina tremendo.

— Jura? — Ela inclinou-se para frente, a voz doce era como veneno de cobra. — Caiu em quê? Nos punhos de alguém?

Maria levantou-se, uma faísca da velha bravura e arrogância surgindo no rosto encovado.

— Quem você pensa que é para aparecer na minha casa e me insultar, menina?

— Eu sou a pessoa que teve que catar os cacos do que você quebrou, sua cretina. — Tasha vociferou.

— Escute aqui...

Levantei de supetão quando percebi o que Tasha estava prestes a fazer. Entrei no meio das duas, os braços estendidos para manter a distância entre elas.

— Parem! Vocês duas.

Tasha inclinou o corpo pequeno para frente, um passo apenas, mas era claro pelos seus punhos cerrados que ela estava prestes a cometer um grande erro. Agarrei seu braço e empurrei de leve em direção a porta.

— Está ficando tarde. Acho melhor pegarmos a estrada.

Dona Maria resmungou alguma coisa incompreensível e não objetou a nossa saída. Tasha liberou o braço do meu aperto e saiu, furiosa. Olhei para trás uma última vez. Maria nos observava ir, parada na soleira da porta, as costas curvadas como se carregasse um peso terrível. Um flash de culpa atravessou seus olhos, antes que ela os abaixasse.

**

Assim que entramos no carro, Tasha me empurrou para fora do banco do motorista.

— Tem certeza que você deveria estar dirigindo nesse estado?

Sentou-se no banco de couro antigo e estendeu a mão pequena para que eu lhe entregasse a chave.

— Sim — grunhiu.

Coloquei o pesado molho de chaves em sua mão estendida.

— Tudo bem. Tente não nos matar.

Ela me lançou um olhar fulminante.

— Foi você quem lançou o carro pra fora da estrada.

— Você nunca vai me deixar esquecer isso, não é?

— Não, nunca.

Tasha tentou encaixar a chave na ignição, mas seus dedos tremiam tanto que era impossível. Quando eu me inclinei para ajudar, ela grunhiu de um modo tão animalesco que desisti de me aproximar.

— Como você pode estar tão calma? — acusou.

— Não sei. Ver você furiosa me acalma.

— Você viu o rosto dela lá dentro? Era pura culpa. Valentina aparecia cheia de hematomas o tempo inteiro. Sempre achei que ela causasse aquilo, depois do que vimos na casa dos Graciano. Mas e se não foi? E se Marco estivesse espancando ela? Deve ser por isso que ela deixou a foto dele com você.

— Pensei que você não se importasse — acusei.

— Me importo agora — informou, raivosa.

— Vamos descobrir o que aconteceu, T. Prometo. Mas precisamos sobreviver pra fazer isso, então por que você não respira fundo e me deixa dirigir?

Ela resmungou algo incompreensível e saiu do banco do motorista, uma determinação ferrenha no olhar.

— Tem algo muito errado com essa história, Ali — disse, a voz cortante. — E vamos descobrir o que é.

Então, juntas e com uma renovada sensação de dúvida e curiosidade, nós partimos.



*O vento sopra enquanto ela morde
Desaparece antes que alguém acorde*

*Um passo sem pensar
Um outro dia, um outro lugar*

Natasha - Capital Inicial

Saímos de farol da ilha poucas horas depois de nosso encontro nada fortuito com Maria. Depois de pegar nossas velhas mochilas e tomar um banho no hotel, Tasha e eu voltamos para a estrada. A sensação de voltar a estar em movimento era fantástica, o material macio do volante em minha pele, o ronronar suave do motor da Kombi, o vento ameno entrando pela janela e a entrelaçando meus cachos selvagens, era tudo tão familiar.

— Não vai se despedir do seu pai?

Balancei a cabeça, engolindo o bolo na garganta que se formou com a pergunta.

— Não. Já fomos no hospital. Já me disseram que ele está bem. Deixei uma carta no quarto dele. Se eu não fosse embora agora, mais cedo ou mais tarde ele me puxaria de volta pro seu drama.

Tasha não falou nada, e fiquei grata por isso. Lembrei do rosto pálido do meu pai na cama de hospital e me senti subitamente culpada. Afastei o sentimento assim que ele surgiu.

— Qual a primeira parada da nossa *road trip* fantasma? — perguntou, enquanto jogava sua mochila desgastada no banco traseiro da Kombi.

As palavras mal haviam deixado seus lábios quando a Kombi começou a perder a velocidade, até parar no meio de uma estrada rural vazia entre Farol da Ilha e o Rio de Janeiro. Aos poucos, depois de um chiado alarmante do motor, paramos completamente. Girei a chave para dar partida. A Kombi roncou debaixo de nós, o som raivoso como uma besta faminta. Tentei dar partida novamente,

e tudo o que consegui foi uma nuvem de fumaça tóxica saindo do escapamento.

— Ao que parece, nossa primeira parada vai ser uma oficina.

Tasha abriu a janela e enfiou a cabeça para o lado de fora. O odor intenso e incômodo da fumaça invadiu o carro, fazendo-a colocar a cabeça de volta para dentro, tossindo como louca.

— Considerando que quase morremos em um trágico acidente menos de três dias atrás dentro dessa belezinha, não é lá uma surpresa.

— Não foi tão ruim assim.

— Claro que não. — Tasha replicou, sarcástica. — Quem se importa com quase morrer quando pode ser resgatada por um homem de belos olhos verdes.

Revirei os olhos, pensando em Gabriel. Onde ele estaria agora? Provavelmente também na estrada.

— Então, estamos no meio do nada, com um carro que não funciona e nossa habilidade mecânica se resume a trocar pneus. Que maravilha. — Ela resmungou.

— Pense pelo lado bom, eu peguei algumas barras de cereal no hotel. Vai demorar até que a gente morra de fome.

Tasha me fuzilou com seus olhos escuros, e eu ri.

— Que bom que você pode encontrar o lado positivo.

— Espere aqui. Vou dar uma olhada e ver se é algo que eu possa consertar.

Desci do carro e analisei o lugar onde estávamos. Ao nosso redor, não havia muito além de uma estrada deserta em péssimas condições onde ninguém parecia transitar e plantações que seguiam por quilômetros, verdes e vistosas, cercando a estrada.

— Droga, por que algo assim nunca acontece em uma BR com muitas pessoas ao redor? — reclamei para mim mesma. Abri o capô do carro, ainda praguejando.

— Tasha, seu celular tem recepção aqui? — gritei, atrás do capô erguido.

— Não. — Ela gritou de volta. — Barras idiotas.

Suspirei e tentei analisar o desastre de fios, conexões e peças que se conectavam. O calor do motor aqueceu meu rosto, tão intenso que doía. Tentei pensar, o que causava o superaquecimento do motor? De repente, a resposta veio.

— Olhe no painel e veja se tem uma luz piscando. Parece a lâmpada do gênio em Aladdin.

— Tem.

Joguei as mãos para cima, animada.

— Ótimo. Pode pegar um vidro cheio de óleo que eu guardo perto dos bancos, por favor?

Tasha saiu do carro, praguejando, e me entregou o frasco. Repus o óleo e fechei o capô, esperando que o motor não tivesse passado do ponto onde pudesse ser recuperado. Voltei para o volante, com Tasha logo atrás de mim. Girei a chave e o carro finalmente ligou. Apenas para parar novamente. Observei o painel e soltei um palavrão, quando percebi o que estava acontecendo.

— O que foi dessa vez?

— Tenho uma boa e uma má notícia. Qual você quer ouvir primeiro?

Tasha fechou uma carranca irritada, as narinas dilatando-se.

— A boa.

— A boa notícia é que eu consertei, pelo menos temporariamente, o problema do óleo.

Ela cruzou os braços finos, cobertos por uma fina camada de suor, desconfiada.

— E a má notícia?

Encostei a cabeça no banco, frustrada.

— Estamos sem gasolina.

Tasha arregalou os olhos já enormes e cercados por camadas grossas de delineador, o que a fez parecer uma personagem aterrorizante de anime.

— Estamos sem gasolina? No meio do nada? Onde não há sinal em nenhum dos nossos celulares?

Tentei não deixar nenhum pânico transparecer.

— Basicamente, sim.

— *Fotze!* — praguejou, no que eu suspeitava ser alemão. Tinha desistido de entender os insultos de Tasha alguns anos antes. Não importa o que fosse, com certeza era uma palavra ruim.

Ela levou um dos dedos até a boca e começou a roer a unha do dedão, como sempre fazia quando estava nervosa.

— Pelo amor de Deus, me diga que você tem álcool em algum lugar nesse carro.

— Na verdade, acho que tem *vodka* em algum lugar lá atrás.

Ela sorriu e jogou os braços ao meu redor.

— Eu te amo.

Ri contra seus cabelos curtos.

— Eu sei. Vamos escrever uma placa pedindo gasolina e esperar um carro passar e nos ajudar.

Tasha me soltou, ajustou os seios dentro da sua camiseta do AC/DC, jogou seus fios curtos repletos de mechas sob os ombros e sorriu.

— Talvez você devesse ir lá fora e balançar as pernas ou algo assim.

— Você quer mesmo sair por aí mostrando as pernas em meio a uma estrada deserta? Achei que você era a rainha dos filmes de terror.

Ela escalou o banco do carona e tentou pegar a garrafa de *vodka* caída atrás do assento do motorista.

— Bem pensado.

Coloquei um bom e velho *The Killers* no rádio e peguei a garrafa das mãos de Tasha, tomando um gole generoso, recebendo o ardor característico do álcool garganta abaixo com gratidão. A introdução inconfundível de *Human* preencheu o carro com sua batida cadente, constante, mágica. Tasha pulou do banco como se ele estivesse repleto de agulhas.

— *Human*! Essa é a melhor canção de todos os tempos! — Ela disse, os braços longos e finos encenando uma dança maluca em uma bateria invisível.

— Você diz isso sobre mais ou menos mil canções.

Ela balançou a cabeça, sacudindo loucamente os fios repicados, as mãos, ainda frenéticas, agora imitavam o movimento de uma guitarra.

— Não é minha culpa se o mundo continua produzindo músicas incríveis.

Quando o refrão começou a tocar no volume máximo, preenchendo a Kombi com sua melodia, nós duas abrimos a boca e

cantamos, a plenos pulmões, daquela maneira que faz o mundo parecer infinito.

— ARE WE HUMAN? OR ARE WE DANCERS?! —
Nossas vozes ecoaram.

Subitamente, Tasha parou de cantar e arregalou os enormes olhos escuros, apontando para a estrada.

— Olha! Tem um carro vindo.

Joguei a garrafa de *vodka* de volta no assento, abri a porta e pulei do carro, com Tasha atrás de mim. Desesperadas, começamos a balançar os braços, gritando como loucas embaixo do impiedoso sol da tarde, enquanto o carro escuro levantava poeira na estrada.

Aos poucos, a Land Rover preta reluzente diminuiu a velocidade. Por causa do reflexo intenso dos raios de sol na lataria do carro, era quase impossível distinguir as feições do motorista. No entanto, assim que pousei os olhos na sombra larga atrás do volante, uma sensação gelada se espalhou pela minha coluna.

A porta se abriu com um clique baixo, e o homem pôs um pé para fora. Observei enquanto ele saía do carro, a postura ereta e certo ar de superioridade. Usava sapatos bem polidos e jeans escuros elegantes. Tinha o cabelo castanho claro cortado bem curto, rente a cabeça. Os olhos estavam escondidos atrás de óculos escuros. A sensação amarga na boca do meu estômago se intensificou.

Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, Tasha estendeu a mão, exibindo seu sorriso mais simpático.

— Oi.

O homem inclinou a cabeça em sua direção, os olhos ainda ocultos, impossíveis de ler. Mas havia algo no sorriso nocivo se

insinuando no canto de seus lábios que me fez querer sair correndo.

— Oi. Está tudo bem aqui? — disse, a voz surpreendentemente fina para alguém tão grande. — Precisam de ajuda?

Involuntariamente, dei dois passos para trás.

— Sim, tivemos um pequeno problema com o carro. — Minha voz soava mais áspera do que eu tinha pretendido.

Tasha se encostou na Kombi, cruzando as pernas de maneira a deixar evidente suas curvas discretas na saia curta. O homem levantou os óculos escuros, revelando um par de olhos negros desagradáveis que percorreram as curvas de Tasha com voracidade. Quis chutá-la para fazer com que ela se afastasse dele, mas decidi que não havia nada com o que se alarmar. Ainda.

— Que tipo de problema? — Ele perguntou, flexionando os músculos definidos embaixo da camisa social, como um pavão exibindo-se.

— Estamos sem gasolina. Será que pode nos emprestar um pouco? Apenas o suficiente para encontrar um posto de gasolina. Temos uma mangueira no porta-malas. — Tasha declarou, usando sua voz doce. Sua voz de flerte.

O homem fechou a porta da Land Rover atrás de si e se aproximou.

— Claro — respondeu.

Estava começando a me convencer de que estava sendo paranoica e que ele realmente só queria ajudar quando sua próxima pergunta me fez levantar a cabeça, levemente em pânico.

— Então... como duas garotas gostosas como vocês se meteram em uma situação assim tão perigosa? — falou, a voz

assumindo um tom lânguido.

Fechei as mãos em punhos, sentindo o sangue começar a ferver nas veias.

— Escuta aqui, babaca. Fale assim comigo novamente e vou ficar feliz em arrancar partes de você que tenho certeza que você valoriza.

Isso fez sua atenção se voltar para mim, o sorriso crescendo até exhibir dentes perfeitamente brancos. Ele levantou os braços, as palmas das mãos para cima como se estivesse se rendendo e gargalhou.

— Gostosa e brava. Do jeito que eu gosto.

Ele deu alguns passos em minha direção, os sapatos polidos sendo engolidos pela poeira na estrada. Me afastei, tentando me lembrar de alguma coisa da aula de defesa pessoal que tinha feito no último ano do ensino médio. Estava bastante concentrada em uma maneira de enfiar ambos os dedos nos olhos dele quando percebi que Tasha estava em seu caminho, e parecia assustada.

O homem continuava se aproximando devagar, como se apreciasse o momento. Um caçador e sua presa. Dei mais alguns passos para o lado, tentando voltar sua atenção para mim enquanto Tasha saía do caminho.

— Escuta aqui, seu folgado. Dê mais um passo e eu vou...

— Vai fazer o quê? Me impedir? Gritar? — Ele riu. — Olhe ao seu redor, garota. Não tem ninguém por perto.

Ele estendeu os braços, mostrando a paisagem árida com nada além de estrada de chão por quilômetros, como se quisesse ilustrar seu ponto. Olhei ao redor, tentando não me encolher sobre o peso daquele olhar. Franzi o cenho, alarmada. Tasha tinha sumido.

Antes que eu pudesse tentar descobrir aonde ela tinha ido, o homem estava em cima de mim. Ele aproximou sua boca larga do meu rosto, e senti o leve odor de algo podre, morto, contrastando com sua aparência bem cuidada. Em um movimento brusco, levantei o joelho e tentei acertar o lugar entre suas pernas, mas ele desviou e segurou meus braços com firmeza. Sem delicadeza alguma, ele me arrastou até a Kombi e pressionou meu corpo contra a lataria quente. Movi o cotovelo e o enfiei com força em seu estômago. Ele grunhiu, mas não me soltou.

Em um segundo, sua boca estava na minha, a carne molhada e nojenta invadindo tudo como se tivesse todo o direito de fazê-lo. Com um ódio fervendo dentro de mim que ia além de tudo que eu já havia sentido, mordi seu lábio inferior com toda força que consegui reunir. O sangue inundou minha boca em segundos, e ele se afastou, praguejando. No entanto, não saiu de cima de mim.

— Sua puta nojenta. Você sabe que quer isso — disse contra minha pele enquanto eu lutava para sair de seu aperto, cuspiendo o sangue em seu rosto.

— Olha para mim! E olhe para você, nada além de um rostinho bonito, mais uma zé ninguém. — Ele começou a gritar, a boca úmida tentando tomar tudo o que encontrava, os joelhos tentando separar minhas pernas.

Em um segundo, eu lutava para tirá-lo de cima de mim. No próximo, o peso de seu corpo desapareceu, como se nunca houvesse estado lá. Confusa e com a cabeça girando, tentei assimilar o que tinha acabado de acontecer. Tasha estava na minha frente, metade de uma garrafa de *vodka* quebrada na mão direita, os olhos tão arregalados que pareciam prestes a pular para fora das

órbitas. No chão, o homem que antes estava em cima de mim estava caído, a cabeça sangrando, o corpo mole como um saco de batatas.

— Ai meu Deus! Você o matou! Tasha, você o matou!

Ela soltou a garrafa como se o vidro machucasse. As mãos trêmulas agarraram meus braços, se para checar se eu estava bem ou para buscar apoio, eu não sabia. Uma fina linha de sangue escarlate escorria pelo seu pulso. Ela olhou para o sangue como se não o reconhecesse, a boca aberta em um “O” chocada.

Tentei fazer minha cabeça parar de girar por tempo o suficiente para assimilar o que estava acontecendo. Com a testa suando frio e os dedos anestesiados, tentei me abaixar, as pernas tremendo. Com cuidado, coloquei dois dedos no pescoço do homem caído, tentando checar se ainda havia pulso. Um leve e constante fluxo em suas veias me fez respirar aliviada. Ele ainda não se movia, e uma fina camada de sangue agora inundava seu couro cabeludo, transformando a penugem castanho clara ali em um escuro vermelho. Levei os dedos ao corte dessa vez, tentando determinar se era fundo o suficiente para matá-lo. O fluxo de sangue parecia cada vez mais fraco, e sua respiração aos poucos voltava ao ritmo normal.

— Por favor, me diga que eu não o matei. — Tasha implorou, a voz falha.

— Ele vai ficar bem. Vai acordar em alguns minutos com uma dor de cabeça infernal.

Tasha suspirou, e suas pernas cederam, como se ela não conseguisse mais segurar o próprio peso.

— Não, não. Não temos tempo para pirar agora — implorei. — Pegue a mangueira no porta-malas, roube a gasolina dele e vamos sair daqui antes que ele acorde.

Minha voz saiu fria e controlada, no entanto, eu mal conseguia enxergar algo além do sangue. Não conseguia associar as mãos sujas de vermelho às minhas. Tasha obedeceu meu pedido e pegou encaixou a mangueira no Land Rover, conectando a outra ponta à Kombi e chupando com força o suficiente para que a gasolina começasse a fluir. Em alguns minutos, o tanque estava cheio o suficiente para que saíssemos dali.

Tasha e eu entramos na Kombi em um silêncio sepulcral. Não dissemos uma palavra sequer. O ronco do motor dominou tudo quando eu girei a chave e liguei o carro. No retrovisor, a poeira intensa quase cobria o corpo inerte do homem na estrada. Viramos a cabeça e partimos, deixando a poeira engoli-lo.



Enquanto ela vai à esquerda, você permanece à direita
Entre a linha de medo e culpa
E você começa a se perguntar por que veio
How to save a life - The Fray

Os próximos quilômetros foram um borrão. Flashes vagos eram tudo o que eu conseguia lembrar. Conseguia sentir a boca dele na minha, o gosto do seu sangue em minha língua. Podia ver com clareza o rosto de Tasha segurando a garrafa de vidro. Na estrada, não houve nada além de silêncio. Natasha limpou minhas mãos com um velho pedaço de pano, os olhos nunca encontrando os meus, as mãos trabalhando com força, como se o sangue que ela limpava pudesse levar junto consigo o terror do que quase tinha acontecido.

Dirigi por muito tempo. Na janela, a luz intensa do meio dia aos poucos foi embora, dando lugar ao conforto da brisa noturna. Toda vez que tínhamos que virar em alguma estradinha deserta, eu pegava a rota mais longa e mais movimentada. Quando algum carro passava rápido demais do nosso lado, com um homem como motorista, Tasha e eu nos encolhíamos.

Eu estava apavorada, mas mais que tudo, estava furiosa. Milhares de mulheres todos os dias deixavam de fazer coisas simples, como ir à algum lugar sozinha, viajar sozinha, atravessar a uma rua vazia no escuro, por causa de homens como ele. Todos os dias, eles tiravam algo de nós. Não era justo, ou certo. Mas continuava acontecendo.

— Para onde vamos agora? — Tasha perguntou, quebrando o silêncio cruel que tinha dominado tudo.

— Ouro Preto. Tenho que encontrar alguma coisa lá.

Ela encostou a cabeça no banco e fechou os olhos. A luz fraca e amarelada que vinha dos postes na estrada iluminaram seu rosto

delicado, fazendo-a parecer cansada, tão mais velha do que realmente era.

— Ainda seguindo as instruções? — sussurrou, de olhos fechados, como se não esperasse uma resposta.

Não percebi o quão exausta estava até as luzes altas dos faróis a minha frente começassem a se misturar, me cegando.

— Temos que parar um pouco. Quer procurar um hotel ou dormimos na Kombi mesmo?

Tasha cheirou embaixo dos braços, fazendo uma careta.

— Vamos procurar um lugar barato na beira da estrada. Estou cheirando a algo morto e você parece não trocar de roupa há dias. Precisamos de um chuveiro, urgentemente.

Não tivemos que dirigir muito até encontrar as luzes em neon de um vermelho intenso anunciando um hotel de beira de estrada. Lá dentro, pessoas de vários estilos vagavam pelos cantos. Havia uma garota tatuada de cabelo rosa perto da recepção, apoiada no longo balcão de madeira desgastada. Um homem rechonchudo de cabelos longos parecia discutir com a recepcionista de cabelos oleosos que parecia profundamente irritada.

— Como posso ajudá-las? — A garota na recepção perguntou, em uma voz monótona, enquanto roía as unhas pintadas com uma camada de esmalte preto reluzente.

— Tem um quarto duplo disponível?

Ela digitou alguma coisa em seu computador velho. O homem que discutia com ela um segundo antes parou atrás dela, analisando o que quer que fosse que ela fazia com um olhar ameaçador. Tremi.

— Quanto tempo vão ficar?

— Só uma noite. — Tasha respondeu com pressa, como se mal pudesse esperar para dar o fora dali.

— 70 reais. — A garota da recepção nos informou, os olhos focados na minha blusa com uma curiosidade enervante.

Tasha tirou o dinheiro que tinha ganhado no show da mochila e pagou. A garota arqueou uma sobrancelha, ainda encarando minha blusa fixamente.

— Isso é sangue?

Alarmada, encarei a gola da minha camiseta, onde uma gota de sangue se destacava sobre o branco. Um flash de memória me fez engolir em seco. Devia ter parado ali quando eu o mordi.

— Só um *big mac* com ketchup demais. — Tasha correu para o meu resgate.

Tive certeza pelo olhar cético que a garota nos deu que não acreditava em nós. Mas duvidava que eu era a primeira pessoa a chegar ali ensanguentada. Com agilidade, Tasha pegou a chave que a garota tinha colocado no balcão e me arrastou dali antes que ela pudesse fazer mais perguntas.

Subimos as escadas estreitas até o andar de cima, tentando não reparar no papel de parede solto nos cantos, revelando uma parede repleta de mofo. O quarto era simples, duas camas de solteiro minúsculas e um ventilador no teto era tudo o que havia para se ver.

— Quer falar sobre o que aconteceu? — perguntei, esperando que ela dissesse não, porque tudo o que eu queria era esquecer.

Ela jogou a mochila no chão e tirou a camiseta empoeirada, virando as costas para mim. Assim que se libertou da camiseta,

atirou o resto das roupas no chão, chutando-as para longe como se a poeira nelas fosse tóxica.

— Falar sobre o quê? Sobre como quase matamos um cara e depois o abandonamos no meio de lugar nenhum?

— Ele era um nojento violento que poderia ter feito sabe-se lá o que com a gente se você não tivesse interferido — insisti, a voz embargada. — Além disso, ele vai ficar bem.

— Como você sabe? — inquiriu, ainda de costas pra mim. Ali, no quarto mal iluminado, sua pele parecia translúcida. As costelas se sobressaíam como se quisessem rasgá-la de dentro pra fora.

— Foi apenas um golpe superficial. Ele provavelmente já está por aí atacando outras garotas desavisadas.

Tasha deixou seu corpo cair sobre a cama, exaurida.

— Sou uma pessoa horrível por desejar que ele tivesse morrido, por um segundo?

Sentei ao lado dela, fazendo a cama ranger.

— Não — insisti. — Claro que não.

— Você é obrigada a dizer isso. — Ela tentou sorrir.

— Tenho é que te agradecer. Você me salvou hoje, Tasha.

Ela fechou os olhos e massageou a ponta do nariz, os ombros caídos. Olhou ao redor com uma careta de desgosto, e focou os olhos, marcados pela maquiagem derretida, na porta minúscula que levava a um banheiro suspeito com apenas uma pequena cortina com estampa de patinhos cercando o chuveiro. Com um suspiro derrotado, ela se levantou.

— Um chuveiro — exclamou, encerrando o assunto de uma vez por todas. — Finalmente.

Sentei na cama, me sentindo suja de repente. Me empoleirei entre os travesseiros duros e desconfortáveis, desejando com todas as forças poder parar de sentir o cheiro do perfume dele na minha pele.

Tentando me distrair, peguei o celular, pronta pra checar a avalanche de mensagens que devia ter se acumulado nos últimos dias. Assim que abri meu e-mail, desisti de olhar todos. Abri as mensagens e meus olhos caíram diretamente em um nome que destacava na tela. Gabriel. A mensagem era simples e curta, mas fez meu coração realizar cambalhotas impossíveis.

Pensando em você.

Um sorriso involuntário se espalhou pelo meu rosto.

Eu também, garoto da estação.

A resposta surgiu rapidamente na tela pequena do celular.

Onde você está?

Algum lugar no caminho de Ouro Preto.

A voz melodiosa de Tasha escapou em ondas do banheiro, cantando alguma coisa que eu não conhecia. Revirei o celular nos dedos, esperando uma resposta.

Estarei em Belo Horizonte em três dias. Me encontre lá.

Mais um salto insano do meu coração.

Mal posso esperar.



*Lá fora há um mundo que me chama, garota
Dirigindo-me para o desconhecido
Bem, se há estranhos, e todos os tipos de perigo
Por favor, não diga que eu estou indo sozinho*
Ends of the Earth - Lord Huron

O dia seguinte trouxe consigo uma atmosfera menos tensa. Depois de um bom banho, uma noite bem dormida e um vestido fresco de verão, eu me sentia nova. Tasha também parecia bem melhor. Era como se a nuvem escura cercando-nos desde o incidente na estrada estivesse finalmente se dissipando.

— Estou pensando em passar em uma cidadezinha chamada Riachinho antes de irmos para Ouro Preto.

— Riachinho? Isso é nome de cidade? — Tasha indagou, enquanto lutava para prender os cabelos curtos no alto da cabeça.

— É uma cidadezinha no interior de Minas. Uma amiga minha de São Paulo veio de lá. Ela disse que é adorável. Quero tirar umas fotos para uma nova exposição que estou montando.

Tasha levantou uma sobancelha perfeitamente delineada.

— Pensei que você não fotografasse mais.

— Eu também pensei, mas é hora de seguir em frente.

A ideia de Valentina começava a criar raízes em mim como erva daninha. Um caminho. 100 canções. A foto perfeita pra cada uma.

— Quer dirigir por um tempo? Quero tirar algumas fotos do caminho.

— Claro que quero. Estou louca para colocar as mãos nesse monstinho desde que saímos de São Paulo.

Paramos no acostamento para que eu assumisse o assento do passageiro e seguimos adiante. Tasha colocou um *pen-drive* no rádio e uma playlist eterna de *Lynyrd Skynyrd* guiou nossa viagem por um tempo. *Simple Man* tocava em um volume ensurdecedor

quando algo chamou minha atenção logo à frente. Ou melhor, alguém.

Estávamos no meio de uma BR larga, cercada por postes e uma paisagem semiárida que se estendia até onde os olhos alcançavam. O sol avançava lentamente no horizonte, parecendo maior a cada minuto. Havia uma garota na estrada, andando no acostamento, uma mochila enorme nas costas e um estojo de violão na mão. De costas, ela parecia maltrapilha. No entanto, havia algo nela que me fez tirar a câmera da bolsa e fotografar. Ela estendeu o dedão no clássico sinal de quem pede carona, limpando o suor na testa com a outra mão.

— Pare a Kombi — pedi, e apoiei a câmera no colo, ainda fascinada pela garota que observava o carro se aproximar com um olhar esperançoso.

Tasha interrompeu sua cantoria no meio de um verso, e me lançou um olhar incrédulo, sem dar o menor sinal de que iria parar a Kombi.

— Você deve estar brincando. — retrucou, enfiando o pé no acelerador, ao invés de pisar no freio.

— Está um calor dos infernos e ela parece exausta. Ela pode ficar aí por horas. Quase ninguém dá carona hoje em dia.

Tasha levantou os braços em um gesto exasperado.

— Sim. E existe uma razão para isso, Alicia. Há muitos psicopatas por aí. Já esqueceu o que aconteceu ontem?

Claro que não tinha esquecido. Como poderia? A imagem do meu próprio medo refletido nos óculos escuros do homem no meio da estrada tinham me assombrado a noite toda, me impedindo de dormir. Talvez, eu devesse escutar a voz da razão e seguir dirigindo,

mas quando olhei para fora da janela mais uma vez, vi algo no rosto da garota que me pareceu tão familiar. Sua figura esguia se aproximava rapidamente.

— Ela não parece uma psicopata. — insisti.

— Dexter também não. Nem o Hannibal. Provavelmente nem Jack, o Estripador. Isso não quer dizer que não eram.

— Pare de resmungar e pare o carro.

Tasha diminuiu a velocidade, suspirando derrotada. Vociferou um palavrão em uma língua que eu não reconhecia e pisou com força no freio.

— Se ela nos assaltar ou nos picar em mil pedacinhos, eu vou te caçar no outro mundo e te fazer sofrer.

Deixei escapar uma risada. Tasha revirou os olhos e parou a Kombi, ao lado da garota.

De perto, ela parecia ainda mais selvagem do que parecia na lente da minha câmera. Tinha os cabelos loiros escuros salpicados com algumas mechas mais claras devido ao sol, eu imaginava. Algumas mechas estavam enroladas em longos *dreads*. Sua pele bronzeada revelava marcas nos ombros e sardas acobreadas pontilhando o nariz arrebitado. Ela usava shorts rasgados, uma regata preta, coturnos pesados e uma bandana colorida na cabeça. Estava suada e parecia exausta, e o único acessório que carregava consigo era um colar rústico com uma ametista.

— Hey. — chamei, fazendo com que ela lançasse um olhar cauteloso e inclinasse a cabeça como um pássaro, nos analisando.
— Pra onde está indo?

A garota deu de ombros e ajustou a mochila gigantesca que carregava nos ombros.

— Pra onde vocês puderem me levar.

Senti um par de botas afiadas me chutando embaixo do banco e fiz uma careta irritada para Tasha. Ela formou as palavras “Psicopata, com certeza” com os lábios, sem som. Se a garota notou, não pareceu ofendida.

— Estamos indo em direção à Ouro Preto. Sobe aí.

A garota me lançou um sorriso travesso e abriu a porta traseira da Kombi, entrando com agilidade e jogando o estojo de violão sobre o banco ao lado dela.

— Qual seu nome? — Tasha indagou, ainda parecendo desconfiada.

— Laura. — Ela respondeu, ajustando o cinto de segurança no banco traseiro. — E o seu?

— Natasha. E essa aqui é a Alicia. — Ela disse. Eu acenei entusiasmadamente.

Tasha trocou de marcha e pisou no acelerador, os olhos fixos no espelho retrovisor, observando cada movimento que Laura fazia.

— Quais as chances de você ser uma assassina em série ou saqueadora de carros?

Dessa vez fui eu quem chutou Tasha embaixo do banco. Laura, no entanto, parecia achar a situação extremamente engraçada. Ela riu, provocando um som melodioso, e deu de ombros.

— Eu diria que vinte por cento. Mas as chances podem aumentar exponencialmente se ficarmos presos em uma nevasca e precisarmos comer uma as outras pra sobreviver. Considerando que estamos no Brasil e nunca neva, eu diria que vocês estão seguras.

A resposta bem-humorada de Laura pareceu acalmar Tasha imediatamente. Ela gostava de pessoas diretas. Notei seus ombros relaxarem.

— Você toca? — falei, indicando o estojo de violão com o nariz.

— Sim. Violão e violino. — Laura respondeu. — E você?

— Eu sou uma tragédia. As pessoas deviam literalmente me proibir de chegar perto de qualquer instrumento. Mas a Tasha sabe cantar. Ela acabou de ganhar mil reais em um concurso no Rio. O que está basicamente bancando essa viagem.

Tasha mandou um beijinho por cima do ombro e piscou para mim.

— Você pode me agradecer pagando cerveja pra mim pro resto da vida.

— Você bebe mil reais em cerveja em um fim de semana.

Ela bufou e continuou dirigindo. Laura observava o caminho com um olhar que misturava admiração e choque. Percebi pelo modo como ela nos observava o que era que tinha me parecido tão familiar sobre ela. Seus olhos eram cor de mel, tão diferentes do negro dos de Valentina. Contudo, algo no modo como ela absorvia a estrada, como caminhava e inclinava a cabeça para o lado me lembravam dela.

— Então, Laura, qual é sua história? — perguntei, pausando a música que ecoava no rádio para ouvi-la melhor.

Ela me lançou um sorriso enviesado, levemente triste.

— Não tenho uma.

— Isso é impossível. Todos temos uma história.

Ela inclinou a cabeça curiosamente, fazendo com que um dread grosso caísse sobre seus olhos. Baixou a cabeça e tamborilou a capa do violão com os dedos, como se quisesse evitar a pergunta.

— Qual é a sua?

Dei de ombros, sem saber por onde começar.

— Seguindo as direções da amiga suicida. Sabe, o de sempre.

Laura abriu a boca em um “O” chocada, parecendo pensar no que dizer. Ela parecia duvidar se devia acreditar em mim ou não. Tasha rangeu os dentes ao meu lado.

— Há quanto tempo está viajando? — Tasha mudou de assunto.

— Quase um ano.

Arregalei os olhos, sem tentar esconder o choque.

— Sem parar?

Ela assentiu.

— Você deve ter visto tantas coisas incríveis por aí. — comentei, com uma pontada de inveja.

— Algumas. — Ela retrucou, modesta.

— Quais lugares já visitou?

Laura fixou o olhar no horizonte, que exibia um sol intenso, colorindo sua pele já bronzeada de um dourado etéreo. Coçou o queixo como se tentasse se lembrar.

— Quase todos os estados do Brasil. Passei uns três meses no nordeste, algum tempo no sul. Peguei carona com um casal que estava viajando pela América Latina uma vez, então consegui visitar a Argentina, Peru e Colômbia.

— Você simplesmente sai por aí pegando carona? — Tasha perguntou, cética.

— Geralmente, se não tiver dinheiro.

Vi uma sombra atravessar o rosto de Tasha, e soube exatamente o que estava se passando em sua cabeça.

— Não tem medo do que pode acontecer?

Laura comprimiu os lábios, como se tentasse reprimir lembranças ruins, e acabou dando de ombros. O ar descontraído de nossa conversa evaporou.

— Tenho. Claro que sim. Mas, na maior parte do tempo, as pessoas são o mais interessante. Tem muito mais gente boa por aí que ruins.

Uma veia saltou na testa de minha melhor amiga.

— Não sei se acredito em você.

— Onde você mora? — tentei mudar de assunto.

Laura engoliu em seco. Percebi que tinha tocado em um ponto sensível. Talvez eu estivesse errada. Talvez o que realmente me lembrasse Valentina nela fosse o peso de muitos segredos.

— Todo lugar.

— Você nunca tem vontade de voltar pra casa? De viver em um lugar só? — persisti no assunto, curiosa demais para deixá-lo de lado.

O rosto fino e levemente sujo de Laura desabou de repente.

— Não tenho um lar para o qual voltar. — declarou, causando um súbito silêncio no carro. Percebendo o desconforto, Laura levantou os olhos, forçando um sorriso. — Além disso, gosto disso. De viver um dia de cada vez. De não saber onde vou estar amanhã.

— Eu não conseguiria fazer isso. — afirmei. — Adoro viajar, mas gosto ainda mais de saber que tenho um lugar, pessoas, amigos, um emprego, esperando por mim quando eu voltar.

Tasha olhou de soslaio para o estojo de violão ao lado de Laura.

— Por que não toca algo pra gente?

Com um suspiro de alívio por não ter que continuar falando sobre si mesma, Laura tirou um violão de madeira escura do estojo e o colocou sobre o colo com cuidado.

— O que querem ouvir?

— O que você quiser tocar — respondi.

Ela posicionou o violão e jogou os *dreads* loiros para trás, para que não interferissem.

— Gostam de música nacional?

— Claro. — confirmei.

— Pra mim, é a melhor. — Ela disse, curvando-se sobre o violão como se abraçasse um velho amigo e começou a tocar. O som invadiu a Kombi, preenchendo a lataria velha com uma vida que só a música trazia.

— *E quando o segundo sol chegar, para realinhar as órbitas dos planetas...* — Laura cantou, a voz áspera e rouca, como uma Janis Joplin brasileira.

— Cássia Eller. Adoro as músicas dela — comentei.

— *Derrubando com assombro exemplar, o que os astrônomos diriam se tratar de um outro cometa.* — cantamos juntas, a voz áspera de Laura se mesclando ao tom melodioso de Tasha e à minha, que soava como um gato arranhando vidro.

Quando a música acabou, todas nós nos recostamos nos bancos desgastados, rindo como se nos conhecêssemos há anos, e não minutos.

— Você é muito boa. — Tasha elogiou.

Laura franziu os lábios em um sorriso agradecido.

— Costumo tocar por aí quando preciso de algum dinheiro — disse. — O que vocês estão indo fazer em Ouro Preto?

Fechei os olhos, pensando em tudo o que tinha me levado até ali. As cartas. A foto. O mapa desenhado e o misterioso endereço que eu tinha que encontrar.

— É uma longa história.

Laura colocou as mãos atrás da cabeça em uma posição despreocupada.

— Tudo que eu tenho é tempo.

Pensei em como começar a contar toda a loucura que tinha acontecido na última semana. Com a ajuda de Tasha, contei sobre a jornada que tinha nos levado até ali. Sobre o homem na estrada. Sobre Valentina. Laura escutou tudo com atenção, e quando as palavras finalmente cessaram, era como se já a conhecêssemos. Em apenas algumas horas, estaríamos em Ouro Preto, mas por enquanto, éramos apenas pessoas normais cujas vidas tinham se entrelaçado momentaneamente, seguindo rumo a alguma coisa desconhecida, sem a menor ideia do que iríamos encontrar.



*Estamos queimando abaixo do horizonte da linha do céu
Nas costas de um furacão que começou a girar
Quando você era jovem
When you were young - The killers*

Depois de algumas horas na estrada, finalmente chegamos à Ouro Preto. A cidade era absolutamente fascinante. As ruas estreitas de paralelepípedo arredondado com casas antigas em estilo colonial e ladeiras pelas quais era quase impossível dirigir nos mantiveram rodando por mais tempo do que eu imaginava. Embora estivesse ansiosa para encontrar o endereço no mapa, o charme da cidade nos fazia parar a cada dez segundos para fotografar algo ou simplesmente sentar e apreciar a arquitetura peculiar do lugar.

— Estou começando a acreditar que estamos procurando um endereço que não existe e tenho certeza que em mais ou menos uma hora vou começar a apresentar sinais sérios de má nutrição. — Tasha reclamou.

— Vamos parar em algum lugar perto da Praça Tiradentes e comer alguma coisa — sugeriu Laura. — Tem uma igreja linda lá perto. Vocês não podem vir a Ouro Preto e não dar uma olhada.

Tasha olhou por cima dos ombros e deu uma piscadela para Laura, que sorriu no banco traseiro. Laura tinha sido uma guia fantástica até então. Ela conhecia lugares peculiares em qualquer cidade que parássemos e ficava feliz em nos guiar até eles. Não perdemos mais tempo algum falando. Tasha pisou no acelerador e em poucos minutos estávamos em um restaurante rústico de frente à Praça Tiradentes, com pratos gigantescos repletos de especialidades locais à nossa frente.

— Nada no mundo se compara à comida mineira. Já comi muita coisa por aí, mas um bom frango caipira é incomparável. —

suspirou Laura, enquanto agarrava uma coxa de frango com as mãos.

— Concordo plenamente. — Tasha declarou, atacando um bife com a empolgação de um caminhoneiro gordo que estava na estrada há meses.

— Do jeito que você parece faminta, provavelmente iria achar um prato de arroz puro a coisa mais gostosa do planeta. — alfinetei.

Ela continuou comendo, sem parar de mastigar nem por um segundo.

— Minha opinião é duvidosa, confesso. Mineiros sempre acham que a comida deles é a melhor. — Laura declarou.

— Você é mineira?

Ela assentiu.

— Minha mãe e eu moramos em Uruana por muito tempo.

Inclinei o corpo para frente, curiosa. Estávamos viajando juntas há quase um dia, e a única informação relevante sobre o passado dela que tinha conseguido até ali fora que ela já teve um cachorro chamado Sirius.

— Ela ainda mora lá? — perguntei, cutucando a comida com o garfo, sem querer parecer ávida demais.

O semblante de Laura ficou sombrio de repente, da mesma maneira que tinha ficado antes quando eu havia perguntado sobre um lugar fixo para o qual voltar.

— Não. Ela está em uma clínica em Brasília agora.

— Por que? Ela está doente? — Tasha indagou, direta como sempre.

Laura remexeu-se desconfortavelmente na cadeira de madeira do restaurante.

— Não exatamente.

Ela não parecia querer dizer mais nada, mas Tasha e eu a encarávamos com uma curiosidade tão evidente que, depois de mastigar a comida por minutos a fio, ela esclareceu:

— Ela tem esquizofrenia.

Depois disso, nenhuma de nós sabia o que dizer. Laura limpou o resto de caldo de frango em sua boca e pigarreou, notando o súbito desconforto na mesa.

— Foi por isso que você foi embora? — Tasha perguntou. Chutei-a debaixo da mesa. Tudo sobre Laura, desde os ombros tensos até a mandíbula cerrada indicavam que ela não queria mais falar no assunto.

— Talvez — respondeu, finalmente, com a voz embargada. — Eu não consegui cuidar dela. Minha tia chegou um dia e a levou pra Brasília para interná-la. Eu não tinha dezoito anos ainda e não podia ficar sozinha. Então fui embora. Era melhor que ficar em algum orfanato por aí.

Estendi a mão e envolvi seus dedos calejados com os meus. Laura levantou os olhos com certa surpresa, mas não evitou meu toque.

— Todo mundo dizia que ela era maluca. — Ela cerrou os dentes. — Sei que ela era diferente, mas na minha humilde opinião, a realidade é completamente relativa. A dela só era um pouco diferente.

— Como assim?

Ela apontou para o horizonte, onde uma multidão se movimentava incansavelmente.

— O que você vê?

Observei mais atentamente.

— O sol variando entre tons de amarelo e laranja. Nuvens em um formato engraçado, aquela ali parece um peixe. Uma praça. Bancos pintados de branco. Por quê?

Ela olhou para frente, parecendo perdida em pensamentos.

— Eu vejo um velhinho segurando a mão da mulher da vida dele. Um garoto caindo de skate. Uma menina tentando andar de bicicleta pela primeira vez. Você vê a paisagem, eu vejo as pessoas. E nós estamos olhando para a mesma coisa, entende? Mas ninguém nunca vê nada exatamente igual à outra pessoa. Nossa realidade é totalmente afetada por quem nós somos. Alguns mais que outros.

Depois disso, o peso do tópico pareceu se dissipar. Laura não falou mais nada sobre seu passado ou a doença da mãe, e não a pressionamos. Por um tempo, apenas comemos e observamos os grandes morros repletos de árvores cercando a cidade à distância. E pelo tempo que durou, o silêncio era perfeito.

— Pra onde querem ir agora? — Ela perguntou, depois que a comida desapareceu do prato.

— Você foi nomeada a guia oficial. — Tasha fez uma reverência exagerada. — Quero conhecer um pouco da cidade antes de voltar a nossa caça aos tesouros do além.

Depois disso, Laura nos guiou para alguns de seus lugares favoritos na cidade, como a igreja de São Francisco de Assis, uma construção barroca belíssima que, como Laura havia explicado, havia sido construída por Aleijadinho em rococó. Depois fomos à feirinha de Pedra Sabão, onde eu comprei um bocado de coisas artesanais das quais não precisava, mas não pude resistir.

Paramos em uma praça no final do dia, todas exaustas e cobertas por uma fina camada de suor. Mesmo com meu vestido solto e sapatos confortáveis, o calor era uma tortura.

— Tem certeza que estamos procurando pelo lugar certo, Ali?

— Tasha perguntou, jogando um pouco da água gelada que segurava no rosto rosado.

Tirei o mapa desenhado em linhas tortas da mochila e encarei o endereço novamente, começando a duvidar se ele existia mesmo.

— Rua das Rosas, número 23. — recitei. — É o que diz o mapa.

— Não fala o bairro? — Laura indagou, enquanto prendia o cabelo em um coque no alto da cabeça.

— Novo Horizonte — falei, soando mais como uma pergunta do que uma resposta, sem ter certeza de que tinha decifrado a caligrafia tortuosa de Valentina.

— Sei onde é. Posso tentar levar vocês até lá, se quiserem.

Tasha olhou para Laura com tanta gratidão que era quase cômico. Voltamos para a Kombi, um pouco inquietas com o sol que desaparecia rapidamente no horizonte. Deixei o carro morrer pelo menos três vezes nas ladeiras e ruelas estreitas da cidade, mas com a ajuda de Laura, encontramos uma charmosa casa toda pintada de azul espremida em uma rua em declive que foi quase impossível de encontrar. Com o coração na boca, descí da Kombi e parei diante de uma porta de madeira antiga, com uma placa reluzente que indicava o exato endereço que Valentina havia escrito no mapa. Com os dedos trêmulos fechados em punho, bati na porta.

— E se tiver um tarado aí dentro? — Tasha comentou, mantendo uma distância segura da porta estreita.

— Por que Valentina nos enviaria até um tarado?

Ela deu de ombros, trocando o peso de um pé pro outro. Laura riu.

— Deixe de ser medrosa.

Com o coração na boca, bati de novo. Pelo que me pareceu uma eternidade, nada aconteceu. Então, a porta se abriu com um ruído decrépito. Todas nós congelamos no lugar, prendendo a respiração.

Uma garota jovem que parecia ter saído diretamente de um anime japonês surgiu na soleira. Seu rosto delicado estava cercado por um longo cabelo negro e liso, e os grandes olhos repuxados lhe conferiam um ar inocente que era realçado pelo tom rosado de suas bochechas. Ela encarou nós três com a testa franzida, parecendo surpresa em nos ver ali.

— Oi. Meu nome é Alicia. Você provavelmente não faz ideia de quem eu sou, mas...

— Alicia? — interrompeu, arregalando os olhos em choque.

— Sim.

A garota fixou os olhos em mim, franzindo os lábios finos em uma expressão que parecia um misto de descrença e empolgação.

— Eu não acreditava que você realmente fosse vir.

Dessa vez fui eu quem franziu o cenho em confusão.

— Desculpe, eu...

— Entrem, todas vocês. — Ela disse, fazendo um gesto convidativo com as mãos para todas nós. — Valentina deixou algo pra você.



*Existem partes escuras de sua mente?
Segredos escondidos deixados para trás?
Onde ninguém nunca vai
Mas todos sabem
The Breeze - Dr. Dog*

A casa dela parecia um museu de peças femininas dos anos 60. Tudo era colorido e delicado. As paredes lilases estavam repletas de quadros com fotos de estrelas do cinema antigo. Na sala de estar, para onde ela nos guiou, havia um pequeno sofá florido, onde sentamos de frente à mesa de chá, de um vermelho alegre. Laura ficou em pé em um canto, parecendo desconfortável e completamente fora do lugar. Com seus dreads e coturnos, ela parecia destoante. Tasha, apesar de parecer igualmente deslocada na graciosa sala de estar, sentou-se no sofá e jogou os pés envoltos em saltos plataforma sobre a mesa de centro.

— Qual é mesmo seu nome? — perguntei para a garota, que se sentou à minha frente e sorriu como se tentasse decidir se eu era real.

— Amélia.

Tentei lembrar-me de algum momento no qual Valentina tivesse mencionado esse nome, em vão. Até onde eu sabia, ela nunca havia sequer estado em Ouro Preto.

— E, se você é Alicia, você deve ser Natasha — disse, sorrindo de uma maneira quase revoltantemente doce. Pegou um bule de prata em cima da pequena mesinha de centro e serviu uma xícara do líquido fumegante para cada uma de nós, como uma dona de casa dos anos 50.

Tasha assentiu, olhando para a xícara pequena e delicada como se temesse que estivesse envenenada. Laura bebericou um pouco do chá e se apoiou na parede mais distante da sala dolorosamente colorida, inquieta.

— Valentina falava muito de vocês. — Amélia levantou os olhos puxados, bebericando um pouco do chá. Pousou o olhar em Laura com certa curiosidade. — Desculpe, não me lembro dela ter mencionado você.

— Só estou pegando carona. — Laura esclareceu, ainda em pé de maneira rígida.

Tasha torceu o nariz, encarando Amélia com hostilidade.

— Sua casa é adorável — falei, tentando dissolver a tensão entre nós.

— Obrigada. — Ela retrucou, me encarando fixamente. — Não acredito que você realmente está aqui.

— Como você sabia que viríamos? — Tasha perguntou, estreitando os olhos com desconfiança, olhando ao redor como se esperasse que as almofadas coloridas fossem mordê-la.

— Valentina me disse que uma garota chamada Alicia iria aparecer aqui depois do ano novo. — Ela se inclinou. Afastei-me instintivamente, com a sensação de que iria me cutucar pra confirmar que eu estava ali. — Pensei que ela estava brincando.

— Por que ela me mandaria aqui?

Amélia encolheu os ombros.

— Talvez ela quisesse que a gente se conhecesse.

— Por que ela iria querer isso?

Ela sorriu.

— Você faz muitas perguntas. Posso ver porque ela gosta tanto de você.

Percebi que ela usou “gosta” no presente e me perguntei se tinha sido um erro ou se ela realmente não sabia o que tinha acontecido. Não conseguia imaginar um universo onde uma garota

tão doce seria amiga de Valentina. Ou um universo onde ela tinha amigas misteriosas das quais eu nunca tinha ouvido falar.

— Então, Amélia... — comecei, sem saber exatamente o que dizer. — Como você e Valentina se conheceram?

Ela pegou uma jarra de biscoitos em cima da mesa e me ofereceu. Recusei com um gesto de mãos, ansiosa pela resposta. Amélia contraiu os lábios, pensativa. Sentada ali no sofá florido, com seu delicado vestido azul, ela parecia tão jovem.

— Alguns anos atrás, minha família foi passar um feriado no Rio. Conheci ela lá.

Ao ouvir a menção ao Rio de Janeiro, Tasha pulou da cadeira, o rosto iluminando-se com interesse. Amélia se remexeu em seu assento, desconfortável.

— Alguma coisa aconteceu lá, não foi? — Tasha perguntou, com tanta intensidade que senti Amélia se encolher do meu lado.

— Ela estava fugindo de alguma coisa. Ou alguém. Ela nunca me disse quem. — Os lábios de Amélia tremeram. — Eu a encontrei na praia. Ela estava machucada e parecia assustada. Eu ajudei-a a se esconder no hotel onde estávamos hospedados. Cuidei dela por um tempo.

— E depois disso?

— Na manhã seguinte, eu acordei e ela tinha desaparecido. Nunca me disse pra onde foi ou o que aconteceu com ela.

Tasha inclinou-se para frente, o corpo tenso. Se Amélia percebeu a súbita mudança em sua expressão, não se abalou. Tirei a foto que tinha encontrado na casa abandonada da mochila e a mostrei para Amélia.

— Conhece essas pessoas?

Ela fixou o olhar no rosto de Maria, tenso, os cabelos bagunçados no vento. No sorriso falso e exagerado de Marco e em Valentina, que estava entre os dois, tão bonita quanto sempre fora. Amélia balançou a cabeça negativamente. Tentei disfarçar minha decepção. Se ela não sabia o motivo daquela foto ter parado comigo, eu não sabia quem poderia.

— Ela me ligou algumas vezes depois do que aconteceu. Nós trocamos e-mails. Nos tornamos amigas.

— Ela não te deu um nome nesses e-mails? Não disse quem tinha batido nela? — Tasha perguntou, ansiosa.

Amélia balançou a cabeça.

— Não. Ela não gostava de falar sobre aquilo.

— Sobre o que ela escrevia?

— Sobre vocês duas, na maior parte. Sobre seu namorado. Acho que era Guilherme, não é? Coisas banais assim. Nada muito importante. — Ela fez uma pausa dramática. — Mais ou menos um ano atrás, ela apareceu aqui e me deixou uma coisa, dizendo que uma Alicia deveria vir buscar um dia. Não disse mais nada.

Tentei conter a ansiedade e não pular em cima dela implorando para me dar o que quer que fosse logo.

— O que ela deixou?

— Um diário.

Franzi o cenho, tentando decidir se estava decepcionada ou não. Algumas semanas atrás, pensava que conhecia Valentina melhor que ninguém, que não havia um segredo sequer que eu não soubesse. Agora, começava a me perguntar se a Valentina que eu conhecia era real.

— Você o leu? — Tasha indagou, parecendo tão ansiosa quanto eu.

Amélia negou com a cabeça.

— Não vou mentir e dizer que nunca me senti tentada, mas está trancado. Não consegui abrir.

Levantei os olhos, descrente.

— Ela me deixou um diário trancado. Maravilha — resmunguei, ácida.

Amélia me encarou, o rosto fino parecendo levemente confuso.

— Por que não pergunta onde está a chave? Ela não responde a nenhum dos meus e-mails há algum tempo, mas talvez diga pra você. — Amélia sorriu. — Ela sempre gostou de um bom mistério, não é?

Por alguns instantes apenas a encarei com a boca escancarada, finalmente percebendo que ela não fazia ideia do que havia acontecido.

— Amélia... — comecei, procurando as palavras certas para dar a notícia.

— Ela se matou. — Tasha me interrompeu, a voz cortante como vidro. Seu rosto pequeno estava duro como pedra, e os olhos caramelo delineados com grossas camadas negras faiscavam.

Amélia arregalou os olhos repuxados, os lábios entreabertos em um perfeito “O” chocada.

— O quê?!

— Pouco menos de um ano atrás. — Tasha esclareceu, a expressão inescrutável.

— Mas...

Ela nunca completou seu pensamento. Apenas se encostou no sofá, atordoada.

— Ela parecia tão normal quando eu a vi pela última vez.

— Digo o mesmo. — Tasha comentou, amarga.

— Sinto muito. — Amélia disse, com sinceridade.

Inclinei-me para frente, tentando fazer com que Amélia voltasse à realidade. Ela sacudiu a cabeça, como se tentasse espantar pensamentos ruins e voltou o olhar pra mim.

— Ela não te disse mais nada quando se conheceram no Rio?

Amélia se afastou, com um suspiro longo. Os lábios finos tremeram mais uma vez. Hesitante, ela tirou uma mecha escura de cabelos dos olhos e começou a falar, rápida e intensamente, como se temesse as palavras que dizia.

— Ela nunca confirmou nada. Na verdade, ficou furiosa comigo quando perguntei sobre isso. Mas... naquele dia, quando a encontrei... O jeito que ela estava...

Ela parou e engoliu em seco. Prendi a respiração, aguardando as palavras seguintes, temendo que elas fossem o que eu imaginava. Toda a sala pareceu parar de se mexer. Até mesmo Laura, no seu canto da sala, parecia congelada no lugar.

— Eu acho que ela havia sido violentada.

Suas palavras caíram sobre mim como uma cortina de ferro pesada, fazendo meu corpo inteiro congelar. Imediatamente, as imagens do que quase havia acontecido na estrada me atingiram. O pânico intenso e cru. O completo e irrefutável horror de se sentir tão vulnerável, tão fraca, tão exposta. Tasha havia me ajudado a tempo. Mas e se não tivesse?

— Tem certeza? — Tasha indagou, pálida.

Amélia negou com a cabeça.

— Não. Ela me cortava toda vez que eu tentava tocar no assunto. Mas...

Ela não disse mais nada. Nem precisava. Tudo o que precisava ser dito estava implícito em seu olhar devastado. Seus olhos lacrimejaram, e ela pousou a xícara de chá na mesa com os dedos trêmulos. Quis confortá-la, mas não sabia como agir ao redor dela.

— O diário está aqui? — perguntei, engolindo em seco, tentando desfazer o nó que havia se formado em minha garganta.

Ela assentiu, um pouco atordoada. Levantou do sofá e abanou as migalhas de biscoito do vestido delicado.

— Espere um pouco. Vou buscá-lo.

Em passos cambaleantes, ela desapareceu em um corredor estreito com paredes amarelas intensas. De repente, a alegria da casa parecia debochar de mim.

— Alicia. — Tasha disse em tom quase inaudível, e então parou, como se engasgasse nas próprias palavras.

— Eu sei — respondi.

— Você acha que foi ele? — perguntou, o corpo inteiro sacudindo, tremendo com violência. — Marco. — acrescentou, como se eu não soubesse de quem ela falava.

Me senti enjoada. Nas poucas vezes em que tinha encontrado Marco, ele sempre me parecera normal, educado, simpático até. Estava sempre ao lado da tia de Valentina. Mas agora que eu pensava a respeito, Valentina sempre se encolhia quando ele estava por perto.

— Faz sentido. A foto. O porquê de ela estar sempre fugindo. O suicídio, até. Só não entendo porque ela não teria contado pra ninguém se fosse verdade.

Tasha encolheu-se no sofá, envolvendo os próprios braços ao redor de si como se subitamente sentisse frio.

— Talvez ela tivesse vergonha.

Não tive tempo pra pensar no que ela havia dito, porque, nesse exato momento, Amélia surgiu no corredor, carregando consigo um pequeno caderno de couro marrom com folhas amareladas, trancado com um cadeado dourado.

Laura se afastou para dar passagem à ela, parecendo ansiosa para desaparecer dentro das paredes. Amélia estendeu o caderno para mim, que o peguei, hesitante. O peso daquelas folhas me pareceu irremediavelmente estranho. Tantas respostas poderiam estar ali. Tantas novas perguntas. Uma parte de mim queria jogá-lo em uma fogueira e nunca mais ter que vê-lo.

— Obrigada. Por guardá-lo esse tempo todo.

Amélia deu de ombros, um sorriso tímido insinuando-se no rosto triste.

— Eu sempre achei que ela voltaria por ele.

Respondi ao seu sorriso com outro, igualmente triste.

— Tenho que ir. Tenho algumas coisas pra descobrir. Obrigada por tudo, mais uma vez.

Amélia assentiu, sem protestar. Acho que ela estava tão ansiosa para fechar a porta naquelas lembranças quanto eu estava para desenterrá-las.

— Espero que encontre o que está procurando. — Ela disse, enquanto nos guaiava à porta.

— Eu também espero. — sussurrei.

Ela acenou um adeus apressado, e então fechou a porta atrás de nós. Laura, Tasha e eu trocamos um olhar de incredulidade e horror. Nos encaramos pelo que pareceu uma eternidade, incapazes de dizer qualquer coisa. Segurei o diário sobre o peito, subitamente desejando nunca tê-lo encontrado. Alguns segredos são terríveis demais, devastadores demais. Algumas verdades, quando desenterradas, destroem tudo.



*Então me abraça forte
E diz mais uma vez
Que já estamos
Distantes de tudo*
Tempo Perdido - Legião Urbana

Voltamos para a Kombi em passos pesados, a excitação anterior nos deixando completamente. Acomodei-me no assento do motorista e encostei a cabeça no volante, tentando não chorar. Tasha se sentou ao meu lado no banco do carona, tensa. Laura se acomodou no banco de trás, o olhar passando de mim para Tasha com certa preocupação.

— Essa está rapidamente se tornando a carona mais maluca da minha vida — comentou, parecendo perturbada.

Mal a ouvi, meu peito estava doendo, e era difícil respirar. Uma camada de suor frio umedecia minhas mãos, deixando-as pegajosas.

— Ali. — Tasha me sacudiu, uma ruga de preocupação entre os olhos. — Ali!

— Eu não vi. Não vi o que estava acontecendo. Estava bem ali, mas não notei. — balbuciei, em choque. Tasha me girou em sua direção e me sacudiu.

— Isso não foi sua culpa, Ali. Entendeu? Não foi sua culpa.

Afundi a cabeça no couro macio ao redor do volante e deixei que as lágrimas caíssem, os soluços balançando meus ombros. Tentei me convencer de que eu não sabia o que realmente tinha acontecido, que podia estar errada. Mas sabia que não estava. O diário parecia pesado ali nas minhas mãos, e eu apenas o encarei por longos segundos, até Tasha o tirar de minhas mãos e jogá-lo no banco de trás.

— Pra onde agora, co-piloto? — Tasha indagou, levando a mão à testa como se batesse continência. Apesar da brincadeira,

ela ainda tremia. Sua voz era firme, insistente. Respirei fundo algumas vezes e engoli as lágrimas.

— Belo Horizonte — falei, pensando em Gabriel. Mesmo a mera possibilidade de vê-lo novamente me fez sentir melhor.

Tasha levantou uma sobrancelha e engatou o cinto de segurança.

— O que tem lá? — A suspeita em sua voz era evidente, assim como a cautela. Nenhuma de nós aguentaria seguir mais nenhuma pista naquele estado.

— Gabriel — disse, sem conseguir segurar o sorriso. — Vamos encontrá-lo.

Ela sorriu, um pouco da tensão deixando seus ombros estreitos.

— Lucas vai estar lá também?

Liguei o carro, recebendo com alívio o ronco estrondoso do motor.

— Provavelmente. A banda vai tocar lá.

Antes de dar partida, encarei o banco traseiro, onde Laura tentava guardar o violão de volta no estojo, observando a situação com certo desconforto.

— O que me diz? Está no clima para uma visita à Belo Horizonte?

Ela soprou uma mecha do cabelo loiro emaranhado para longe dos olhos e abriu um sorriso que revelou dois dentes tortos.

— Claro. Sempre estou no clima para a estrada.

Todas nós compartilhamos um olhar ansioso. O carro foi preenchido por uma energia inexplicável. Era como se compartilhássemos algo invisível, intocável. Mergulhei naquela

energia e deixei-a espantar para longe os calafrios que a visita tinha causado.

— Posso perguntar uma coisa? — Laura indagou, cautelosa.

— Claro.

— Como ela era? — Laura indagou, a cabeça inclinada, a testa bronzeada coberta com uma fina camada de poeira e suor. Um nó se formou em meu estômago. Não precisei perguntar a quem ela se referia.

Um milhão de respostas diferentes inundaram a minha cabeça de uma vez. Quis dizer que ela era um mistério. Quis dizer que ela era intensa, selvagem, curiosa e extremamente manipuladora. Quis dizer que ela era apenas uma garota, com medo demais de que os outros vissem o medo que sentia, então ela agia como se o medo não existisse.

— Ela era maluca. — Tasha falou, antes que eu pudesse escolher uma das respostas girando em minha cabeça. — O tipo de maluca que faz você querer ser louco também.

Fechei os olhos, as palavras de Tasha ecoando na minha cabeça. Tentei lembrar de Valentina como realmente era, sem a neblina espessa do que havia acontecido transformando-a em algo mítico, impossível.

No meu aniversário de quinze anos, nós três subimos até o topo do farol com grandes caixas de cerveja para comemorar. Era uma tarde preguiçosa, com o sol forte transformando o céu em turquesa. Nós conversamos por horas sobre tudo e nada.

Valentina observava a vista impressionante, encostada na cerca de ferro que cercava o farol, quando se levantou de repente, os grandes olhos negros brilhando daquele modo levemente insano.

Ela hesitou por um segundo, olhando em silêncio. Então, subiu na fina cerca enferrujada, como se fosse pular.

Levantei-me rapidamente, alarmada, o coração disparando no peito, esmagando todo o ar para fora dos meus pulmões.

— O que pensa que está fazendo? Desça daí! — implorei, em desespero.

Ela equilibrou os pequenos pés no fino e curvo pedaço de ferro decadente que segurava seu peso. Abriu os braços, então finos como gravetos, para se equilibrar. O vento levantou seus cabelos negros, fazendo seu vestido infantil oscilar como as selvagens ondas que rugiam embaixo dela.

— Valentina! Isso não é engraçado! —Tasha berrou, o rosto corado enquanto ela gritava.

Valentina virou a cabeça apenas o suficiente para que seu perfil pudesse ser visto. Do topo do farol, com o vasto oceano contrastando contra sua pele pálida, ela sorriu.

— O mundo parece tão grande daqui — falou, calmamente, as pontas dos dedos do pé se contorcendo enquanto ela tentava manter o equilíbrio.

Encarei as rochas pontiagudas lá embaixo, o pânico começando a se espalhar por minhas veias como veneno.

Devagar, ela virou-se, de modo a ficar de costas para a paisagem e frente a frente comigo. O vento soprou mais uma vez, impiedoso. Por um momento, o pé de Valentina deslizou, fazendo seu corpo inteiro inclinar-se para trás, em direção as rochas. Um guincho horrível escapou de minha garganta enquanto eu imaginava-a cair. Os olhos dela arregalaram-se, mas não era horror que eu via neles, não era medo. Não, o que eu via era inteiramente

diferente. Antecipação. Excitação. Para ela, a adrenalina era uma droga.

Como se fosse uma ginasta bem treinada, ela pulou de volta ao conforto do cimento na cabine do farol, rindo.

— Vocês duas são tão dramáticas — comentou causalmente e se abaixou para pegar uma lata de cerveja que havia deixado no chão. Quando olhei para ela novamente, muda pelo choque, vi os vestígios daquele brilho extasiado que ela tinha nos olhos quando pensou que iria cair.

**

Paramos pouco depois para reabastecer o carro e comprar comida para a estrada. Enquanto Laura tocava em um canto com o estojo do violão aberto, e Tasha comprava coisas o suficiente na lojinha do posto de gasolina para abastecer um exército, esgueirei-me para um canto afastado perto dos banheiros e tirei da mochila o envelope cor de creme com o número 4. Segurei-o por um segundo, me perguntando o que será que aquela carta reservava para mim desta vez. Sabia que depois do que tinha descoberto, provavelmente não era um bom momento para ler mais nada. Mas precisava daquilo, daquela conexão com ela. Precisava sentir que ela ainda estava ali.

Um pouco receosa com o que encontraria, abri o envelope.

Querida Alicia,

Se você chegou tão longe sem trapacear e ler uma carta antes de seguir as instruções na carta anterior, provavelmente conheceu Amélia. Não sei se ela te contou como nos conhecemos, mas, se o fez, você já deve ter começado a imaginar o que aconteceu comigo.

Há muitas coisas que nunca te contei. Segredos que me envergonham demais para repeti-los. Sinto muito, Alicia. Saiba que confiei em você com cada fibra do meu corpo. Contudo, não pude te contar. Tudo o que você precisa saber estará no diário. A chave está na caixa que deixei pra você. Por favor, leia com o coração aberto. Perdoe, como eu nunca fui capaz de fazer.

Desta vez, não peço muito de você. Peço apenas que encontre um tesouro só seu na estrada. Leve-o com você. E, Alicia, se permita chorar. Lágrimas contidas são como veneno. Confie em mim, eu sei.

*Com amor,
Valentina.*

Fechei a carta e a dobrei cuidadosamente, como se fosse desfazer-se no vento a qualquer momento. Por longos minutos, encarei os carros que iam e vinham, abasteciam o carro e partiam. Tentei chorar, liberar o veneno, mas não consegui. A garganta estava seca como areia, e a pele fria gritava. Contudo, nenhuma lágrima me escapou.

Laura me encontrou ali, congelada no lugar, com o diário nas mãos, sem a coragem de abri-lo.

— Hey.

Não consegui responder. Meus volumosos cachos negros cobriam grande parte do meu rosto, mas não levantei a cabeça. Não pude.

— Você está bem?

Neguei com a cabeça.

— É verdade, não é? O que a garota disse sobre sua amiga?

Continuei sem responder. Laura se acomodou ao meu lado, cutucando a terra batida com a ponta dos coturnos surrados.

— Sinto muito. O que aconteceu com ela... Ninguém devia passar por algo assim.

Cerrei o maxilar, ainda incapaz de dizer qualquer coisa.

— Sabe o que ajuda?

— Duvido que algo possa.

Ela levantou o queixo, deixando que o sol impiedoso banhasse sua pele dourada. Havia algo tão tranquilizador sobre estar ali com aquela completa estranha.

— Grite.

— O quê?

— Grite. Bem alto. O mais alto que conseguir.

Balancei a cabeça devagar, sentindo meus próprios músculos como algo pesado.

— Isso é maluquice. Alguém vai aparecer aqui e pensar que estou te matando.

Laura riu, exibindo uma fileira de dentes levemente tortos. Ela cheirava a suor e cerejeiras, e o odor me acalmou, por um instante.

— Quem liga pra o que vão pensar?

— Todo mundo. — retruquei.

— Pare de ligar, então. Vai ser libertador, eu prometo.

Quando ela percebeu que eu não estava nem um pouco disposta a começar a gritar do nada, ela inflou os pulmões, enchendo-os de ar. Gritou. O som foi ensurdecedor e gutural, e pareceu abalar seu corpo inteiro. Aos poucos, me juntei a ela, um pouco hesitante. Conforme nossos gritos se misturavam e se tornavam ainda mais altos, senti como se liberasse algo junto com o som.

Quando finalmente paramos de gritar, muitos funcionários do posto de gasolina estavam acumulados perto de nós, o olhar curioso e um pouco assustado escrutinando nossos rostos em busca de algum sinal de que éramos criminosas perigosas ou algo assim. Laura riu e acenou, insistindo que estávamos bem. Aos poucos, os curiosos se dispersaram.

— Você tem razão. Isso ajudou.

— Sempre que minha mãe começava a ficar paranoica, falar sozinha ou atirar coisas em monstros invisíveis nas paredes, eu subia no teto e gritava. Sempre me fazia sentir melhor.

Respirei fundo aquele ar com cheiro de gasolina, aproveitando a súbita leveza em meu peito.

— Obrigada.

— Não precisa agradecer.

Sem dizer mais nada, Laura levantou e me estendeu a mão. Observei as sardas douradas em seus dedos como se ela estivesse presa em uma tela. Com um suspiro, peguei sua mão quente. Ela me ajudou a levantar e então me soltou. Caminhamos até a Kombi. Ela me lançou um sorriso enviesado antes de pular no banco de trás. Seu silêncio era reconfortante. Havia uma calma intensa sobre Laura. Uma serenidade acolhedora. Percebi, por aquele sorriso, que

ela já havia perdido algo essencial. Nós compartilhávamos isso. Por um instante, isso foi suficiente para calar a dor.



*Quando eu quero correr pra longe
Dirijo meu carro
Mas qualquer que seja o caminho que escolho
Eu volto para o lugar que você está
In your eyes - Ben harper*

Chegamos em Belo Horizonte exatamente uma hora depois. A cidade me surpreendeu. Depois da calma elegante e pitoresca de Ouro Preto, acredito que estava esperando um ar de cidade pequena. No entanto, assim que chegamos e passamos pela Praça Sete, o verdadeiro caos apaixonante do centro de BH me atingiu. Ali, no coração de cimento da cidade, milhares de pessoas e carros disputavam espaço com vendedores ambulantes, músicos tocando em frente ao imponente monumento cinza que lembrava um grande ponteiro riscando o céu, velhinhos jogando xadrez e jovens conversando animadamente.

Nós fizemos o check-in em um hotel barato, onde todas nos amontoamos em um quarto pequeno. Depois de um longo banho, eu me senti nova. Puxei da minha mochila um vestido azul escuro delicado que se moldava as minhas curvas com delicadeza, e nos pés, o mesmo velho par de botas. Arrumei os longos cachos negros o melhor que pude e destaquei os olhos acinzentados com uma fina camada de maquiagem. Tasha me encarou da cama, uma sobrancelha erguida.

— Isso tudo é pro Gabriel?

— Não. Isso tudo é pra mim. Precisava de um bom banho depois de todos esses quilômetros rodados. — dei uma piscadela para ela no espelho.

Ela se ajeitou na cama, endireitando as costas.

— Você leu o diário?

Foquei a atenção no espelho, sem querer encará-la de frente.

— Não.

— Vai ler?

— Provavelmente. Mas não quero pensar nisso agora.

O som do chuveiro lutando para esquentar a água cessou, e Laura saiu de lá, enrolada em uma toalha, parecendo irreconhecível sem a camada de poeira cobrindo-a.

— Estou faminta. — Tasha comentou. — Onde podemos comer por aqui?

— A melhor comida em BH está no Mercado Central. E é barato também. — Laura respondeu.

Tasha pulou da cama, os cabelos molhados e roupas limpas parecendo ter revitalizado seu bom humor.

— Adoro viajar com você. É como ter um guia de viagem de graça — comentou. Laura riu.

Deixamos o hotel e partimos para o Mercado Central, que, para minha surpresa, era ainda mais caótico que Praça Sete. Lá, entre o punhado de bancas de artesanato, onde Laura comprou uma pedra ágata para colocar junto à sua ametista, comemos o melhor mexido da minha vida.

— O que está causando esse sorriso bobo desde que saímos do hotel? — Laura perguntou, marota.

— Não é o que, é quem. — Tasha enfatizou.

— Ela está exagerando. Ele é só um cara que conheci no caminho.

Tasha levantou a sobrancelha de um modo cético.

— Sei.

— Já vi esse olhar algumas vezes na vida. Confie em mim, ele não é só um cara. — Laura insistiu.

Estava prestes a contestar aquela baboseira, quando recebi uma mensagem de Gabriel pedindo para encontrá-lo no mirante logo depois do almoço. Eu não fazia ideia de como chegar lá, mas Laura me explicou. Depois de deixar a chave com Tasha e prometer encontrá-la no centro em algumas horas, fui ao encontro dele.

**

Ver Gabriel no topo do Mirante de Mangabeiras não pareceu inteiramente real por um segundo. Ele não me viu logo que cheguei, então tive algum tempo para observá-lo em silêncio. Sua atenção estava inteiramente focada na vista da cidade, que se estendia diante de nós como um vasto quadro com contrastantes tons de verde e cinza. Seus olhos estavam perdidos, maravilhados. Não podia vê-los com clareza dali, mas podia visualizar com perfeição o verde neles.

Não resisti à tirar a câmera da mochila e fotografá-lo, ali naquela vista perfeita. Como se sentisse que eu estava ali, Gabriel virou-se em minha direção. Quando me viu, seus lábios largos se abriram em um sorriso que mal cabia no rosto. Ele abriu a boca para dizer algo quando me aproximei o suficiente, mas, antes que ele tivesse a oportunidade, entrelacei meus dedos em seus cabelos desgrehados que sempre pareciam fora do lugar e trouxe seus lábios em direção aos meus. Beije-o como se fosse nosso último beijo, ou talvez o primeiro. Até que minha cabeça girasse e minhas pernas falhassem. Até que tudo o que me mantivesse em pé fossem seus braços firmes ao redor da minha cintura.

Quando nos separamos, ambos ofegantes e com um rubor suspeito no rosto, meu corpo inteiro parecia feito de manteiga.

— Parece que estive esperando por isso por semanas. — Ele sussurrou contra os meus lábios.

Eu não sabia o que dizer, então apenas o beijei novamente, subitamente desejando que estivéssemos sozinhos.

— Como está indo a viagem até agora?

Tentei colocar os últimos dias em ordem dentro da minha cabeça.

— Honestamente, tem sido os piores e melhores dias da minha vida.

Gabriel riu.

— “Foi o melhor dos tempos, foi o pior dos tempos”.

Encarei-o por um segundo, boquiaberta.

— Se você acha que vai me conquistar citando Dickens... — brinquei, tentando forçar uma careta séria. — Você está absolutamente certo.

Ele riu baixinho, pegou minha mão e me levou ao limite do mirante, onde nos apoiamos. O sol intenso da tarde banhou meu rosto, aquecendo minha pele. Fechei os olhos e recebi o calor com gratidão.

— E como estão as coisas na turnê? Tasha está louca pra ver Lucas de novo.

Ele deu de ombros, aquele meio sorriso que tinha me conquistado surgindo no rosto bonito.

— Tem sido incrível. Fizemos um show inacreditável aqui ontem à noite. — Ele suspirou, feliz. Os cachos bagunçados balançaram contra o vento ameno. Usava jeans rasgados, os velhos

converse All Star vermelhos, uma camiseta branca simples e a inseparável camisa de flanela. Mas para mim, estava tão belo que era difícil olhar.

— O que você descobriu no endereço? — perguntou, despreocupado, brincando com meus dedos.

Engoli em seco, o calor do sol subitamente desaparecendo. Desvencilhei-me dele e envolvi os braços ao redor dos ombros, tentando afastar o frio que se instalou em meu estômago.

— Era a casa de uma garota que ela conhecia — falei, pronunciando as palavras devagar, com medo de começar a chorar se falasse rápido demais. — — Ela deixou um diário lá.

Com cuidado, tirei o diário da bolsa e o mostrei a Gabriel, que o pegou com a ponta dos dedos, como se reconhecesse a preciosidade dele.

— O que diz?

— Ainda não tive coragem de ler.

— Por que não?

Mordi o interior da boca com força, até sentir o gosto metálico do sangue anestesiar o gosto amargo das palavras que eu não queria dizer.

— Eu acho que ela foi estuprada. Acho que sei por quem.

Um milhão de sentimentos passaram pelo rosto de Gabriel em um ínfimo segundo. Nojo, revolta, pena. E, por fim, compaixão.

— A gente ouve sobre horrores assim o tempo todo. No jornal. Pela boca de outras pessoas. Ouve estatísticas, números que dizem que milhares de garotas passam por isso todos os anos em diversos lugares ao redor do mundo. Na sua cidade, até. Ouve que muitas

vezes o agressor está debaixo do mesmo teto que a vítima. Mas nunca realmente parece real, entende?

Gabriel assentiu e envolveu minha mão com a sua, formando círculos com os dedos, tentando me acalmar.

— Como isso continua acontecendo? — continuei, mordendo o interior da boca, tentando segurar a bile na garganta. — Somos criadas desde pequenas para não usar roupas curtas demais, ou aceitar coisas de estranhos ou não ficar sozinhas nas ruas quando escurece. Não deveríamos ter que fazer isso. Ter que viver assim. — As lágrimas vieram antes que eu pudesse contê-las, molhando meu rosto. — Valentina era uma das pessoas mais corajosas que eu já conheci, e mesmo assim, ela nunca contou pra ninguém. Eu continuo pensando que poderia ter feito alguma coisa, qualquer coisa.

Gabriel limpou uma lágrima do meu rosto com o polegar e me envolveu em seus braços em um abraço apertado. Encostei a cabeça em seu ombro e chorei, envolvida pelo conforto do cheiro suave de alecrim em suas roupas, enquanto ele afagava meus cabelos em silêncio.

— Não foi culpa sua, Alicia.

Abracei-o mais forte, então o soltei.

— Eu sei.

Limpei o rosto com as mãos, grata ao perceber que o nó em minha garganta se desfazia aos poucos.

— Vai ficar tudo bem. — Ele prometeu, com tanta certeza que tive que acreditar nele.

Assenti com a cabeça e esbocei um sorriso, tentando deixar aquela história de lado para aproveitar meu tempo com ele. Gabriel

enfiou as mãos nos bolsos das calças desgastadas e inclinou-se para frente de maneira ansiosa.

— Quanto tempo pretende ficar por aqui?

Dei de ombros, incerta.

— Ainda não sei.

Ele abriu aquele seu sorriso de lado, o mesmo que eu tinha visto naquele primeiro show.

— Estava esperando que você dissesse isso. Vou te levar pra conhecer a cidade.

— Já esteve aqui antes?

Ele negou com a cabeça, fazendo uma mecha do cabelo teimoso cair sobre a testa.

— Não. Mas sou mestre na arte de ficar perdido. O que me diz?

Coloquei a mochila de volta nas costas, rindo.

— Seria uma honra ficar perdida com você.

Antes que saíssemos dali, peguei mais uma vez minha câmera na mochila. Com ela, tirei também o *iPod* cor de rosa, quase esquecido. Procurei entre as 100 canções da *playlist* até encontrar uma que fosse perfeita para o momento. Coloquei um dos fones no ouvido de Gabriel e outro no meu e apertei o play. A voz de Samuel Rosa preencheu meus ouvidos, ao som marcante de *Vamos Fugir*.

— Skank! Não escuto nada deles há tanto tempo. — Gabriel comentou, começando a seguir a batida com os dedos em um instrumento invisível, sem perceber.

— Eles são daqui. Me pareceu apropriado.

Tirei mais fotos da vista do mirante. Aquela música já tinha sua fotografia perfeita.

— Falando em música, onde está o resto da banda?

— Em uma oficina no centro. Problemas com o motor do carro. Só temos mais um show, em Brasília. Mas acho que teremos que de ir ônibus pra chegar a tempo, pelo jeito que as coisas estão indo.

— Posso te dar uma carona até lá, se quiser. — sugeri, tentando não soar ansiosa demais. Não tinha lido mais nenhuma carta, e não tinha mais instruções de para onde ir. Podia ir onde quisesse. E queria estar com ele.

— Sério?

— Sim. Por que não? — disse, tentando conter o entusiasmo.

Gabriel ficou completamente imóvel por um segundo, aquele caleidoscópio em seus olhos fixos em mim com uma intensidade aterradora. O tom neles, ora de um verde intenso, como musgo na floresta, ora mais suave, começavam a me deixar tonta. Ele franziu o cenho por um segundo, a sombra de um sorriso intrigado nos lábios.

— Quando voltarmos pra São Paulo, tem um lugar que quero te mostrar.

Por um segundo, eu não disse nada. Aquelas palavras *Quando voltarmos para São Paulo*, me pareceram subitamente apavorantes. Até ali, Gabriel era o momento. A adrenalina do desconhecido. Pensar em um futuro era aterrador.

— Que lugar?

Ele tirou minha mochila das minhas mãos e colocou em suas costas, junto com a sua. Quis dizer que não precisava de um cara para carregar coisas pra mim, mas ele parecia tão à vontade com o gesto que fiquei em silêncio.

— É uma surpresa.

— Detesto surpresas.

Ele me olhou de soslaio.

— Duvido.

Revirei os olhos.

— Tudo bem. Não detesto, mas não lido bem com curiosidade.

Não saber o que acontece em seguida me deixa maluca.

Ele entrelaçou seus dedos nos meus, o calor de suas mãos largas aquecendo meus dedos gelados.

— Não saber o que acontece em seguida é a melhor parte.

Nós caminhamos para longe do mirante, deixando para trás a impressionante vista de Belo Horizonte. Gabriel não me disse para onde iríamos. Sinceramente, eu não me importava.

— Tudo bem. Eu aceito a surpresa. Mas você também tem que conhecer um lugar comigo.

— Qualquer lugar. Eu iria pro inferno com você.

Suas palavras aqueceram uma parte de mim que eu nem sequer entendia. Podia ser loucura, mas iria com ele para o fim do mundo também, se ele me quisesse lá.

— Trabalho em uma loja de música. Alan's vinyl — falei, com uma saudade súbita de casa. — O lugar é um caos de discos de vinil, CDs, roupas e instrumentos e cheira a couro o tempo inteiro. Meu chefe é um maluco adorável e totalmente esquisito. Tasha costuma assustar a maior parte dos clientes e ninguém consegue entender a lógica de como as seções de discos são organizadas. Mas eu adoro aquele lugar. Acho que você gostaria de lá também.

— Tenho certeza que sim.

Passamos por uma rua chamada Rua do Amendoim, onde alguns carros parados no meio da rua pareciam provocar um

pequeno caos. Gabriel andava de uma maneira engraçada. Despreocupada e animadamente, como se pulasse um pouco a cada passo.

— Qual seu lugar favorito em São Paulo?

— A biblioteca da faculdade — disse, rapidamente, sem precisar pensar duas vezes.

— Você faz faculdade?

Ele assentiu.

— Letras na USP. Quero ser escritor um dia. — Ele disse isso com certa timidez, a voz baixa.

Levantei seu queixo, forçando-o a olhar para mim e apagar aquele acanhamento dos olhos.

— Isso é incrível — falei, surpresa. — Pensei que você quisesse ser músico.

— Adoro tocar, mas escrever é uma parte de mim. E é algo que eu posso continuar fazendo por algum tempo antes de... — Ele parou de falar, rangendo os dentes. Apertei seus dedos em um gesto de apoio, lembrando do que ele tinha me dito no farol sobre sua doença e a perda de controle motor que eventualmente aconteceria.

— O que você escreve? — tentei mudar de assunto.

— Mistérios.

— Parece apropriado.

— Por quê?

— Você é praticamente um herói de suspenses, saindo por aí salvando garotas e carregando camisas ensanguentadas como *souvenirs*. — brinquei.

Ele deu de ombros.

— Sou só um cara normal — disse, me olhando de soslaio com aquele sorriso que fazia meu coração pular. — Você, por outro lado, é um mistério completo.

— Eu?

Ele assentiu.

— Mas todo mistério pode ser desvendado, se você tentar o suficiente.

Seu olhar sobre mim fez minha pele ferver. Por um segundo, era como se só nos dois existíssemos.

— Está dizendo que quer tentar?

Ele parou de andar, parou de se mexer, de respirar.

— Com certeza — disse, com um sorriso imenso que transformou seu rosto por completo. Acho que nunca me acostumaria à sensação de vê-lo sorrir.

Ele me guiou até o ponto de ônibus mais próximo, onde, honestamente, nenhum de nós sabia qual ônibus pegar. Depois de uma conversa com um senhor idoso, que nos indicou o caminho, saímos do Mangabeiras e partimos. Alguns minutos depois, descemos na Praça da Liberdade, bem em frente ao palácio rosado cercado de árvores. O lugar era apaixonante. Em nosso caminho até uma árvore grossa onde pudéssemos nos sentar, pelo menos duas pessoas nos disseram boa tarde.

— Adoro morar em São Paulo, mas sinto falta da natureza — comentei. — De vez em quando me pego indo ao Ibirapuera e me imaginando no meio de uma floresta em algum lugar, longe da selva de pedra.

Gabriel sentou-se na sombra de uma árvore, indicando o lugar ao seu lado, onde me juntei a ele.

— Eu gosto de escapar de vez em quando, mas sou um paulista assumido. Gosto do barulho, da variedade de estilos, da vida cultural sempre pulsando, do ar pesado, até das pessoas rabugentas.

Ri do seu comentário e encostei a cabeça no corpo robusto da árvore, respirando fundo para tentar absorver a umidade cálida daquele dia perfeito.

— Não sei por quê, mas fiquei com vontade de tomar um cappuccino. Daqueles com uma camada grossa de chantilly em cima.

Gabriel se inclinou em minha direção e pousou um beijo efêmero em meus lábios.

— Seu desejo é uma ordem, senhorita.

Ele se levantou e estendeu a mão para me ajudar. Um casal de jovens tatuados passou por nós, conversando animadamente.

— Com licença. — Gabriel os interrompeu. — Sabem onde podemos tomar um bom cappuccino por aqui?

A garota ruiva pareceu pensar por um segundo, então, com um sorriso radiante, disse:

— Tem um cinema na Praça Sete que parece um teatro. Eles têm um café bistrô lá dentro. É imperdível.

— Muito obrigado. — Gabriel agradeceu.

A garota assentiu e saiu com o namorado de cabelos escuros, que a pegou no colo em um rodopio espontâneo no meio do caminho e a beijou. Com as mãos entrelaçadas, a tatuagem dele se encaixava à dela. Sem pensar duas vezes, esperei até que eles se afastassem um pouco e fotografei-os.

Depois disso, Gabriel e eu partimos novamente, dessa vez em direção ao Cine Theatro Brasil Vallourec. Ao chegar lá, a estrutura arquitetônica em estilo art déco não decepcionou nem um pouco. O prédio circular abrigava um café agradável, onde nos sentamos, eu com meu gigantesco copo de cappuccino com chantilly e Gabriel com seu simples café preto. Conversamos por horas e horas a fio, até que o fluxo de pessoas entrando no cinema nos convenceu a comprar ingressos e entrar.

Lá dentro, a sala imponente fazia com que nossos passos ressoassem no assoalho de madeira. O grande palco no centro dava lugar a uma enorme tela que se iluminou com um trailer sobre algum filme barulhento. Gabriel e eu nos acomodamos em uma das cadeiras aveludadas bem no fundo do cinema. Quando ele envolveu meus ombros com seus braços, pensei no que a última carta de Valentina havia dito. *Encontre um tesouro só seu na estrada.* Acomodei minha cabeça em seu ombro, pensando que talvez já tivesse encontrado.



*Esta noite, somos jovens
Vamos colocar fogo no mundo
Podemos queimar com mais luz
Do que o Sol
We are Young - Janelle Mónica*

Já estava escuro quando saímos do cinema. Depois de lá, seguimos direto para Santa Tereza, um bairro boêmio repleto de barzinhos onde grandes bandas nacionais já haviam estado. Gabriel, Lucas e Mauricio tocariam lá em poucas horas, por isso enviei uma mensagem a Tasha pedindo que ela e Laura nos encontrassem lá.

Demoramos tanto tempo pra chegar, perdidos em uma conversa empolgada, que quando entramos no barzinho, uma estranha cena se desenrolava. Ali no ambiente mal iluminado, em uma mesa larga em frente ao palco, nossos amigos conversavam. Em um canto, Tasha se acomodava confortavelmente no colo de Lucas, parecendo perigosa e insana em seu vestido preto justo e jaqueta jeans detonada. Lucas brincava com suas mechas negras em meio ao cabelo platinado, parecendo entretido. No outro, Laura se esquivava dos avanços de Mauricio, que parecia tão estranho e desagradável quando no dia em que o conheci na praia.

— Espero que vocês não tenham bebido toda a cerveja. — brinquei.

Tasha desviou os olhos de Lucas por tempo o suficiente para perceber nossa chegada.

— Ainda não, mas eu me apressaria se fosse você.

Puxei uma cadeira ao lado de Laura e coloquei um pouco da cerveja preta que estava na mesa em um copo. Gabriel se sentou ao meu lado.

— Como vocês encontraram esse lugar? — Laura indagou, olhando para as paredes, onde diversos pôsteres de filmes famosos

formavam um mosaico de imagens, juntamente a alguns de músicos dos anos 80 e 90. Na parede diante de nós, a clássica foto dos Beatles atravessando uma faixa de pedestres brilhava com a luz amarelada. Laura os observava com os olhos vidrados.

— Um cara achou o nosso site e nos convidou pra tocar aqui.

— Lucas explicou.

— Parece que esse cara é um grande fã de Tarantino. — comentou Gabriel, apontando para os pôsteres de *Kill Bill*, *Bastardos Inglórios* e *Pulp Fiction* na parede atrás de nós.

— Nunca gostei muito de Tarantino. — Tasha comentou casualmente, enquanto bebericava um pouco mais de sua cerveja.

Lucas arregalou os olhos e a encarou como se ela tivesse acabado de dizer que tinha assassinado um bebê.

— Como você pode não gostar de Tarantino? O cara é um gênio.

Tasha deu de ombros, parecendo desinteressada.

— É muita violência desnecessária, em minha humilde opinião.

Mauricio se aprumou na cadeira, levantando o queixo como se acabasse de perceber que estávamos ali.

— O mundo é um lugar violento — disse, com a voz monótona.

Ele empurrou um copo para Laura, que não o tocou. Ela parecia confortável ali, com as mesmas roupas que usava quando nos conhecemos, sua regata desgastada e um par de coturnos nos pés. Mesmo sem um pinga de maquiagem, havia uma beleza feroz nela.

— Nunca assisti nada dele. — Ela comentou. — Na verdade, nem me lembro a última vez que parei pra assistir um filme.

— Não sei sobre os filmes, mas as fotos com certeza são incríveis. — notei, ainda com os olhos presos nas paredes negras. Havia de tudo um pouco. Grandes artistas como Elvis, filmes, paisagens solitárias, imagens do tempo da primeira guerra em preto e branco. Eu nem sabia pra onde olhar.

Todos nós paramos um segundo para observar, então bebemos, rimos e discutimos até que eu me sentisse levemente tonta. Em algum ponto, Lucas disse que eles deveriam começar a se preparar, então eles subiram no palco e tocaram até que a noite ficasse velha.

— Não consigo sentir minhas bochechas. — Tasha afirmou, amassando a carne redonda no rosto com a ponta dos dedos.

— Você está tão bêbada que estou surpresa que a sensação nas bochechas é tudo o que você perdeu — provoquei.

Tasha olhou em direção ao palco, onde Lucas ainda tocava a bateria, com os olhos nela.

— Não se preocupe. Planejo perder algumas outras coisas mais tarde — disse, com uma piscadela.

— Beba um pouco de água, então — insisti. — Não vou te mandar em uma noite de sexo selvagem sem pleno controle de suas capacidades mentais.

Tasha nem tentou discutir. Pediu uma garrafa de água ao garçom bonito e extremamente magro e bebeu com vontade.

— Mauricio não tira os olhos de você. — Tasha notou, falando com Laura.

A garota bebericou um pouco do mesmo copo de cerveja que tinha estado em sua mesa o tempo todo e pôs os olhos no garoto de cabelos espetados no palco.

— Aquele garoto me dá calafrios.

Parecendo perceber que o encarávamos, ele deu um passo à frente e soou sua guitarra.

— Sinto o mesmo — comentei.

Tasha se inclinou para frente com um olhar levemente aéreo e apoiou o cotovelo na mesa de madeira.

— Você está viajando há quase um ano sem parar. Deve ter encontrado algumas paixões pelo caminho.

Laura sorriu timidamente, e uma súbita nostalgia tomou seu rosto.

— Houve uma. No Peru.

Tasha se inclinou ainda mais sobre a mesa, como se farejasse de longe uma história apetitosa.

— O que aconteceu?

Laura apoiou as costas na cadeira e suspirou. O olhar parecia perdido, viajando de volta a um outro lugar, longe dali.

— Nos conhecemos nas ruínas de Machu Picchu. Estava viajando de carona com um casal na época e eles já estavam voltando para o Brasil. Estava pensando em voltar com eles quando a vi lá. Ela era tão livre, tão... — ela parou por um segundo, como se procurasse a palavra certa. — vivaz. Ela estava lá participando de um grupo de escavação, procurando por tesouros perdidos nas ruínas e campos arqueológicos.

— Era uma garota? — Tasha perguntou, a curiosidade transbordando do tom de voz.

Laura não parecia ofendida com a pergunta.

— Não. Era a garota.

Tasha suspirou apaixonadamente, encantada com a história. Apesar das roupas exageradas e atitude, ela era uma romântica incurável. Mesmo que algumas coisas houvessem mudado, aquela garota tímida e ingênua que eu conheci uma vez ainda surgia de vez em quando, como agora.

— Ela foi a sua única paixão?

Laura negou com a cabeça.

— Houve um garoto na minha cidade natal uma vez. Mas nunca senti nada como o que senti com ela.

— Teve um garoto também? — Tasha perguntou, surpresa.

Laura deu de ombros, como se ouvisse aquele choque no tom das pessoas o tempo todo.

— Eu me apaixono por pessoas, não por gêneros.

— O que aconteceu com a garota no Peru? — perguntei, impaciente com explicações e ansiosa pra saber o final da história.

Laura tocou a pedra ametista que tinha no pescoço, acariciando-a levemente. Pelo carinho e cuidado com o qual ela o tocava e nunca a tirava do pescoço, imaginei que era um presente da garota que ela deixou pra trás.

— Nos apaixonamos. Fiquei lá por quase dois meses. Mas a vida dela era lá, seu trabalho, sua família. Eu queria viajar, continuar em frente. Precisava disso, entende? Ela queria ficar. Então, fui embora e nunca mais a vi. — Laura terminou, com uma melancolia discreta na voz.

— Você nunca se arrepende? De ter ido embora, quero dizer — perguntei.

— Não — disse, sem pensar duas vezes. — Viajar começou como um modo de escapar do drama da minha mãe. Se tornou um

sonho. Então uma necessidade. Se eu tivesse desistido disso por ela, teria ressentido isso para sempre depois.

Depois de uma pausa, ela acrescentou:

— Mas confesso que se a visse de novo agora, talvez as coisas fossem diferentes. Talvez deixasse essa vida de lado e criasse raízes em algum lugar. Algumas pessoas valem a pena.

Meus olhos vagaram em direção ao palco, onde Gabriel cantava daquele modo relaxado, como se pertencesse ali.

— É — respondi, alheia a ela e a tudo que não fosse o modo como ele olhava pra mim. — Certamente valem.

— Está apaixonada por ele, não está? — Laura seguiu meu olhar até o palco.

Dispensei seu comentário com um bufar desconfortável.

— Caidinha. — Tasha falou.

— Mal o conheço — respondi ao mesmo tempo. Assim que as palavras deixaram minha boca, percebi que eram mentiras. Gabriel tinha entrado em minha vida poucos dias antes, mas eu o conhecia. Sabia quem ele era. Mostrei a ele quem eu era, debaixo de tudo. E quando isso acontece, o tempo é irrelevante.

Estava tão concentrada na pergunta de Laura que mal percebi quando os garotos desceram do palco e juntaram-se a nós. Gabriel se esgueirou por trás de mim e plantou um beijo leve no meu pescoço que fez meu corpo inteiro se arrepiar.

— Do que vocês tanto falam aí tão envolvidas? — Lucas indagou, puxando uma cadeira ao lado de Tasha.

— Estávamos planejando uma maneira de matá-los sem deixar nenhuma evidência, logicamente. — Tasha respondeu, pondo os braços ao redor dele de modo carinhoso.

— Logicamente. — Ele concordou, colocando as pernas dela sobre seu colo.

— Arrumem um quarto. — Mauricio comentou, parecendo levemente mais bem-humorado depois de tocar.

— Temos toda a intenção no mundo de fazer isso. — Tasha deixou claro.

Mauricio resmungou algo inaudível.

— Falando em quartos, a gente devia ir. Já está quase de manhã e temos que pegar a estrada daqui a pouco se quisermos chegar em Brasília a tempo. — Gabriel observou, sabiamente.

— Tasha, vocês trouxeram a Kombi? — indaguei.

Ela assentiu.

— Onde vocês estão ficando?

— Em um hostel aqui em Santa Tereza — respondeu Gabriel.

— Vou dar uma carona pra vocês e depois levo as meninas pro hotel no centro — falei, me levantando. Assim que deixei a cadeira, minha cabeça começou a girar. Só então percebi quanta cerveja realmente tinha tomado. Gabriel segurou minha cintura e me ajudou a me equilibrar.

— Ok. Quem aí está sóbrio o suficiente pra dirigir?

— Não bebi nada. Posso dirigir, se quiserem. — Laura se voluntariou.

Agradei com um aceno de cabeça. Tasha jogou as chaves para Laura e todos nós seguimos até o caixa, onde juntamos um pouco de dinheiro de cada para pagar a conta. Saímos em direção a noite fria, que nos recebeu com uma garoa que engrossava aos poucos. Perdidos em nosso torpor embriagado, seguimos até a Kombi, com o coração trovejando mais alto que o céu chuvoso.



Ei você

Não me diga que não há nenhuma esperança

Juntos nós resistimos, separados nós caímos

Hey you - Iron Maiden

Nós pegamos a estrada na manhã seguinte. Todos nós compartilhávamos olhos inchados e cabelos que pareciam ninhos de rato, exceto por Laura, que mantinha seu natural brilho dourado. Devido a monumental dor de cabeça, deixamos Laura dirigir a Kombi. Mauricio foi ao seu lado no banco da frente, seguidos por Lucas e Tasha no primeiro banco traseiro e Gabriel e eu na última fileira do fundo.

Nós brigamos por quase meia hora sobre o que tocar no caminho, até que eu mandei todos calarem a boca e liguei um bom e velho Engenheiros do Hawaii no rádio. Depois disso, seguimos rumo a Brasília.

A viagem foi envolvida por um torpor alegre e exausto. Juntos, nós criamos uma espécie de energia que transbordava do carro em ondas. Não sei dizer quanto tempo a viagem durou. Por boa parte do caminho, dormi no colo de Gabriel, que acariciava minhas ondas rebeldes com delicadeza e deixava que eu dormisse por um longo tempo, então me acordava com um beijo.

Já estávamos atravessando o Goiás quando ele pegou o violão de Laura e começou a tocar baixinho uma melodia que eu não reconheci. As notas eram suaves e longas, repletas de uma melancolia saudosa. Encostei a cabeça no banco e fechei os olhos, sentindo a brisa intensa levantar meus cabelos e tentando absorver cada uma das notas.

— Nunca ouvi isso antes.

— Eu escrevi.

Abri os olhos e encarei-o, surpresa.

— De alguma maneira, você nunca para de me surpreender.

Ele sorriu, os cabelos bagunçados sobre os olhos, os dedos ansiosos percorrendo as cordas do violão. Por trás daquele sorriso despreocupado, havia uma energia tão pulsante que parecia loucura. Uma vontade voraz que queimava como uma fogueira em uma noite escura de janeiro. Vontade de viver, de fazer a diferença, de agarrar cada momento antes que ele escapulisse no espaço vazio entre seus dedos. Gabriel tinha sua própria maneira de capturar o vento.

De repente, a música parou. Um leve tremor na mão direita fez com que Gabriel parasse de tocar. Ele escondeu a mão rapidamente e colocou o violão de lado, engolindo em seco e tentando forçar um sorriso. Tentei fingir que não tinha percebido o que aconteceu, mas obviamente não fiz um bom trabalho, porque Gabriel pousou as mãos sobre o banco, parecendo chateado.

— É tão estranho pensar que um dia eu não vou mais conseguir fazer isso. Tocar, escrever. Segurar uma faca. — Ele mordeu o interior dos lábios com força. — Lá se vão os meus planos de ser um serial killer. — tentou brincar.

Uma dor profunda atravessou seu rosto. Ele olhou ao redor do carro pra ver se alguém tinha notado o que havia acontecido, mas Lucas e Tasha dormiam profundamente enrolados um ao outro e a música abafava o som para Laura e Mauricio no banco da frente. Eu não sabia o que dizer ou como dizê-lo. Então apenas coloquei minha mão sobre a sua até que o leve tremor parasse. Sem pensar muito no que fazia, levei cada um dos seus dedos aos lábios e os beijei. Depois, coloquei minha mão sobre a sua e levei ambas até seu coração, que trovejava raivoso em seu peito.

— Sente isso?

Ele assentiu.

— Isso é vida. Enquanto isso ainda funcionar, você tem todo o tempo no mundo.

Desta vez, seu sorriso foi genuíno. Apesar da barba rala e maxilar forte, quando ele sorria assim, com os olhos cor de musgo tão cheios de vida, ele parecia um garoto. Peguei o violão e coloquei em seu colo novamente. Ele o recebeu com certa hesitação, mas, por fim, retomou as notas perfeitamente tristes da canção que tinha começado pouco antes. Por um tempo, deixamos que a música fizesse o que música faz. Deixamos ela nos curar.

**

Não ficamos em Brasília por muito tempo. Chegamos à noite, bem em cima da hora do show. Mesmo com o horário apertado, insisti em parar e tirar uma foto da ponte JK, com as águas negras do lago debaixo dela refletindo a luz suave dos postes e dos faróis dos carros que se apressavam.

A noite em Brasília era extremamente silenciosa, o que me surpreendeu. Considerando que era a capital, acredito que eu esperava um movimento frenético. Já que estávamos todos quebrados demais para ficar mais uma noite em um hotel pela área, decidimos partir logo após o show. Estávamos decididamente voltando a São Paulo. Ou pelo menos os garotos estavam. Eu ainda não fazia ideia do que a carta número 5 diria, pra onde me levaria.

O sol nascia no horizonte, colorindo o céu de azul intenso, quando Lucas teve uma ideia.

— Um amigo meu disse que tem umas cachoeiras fantásticas ao redor de Brasília. A gente podia procurar uma, né? Acampar por algumas noites antes de voltar pra casa.

— Ótima ideia — concordei, animada. — Quem topa?

Todos concordaram com entusiasmo.

— Alguém aí tem internet no celular?

Encarei cada um, a procura de confirmação. Ninguém disse nada.

— Não tenho nem celular. — Laura afirmou.

— Vamos parar em um restaurante por aqui e tentar pesquisar alguma coisa.

Descemos até o fim da Asa Sul em busca de wi-fi gratuito, o que se provou desnecessário. Em um restaurante local, o garçom, um homem simpático por volta dos seus trinta anos, nos informou que havia uma cachoeira belíssima no Goiás, a apenas algumas horas de distância e nos deu a direção de como chegar até lá.

Menos de meia hora depois, rumamos para a Chapada dos Veadeiros.

Havia inúmeros bairros e pequenas cidades no caminho até a chapada. Por diversas vezes, paramos para pedir informação. Tasha, Laura, Lucas e eu revezamos no volante. Depois de quase 250km de estrada, chegamos em uma pequena vila chamada Alto paraíso. Apesar de ter muitos restaurantes e pequenas pousadas, Alto Paraíso preservava uma aura zen e mítica inexplicável que nos fez parar para um almoço. No restaurante, um grupo de hippies visitando a cidade sentou-se conosco e conversamos por um tempo. Eles estavam ali há mais de duas semanas, então tinham dicas do que fazer ao redor.

— A cidade está localizada sobre uma placa de cristal de quartzo. Dizem que se ilumina quando olhada do espaço. — Uma das garotas hippies com penas nos cabelos claros mencionou. — A gente veio pra cá em 2012, quando o calendário maia previu o fim do mundo. Tinha muita gente por aqui.

— Ahh. — Tasha exclamou. — Aquela estátua gigante de ET's que diz: "Sorria, você está sendo abduzido" na entrada da cidade faz todo o sentido agora.

— Vocês deviam passar pelo Vale da Lua. É bem pertinho daqui, fica no parque Nacional, e o lugar é inacreditável. — Um outro do grupo indicou, enquanto mordiscava um pedaço de carne.

Seguimos o conselho do homem barbado, e, depois de trocar de roupa para algo mais confortável dentro do banheiro do restaurante, colocamos a Kombi para rodar mais uma vez. O Vale da Lua era bem perto da cidade, localizado em uma propriedade privada. Lucas insistiu e choramingou até que conseguíssemos um bom desconto para entrarmos. A trilha até o local era curta, mas fantástica. Vários animais pequenos vieram nos cumprimentar no caminho, antes de desaparecer na mata novamente.

Eu nunca tinha visto nada igual aquele lugar. O conjunto de pedras por onde passavam águas cristalinas havia sido cavado pelo tempo de modo que as formações rochosas fossem similares a crateras lunares. Os padrões insanos das rochas cinzas entrecortadas pelo rio de um verde intenso eram a coisa mais impressionante que eu já havia visto.

— Uau. — Laura exclamou, tirando as palavras da minha boca.

— Caramba, como será que as pedras ficaram assim? — Mauricio indagou, com uma mistura de perplexidade e curiosidade no rosto. Era a primeira vez desde que eu o havia conhecido que ele demonstrava emoção genuína.

— Uma chuva de meteoros caiu aqui e essas pedras são material extraterrestre. — Tasha brincou, copiando o olhar aéreo da garota no restaurante.

— Não seja ridícula. Isso aqui era a casa dos dinossauros milhares de anos antes. As pedras devem ser titica petrificada. — Lucas entrou na brincadeira.

— Isso não faz nenhum sentido. Acho que os garimpeiros fizeram isso quando estavam procurando por um tesouro pirata. — Laura afirmou.

— Ou a água simplesmente esculpiu as pedras com o tempo. — Mauricio insistiu, revirando os olhos e matando a brincadeira.

Tirei a camiseta, os shorts e o tênis que havia vestido no restaurante, deixando apenas o biquíni azul. A conversa cessou por um segundo enquanto todos observavam.

— Vocês podem ficar aqui e discutir teorias malucas, mas eu vou entrar.

Coloquei a ponta do pé na água para testar a temperatura. Meu dedão imediatamente congelou, mas isso não me impediu. Mergulhei na água cristalina, deixando que a sensação gelada envolvesse minha pele em um abraço confortável. Aos poucos, todos entraram na água. Tasha e eu éramos as únicas que haviam levado roupas de banho. Os garotos entraram com bermudas e deixaram as camisetas jogadas sobre as pedras. E Laura, sem se importar muito, pulou na água apenas com suas roupas de baixo.

Gabriel foi o último a entrar. Lembrei daquele dia no arpoador, quão difícil tinha sido para ele entrar no mar. Sorrindo, acenei na água para que ele viesse até mim. Hesitante, ele mergulhou.

— Só você mesmo pra me fazer entrar em um lugar desses — resmungou, tremendo por algo a mais que a temperatura, apesar da água mal alcançar seus ombros.

Entrelacei os dedos ao redor do seu pescoço e sorri.

— Estou bem aqui — garanti. — Não se preocupe, eu te protejo.

Ele revirou os olhos e me prendeu em seu abraço.

— Que tal isso? Eu te ensino a nadar, se você me ensinar a tocar. — propus.

— Combinado.

— Merda, essa água está congelante! — Mauricio resmungou, enfiando apenas a ponta dos pés na água cristalina cercada pelas rochas. Agora que ele estava sem camisa, notei as tatuagens diversas marcando a pele de suas costas e ombros, cobrindo praticamente tudo. Tribais, imagens de pequenos diabos e garrafas de bebida se misturavam em um mosaico em suas costas pálidas. Podia jurar que já tinha visto as espadas cruzadas em seu ombro direito em uma das gangues de São Paulo, mas decidi que preferia não saber.

— Pare de reclamar e aproveite, zangado. — Lucas repreendeu-o, agarrando Tasha pela cintura. Ela jogou água sobre seus cabelos curtos em estilo militar e a beijou com tanta paixão que todos desviamos o olhar.

— Definitivamente não vou dormir na mesma barraca que aqueles dois. — Gabriel afirmou com veemência, rindo.

Me aproximei dele na água, envolvendo seu pescoço com os braços. Ele tremeu, se pelo frio ou pelo toque, era impossível saber. Devagar, levei meus lábios ao seu ouvido.

— Não se preocupe. Você pode dormir na minha.

Dessa vez, foi ele quem me puxou para mais perto. A água fazia nossos corpos parecerem incrivelmente leves. Ele enterrou seus dedos em meus cabelos e se aproximou, os lábios nos limites dos meus, mas sem me beijar. Estremeci.

— Definitivamente aceito a sua oferta.

Uma voz profunda interrompeu o beijo que certamente viria.

— Caralho, eles colocam algo na água desse lugar? — Mauricio reclamou.

Ficamos muito felizes em ignorá-lo. Tentei ensiná-lo a nadar da melhor maneira possível, mas eu era uma professora terrível. Laura me ajudou, e quando o sol começou a baixar no céu, transformando as rochas de cinza em um leve negrume, ele já conseguia nadar bem o suficiente. Sem querer deixar aquele paraíso, mas temerosos de voltar pela trilha na noite imprevisível, nós saímos do rio, encharcados, já que ninguém havia pensado em levar uma toalha, pegamos as roupas que havíamos deixados nas pedras e partimos.

A trilha parecia mais fechada e assustadora agora que o sol começava a desaparecer. Gabriel, Lucas e Mauricio seguiam na frente. Tasha arrastava o corpo magrelo e despreparado atrás de mim e Laura. Ela parecia estranhamente em paz ali, mesmo com os ruídos sinistros que vinham da mata. Seus dreads loiros ainda guardavam pequenas gotas d'água, que escorriam aos poucos por suas costas.

— Já pensou no próximo destino? — indaguei, já triste porque sabia que ela teria que ir embora eventualmente.

Laura deu de ombros.

— Ainda não. Talvez o nordeste. Talvez a Ásia, se eu juntar grana o suficiente pra uma passagem.

O som trépido de um galho partindo-se fez com que eu desse um passo para trás, alarmada. Laura riu da minha reação exagerada.

— Você é tão corajosa em deixar tudo pra trás assim. Essa viagem tem sido a experiência mais intensa da minha vida, mas não sei se eu conseguiria ir embora de vez.

Laura comprimiu os lábios, o rosto sério e compenetrado. O som de sua respiração parecia extremamente alto ali na mata silenciosa.

— Ir embora só é difícil quando você tem algo pra deixar pra trás.

— Você também tinha. Tem. Sua mãe deve sentir sua falta.

Laura se encolheu, como se eu tivesse acertado um soco em seu estômago. Arrependi-me imediatamente de mencionar a mãe da garota. No entanto, ela não parecia com raiva, apenas triste.

— Deixá-la foi tão fácil. Eu simplesmente peguei uma mochila e fui embora. Nunca olhei pra trás.

— Ninguém consegue fugir pra sempre — afirmei, pensando em meu pai. Ele nunca mais havia ligado depois daquela noite no hospital. Nunca me despedi de verdade. Não sabia se ele realmente tinha ficado na reabilitação ou não. Sequer sabia se ele estava vivo ou não. Um aperto surgiu em meu estômago.

— Acredite em mim. A gente nunca realmente consegue deixar nossa família pra trás, por mais que a gente tente — afirmei, um pouco da alegria leve que tinha sentido no rio indo embora.

Uma sombra atravessou o rosto de Laura.

— Talvez você tenha razão.

— Chegamos! — Lucas gritou logo a frente, sinalizando o final da trilha e acabando com o momento entre nós. Gabriel se juntou a nós e pegou minha mão. Compartilhei um sorriso cúmplice com Laura antes de segui-lo até o fim da trilha. Uma pequena placa de madeira indicava um camping não longe dali. Decidimos seguir até o lugar onde tínhamos estacionado a Kombi a pé e encontrar o camping depois.

Então, todos juntos, emergimos entre as árvores, deixando o Vale da Lua, e o das lembranças, para trás.



*E me sinto nua diante da multidão
Porque essas palavras são meu diário gritando
E eu sei que você vai usá-las como quiser*
Brathe - Anna Nalick

Decidimos dormir em um camping poucos quilômetros adiante, em um vilarejo pitoresco e animado chamado São Jorge. Ali, alugamos quatro barracas e nos preparamos para passar a noite. O lugar estava relativamente vazio, com apenas alguns jovens fazendo uma fogueira na mata logo adiante, às margens da cachoeira que cercava o camping. O silêncio era como um sopro de ar fresco. Tudo o que se ouvia era os ruídos abafados de cigarras por perto e ocasionais risadas flutuando ao nosso redor, como míticos cantos de sereia.

Todos estavam tão exaustos que seguiram direto para as barracas. Lucas e Tasha desapareceram assim que colocamos os pés no camping, enrolados um no outro e dando risadinhas. Laura fez questão de ficar o mais distante de Mauricio possível, então ele seguiu para um dos alojamentos sem se despedir. Gabriel e eu fomos os últimos a deixar nosso lugar sob o céu estrelado.

— Estou morto. — Ele declarou depois de algum tempo, esfregando os olhos. — Vou dormir. Vem comigo?

Me senti imediatamente tentada. Ele ainda usava só a bermuda escura que tinha usado para tomar banho no Vale da Lua, e sua pele clara parecia quase prateada na pouca luz. No entanto, sabia que tinha algo a fazer antes de me perder nas nuances de seu corpo seminu.

— Preciso fazer uma coisa primeiro.

Ele não perguntou o que era. Não precisava. Pousou um beijo suave em minha testa e se despediu, desaparecendo em nossa barraca. Procurei um toco de árvore achatado no chão no qual me

sentar e observei o céu estrelado por alguns minutos, perdida em pensamentos.

Quando me senti pronta, retirei o diário e a caixa da mochila. O medo do que encontraria ali me fez revirá-lo entre os dedos por minutos intermináveis, sem abri-lo. Depois do que pareceram horas, finalmente revirei a caixa em busca de uma chave. Encontrei uma, pequena e acobreada, quase invisível em meio à bagunça lá dentro. Hesitante, coloquei-a na fechadura e girei.

05/01/2013

Guilherme e eu finalmente dormimos juntos hoje. Nós fomos para a praia olhar as ondas e ele me beijou. Quando ele me tocou, foi diferente de tudo o que já senti. Eu já estive com outros homens antes, mas sempre me pareceu algo que eu tinha que fazer. Com ele, eu descobri que sexo pode ser algo bom. Algo belo. Mal posso esperar para contar para Ali e Tasha sobre o que aconteceu. Elas sempre me falam que eu devia tomar cuidado com os caras com quem me envolvo, mas tenho a sensação de que vão gostar de saber dele.

Eu me lembrava daquilo. Valentina tinha batido na minha porta às 5 da manhã do dia seguinte, o rosto iluminado por algo que eu não conseguia entender. Ela abaixou a voz e me puxou para a varanda, onde me contou tudo sobre a noite que tinha passado com ele. Lembro de ter pensando que era a primeira vez que eu realmente via aquele tipo de felicidade no rosto dela ao falar de um

cara. Virei a página com avidez, esperando que as próximas entradas no diário fossem igualmente alegres. Mas não eram.

27/03/2013

Começou novamente. Não sei o que fiz de errado dessa vez. Ele nos levou para o Rio, disse que precisávamos de um tempo em família. Eu não estava esperando que ele viesse me ver em meu quarto novamente. Nem sequer gritei.

Quando meus pais morreram e eu fui parar na casa de Tia Maria, eu era uma garotinha de 8 anos de idade. Não entendia o que ele estava fazendo comigo. Sabia que era assustador e horrível, mas quando ele dizia que era minha obrigação, eu acreditava. Quando fiquei velha o suficiente para que ele ficasse com medo que eu contasse, ele parou. Simplesmente parou. Nem falou comigo por anos. Foram bons anos.

Eu entendo agora a extensão do que ele está fazendo. Mas tenho medo que ele me mate se eu contar. Ele me mostrou uma arma debaixo da cama deles na última vez que protestei. Todas as partes do meu corpo doem onde ele me bateu. Me sinto tão perdida, tão quebrada. Disse pra minha tia que tinha caído na praia. Uma garota me ajudou com meus machucados. Ela era gentil. Parecia tão feliz com os pais. Quis trocar de lugar com ela o tempo inteiro enquanto conversávamos. Ainda estou escondida com ela. Estou com medo de voltar.

Parei de ler por um momento, totalmente em choque. Só percebi que estava cerrando os punhos com força quando o sangue

vermelho, parecendo quase negro na noite escura, escorreu pelo meu pulso. Meu rosto estava úmido. Só assim me dei conta de que estava chorando. Meu corpo inteiro parecia dormente. No entanto, meus olhos se voltaram para as páginas, como se atraídos para elas.

02/04/2013

Contei para Tia Maria o que aconteceu. Contei tudo o que ele fez comigo quando eu era pequena e o que voltou a fazer agora. Primeiramente, parecia que ela entendia; que iria me ajudar. Que me levaria à polícia ou mandaria aquele mostro ir embora e nunca mais voltar. Mas não foi isso que ela fez. Ela segurou minhas mãos que tremiam descontroladamente e me disse que eu estava sendo uma garota tola, e que se algum dia contasse para outra pessoa, ela me colocaria na rua e faria questão de ter certeza que ninguém acreditasse em mim. Ela me disse que havia um lugar para garotas com imaginação fértil como a minha. Acho que a odeio.

Fechei o diário com força, na vã esperança de que pudesse trancar aquelas palavras lá dentro para sempre e nunca mais pensar nelas. Um ódio tão profundo se espalhou por minhas veias, quente como lava, que pensei que fosse desabar. Eu queria matá-lo. Queria matar os dois. Pensei em como Maria tinha olhado na minha cara e mentido. Onde estaria Marco agora? Eu precisava encontrá-

lo e colocá-lo na cadeia. Tinha que fazê-lo, por ela. Sem resistir ao magnetismo negro daquelas páginas, abri o diário novamente.

25/05/2013

Guilherme e eu passamos o dia juntos. Ele tentou me fazer rir. Eu tentei rir, por ele, mas não sei se consigo mais fazer isso. A mãe dele nos interrompeu quando nos beijávamos no quarto dele. Ela acabou de sair de uma cirurgia complicada e está tomando remédios tão fortes que nem sabe o que está acontecendo ao seu redor na maior parte do tempo. Honestamente, tenho um pouco de inveja dela. Tudo o que eu mais queria era uma pequena pílula que me fizesse não ver o que está acontecendo. Fiquei feliz que ela tenha interrompido. Mal consigo olhar pra Guilherme agora, mal consigo deixar que ele me toque. Aquele monstro estragou até isso pra mim. Acho que é isso que ele faz. Ele quebra tudo o que eu acho precioso.

Revirei algumas das próximas páginas, nas quais o tom das palavras de Valentina se tornavam ainda mais sombrios. Quando cheguei à metade, não conseguia mais ler. Um ruído sinistro ecoou na noite escura e interrompeu meus pensamentos. Olhei ao redor, imaginando todo o tipo de réptil assassino vindo me atacar, mas não vi nada. Nada além das longas sombras das barracas no chão de terra.

Envolvi meu corpo com os braços, subitamente gelada. O ruído se repetiu, alarmante. Um leve farfalhar na noite silenciosa.

Levantei-me da pedra, as mãos cerradas em punhos, pronta para chutar o traseiro de quem estivesse ali.

— Acalme-se, Alicia. Sou só eu. — Uma voz feminina flutuou de algum lugar entre as árvores.

Não reconheci quem estava ali até que um rosto emergisse das sombras. Suspirei de alívio ao reconhecer os longos cabelos loiros enrolados em dreads bagunçados e a pele bronzeada, dourada como o sol, repleta de sardas.

— Laura, você quase me deu um ataque cardíaco.

Ela deu um passo à frente, as mãos estendidas diante de si.

— Desculpa — falou, com as mãos pra cima. — O que está fazendo aqui sozinha essa hora?

Estendi o diário à minha frente. Laura pousou os olhos nele, a compreensão inundando seu rosto imediatamente.

— Decidiu ler, então.

— Queria não ter lido — retruquei, a voz embargada.

— Você está chorando.

Passei a mão pelo rosto úmido, surpresa. Não tinha notado as lágrimas até então. Estava me sentindo estranhamente dormente. Sabia que quando absorvesse o peso de tudo o que tinha lido, entraria em desespero, então agradeci pela falta de sensação.

Laura deu alguns passos em minha direção, as sombras cobrindo metade do seu rosto, um flash de compaixão em seus olhos cor de mel.

— Precisa gritar?

Neguei com a cabeça.

— Quem sabe mais tarde.

Só então notei que ela tinha sua grande mochila preta nas costas e carregava consigo o estojo de violão. Franzi o cenho.

— Está indo embora?

Ela assentiu, parecendo um pouco envergonhada.

— Queria me despedir, mas não sabia como.

— Sem problemas. Não sou muito fã de despedidas também.

— A tranquilizei.

Suspirei, sem saber o que fazer. Eu sabia que provavelmente nunca a veria novamente. Sentiria sua falta, mas estava grata por tê-la encontrado.

— Já decidiu pra onde ir?

Ela se remexeu desconfortavelmente, fazendo com que os galhos sobre seus pés estalassem, como ossos sendo quebrados.

— Sim. Acho que você estava certa. Não posso fugir pra sempre. Tem alguém que tenho que visitar.

Ela não precisava dizer quem. Eu podia ver, pelo tremor na voz e os olhos lacrimejantes que ela falava da mãe.

— Acho que ela vai ficar feliz em te ver.

— Se ela me reconhecer — lamentou, abaixando os olhos tristes para escondê-los de mim.

Peguei sua mão livre, a que não segurava o estojo com firmeza, e deixei que o calor nelas aquecesse o pânico gelado que eu via em seus olhos.

— Ela vai reconhecê-la. Tenho certeza disso.

Laura respirou fundo, deixando que um pouco da tensão escapasse de seus ombros estreitos.

— Está pensando em ficar por lá? Criar raízes?

Laura negou com veemência.

— Ficar parada não está em meu sangue — afirmou, com uma certeza de ferro na voz. — Mas eu devo pelo menos uma despedida à ela.

Sorrindo com orgulho, envolvi-a em um abraço apertado. Ela apoiou a cabeça em meus ombros e fui envolvida pelo seu cheiro suave, quase imperceptível. Ela cheirava à terra e folhas frescas. Seus cabelos faziam cócegas em meu nariz. Ainda assim, abracei-a por mais alguns segundos, sabendo que aquilo era um adeus.

— Estou feliz em ter te pegado na beira da estrada — disse contra os seus cabelos.

— Fico feliz que tenha sido você. A garota na Kombi maluca.
— Ela riu e me soltou.

— Boa sorte, Laura — disse, enquanto ela se afastava.

A garota olhou para trás uma última vez, sorrindo.

— Você também.

Observei enquanto ela partia, tão envolta em mistério quanto no dia em que eu a havia encontrado em uma BR qualquer. A raiva que eu sentia antes parecia diluída agora. As pessoas que eu encontrei e suas histórias eram os tesouros mais preciosos pelo quais eu podia pedir, eram um lembrete de que nem todos eram ruins. Enquanto Laura desaparecia, engolida pelas sombras sinuosas do camping, percebi que, apesar de todas as monstruosidades no mundo, eu ainda conseguia sorrir.



Fale comigo
Me diga como você vê as coisas
Porque eu quero ser tudo o que você precisa
Vamos nos apaixonar
Talk to me - Kopecky

Com a partida de Laura e as páginas do diário impressas permanentemente em meu cérebro, eu precisava de algo para me fazer sentir melhor. Então, juntei meus cacos do chão e caminhei até as barracas, ouvindo meus passos estalarem.

As barracas se erguiam como formigueiros, todas extremamente parecidas, de um verde escuro, quase negro, que se mesclava ao tom do céu estrelado. Não conseguia lembrar exatamente onde estava a barraca que eu procurava, por isso, segui caminhando e observando todas elas com atenção, tentando decifrar as sombras dentro delas para saber se era a que eu procurava. Soube com toda certeza que estava no lugar certo quando parei na extremidade mais afastada do camping, logo embaixo de uma árvore com o tronco robusto, de galhos nodosos que pareciam estender suas garras, abraçando a barraca como se a reivindicasse.

Abri o zíper e entrei. Gabriel dormia profundamente, o peito subindo e descendo em um movimento contínuo e hipnotizante. Seus cabelos castanhos ondulados cobriam sua testa, os lábios apenas entreabertos eram como um convite. Ele usava apenas o short que havia nadado mais cedo, o torso exposto refletia o apanhador de sonhos que alguém havia pendurado no teto da barraca. Ao seu lado, um livro ainda estava aberto, as páginas amarelas parecendo solitárias. Algo dentro de mim derreteu.

Devagar, tentando não acordá-lo, tirei meus sapatos e os coloquei do lado de fora. Parecendo perceber o movimento, Gabriel se remexeu e abriu os olhos, sonolento. Ele olhou para mim e

esfregou os olhos com as costas das mãos, se certificando de que eu realmente estava ali. Não sei se foram suas pupilas dilatadas, seu meio sorriso surpreso ou o fato de que ele afastou o livro com as mãos para não danificá-lo e fazer espaço para mim. Mas, de repente, tudo o que eu sabia no mundo era que o queria.

— Alicia...

Inclinei-me para ele e coloquei o dedo indicador sobre seus lábios.

— Shhh. — sussurrei, como um segredo.

Devagar, levei as mãos a cintura e puxei a camiseta que usava. Tirei-a completamente e a joguei no chão ao lado dele. Gabriel se sentou e me observou em meu biquíni azul, que eu ainda usava. Aos poucos, a surpresa em seu rosto foi substituída por um desejo voraz.

Ele tentou se aproximar e me tocar, mas não o deixei. Coloquei uma mão sobre seu peito nu e neguei com a cabeça, sorrindo. Ainda com uma lentidão torturante, desatei o nó do biquíni e deixei que ele caísse, expondo meus seios à ele. Soltei os cabelos, deixando que as ondas negras caíssem em cascatas sobre meus ombros. Ali, naquela barraca pouco iluminada, sob a luz do olhar dele, me senti a mulher mais incrível do mundo.

Conforme o fogo nos olhos dele se incendiava mais rapidamente, mais difícil ficava continuar a brincadeira. Tomada por um impulso incontrollável, envolvi seus quadris com as pernas e puxei seus cabelos para baixo, de modo que seus lábios encontrassem os meus com mais facilidade. Ele sorriu, aquele mesmo sorriso faminto bem-humorado que eu havia visto nele

quando me salvou na estrada. Mordi seu lábio inferior, suspirando contra ele.

— Alicia...

— Não. — O interrompi. — Não diga nada. Só me beije.

Feliz em obedecer, ele me puxou para si e me beijou de um modo inteiramente novo. Mais selvagem. Mais desesperado. Mais do que eu jamais havia imaginado possível. Seus lábios desceram em direção ao meu pescoço. Um gemido escapou de minha garganta. Quando ele terminou de me despir e levou a boca à minha mais uma vez, meu mundo inteiro entrou em desfoque.

**

Fui acordada na manhã seguinte pelo assobio melodioso de pássaros e os raios de sol perdidos que invadiam a barraca e aqueciam meu rosto. Ainda de olhos fechados, com preguiça de acordar de vez, estendi o braço e apalpei o chão macio, procurando por Gabriel. Quando não consegui senti-lo, abri os olhos, encontrando apenas sua camiseta de flanela ao meu lado. Sentei-me, confusa.

Ainda completamente nua, a brisa fria da manhã começava fazer com que todo meu corpo se arrepiasse. Peguei minha camiseta e os shorts detonados no chão e os vesti rapidamente. Estava prestes a sair e procurar por todo mundo quando Gabriel abriu o zíper e surgiu à minha frente, sorrindo.

— Bom dia — disse, com um entusiasmo adorável. — Queria te acordar com uma surpresa, mas parece que tenho terríveis

habilidades na natureza, então tive que encontrar um supermercado.

Sem saber do que diabos ele estava falando, procurei ao redor da barraca pela surpresa. Ele riu da minha reação e pegou uma bandeja de madeira, que na verdade era quase uma tábua, do lado de fora. Nela, havia uma maçã enorme de um vermelho tentador, dois sucos de caixinha, alguns pães de queijo e duas peras.

— Não consegui encontrar talheres. — Ele disse, apologeticamente.

Encarei-o por um segundo, surpresa com o gesto. Ali, com o odor adocicado de seu café da manhã na cama improvisado, uma sensação desesperadora invadiu meu peito. Percebi, pela primeira vez, que não me importaria em acordar com ele todos os dias. Mais que isso, percebi que era o que eu queria. Queria que ele estivesse lá no final daquela história. Queria saber tudo que houvesse pra saber sobre ele. Eu o conhecia há apenas poucos dias, mas o entendia melhor que muitas pessoas que estavam na minha vida há anos. E sentia como se ele me conhecesse também. Subitamente, não consegui respirar.

— Merda. — exclamei. — Droga, droga, droga.

Não percebi que estava praguejando em voz alta até que o rosto tão absolutamente feliz dele desabasse.

— Não era exatamente a reação que eu estava esperando — comentou, decepcionado.

Tentei explicar que aquela não era uma reação à sua surpresa. Quis beijá-lo e agradecer. Quis que tudo voltasse ao normal. Mas não consegui falar nada. Não conseguia respirar. Reconheci a sensação desesperadora. Eu estava tendo um ataque de pânico.

— Droga. Droga — continuei praguejando.

Gabriel deixou a bandeja no chão e estendeu as mãos até meu rosto, envolvendo-o com as mãos largas e me forçando a encará-lo.

— Alicia? Está tudo bem? — indagou, uma preocupação intensa inundando o rosto.

— Gabriel — comecei, as mãos começando a suar frio. — Eu acho que amo você.

Por um segundo interminável, parecíamos congelados no lugar. Eu, com a respiração fraca e o peito subindo e descendo em um ritmo frenético. Ele, com os olhos arregalados em um choque completo. Um flash de êxtase brilhou em seu rosto, me fazendo pensar que tudo daria certo. Então, como um banho gelado depois de uma noite de bebedeira, algo fez com que a alegria deixasse seus olhos e suas mãos deixassem meu rosto, caindo ao lado de seu corpo, flácidas.

— Alicia...

Vendo aonde aquilo iria, levantei uma mão entre nós, como uma barreira, pedindo com o gesto que ele parasse.

— Não — implorei. — Não precisa dizer nada.

Antes que eu tivesse que ver mais uma vez aquele sentimento que eu não conseguia nomear no rosto dele, saí da barraca, a sensação de pânico completo começando a diminuir com a distância. Levantei o rosto para o sol, tentando absorver a brisa cálida. Corri para longe das barracas, para as árvores que cercavam o camping. Só então meu batimento cardíaco começou a se normalizar.

Estava tão presa em meus próprios pensamentos que não percebi os passos atrás de mim até que Gabriel já estivesse quase

ao meu lado, as mãos nos joelhos, tentando absorver o máximo de oxigênio possível.

— Gabriel?

Ele se aproximou, os passos decididos.

— Desta vez sou eu quem vou falar — insistiu, se aproximando até que eu estivesse presa entre seu corpo e a árvore atrás de mim.

— Eu...

— Escute, por favor. Você é a pessoa mais teimosa, complicada e maravilhosa que eu já conheci. E, confie em mim, se eu fosse qualquer outro cara no universo, estaria lutando pra nunca deixar você escapar.

Seu maxilar estava travado, o hálito fresco em meu rosto, me deixando completamente tonta. Ele deslizou seus dedos contra os meus e os prendeu na árvore, como se fosse me beijar. Eu entreabri os lábios, pronta pra deixá-lo, mas ele suspirou e me liberou de seu aperto.

— Mas eu não sou qualquer outro cara no universo. Você nunca, jamais, vai ter uma vida normal ao meu lado. Em 10 ou 15 anos, talvez eu não seja sequer capaz de falar, ou abotoar minha própria camisa. Não terei controle nenhum sobre o meu corpo. Talvez eu chegue a um ponto onde eu não consiga sequer te reconhecer. Eu posso ficar instável, violento e sabe-se lá o que mais. — Ele parou de falar, cerrando os punhos com força, os olhos repletos de um medo, uma solidão e uma tristeza tão grande que tudo o que eu queria fazer era abraçá-lo.

— Nunca posso ter um filho, porque não vou arriscar que ele nasça com Huntington, como eu. É isso que você quer, Alicia?

Cuidar de um cara pro resto da vida? — Quando não respondi, ele abaixou os olhos, envergonhado. — Eu nunca te condenaria a uma vida amando um cara como eu.

De repente, senti raiva. Raiva dele por tentar me obrigar a me afastar. Raiva do universo por dar um fardo tão grande a uma pessoa tão boa. Raiva de mim mesma por amá-lo. Descontei toda aquela raiva nele. Comecei a socar seu peito, com força e repetidamente. Ele apenas ficou ali, paciente, esperando que eu me acalmasse. Finalmente, desabei contra ele, o rosto molhado com as lágrimas.

— Você não pode fazer essa decisão por mim, Gabriel. — insisti. — Eu não sei o que vai acontecer amanhã, quem dirá daqui a dez anos. Casais se juntam e se separam o tempo todo. Talvez a gente dê certo, talvez não. E se dermos, vou estar com você pra toda a merda que o universo jogar em nossa direção. Mas agora, nesse exato momento, não estou te pedindo um pra sempre. Só estou dizendo que te amo e isso me assusta pra caralho, mas é verdade.

Ele apenas me encarou, aquela tristeza inacreditável no olhar. Senti um pouco da raiva se diluir.

— Ali, eu nunca vou ser...

— O quê? Normal? — completei.

Ele contraiu o rosto, como se eu o tivesse atingido fisicamente.

— Sim. Nunca vou ser normal.

Dei alguns passos em sua direção, até que seu rosto estivesse bem em frente ao meu.

— Quem se importa?

Ele envolveu minhas mãos com as suas e as afastou.

— Eu me importo — disse, colocando uma barreira inquebrável entre nós. — Eu me importo.

Não deixei que ele se afastasse. Continuei me aproximando até que fosse eu quem o pressionasse contra a árvore seca.

— Não vejo uma doença quando olho pra você. Eu vejo um cara incrível. Foi você quem me disse que não saber o que vai acontecer é a melhor parte. Que cada dia é um presente — continuei, levantando o rosto dele, impedindo que ele encarasse o chão. — Você não acredita mais nisso?

Ele comprimiu os lábios, uma expressão torturada, cada músculo em seu corpo contraindo-se como se lutassem para ficar longe.

— Acredito.

— Então?

Ele fixou o olhar em mim, e o que vi ali fez com que eu parasse de tentar me aproximar. O verde em seus olhos havia assumido um tom mais escuro, e havia tanto medo neles. Tanta tristeza.

— Você está com medo.

Ele abaixou a cabeça, sem negar minha afirmação.

— Não quero te machucar.

— Tome esse risco comigo. — implorei, entrelaçando meus dedos nos dele. — Foda-se o futuro. Escolha ficar comigo agora.

Ele encostou a testa na minha, com um olhar torturado.

— Não posso, Alicia — disse, e juro que senti algo dentro de mim se partindo. — Você não vê agora, mas estou fazendo isso por você.

Subitamente furiosa, afastei-o.

— Não diga isso. Você está fazendo isso por si mesmo, porque tem medo demais de tentar.

Ele abaixou a cabeça, sem dizer uma palavra.

— Você me ama, Gabriel? Ou apenas gosta de mim o suficiente pra tentar?

Ele não respondeu. Nos últimos dias, tinha enfrentado mais dor do que achava ser capaz de suportar. Mas nada se comparava ao poder devastador do seu silêncio.

Eu me aproximei mais uma vez, os olhos lacrimejando, e pousei meus lábios com suavidade no canto de sua boca. Ele continuou ali, o corpo imóvel contra a árvore seca. Limpei uma lágrima que havia escapado com o dorso das mãos.

— Não posso decidir por você.

Esperei que ele dissesse alguma coisa, qualquer coisa. Mas seu silêncio foi tudo o que recebi. Sem saber o que mais dizer, dei as costas à ele e fui embora. Ele ficou para trás, entre as árvores, petrificado.



*A porta está trancada agora
Mas ela estará aberta se você for sincero
Se você puder me entender
Então, eu posso entender você
The Unforgiven 2 - Metallica*

Tropecei para fora do caminho das árvores, a cabeça zunindo com tudo que estava acontecendo. O som de folhas e galhos sendo esmagados atrás de mim me fizeram olhar para trás, com a esperança de que talvez Gabriel tivesse me seguido. No entanto, não vi nada além de movimentos suaves nos galhos mais baixos. Presumi que fosse efeito do vento e segui em frente.

Mal tinha voltado a caminhar quando um corpo alto surgiu bem à minha frente. Esbarrei nele, alarmada. Olhei para cima, praguejando como um marinheiro, tentando decifrar quem estava ali. Quando notei os cabelos espetados e a pele extremamente pálida do homem que me encarava, dei alguns passos para trás.

— Sempre fica aí espreitando no meio do mato ou esse é um hábito recém-adquirido?

Mauricio meneou a cabeça para o lado, parecendo intrigado.

— Você é sempre tão irritante e condescendente?

Levantei o queixo, me recusando e me sentir ofendida.

— Sim. Sempre.

— Realmente não sei o que ele vê em você.

Desta vez, não consegui reprimir a vontade insana de socá-lo no estômago.

— Poderia dizer o mesmo de você.

Ele abriu a boca como se fosse dizer algo mais. Antes que pudesse fazê-lo, dei-lhe as costas e continuei em frente, esperando que ele desaparecesse e me deixasse em paz. Seu toque frio envolveu meu braço, puxando-me para trás e me prendendo no

lugar. Juntei toda a fúria que vinha crescendo em mim nos últimos dias e a direcionei a ele.

— Se você gosta desse seu rosto bonito, sugiro que tire as mãos de mim imediatamente.

Não sei se foi a fraqueza em minha voz e ou a falta de um mínimo de bom senso nele, mas Mauricio não liberou meu braço de seu aperto. Uma fúria irracional cresceu em meu peito, fazendo com que eu cerrasse as mãos em punhos. De repente, uma névoa avermelhada pareceu cobrir os meus sentidos, apagando qualquer racionalidade.

— Me largue. Agora!

Um flash de irritação cruzou seu rosto. Ao invés de me soltar, ele agarrou meu outro braço e virou meu corpo em direção a ele.

— Você precisa me escutar — implorou.

Mal consegui ouvir o que ele dizia. Aquela névoa desesperadora de ódio e pavor que tinha me cegado fazia com que fosse impossível sentir qualquer coisa além de repulsa. Ele não estava me machucando, mas, subitamente, tudo o que eu conseguia ver era o rosto do homem na estrada em cima de mim. E o rosto de Marco. Sem pensar muito no que estava fazendo, puxei meu braço com força para me liberar do seu aperto e lancei o punho em direção ao rosto dele. O estralo dolorido nos meus dedos e o arfar de surpresa dele foram a única indicação do que eu tinha feito.

— Você me socou! — Mauricio me acusou, massageando o maxilar com uma expressão abobalhada.

— Não gosto de ser agarrada contra a minha vontade. — retruquei, com a voz calma.

— Não estava te agarrando, sua maluca. Só queria falar com você.

Estralei os dedos doloridos, sentindo as juntas reclamarem. A dor fez com que meus pensamentos ficassem mais claros e a raiva se fosse. Quase me senti mal por ele, quase.

— Pode falar comigo de onde está.

Ele levantou as mãos no ar, rendendo-se.

— Eu ouvi a conversa de vocês agora há pouco.

Engoli em seco, sabendo exatamente ao que ele se referia.

— Ninguém nunca te ensinou que não é educado ouvir a conversa dos outros?

Mauricio comprimiu os lábios e respirou fundo, como se tentasse se acalmar para não me estrangular.

— Ele tem razão. Você não faz ideia de como é viver com uma pessoa com um estado de Huntington avançado.

Suspirei, subitamente cansada demais para sustentar meu próprio peso.

— E você faz?

Ele cerrou o maxilar, os olhos escurecendo, como se tomados por fantasmas de tormentos que eu nem podia imaginar.

— Minha mãe era uma drogada. Por muito tempo, eu morei na rua em São Paulo. Até um garoto magrelo e irritante me ajudar. Ele me dava comida. Me ajudava quando eu estava machucado. No caminho pra escola, ele passava no lugar onde eu ficava todos os dias e conversava comigo. Foi a primeira pessoa no mundo a me fazer sentir alguma humanidade.

Fiquei ali parada, sem saber como reagir a súbita honestidade vinda de alguém que até então me assustava. Mauricio pareceu não

notar meu desconforto e continuou, mordendo o piercing no lábio inferior nervosamente.

— A mãe dele descobriu e eu achei que ela ficaria furiosa, mas não ficou. Ela me deixava ir pra casa dela comer às vezes. Me fazia tomar banho. Insistiu para que eu fosse para a escola. Antes que eu percebesse, estava morando com eles. Minha mãe biológica nem tentou me tirar de lá. Na época, o pai dele ainda estava vivo. A doença dele não era como a de Gabriel. Afetava suas capacidades neurológicas mais que as motoras. Ele era um homem bom, mas cuidar dele estava destruindo a mãe dele. Ela estava sempre chorando. Quando ele morreu, foi quase um alívio.

Ele parou, cerrando os dentes, parecendo envergonhado em ter compartilhado aquilo comigo. Fiquei ali mesmerizada, querendo confortá-lo, mas sem saber como. De repente, vi mais nele do que o garoto mal-humorado e um pouco estranho que tinha visto até então.

— Olha, garota — disse, de volta ao velho desdém que sempre usava ao meu redor. — Ele é a melhor pessoa que eu conheço. Eu já fiz muita merda nessa vida, mas ele nunca desistiu de mim. A única razão pela qual eu estou na faculdade e com um teto sobre a minha cabeça agora é porque ele não deixou que eu bebesse até morrer. Não vou deixar você machucá-lo.

— É isso que você acha que eu quero fazer?

Ele deu um passo à frente, impaciente.

— Não acho que é o que você quer. Mas duvido que vá conseguir evitar.

Pensei em dizer pra ele onde enfiar suas ordens, mas não conseguia mais vê-lo como o amigo sinistro de Gabriel depois

daquela história.

— Você obviamente não vai ter que se preocupar com isso. Gabriel parece já ter decidido que eu não consigo lidar com a doença dele.

Mauricio relaxou os ombros, parecendo aliviado.

— Você não conseguiria.

— Escute aqui — falei, a um fio de perder a paciência. — Pare de me dizer o que eu posso ou não posso aguentar.

Ele cruzou os braços, tampando o símbolo da banda em sua camiseta preta.

— Não é isso que estou fazendo — insistiu, teimoso.

— É exatamente o que você está fazendo. O que pretende fazer agora? Espantar todas as garotas que aparecerem na vida dele pelos próximos quinze anos? — gritei.

Mauricio me lançou um olhar irritado.

— Não. Não todas. Apenas aquelas pra quem ele olhar como olha pra você.

Dei um passo para trás, surpresa. Passei as mãos nos cabelos com força, tentando me convencer de que realmente estava tendo aquela conversa.

— Ele merece uma vida normal, Mauricio. Uma vida cheia de amor e momentos felizes. Tem que aprender a viver apesar da doença, não por ela. Ele ainda tem muitos anos até que as coisas fiquem complicadas, e devia fazer o melhor deles. Eu posso até não ser a garota que vai mostrar isso pra ele, mas você não tem nenhum direito de tentar afugentar a garota que pode ser.

Um flash de culpa atravessou os olhos cor de terra do garoto.

— Você...

— Não vou mais participar dessa conversa. — cortei-o, convicta.

Estava prestes a virar as costas e ir embora quando o som de folhas farfalhando me fizeram parar. Avistei alguém subindo a trilha até nós. Meu coração deu um salto, pensando que Gabriel havia mudado de ideia e vindo atrás de mim. No entanto, assim que ele nos alcançou, soube pelo olhar estampado em seu rosto que aquele não era o caso.

— Ouvi gritos. O que está acontecendo aqui? — Gabriel perguntou, os olhos vagando entre mim e Mauricio com preocupação.

— Sua namorada me socou. — Mauricio reclamou, virando o rosto que começava a ficar avermelhado na direção de Gabriel.

— O quê?!

Ele voltou a atenção para mim. A acusação em seu tom de voz de repente foi demais pra suportar.

— Você devia perguntar a ele o porquê.

Mauricio deu de ombros de uma maneira despreocupada, como se estivesse acostumado a ser socado no meio do mato.

— Eu estava sendo um babaca.

— Que bom que você sabe. — retruquei, amarga.

Gabriel desviou o olhar, fitando qualquer coisa que não fosse eu. Ele estava no meio da tarefa muito interessante de cutucar a terra embaixo de seus sapatos quando decidi que já tinha ficado ali por tempo demais. Fui embora pela segunda vez naquela manhã, deixando mais um garoto em meio à mata.



Agora eu estou sozinho no momento da verdade
Enquanto o julgamento é proferido
Então você vem para o meu lado
E só em você eu confio
Apenas me salve
Save Me - Globus

Enquanto eu me afastava, as pernas pesadas, comecei a pensar no quanto uma pessoa pode aguentar antes de implodir. Com raiva e emocionalmente drenada, segui até a barraca antes que Gabriel voltasse pra lá, peguei minha mochila, o par de tênis que tinha usado nas trilhas e deixei para trás apenas o que era dele.

Com a mochila nas costas, segui até a barraca de Tasha e não entrei imediatamente, com medo de encontrar Lucas e ela fazendo coisas que eu realmente não queria ver. Cutuquei o tecido impermeável e esperei até que ela abrisse. A garota surgiu, os olhos pequenos agora que não estavam mais maquiados.

— Alicia? Está tudo bem?

Neguei com a cabeça.

— Quer ir fazer uma trilha? Uma bem longa?

Tasha torceu o nariz.

— Essa hora? Ficou maluca?

— Por favor, Tasha. — implorei.

Ela deve ter visto algo em meu rosto, porque vestiu-se e concordou em ir. Ela entrou na barraca novamente e se despediu de Lucas, dizendo que voltaria em algumas horas. Ele resmungou alguma coisa em seu sono pesado e depois voltou a babar.

— Qual trilha você quer fazer? Tem umas quinhentas aqui.

— Não sei. A gente podia ir até o Parque Nacional e decidir pra onde ir de lá.

Tasha pegou sua mochila também e nós seguimos para fora do camping. Eu andava em um ritmo acelerado, tentando deixar tudo pra trás. Tasha tentava me acompanhar, com dificuldade.

— Vai me dizer o que está acontecendo? Por que não chamou o resto do pessoal pra ir? E onde diabos está Laura?

Continuei caminhando rapidamente à sua frente, para que ela não visse meu rosto.

— Laura foi embora ontem.

Tasha colocou a mão em meu ombro e me obrigou a parar e encará-la.

— Já? Por quê?

Remexi nos bolsos da mochila, desconfortável.

— Ela precisava visitar alguém.

Os olhos de Tasha se iluminaram.

— Quem? A garota no Peru?

Neguei com a cabeça.

— Não. A mãe.

Ela abriu a boca, prestes a perguntar alguma outra coisa. Virei as costas antes que ela pudesse fazê-lo, insistindo que deveríamos pegar a Kombi logo porque o parque ficava bem longe. Não foi difícil encontrar o lugar onde havíamos estacionado. A Kombi inteiramente grafitada destacava-se entre os outros carros como uma unha encravada.

Tasha percebeu meu mau humor e não falou muito até que chegássemos ao Parque Nacional. De lá, decidimos fazer a trilha até a cachoeira Carioquinhas. A trilha até ela era complicada e longa, o que me deu algum tempo para clarear as ideias. Estar ali causava uma sensação esmagadora de conexão com a natureza, que te fazia sentir como um pontinho insignificante. Por alguma razão, isso me encheu de paz.

— Estou começando a achar que uma trilha gigantesca não foi a melhor ideia no mundo. — Tasha exclamou, parando com as mãos nos joelhos e tentando recuperar o fôlego.

— Não seja mole. Estamos no começo, ainda.

Ele agarrou o coração, ilustrando um ataque cardíaco.

— No começo de quê? Do caminho para outro estado?

— Pare de resmungar. O esforço vai valer a pena quando chegarmos lá.

Tasha deu um gole longo na garrafa de água que havia comprado no começo da trilha e encostou o corpo magro em uma árvore.

— Já andamos uns dois quilômetros, Alicia. Vai dizer o que está te incomodando ou vai esperar até que eu tenha um ataque cardíaco? — Tasha insistiu, respirando pesadamente, os olhos focados nas pedras escorregadias abaixo.

— Eu disse a Gabriel que o amava.

Tasha parou de andar, congelada no lugar com a boca escancarada.

— O quê?! E o que ele disse?

Lembrei do rosto dele no café da manhã, do quão animado estava com meu café improvisado nas mãos. Do quão perfeita tinha sido a sensação de acordar ao lado dele. Então lembrei da devastação em seu olhar quando ele me explicou que nunca poderia ficar comigo. Eu tinha estragado tudo. Podia ter deixado acontecer. Podia não ter agido com tanta impulsividade em declarar o modo como me sentia. Mas era tarde demais agora.

— Ele basicamente me disse que nunca vai acontecer.

Tasha contorceu os lábios, tentando esconder a decepção.

— Sinto muito — disse, com a mão em meu ombro em um aperto confortante. — Ele disse por quê?

Não respondi. Tasha não sabia sobre a doença de Gabriel e eu não queria revelar um segredo que não fosse meu. Parecia errado contar sua história quando tinha sido tão difícil para ele revelá-la a mim.

— Não quero falar sobre isso agora, T. Só preciso de um tempo pra clarear as ideias.

— Quer que eu bata nele pra você?

Ri, com a garganta fechada.

— Não. Mas vou guardar essa oferta pro futuro.

Continuamos caminhando em silêncio até que minhas pernas comesçassem a arder. Exceto pelo ocasional grito de Tasha quando um animal cruzava nosso caminho, a trilha era quieta e pacífica. Árvores nodosas se erguiam sobre nós, majestosas. Exceto por alguns poucos turistas aqui e ali, a trilha estava deserta.

— Como foi a noite com Lucas?

Tasha deu um sorriso bobo e satisfeito.

— Incrível.

Ergui uma sobrancelha indagadora que Tasha interpretou imediatamente.

— Não me olhe assim. Estamos só nos divertindo. Nada sério.

Mas algo em seu sorriso indicava que era mais que isso. Nunca tinha visto Tasha se apaixonar, em todos os mais de 15 anos em que a conhecia. Estava torcendo por ela, apesar da sensação esmagadora em meu peito desde que tinha deixado Gabriel pra trás na mata. Pelo menos uma de nós devia ter um final feliz.

Caminhamos por mais alguns quilômetros até finalmente alcançarmos a cachoeira. Assim que sua silhueta magnífica entrou em meu campo de visão, todos os meus problemas sumiram por um segundo. As diversas cascatas desciam pelas rochas altas, cristalinas, até pousarem no rio de um verde profundo e escuro. O chiado constante da água caindo era ensurdecedor e poderoso. Tasha arfou em admiração e eu tirei a câmera da mochila, ansiosa para capturar os nuances das cores que explodiam ao meu redor como uma aquarela selvagem. Sem perder tempo, tirei as roupas e entrei. Tasha me seguiu, aliviada em se livrar do suor que escorria pelo peito e rosto.

— Eu li algumas páginas do diário. — gritei, para vencer a sonora queda da água.

Ela emergiu de um mergulho, um pouco atônica com a mudança súbita de assunto. Seu rosto se contorceu em uma careta de irritação e medo. Seus braços pararam de lutar contra a correnteza, e ela pairou por um segundo sobre a superfície, os lábios tremendo, antes de se aproximar de mim.

— Era verdade? Quer dizer... — Ela lutou com as palavras, como se tivesse medo de pronunciá-las.

Assenti, cerrando os dentes ao lembrar do que tinha lido.

— Vai ler o resto?

Mergulhei a cabeça na água gelada, estendendo os braços na água e flutuando por um segundo naquela leveza inigualável.

— Eventualmente.

— Por que não lemos agora?

Fechei os olhos e mergulhei a cabeça na água, na esperança de que apagasse algumas lembranças.

— Você não entende, Tasha. É horrível.

Ela abaixou a cabeça, uma sombra tomando o rosto. Ali na cachoeira, com os cabelos molhados e a face nua, sem os saltos enormes e as meias arrastão, ela parecia tão jovem. Bem mais jovem que seus dezenove anos.

— Tem algo lá que ela queria que você soubesse. Talvez você deva à ela descobrir o que é.

Franzi o cenho, confusa.

— Não era você que achava loucura sair por aí seguindo as direções de um defunto?

Ela ruborizou.

— Eu estava com raiva. Não conseguia entender porque ela faria algo assim. Valentina tinha tudo. Ela era linda, corajosa e aventureira. Sempre tinha todos os caras que queria. Todos que a conheciam se apaixonavam quase imediatamente. Não consegui entender como ela poderia simplesmente ir embora, sem considerar o que isso faria comigo, com você. — Ela parou, limpando a garganta. — Agora que eu sei o que aconteceu, acho que entendo. Ainda acho que foi a pior decisão possível, mas entendo.

Suspirei, absorvendo o frio implacável da água me cercando.

— Tudo bem. Vamos ler o resto.

Ela nadou para longe, tentando sair do rio. Hesitante, eu a segui. Balancei a cabeça e tentei espantar a água do cabelo, como um gato molhado. Sequei as mãos no short que ainda estava no chão e tirei o diário da mochila.

Tasha se sentou ao meu lado em uma pedra na beira do rio e esperou até que eu abrisse o diário em uma página aleatória. Por quase uma hora, lemos sobre as monstruosidades que haviam

acontecido a ela. Sobre a crueldade da tia e a brutalidade de Marco. Muitas vezes, as descrições do que ele tinha feito a ela eram tão precisas que eu tinha que desviar os olhos e deixar Tasha ler sozinha.

— Não posso fazer isso. Não posso continuar lendo isso. — afirmei, agoniada.

— Espere, olha isso aqui. Você precisa ler isso. — Ela disse, os olhos arregalados, apontando para uma página amarelada suja com algo que se assemelhava a ferrugem. Relutante, voltei à atenção para a página que Tasha indicava e comecei a ler.

07/11/2013

Eu o matei. Ai meu Deus, eu o matei. Não sei se estou aliviada ou completamente em pânico. Ainda não consigo sentir meu corpo. Sinto como se isso estivesse acontecendo com outra pessoa e eu só estou observando do alto, imparcial. Não sei o que aconteceu desta vez.

Ele me fez ir à praia com ele. Disse que seria uma surpresa. Que iríamos nos divertir. Eu não queria que ele me batesse, então eu fui. Quando chegamos lá e ele começou a forçar aquela língua grande e nojenta na minha garganta, algo aconteceu comigo. Era como se eu visse tudo em vermelho. Um ódio tão potente que me deixou sem ar. Lembrei de todas as vezes que ele tinha feito isso comigo. Tudo o que ele tinha tirado de mim. Lembrei da criança que eu era antes que ele me quebrasse. E quis matá-lo. Quis que ele morresse com cada fibra do meu corpo.

Ele me deitou na areia e sussurrou palavras doces no meu ouvido. Era sempre pior quando ele decidia falar. De alguma forma, as palavras amorosas faziam com que tudo aquilo parecesse mais sujo. Ele levantou a minha saia e eu me preparei para fechar os olhos e fingir que não estava ali, como me habituei a fazer. Mas havia uma rocha solta perto da minha mão. Apenas um pedaço de pedra.

Mal percebi o que tinha feito até que ele estivesse caído ao meu lado, flácido e com a cabeça sangrando. O sangue dele estava na minha blusa. Olhei ao redor com um grito preso na garganta, mas a noite estava escura. Já era madrugada. Farol da ilha quase nunca tinha ninguém nas ruas àquela hora. Acho que gostei de matá-lo. Gostei de vê-lo lá, tão impotente. Gostei de saber que fui eu quem fez aquilo com ele. Sou uma pessoa horrível? Será que ele me transformou em um monstro tão ruim quanto ele?

Juntei todas as pedras que consegui encontrar e amarrei o corpo dele com tiras da minha roupa. Peguei seu celular e mandei uma mensagem pra minha tia, dizendo que não a aguentava mais e que tudo estava acabado entre eles. Não sei se ela vai acreditar. Depois arrastei seu corpo gordo para o mar e o observei afundar. Me senti livre, finalmente. E com medo. Medo do que eu me tornei. Não sei se consigo viver com isso. E se a polícia me encontrar? O que eu vou fazer?

Tasha fechou o diário com força. Todo o sangue parecia ter sumido do seu rosto. Ela deixou o diário cair nas pedras, horrorizada. Eu simplesmente sentei ali, espantada, beliscando o

próprio braço e esperando com todas as minhas forças que eu pudesse acordar daquele pesadelo.

— Por favor, me diga que eu acabei de imaginar o que estava naquelas páginas.

Neguei com a cabeça.

— Ali, isso é... — Ela lutou com as palavras. — Não sei como lidar com isso.

Devagar, como se temesse que ele fosse atacá-la, ela pegou o diário no chão e o abriu na mesma página novamente.

— Olha a data. Foi apenas algumas semanas antes que ela...

— Eu sei. — comentei, ainda incapaz de formar uma frase inteira com coerência.

Tasha apoiou os cotovelos nos joelhos e enfiou o rosto nas mãos, esfregando com força as mãos trêmulas na pele.

— Não sei o que pensar. Não consigo imaginar Valentina empacotando um corpo e desovando os restos no mar.

Coloquei a mão em seu rosto, se para apoiar a ela ou a mim, eu não sabia dizer.

— Tem muitas coisas que não conseguíamos imaginar acontecendo com ela que aconteceram. Ela era muito boa com segredos.

Tasha engoliu em seco, observando a cachoeira raivosa despejar água no rio com um olhar vazio, tingido pelo choque. Então folheou o diário mais uma vez, em busca de algo mais, alguma resposta. Mas havia apenas mais um parágrafo lá, uma frase, na verdade, acompanhada de alguns desenhos sombrios e indecifráveis.

22/12/2013

Não consigo mais fazer isso.

Uma semana depois daquilo, ela estava morta. Enterrada por sua própria culpa e pelos anos de abuso. Mais que nunca, quis poder abraçá-la, dizer que ficaria tudo bem. Mas era tarde demais.

Pelo que me pareceram horas, ficamos ali congeladas no lugar, tremendo. Tasha finalmente quebrou nosso estado de choque conjunto para virar pra mim e indagar, com a voz áspera:

— Você acha que a gente devia mostrar isso à alguém?

Neguei com a cabeça.

— Não. Eles dois já estão mortos. Que bem isso faria? Só iria arruinar a memória que as pessoas têm dela.

Tasha assentiu, encolhendo os ombros como se um peso enorme tivesse se alojado ali.

— É horrível que eu esteja um pouco aliviada que ele tenha morrido?

Envolvi seus dedos com os meus e os apertei com força.

— Não. Nem um pouco. Ele era um monstro e, honestamente, ele mereceu. Ninguém vai sentir falta dele.

Surpreendi-me com a dureza em minhas palavras. Apesar de tudo, era uma vida. Mesmo assim, saber o que tinha acontecido me encheu com uma espécie de alívio, de paz. Era como se, agora que eu sabia que não tinha que me vingar por ela, podia finalmente seguir em frente.

— E se alguém começar a fazer perguntas sobre ele?

— Por que iriam fazer isso? Ele não tinha ninguém, só a tia da Val. E Maria acha que ele foi embora. Ninguém precisa saber.

Surpreendi-me com a frieza em minhas próprias palavras. Eu estava essencialmente escondendo evidências de um assassinato. Não sabia exatamente o que aquilo fazia de mim, mas sabia que aquela história devia permanecer enterrada. No entanto, ainda havia Maria. Ela ainda estava viva. E tinha que pagar por tudo o que tinha feito com Valentina.

— Tasha?

— Hum?

— Maria ainda está por aí. Acha que devíamos denunciá-la?

Ela enterrou as mãos no rosto e puxou o cabelo com força.

— Que provas temos? Um diário? Duvido que isso vá nos levar muito longe nesse país. Tecnicamente, ela não fez nada ilegal.

Pensei em Valentina, sofrendo tudo aquilo em segredo por tantos anos. Odiei aquela mulher com todas as minhas forças por nunca tê-la ajudado. Por ter colocado Marco em sua vida. Não conseguia associar a garota livre de sorriso de covinhas que eu conhecia com alguém que colocava pedras no corpo de alguém e observava ele afundar. Eles tinham feito aquilo com ela.

Tasha continuou esfregando o rosto com força, parecendo perturbada. Envolta em um torpor chocada, vesti minhas roupas e joguei as de Tasha em sua frente. Ela se vestiu com uma lentidão alarmante e voltou a se sentar na pedra, os olhos vagando de um lado para o outro, perdidos.

Fui até ela e estendi uma mão. Ela a olhou como se não a reconhecesse.

— Vem. Vamos embora. — insisti, até que ela pegasse minha mão e me deixasse ajudá-la a se levantar. — Vamos pra casa.



*E quando eu estiver triste
Simplesmente me abrace
Mas quando eu estiver morto
Suplico que não me mate, não
Dentro de ti
Sutilmente - Skank*

O camping parecia completamente diferente à luz do dia. As barracas verdes pareciam alegres à luz do sol e havia muita gente em frente à elas, alguns cantando, outros conversando alegremente, outros bebericando suas latas de cerveja. O burburinho das vozes foi extremamente reconfortante depois de tanto tempo envolvida apenas pela mata e pelos meus pensamentos.

Tasha passou por um grupo de homens bastante barbados e seguiu direto para a barraca dela. Sem querer seguir para a minha, com medo de encontrar Gabriel lá dentro, eu a segui. Assim que ela entrou, uma linha profunda se formou entre as suas sobrancelhas.

— Não tem ninguém aqui.

— Eles devem ter ido fazer uma trilha também.

Ela fez uma careta pensativa, aumentando o vinco em sua testa.

— As coisas dele também não estão aqui.

— Você acha que eles foram embora? — indaguei, uma pontada no coração.

Tasha deu de ombros, parecendo irritada.

— Parece que sim.

Eu ainda estava tão pasma com o que tinha acontecido na cachoeira que nem sequer encontrei a energia para ficar decepcionada.

— Talvez isso seja uma coisa boa. A viagem até São Paulo seria muito desconfortável e esquisita com Gabriel lá depois do que aconteceu.

Tasha cruzou os braços na frente do corpo, uma carranca mal-humorada no rosto.

— Mesmo assim, eles deviam ter dito alguma coisa.

— Já checkou seu celular? Talvez Lucas tenha deixado uma mensagem.

Tasha pareceu mais empolgada com a possibilidade. Ansiosa, ela pegou o celular na mochila e colocou o aparelho no ar, tentando conseguir algum sinal. O bipe agudo de mensagens começou a soar, frenético. Ela encarou a tela larga do aparelho com atenção até que um pouco da irritação deixasse seu rosto.

— Você tem razão. Ele me mandou uma mensagem dizendo que Gabriel insistiu que eles voltassem para BH pra buscar o carro.

Fiz uma careta ao ouvir as palavras dela, uma pontada de dor no coração. Nunca admitiria em voz alta, mas até aquele momento, ainda tinha esperança de que ele fosse estar ali quando eu voltasse, me esperando com um sorriso arrependido. Tinha esperanças de que ele dissesse que queria tentar. Abaixei o rosto, querendo esconder a decepção e a dor dos olhos atentos de Tasha.

— Você está bem, Ali?

Balancei a cabeça.

— Não. Nem um pouco. Acabei de descobrir que minha amiga matou alguém. Como se isso não fosse suficiente, eu disse que amava um cara, e ele desapareceu no dia seguinte. Minha vida está rapidamente indo ladeira abaixo.

— Minha oferta de chutar o traseiro dele ainda está de pé.

Suspirei, exausta.

— Ele acha que está sendo nobre.

— Apenas mais um motivo para chutá-lo até que ele perceba que está sendo um idiota completo.

Baluciei algo incompreensível.

— Vamos pegar o resto das nossas coisas e sair daqui. Temos um caminho longo de volta a São Paulo.

Tasha concordou. Juntas, nós voltamos à Kombi, que agora parecia um pouco solitária sem o caos que os garotos e Laura causavam. Ainda assim, depois de tudo, estávamos prontas para ir pra casa.

**

A jornada de volta não foi nada como o caminho de ida. O tempo inteiro, Tasha e eu apenas olhamos para o horizonte, vendo as cidades passarem por nós com olhos impassíveis. Liguei o rádio em um volume ensurdecedor para que ele calasse meus pensamentos.

Tentando desesperadamente apagar aquela frieza triste dos olhos de Tasha, conectei o ipod cor de rosa e procurei pela canção *500 miles*, dos Proclaimers. Quando o rádio passou a soar as notas animadas da canção, ela sorriu. Desde pequenas, essa era a canção da alegria de Tasha. Ela sempre a ouvia quando queria se sentir melhor. Talvez por isso ela estivesse ali, na playlist de Valentina.

Aos poucos, ela desistiu da atitude cabisbaixa e começou a cantar, seguindo o ritmo alegre com os dedos no ar.

And I would walk five hundred miles, and I would five hundred more, just to be the man who winds up at your DOOR! — cantamos,

a plenos pulmões, tão alto que nossas gargantas protestaram.

Quando o último verso soou, nos recostamos no banco, exaustas e rindo alto.

— Se sente melhor?

Ela assentiu.

— *500 miles* é um golpe baixo. Nunca consigo ficar de mau humor depois de ouvir essa música.

— Eu sei.

Um pouco da aura pesada no carro se dissolveu depois disso. Dirigimos até que o sol abaixasse no horizonte, colorindo o céu de tons incríveis de roxo e laranja. Mesmo com nossa trilha sonora da alegria, estávamos exaustas, em choque e tão perdidas depois de tudo. Não queria que nossa viagem acabasse daquela maneira. Então, tive uma ideia.

Estacionei o carro de repente na beira da estrada em alguma BR entre Brasília e Tocantins e tirei o velho mapa que tinha me levado até Ouro preto, até Amélia, até as respostas pelas quais eu tinha pedido e agora desejava poder enterrar novamente. Além do endereço de Amélia, uma velha lista que eu e Valentina tínhamos feito no dia que desenhamos o mapa pairava sobre o papel.

— O que está fazendo?

Abri um sorriso amplo, animado pela primeira vez desde a cachoeira.

— Ainda podemos fazer algumas dessas coisas.

Tasha deu uma olhada na lista em minhas mãos com uma careta desconfiada.

— Pular de Asa Delta, fazer uma tatuagem, comer um bife inteiro em menos de 5 minutos, beijar um estranho, se apaixonar,

mudar a vida de alguém... — Ela recitou. — Sério? Vocês tinham quantos anos quando escreveram isso?

— Vai ser divertido. — insisti.

— Estamos no meio do nada, literalmente. Teremos que atravessar o país pra pular de Asa Delta.

Dei uma olhada na lista novamente.

— Já beijamos estranhos e mudamos a vida de alguém. Eu já me apaixonei. — acrescentei, com um bolo na garganta. — Podemos fazer uma tatuagem.

Um pouco daquela velha empolgação voltou ao olhar de Tasha. Ela deu de ombros.

— Já fiz coisas mais estranhas por você depois que começamos essa loucura. Então, que se dane. Vamos achar um estúdio. Vai ser bom terminar a viagem com algo bom depois de tudo que descobrimos.

Concordei com a cabeça e liguei a Kombi novamente. O motor rugiu embaixo de mim, familiar, como um monstro faminto. Absorvi aquele som com o coração pulsando e comecei a dirigir. Foram quilômetros de estrada antes que encontrássemos um estúdio decente em algum lugar em Minas.

O estúdio me deixou um pouco nervosa a princípio. Paredes negras cobertas com desenhos de todo o tipo nos cercavam na recepção pequena. Uma fila de pessoas liam revistas nas cadeiras alinhadas à uma das paredes. Havia um homem largo cuja cabeça careca reluzia com a luz neon do estúdio. Uma garota delicada com pernas completamente cobertas com desenhos intrínsecos nos encarou quando passamos pela porta. Um recepcionista musculoso

com piercings nos lábios, nariz e orelhas nos cumprimentou com um aceno animado assim que nos aproximamos do balcão.

— Oi. — comecei. — Tem alguma vaga agora?

— Depende. O que querem desenhar?

Eu e Tasha trocamos um olhar perdido. A verdade é que não fazia a menor ideia do que queria tatuar. Apesar de ter a vontade de fazer uma tatuagem desde pequena, nunca tinha pensado muito a respeito até então. Queria algo que representasse o que tinha vivido até ali. As coisas boas daquela viagem, ao invés das ruins. Queria algo que me lembrasse de Valentina. Não como uma vítima e não como uma assassina. Apenas como minha melhor amiga.

— Que tal um dragão? — Tasha folheou o portfólio que o homem na recepção tinha estendido a sua frente. Dei uma olhada para o desenho enorme que ela tinha em mãos.

— Tem certeza?

Ela torceu o nariz arrebitado.

— Foi você quem teve a ideia maluca. Agora aguenta.

— Podem se sentar ali e esperar. Chamo vocês em breve. — O recepcionista informou. — Podem levar o portfólio e escolher alguma coisa, se quiser.

Tasha agradeceu e pegou a pasta. Nos sentamos em uma das cadeiras livres e folheamos os desenhos pelo que pareceu uma eternidade antes que uma garota negra de cachos indomáveis viesse nos chamar. Tasha finalmente optou por uma borboleta nas costas, mas mantive minha escolha em segredo. Segui com a garota de aparência voraz e Tasha desceu o corredor para ser tatuada por um homem assustadoramente magro. Assim que sentei

na cadeira no estúdio e expliquei o desenho que queria, uma sensação amena aqueceu meu peito.

Me encolhi quando ouvi o barulho da maquininha começar a girar. O odor de tinta e o tamanho da agulha quase me fizeram sair correndo. No entanto, a tatuadora parecia tão calma e confortável que me senti um pouco melhor.

— Primeira tatuagem?

Assenti.

— Não se preocupe. Vai acabar rápido. Pode tirar a blusa, por favor?

Fiz o que ela pediu e tirei a camiseta azul escura que usava, revelando a pele pálida do meu ombro esquerdo.

— Por que um carvalho? — A garota me perguntou, já apoiando a agulha afiada em minha pele.

Fechei os olhos, visualizando com perfeição o desenho que tinha pedido. Um carvalho antigo de galhos nodosos e negros que se erguiam com imponência. Ao lado dele, um pequeno pássaro. Livre, voando para longe.

— É uma longa história.

O velho carvalho em Farol da Ilha era onde tudo tinha começado. Era onde Valentina tinha deixado sua despedida. Era o que tinha me levado até ali, até todos os tesouros que eu tinha encontrado. Laura, Gabriel, e a mim mesma. E até mesmo as verdades aterradoras do que realmente tinha acontecido. Nada tinha terminado como eu esperava, mas sabia que algo dentro de mim tinha mudado para sempre. Enquanto a agulha incansável marcava minha pele, fechei os olhos e mandei um agradecimento silencioso a Valentina.



*Levante, vá embora, saia de perto desses mentirosos
Porque eles não entendem sua alma ou seu fogo
Pegue minha mão, entrelace seus dedos nos meus
E nós sairemos deste quarto escuro pela última vez
Open your eyes - Snow Patrol*

Saímos do estúdio com a pele ainda avermelhada e ardendo, nos lembrando do que tínhamos feito. O carvalho em meu ombro era uma lembrança de tudo o que tinha acontecido até aí, e cada vez que eu pegava um *glimpse* dele no espelho retrovisor, tinha a sensação de que Valentina estava ali no carro comigo e com Tasha.

— Essa foi a melhor ideia de que você já teve. — Tasha disse, encarando a borboleta negra em suas costas no espelho do banco do carona e fazendo caretas sedutoras. — Estou muito sexy.

Revirei os olhos e acelerei o carro. O trânsito estava um pesadelo. Estávamos dirigindo há horas e eu estava exausta. Um mar de carros reluzentes se estendia até onde a vista alcançava na estrada diante de nós devido a algum acidente adiante, e eu estava a ponto de explodir quando percebi onde estava. Uma placa na beira da estrada indicava que tínhamos dois caminhos logo à frente. Podíamos pegar a BR que levava à São Paulo ou seguir para o Rio de Janeiro. A mesma placa na estrada indicava que o Rio estava a apenas poucos quilômetros de nós.

Coloquei os olhos sobre a placa cuja tinta começava a descascar, sentindo aquele familiar formigamento nas pontas dos dedos que sempre tinha quando estava prestes a fazer algo insano. A massa de carros se moveu, e acelerei o carro. Em poucos metros, haveria um balão. Eu poderia seguir direto ou pegar aquele balão e voltar para casa. Para Farol da Ilha.

Antes que eu pudesse pensar muito a respeito, me peguei virando a Kombi e deixando a BR que levava a São Paulo. Havia

algo que precisava fazer antes de voltar para minha vida normal, antes de enterrar aquela história para sempre.

— Está perdida? — Tasha indagou.

— Não — respondi, fazendo uma curva acentuada e deixando para trás nossa rota. — Tem algo que preciso fazer.

Ela recostou a cabeça no assento, os círculos escuros embaixo dos olhos lhe conferindo uma aparência exausta. Contorceu o rosto em uma careta de dor quando a pele machucada pela tatuagem encostou o banco.

— Nada de bom nunca acontece quando você diz essas palavras.

Não contestei. Sabia que já tinha arrastado aquela garota para o inferno e de volta desde o ano novo. Ainda assim, ela sempre ia. Sempre estava lá. Assim como quando éramos pequenas e eu tinha medo. As coisas nunca realmente pareciam reais a não ser que ela estivesse ao meu lado para vivenciá-las também. Ou ao menos ouvir sobre eles depois. Tasha era minha própria rocha.

— Confie em mim. Você vai querer ver isso.

Ela nem sequer perguntou o que “isso” era. Às vezes, quando ouvíamos algum barulho estranho de um motor rugindo ou de alguém gritando em um dos carros, ela se encolhia, como se qualquer som desencadeasse uma memória aterradora. Apesar da usual armadura de guerreira imbatível, sabia que tudo o que tínhamos descoberto estava mexendo com ela.

Passamos pelo Rio sem parar para apreciar a vista ou ir à lugar algum. O sol se pôs, deixando uma escuridão pesada em seu lugar. Meus olhos vagavam pelas luzes intensas da cidade durante a noite, e eu tentava me manter acordada. Tasha já estava roncando

no banco do carona. Eu nem lembrava a última vez que havia comido alguma coisa, mas, estranhamente, não estava com fome.

Já estava quase amanhecendo novamente quando Tasha acordou, sonolenta. As mechas negras em seus cabelos misturando-se ao platinado em um emaranhado caótico. Ela abriu os olhos, bocejando, e olhou ao redor, desconfiada. Na janela, a paisagem pacífica do litoral nos recebia como um velho amigo. O mar tinha um tom turquesa tão particular daquela região. Assim que ela pousou o olhar na linha disforme do horizonte, Tasha percebeu pra onde estávamos indo.

— Sério? De todos os lugares no mundo, você quer voltar pra *lá*?

Uma placa de madeira com letras coloridas nos cumprimentava “Bem-vindos à Farol da Ilha”. Olhei para Tasha de soslaio. Por um minuto, pensei que ela pudesse pular sobre mim, agarrar o volante e nos fazer voltar. No entanto, ela apenas suspirou, frustrada.

— Vai ser rápido. Prometo.

Quando chegamos a Farol da Ilha, tudo o que havíamos descoberto no diário voltou à minha mente como uma represa explodindo e deixando apenas destroços para trás. Quando vi o restaurante da Dona Francisca, não foi a comida saborosa e sua famosa feijoada que me vieram à cabeça. Foi Marco. Ele sempre almoçava ali, todos os dias sem falta, exatamente ao meio dia. Bile subiu pela minha garganta. Começava a me arrepender da minha decisão de voltar.

Passamos pela costa, observando o mar. Tasha se encolheu ao meu lado, grunhindo. De certa maneira irracional, eu meio que

esperava que o corpo de Marco emergisse de lá.

Segui pelas ruas estreitas de paralelepípedo até encontrar a que estava procurando. Assim que virei a Kombi na esquina. Tasha pulou do banco, alarmada, sabendo exatamente pra onde eu estava indo. Como se o carro estivesse em chamas, ela se aprumou em seu assento e arregalou os olhos.

— Não — falou, com veemência.

Olhou para a casa pequenina de tijolos expostos onde tínhamos estado poucos dias antes. A casa de Maria. Parei a Kombi. Desde que havíamos estado ali pela última vez para falar com Maria, logo antes de viajar, o lugar parecia ainda menor. Cerrei os punhos até sentir as unhas penetrarem a pele. A dor ajudou a acalmar o turbilhão de emoções dentro de mim quando abri a porta e me preparei para sair.

— Não tem a menor chance no inferno que eu vá entrar aí de novo. — Tasha afirmou.

— Não precisa entrar. Isso vai ser rápido. — insisti, se para convencer a ela ou a mim, eu não sabia.

Desta vez, não precisei chamar. Maria saiu da casa assim que desci do carro, alertada pelo som do motor. Tasha continuou no carro, o rosto uma máscara indecifrável de raiva e nojo. Assim que a vi sair de casa e abrir o portão, as pontas dos meus dedos ficaram dormentes. Minha cabeça pareceu se aquecer ao ponto de ebulição. Tive medo de pular em cima dela e matá-la. Seu rosto estava ainda mais macilento e cansado que da última vez. Seus cabelos oleosos se amontoavam no topo de sua cabeça como o ninho de um corvo.

— Oi, meninas. — Ela disse, forçando um sorriso. — Não esperava vê-las aqui tão cedo.

Ela pousou os olhos em Tasha com certo receio, provavelmente se lembrando da briga que quase tinha acontecido na última vez em que estivemos em sua porta. No entanto, dessa vez não foi Tasha quem a atacou. Me aproximei dela como se tivesse possuída por uma besta. Não sei se ela conseguiu perceber pela fúria nos meus olhos que eu sabia. Sinceramente esperava que sim. Ela abriu a boca para dizer alguma coisa, mas não deixei.

— Como você teve coragem?

Maria franziu o cenho, fingindo que não fazia a menor ideia do que eu estava falando.

— Está tudo bem, Alicia? Você não está fazendo nenhum sentido — disse, um falso sorriso doce nos lábios.

— Como pode deixar aquilo acontecer com ela? Você tem alguma ideia do quanto ele a machucou?

Ela se encolheu com minhas palavras, o rosto contorcendo-se em uma careta de remorso que ela prontamente tentou esconder.

— Querida, você está imaginando coisas.

A doçura em sua voz de repente tingiu minha visão de vermelho. Eu a odiava. A odiava tanto por tudo que tinha feito. Nunca tinha gostado muito dela pelo modo frio e quase cruel com o qual ela tratava Valentina, mas nunca poderia ter imaginado que ela fosse capaz de algo como aquilo.

Minha mão estava em seu rosto antes que eu percebesse o que tinha feito. Ela recuou, em completo choque, a marca dos meus dedos tingindo sua pele manchada. Encarei minha mão como se pertencesse a uma estranha, me sentindo sombriamente satisfeita.

— O que pensa que está fazendo, garota? — A doçura tinha desaparecido completamente de sua voz.

Ouvi Tasha arfar e descer da Kombi, alarmada. Maria avançou para cima de mim como se quisesse retribuir o tapa que tinha levado, mas antes que tivesse a oportunidade de me tocar, comecei a gritar:

— Escute aqui, sua vaca sem coração. — balancei o dedo em frente ao nariz dela. — Quero que você saiba que foi sua culpa. Você foi tão culpada quanto ele. Você a matou tanto quanto ele.

— Do que... — Ela começou, a culpa inundando os olhos. Ela olhou ao redor, com medo de que algum dos vizinhos ouvisse nossa conversa. Em uma cidade como Farol da Ilha, só bastava uma pessoa para que um rumor se espalhasse como erva daninha. Eu podia sentir que ela estava prestes a negar o que tinha acontecido, então a interrompi.

— Que tipo de ser humano deplorável deixa aquilo acontecer com uma criança dentro de própria casa?! Ela era UMA CRIANÇA, seu monstro! Você deixou que ele a quebrasse. Você podia ter ido à polícia. Poderia ter jogado aquele lixo de pessoa na rua. Mas você fechou os olhos e deixou tudo acontecer. Eu tenho nojo de você. Espero que morra sentindo o tipo de dor que ela sentiu.

Estava prestes a dar mais um tapa nela quando um par de braços finos me cercou. Tasha me empurrou para longe, o rosto fino sério e compenetrado.

— Ela não vale a pena, Alicia. Vem — disse, me puxando. — Vamos embora.

Olhei uma última vez para aquela mulher, absorvendo cada detalhe dela com uma fúria assassina. Ela estava chorando profusamente, a área ao redor dos olhos inchadas e vermelhas. A culpa devastadora que vi em seus olhos não me confortou. Suas

lágrimas pareciam tão estranhas para mim quanto um objeto em histórias de crianças.

— Sinto muito. — Ela murmurou, cobrindo o rosto com ambas as mãos e sentando-se no chão, os cotovelos apoiados nos joelhos. — Sinto tanto.

Seus esforços pra soar arrependida apenas me faziam querer que ela parasse, querer que ela sofresse mais. Voltei alguns passos em sua direção, querendo mais que tudo socá-la até que seu rosto estivesse irreconhecível, mas os braços de Tasha, surpreendentemente fortes para uma garota tão pequena, me detiveram.

— Seu arrependimento agora não muda nada! Onde ele estava enquanto ela ainda estava viva?

Ela recuou, as lágrimas se tornando soluços incontroláveis.

— Ele me forçou. Ele me obrigou. Eu juro. — Ela repetiu, balançando-se para frente e para trás como uma louca. — Eu tinha medo do que ele faria comigo se eu fosse a polícia.

Ali olhando para ela, tão patética e tão pequena no chão em frente à sua casa, senti um pouco da raiva borbulhando em meu peito se amenizar. Ela era um ser humano desprezível, mas era uma vítima da crueldade de Marco assim como Valentina tinha sido. Ainda assim, não conseguia olhar para ela sem querer matá-la.

Então, voltei ao carro e peguei o diário na mochila, ansiosa para me livrar dele. Arranquei as últimas páginas, aquelas que continham a confissão e as guardei no bolso. O que Valentina tinha feito permaneceria um segredo. Joguei o diário aos pés de Maria. Ela encarou as páginas amareladas com a testa franzida em confusão, e choramingou.

— Você devia ler isso. Valentina o escreveu — falei, e onde outrora minha voz soara como facas afiadas, agora estava fria.

Maria pegou o diário no chão com a ponta dos dedos, como se o temesse. Não sabia dizer se a culpa que eu via no rosto dela era verdadeira ou não, e não me importava.

— O seu lugar é na cadeia. Só Deus sabe que se eu pudesse, te jogaria lá agora mesmo. Mas eu não tenho evidências além o diário de uma garota morta e um monstro desaparecido. Com a justiça no Brasil do jeito que é, eles provavelmente ririam na minha cara. — pausei, quase cuspiendo. — Mas não pense que você vai conseguir sair dessa sem nenhuma consequência. Vai passar o resto da sua vida sabendo o que fez com ela.

Ela não disse nada. Virei as costas e a deixei lá, caída no chão, triste e patética, com o diário nas mãos. Tasha preferiu fingir que ela nem sequer estava lá. Envolvi meus ombros e me levou de volta até a Kombi. Não percebi o quão trêmulas minhas mãos estavam até tentar ligar o carro e não conseguir colocar a chave no lugar.

— Você não tem condições pra dirigir. — Tasha declarou, me tirando do lugar e assumindo o assento do motorista.

— Nunca imaginei que você seria a racional e controlada nessa situação. — zombei.

Ela deu de ombros.

— Nem eu. Na última vez, eu provavelmente teria chutado o traseiro dela se você não tivesse me impedido. Mas agora, vendo o jeito que você estava, só queria te manter fora da cadeia por agressão. Juro, seus olhos estavam vermelhos. Pensei que você iria começar a soltar raios ou algo assim.

— Se eu pudesse, iria. — afirmei.

Ela ligou o motor e dirigiu para longe.

— Podemos ir embora agora, por favor? — implorou, exaurida.

Fechei os punhos e tentei impedi-los de tremer. Meu corpo inteiro estava gelado. Não olhei pela janela para ver como Maria estava. Precisava deixar tudo aquilo para trás ou enlouqueceria. Ainda assim, sabia que não podia ir pra casa. Havia mais uma pessoa pra quem eu devia uma visita antes de ir embora.

— Ainda não — falei, a voz dura. — Só vamos fazer mais uma parada e aí podemos ir.

Tasha respirou profundamente, parecendo se controlar para não me estrangular. Mesmo quando ela ligou o carro e começou a dirigir para longe, vi que seus lábios tremiam.

— Por favor, me diga que não haverá gritaria e agressão dessa vez.

Sorri.

— Espero que não.

Ela passou as mãos na testa, aliviada.

— Que bom.

— Confesse, você gostou de ver o tapa. — provoquei.

Tasha tentou conter a risadinha satisfeita.

— Está brincando? Foi a melhor parte da viagem. Ela mereceu cada segundo.

Era como se um peso finalmente tivesse sido levantado de nossos ombros. O motor rugiu embaixo de nós quando fomos embora, enterrando todos os horrores da história de Valentina atrás de nós.

— Pra onde vamos agora?

Levantei o queixo, tentando achar coragem.

— Vamos ver meu pai.



Eu quase posso ouvir a tua voz

Eu sinto a tua mão a me guiar

Pela noite a caminho de casa...

Caleidoscópio - Paralamas do Sucesso

Minha velha casa na praia parecia algo saído de um sonho depois de tanto tempo. A construção delicada de madeira branca e as janelas azuis pareciam pertencer a uma grande mansão colonial. Cada pedaço daquela casa se parecia com minha mãe. Desde o azul em cada canto até a elegância natural da estrutura. Ali, com os pés firmemente fincados na areia fina e quente, pude jurar que conseguia senti-la ali comigo.

— Se importa em esperar por mim aqui? — pedi. — Acho que tenho que fazer isso sozinha.

Tasha assentiu.

— Vou te esperar na praia.

Observei enquanto ela se afastava, sua figura ficando cada vez mais pequena conforme ela se aproximava do mar majestoso. Respirei fundo algumas vezes, tentando reunir a coragem para entrar.

Com passos lentos, subi a curta escadaria até a varanda da casa e bati na porta, que fez um ruído engraçado.

— Pai? — chamei. — Está aí?

Não houve nenhuma resposta. Comecei a pensar que talvez ele nunca tivesse voltado para lá. Que talvez tivesse abandonado a casa novamente, como havia feito depois da morte da mãe. Ou tivesse se internado em uma clínica depois da visita que eu tinha feito no hospital. Estava prestes a ir embora quando a porta antiga rangeu novamente, abrindo-se.

— Alicia? — Meu pai indagou, piscando com força algumas vezes, como se não acreditasse que eu estava ali realmente.

— Oi, pai. — acenei, sem jeito.

Ele abriu um sorriso vacilante, parecendo procurar as palavras certas. Eu quase não reconheci o homem que estava parado ali na soleira da porta. Seus cabelos, antes na altura dos ombros, estavam agora cortados rente a cabeça, os cachos tinham sido deixados de lado. Fios brancos se espalhavam por suas têmporas e pontilhavam o castanho, dominando tudo. Seus olhos pareciam mais vivos agora, livres das bolsas escuras embaixo deles. Ele vestia roupas limpas, embora amassadas. Não parecia o homem que um dia tinha sido meu herói, tampouco o bebum que eu tinha deixado em um hospital semanas atrás.

— Não esperava te ver aqui — disse, remexendo-se desconfortavelmente.

— Não esperava estar aqui. — retruquei.

Tentei decidir como me sentia diante daquilo. Uma parte de mim ainda o ressentia profundamente pelo que tinha me feito passar. A outra sentia tanto a sua falta que doía. As palavras na última carta de Valentina invadiram minha cabeça de repente. *Perdoe, como nunca fui capaz de fazer.* Talvez fosse a hora.

— Quer entrar? — disse, saindo do caminho e indicando a sala com a mão.

Entrei lá dentro com medo de encontrar garrafas quebradas pelo chão, ou copos vazios na mesa. O que encontrei me surpreendeu. A sala, que antes era delicada e feminina, decorada com variados tons de azul, agora estava irreconhecível. Discos antigos decoravam as paredes e o sofá agora era de couro marrom. Não havia mais cortinas nas janelas ou pequenas almofadas cor de

turquesa nas poltronas. Não havia mais nenhum vestígio da minha mãe. Era tudo ele.

— Esse lugar está tão diferente — comentei, confusa. Semicerrei os olhos, encarando aquele estranho à minha frente. — Você também está.

Meu pai se afastou um pouco, percorrendo o cômodo com o olhar cauteloso, como se esperasse que eu fosse enlouquecer por causa das mudanças a qualquer minuto.

— Pensei em deixar as coisas mais aconchegantes. Sabe, seguir em frente.

— Ficou bonito — falei, com sinceridade. Sempre gostei da elegância clássica de minha mãe. Mas o estilo mais bagunçado com couro e discos de ídolos do rock na parede era mais parecido comigo. E com ele.

Depois da morte dela, ele nunca tinha tocado nenhum dos móveis, mudado nenhuma das cortinas ou trocado um vaso de lugar. Tinha deixado tudo como no dia em que ela morreu, como uma espécie de museu macabro.

Ele me olhou de soslaio, estralando os dedos como sempre fazia quando ficava nervoso.

— Não está com raiva por eu ter tirado as coisas dela daqui?

Sentei-me no sofá, o atrito entre minha bunda e o couro causando um barulho engraçado. Meu pai e eu rimos, ainda desconfortáveis. A risada aliviou um pouco da tensão.

— Não. Claro que não. Já faz muito tempo. Você devia ter feito isso anos atrás. — afirmei. — Ela está em todos os lugares que importam.

Ele balançou a cabeça e relaxou os ombros, aliviado.

— Quer comer alguma coisa? Tem bolo na geladeira.

Levantei uma sobrancelha, cética.

— Tem comida de verdade na geladeira? Do tipo que não saiu de uma lata?

Ele riu, o som estrondoso e retumbante similar ao que eu me lembrava. Sua risada não enrugava os cantos dos olhos, como costumava fazer, mas parecia a mais sincera que eu ouvia em anos.

— Decidi voltar a cozinhar.

— Está cozinhando, redecorando a casa, cortando o cabelo, pagando a conta de energia, aparentemente. O que aconteceu? Eu só fiquei fora uma semana.

Meu pai se sentou em uma das poltronas escuras logo à minha frente e cruzou as mãos no colo.

— Depois que você foi embora do hospital sem se despedir, percebi o que estava fazendo. Que eu era um homem de quase cinquenta anos esfaqueado depois de uma briga de bar sem ninguém por perto pra lamentar se eu morresse. Que eu tinha feito minha própria filha me odiar.

Ele passou os dedos pelos cabelos, um hábito de quando eles ainda eram grandes. Engoli em seco, querendo dizer que nunca o tinha odiado de verdade. Mas não sabia se aquilo era verdade, então me calei.

— Meu primeiro instinto foi ir para um bar e esquecer minha crise de consciência. Mas um dos médicos me indicou um grupo de alcoólatras anônimos perto daqui e me deu o número de um terapeuta no Rio. Fui a apenas algumas reuniões e, honestamente, agora mesmo tudo o que eu quero é um gole, mas estou tentando.

— Decidiu ir para reabilitação?

Ele balançou a cabeça negativamente.

— Vou tentar evitar ficar internado se puder, mas caso as coisas fiquem difíceis demais, já pedi para o meu padrinho do AA me internar.

— Você já tem um padrinho?

Ele assentiu.

— Estou levando isso a sério dessa vez, Ali. Sei que você não tem motivos para acreditar em mim, mas vou te provar que pode confiar em mim de novo.

Ele comprimiu os lábios, o olhar ansioso, procurando em meu rosto alguma espécie de aprovação. Limpei a garganta, ainda incerta se acreditava naquela mudança tão repentina.

— Onde conseguiu dinheiro pra isso tudo? Os móveis e a comida e as contas da casa?

Ele abaixou os olhos e encarou o chão, a face enrubescendo.

— Sua mãe tinha um seguro de vida. Nunca toquei no dinheiro, nem quando estava muito bêbado. Estava guardando até você completar dezoito anos. Mas, quando você fez essa idade, já não falava mais comigo. — Ele levantou as mãos e se inclinou no sofá, ansioso. — Não gastei muito, a maioria ainda está lá e é seu. Consegui um emprego em limpeza na escola daqui. Ninguém quis me empregar como publicitário de novo no Rio. Não vou fazer muito dinheiro, mas vou fazer o suficiente.

Encarei o rosto agora desprovido de barba e bem menos cabeludo em busca de desonestidade ou aquela loucura característica a qual tinha me acostumado. Apesar da tristeza profunda ainda circulando as profundezas daquele olhar, ele parecia melhor. Quase normal.

— Tudo bem. Pode ficar com o dinheiro se quiser. Você precisa mais que eu, de qualquer jeito.

Ele negou com a cabeça.

— Não. Aquele dinheiro é seu.

Não contestei mais. Mastiguei o interior da boca, pensando no que fazer. Apesar de estar em frente ao meu pai, o homem que um dia tinha sido meu maior confidente, eu me sentia presa em uma sala com um estranho. Ainda não conhecia aquela pessoa.

— Espero que as coisas deem certo desta vez, pai.

— Eu também, Ali.

Ele me encarou nos olhos com uma sinceridade tão vulnerável que me peguei abaixando a parede que tinha criado entre nós, apenas um pouco.

— Como está a ferida na barriga? Está indo no hospital?

Ele assentiu e ergueu a camisa, exibindo uma fileira de pontos que se estendia do cócs da calça até o umbigo.

— Está melhorando.

Desviei os olhos, sem querer pensar no que poderia ter acontecido se aquela faca tivesse atingido apenas alguns centímetros acima.

Sem saber exatamente pra onde levar a conversa depois disso, levantei-me e segui até a rústica estante de madeira bruta, na qual diversos discos de vinil se empilhavam. Ao lado deles, o velho toca discos ainda estava lá, arranhado devido às longas horas que eu e meu pai compartilhávamos ouvindo discos nele em seu escritório muito tempo atrás.

— Vejo que algumas das coisas antigas ainda estão aqui.

Meu pai se aproximou e pousou a mão sobre o toca discos, um olhar nostálgico estampado no rosto. Seu cheiro de colônia e couro impregnou meu nariz. Era um alívio conseguir sentir um odor nele além de álcool.

— Não consegui jogar nada disso fora — disse, a voz rouca de emoção. — Eu costumava detestar vitrolas. Sua mãe as adorava. Nos primeiros anos de casamento, achei que ia enlouquecer de tanto ouvir Mozart, Frank Sinatra, Bach. Mas ela insistia em tocar os discos de vinil da vitrola toda noite e me fazer dançar. Era a minha parte favorita do dia.

Abri um sorriso.

— Lembro disso. Costumava descer as escadas e me esconder pra ver vocês dançarem.

Ele passou os dedos sobre alguns dos títulos na estante. O lado direito estava inteiramente ocupado com discos de música clássica que minha mãe tinha deixado. Beethoven, Mozart. Os do meio eram uma transição, com muitos discos de jazz e blues. O lado esquerdo tinha dezenas de discos de clássicos do rock, seguidos pelos melhores da MPB.

— Pode escolher alguns e levar pra casa, se quiser. — Ele ofereceu.

Tateei os discos, em busca de algo que ainda não tinha. Escolhi um do Cazuza, um do Legião Urbana, outro do The Who, um dos Beatles e um antigo do Lynyrd Skynyrd.

— Posso levar esses?

Ele assentiu, rindo.

— Você sempre foi mais uma garota do rock, não é?

Lancei um sorriso torto em sua direção.

— Sim. Quando eu era pequena, queria ser igual a ela. Usava vestidos delicados, fazia chá e ouvia os discos dela. Queria ser delicada e suave. Mas sempre tive mais de você em mim do que dela. — comentei, entristecida. Mesmo agora, com os cachos volumosos dele cortados, eu ainda me parecia muito com ele. Os lábios largos e as feições selvagens eram como reflexos em um espelho.

Ele virou o corpo pra mim, me encarando com seriedade.

— Não. Você pode até ouvir a mesma música que eu, mas todo o resto em você é ela. Você tem a gentileza e compaixão que ela tinha. O mesmo amor pela arte. Meu Deus, seus olhos são idênticos, apesar de os seus serem bem mais tempestuosos. Você ri da mesma maneira.

Trinquei os dentes, os olhos lacrimejando contra minha vontade.

— É por isso que você me odiava? Quando ela morreu.

Meu pai segurou meus ombros com delicadeza e me forçou a encará-lo. Seu rosto era uma máscara de determinação e remorso.

— Nunca te odiei, Ali. Nem por um segundo. Você é minha filha. Como poderia? — insistiu, a emoção tingindo sua voz. — Eu estava quebrado demais e não sabia quem eu era mais sem a sua mãe. E olhar pra você era como olhar para o passado. Pra ela. Não sabia o que fazer com isso, então apenas parei de prestar atenção em você. Mas não a te odiar. Nunca a te odiar.

Balancei a cabeça em uma aceitação desastrada, a garganta fechando-se com as lágrimas não derramadas. Ele me envolveu em um abraço hesitante. Meu primeiro instinto foi afastá-lo, mas deixei que ele o fizesse e mergulhei a cabeça em seu ombro, deixando as

lágrimas rolares livremente. Ele acariciou meus cabelos devagar, como costumava fazer quando eu era pequena.

— Sinto muito, Ali. Realmente sinto — murmurou contra os meus cabelos.

Engoli repetidas vezes, tentando desfazer o nó em minha garganta e dizer alguma coisa

— Eu sei.

Ficamos ali abraçados por alguns segundos, até que ele se afastou apenas um pouco, aquela fragilidade perturbadora nos olhos castanhos.

— Pode me perdoar? — implorou.

Lutei contra todos os meus instintos, querendo desesperadamente acreditar que aquela mudança duraria. Decidi, por fim, só pensar naquilo quando precisasse. Por enquanto, o perdão parecia tudo o que tinha pra dar.

— Já perdoei. — afirmei, com uma certeza no tom de voz que eu esperava sentir. Ele respirou aliviado e continuou a me abraçar. Uma sensação de alívio se espalhou meu âmago. Liberar toda aquela raiva e ressentimento aliviou um peso que eu nem sabia que estava sentindo. Sempre achei que o perdão fosse algo que liberasse aquele a quem perdoamos. Mas estava começando a pensar que ele me libertaria também.

— A oferta do bolo ainda está de pé? — brinquei, quando nos afastamos.

Ele riu.

— Sim. Com certeza.

Ele me guiou até a cozinha, que não havia mudado muito desde a última vez. A mesma longa mesa de madeira ainda estava

no centro. Os mesmos móveis brancos. A única coisa que parecia permanentemente alterada era a falta de azul nas paredes. Ele tirou uma bandeja de bolo da geladeira e colocou na mesa à minha frente. O odor adocicado e levemente cítrico nos envolveu, deixando a cozinha mais aconchegante.

— É de limão? — perguntei, puxando uma cadeira e me sentando.

— Sim. Meu favorito — respondeu.

Ele revirou o armário em busca de talheres e colocou um prato e um garfo à minha frente, junto ao bolo. Cortei uma fatia pequena e provei. Torci o nariz.

— Esse é literalmente o pior bolo na história da humanidade. — comentei, rindo.

— O quê? É delicioso. — Ele insistiu, pegando um garfo para si e enfiando na massa dura. Ele mastigou por um tempo, contorcendo o rosto em uma careta.

— Não diga que não avisei.

Ele riu e jogou as mãos para cima, como quem se rende.

— Estou sem prática, confesso.

Revirei os olhos.

— Pai, você sempre foi terrível na cozinha. Só nunca te dissemos nada porque você gostava muito.

Ele levou à mão ao coração e fez uma careta, como se eu tivesse atirado nele. Colocou as mãos na cintura e forjou uma expressão indignada.

— E aquela lasanha que eu fiz no natal? Vocês comeram tudo.

— Comemos duas fatias bem pequenas, esperamos até ir dormir e jogamos o resto fora.

Ele riu e se sentou, fingindo-se surpreso.

— Minha vida não faz mais sentido — disse, dramático.

Nós rimos, substituindo aquela aura séria e cheia de ressentimento que sempre parecia nos cercar nos últimos anos. Ele continuou mordiscando o bolo e me observando por cima do prato, como se procurasse a coisa certa pra dizer.

— Como está sua vida em São Paulo? Você está feliz?

Assenti, surpresa com a súbita seriedade nele.

— Sou. São Paulo é tão caótica. Sempre tem milhões de coisas pra se fazer. Algumas partes são estranhas pra mim até hoje, como as pessoas não conhecerem os próprios vizinhos. Aqui em Farol da Ilha, eu conhecia todo mundo. Parecia que fazia parte de alguma coisa, sabe?

Ele balançou a cabeça, colocando o bolo de lado.

— Você ainda faz. É a maior vantagem de nascer em uma cidade pequena. Sempre será sua cidade. E você pode visitar se sentir falta daqui.

— Só se você prometer que não vai cozinhar.

Meu pai gargalhou.

— E quanto aos assuntos do coração? Encontrou alguém especial por lá?

A imagem de Gabriel surgiu em meus pensamentos. Desde que tinha saído daquele camping na Chapada dos Veadeiros, tinha checado o celular sem parar, esperando notícias dele. Mas não havia nada. Afastei sua imagem da cabeça.

— Não estamos nessa fase ainda, pai. — insisti.

Ele levantou os braços no ar, como quem se rende.

— Posso perceber que encontrou, sim.

Abaixei a cabeça, sentindo aquela familiar pontada no coração.

— Nunca vai acontecer.

Ele pegou minha mão. O toque me pareceu estranho e fora de lugar por um segundo. Mas, aos poucos, me acostumei a ele.

— Você tem que lutar por amor, Ali. É a única coisa que vale a pena nesse mundo. Sua mãe me fez lutar por ela tantas vezes que perdi a conta.

— E olha só onde isso te levou.

Ele se encolheu, como se eu o tivesse socado. Arrependi-me imediatamente de dizer aquilo.

— Mesmo assim, eu não faria nada diferente se pudesse escolher.

Uma batida constante e alta na porta interrompeu o momento. Meu pai foi abrir, com uma ruga curiosa surgindo no meio da testa. Quando ouvi a voz de quem estava na porta, me encolhi, culpada.

— Hey. — Tasha cumprimentou, entrando na cozinha. — Só vim checar se todo mundo ainda estava vivo.

— Desculpa, Tasha. Eu esqueci que você ainda estava aí.

Ela dispensou minhas desculpas com um gesto das mãos, encarando meu pai com uma surpresa mal disfarçada. Devo tê-la deixado na praia mais tempo do que eu imaginava, porque ela tinha penteado os cabelos e passado sua característica camada de delineador nos olhos.

— Isso é bolo? — perguntou, a atenção já partindo para outra coisa.

— Sim, mas segundo Ali, comer um pedaço é altamente perigoso. — Meu pai brincou. — Se quiser um pouco, é por sua conta o risco.

Tasha sentou-se ao meu lado, arregalando os olhos e apontando para o meu pai, tentando dizer alguma coisa só movendo os lábios, sem pronunciar as palavras. Suspirei. Tasha era tão sutil quanto um elefante.

— Aceita um pouco de café e pão? — Ele ofereceu. — Comprei na padaria. É completamente seguro. Prometo.

Tasha ajeitou a cadeira e esfregou as mãos uma na outra, quase babando.

— Não como nada há quase um dia. Estou com tanta fome que aceito até seu bolo da morte.

Nós rimos e sentamos juntos, conversando sobre tudo e nada por um tempo. contei a ele que tinha voltado a fotografar e mostrei algumas das fotos que tinha tirado na estrada. Ele me contou um pouco mais sobre as reuniões de alcoólicos anônimos que estava frequentando. Tasha contou histórias constrangedoras sobre nossa vida em São Paulo. Conversamos por tanto tempo que já era noite quando decidimos partir.

Meu pai pareceu triste em nos ver ir embora, mas nos levou à porta e nos deu pães para comer no caminho. Quando nos despedimos na soleira da porta, com o som incansável do mar soando ainda mais impressionante na noite silenciosa, ele me abraçou.

— Tenha uma boa viagem

— Vou visitar. Prometo. Você pode ligar, se quiser.

Ele assentiu e me entregou os discos que eu tinha escolhido mais cedo aquele dia. Conforme Tasha e eu íamos embora, olhei para trás uma última vez e acenei um adeus apressado. Ele sorriu e

continuou ali, nos observando ir embora. Abracei os discos, saudosa. Talvez aquele fosse um recomeço.



*Eu já tentei, eu quis chamar
Não dá pra imaginar quando
É cedo ou tarde demais
Pra dizer adeus, pra dizer jamais
Pra dizer Adeus - Titãs*

Voltei para São Paulo com parte do peso causado pelas revelações do diário sendo aliviado. O reencontro com meu pai tinha me deixado cuidadosamente otimista. Depois de tanto tempo viajando para cidades menores e cercada pela natureza, voltar a São Paulo era quase surreal. Mesmo assim, apesar de ter vivido ali bem menos tempo que em Farol da Ilha, tinha a sensação de estar voltando para casa.

Assim que cruzei a Praça da República rumo a casa de Tasha, observando os rostos compenetrados das pessoas que passavam por lá, comecei a imaginar se o de Gabriel seria um deles. Ocorreu-me que eu nem sequer sabia onde ele morava. São Paulo era uma cidade tão imensa e movimentada que talvez eu pudesse viver a vida inteira sem nunca vê-lo novamente. Sabia onde ele estudava, mas que bem isso me faria? Ele tinha deixado claro que não queria que eu fosse atrás dele quando desapareceu sem se despedir. Estava mais que na hora de aceitar que dali em diante, ele seria apenas uma lembrança boa, parte da aventura da minha vida.

Quando chegamos, Tia Janice e Tio Leone estavam calmamente tomando um chá de ervas na mesa de jantar, que impregnava a casa com um odor doce, completamente nus. Tasha jogou a mochila na soleira da porta com um grunhido horrorizado e eu desviei o olhar. Infelizmente, não era a primeira vez que pegava os dois nus dentro de casa.

— Credo, mãe! Pai! O que combinamos sobre usar roupas em casa O TEMPO TODO!? — Tasha reclamou, contorcendo o nariz em uma careta horrorizada.

Ignorando completamente o horror da filha, tia Janice se levantou da cadeira, os seios flácidos balançando-se de um lado para o outro precariamente.

— Natasha, meu amor, se soubéssemos que vocês voltariam hoje teríamos preparado algo especial pra vocês comerem. Quem sabe um sanduíche de tofu? Posso preparar agora. — Janice ofereceu, abrindo seu característico sorriso bondoso.

— Não! — neguei, um pouco rápido demais. — Já comemos. — emendei, tentando não deixar muito óbvio que a ideia de comer tofu novamente me fazia querer chorar.

Ela aceitou e nos envolveu no abraço em grupo mais bizarro e desconfortável na história dos abraços. Sua pele quente e exposta estava em todo lugar. Tasha resmungou alguma coisa até que ela nos soltasse.

— Mãe, vamos revisar as regras básicas de convivência. Roupas! O tempo todo!

Tio Leone riu sonoramente ainda sentado na mesa, a juba de cabelos brancos moldando o rosto como uma nuvem macia. Ele sorriu e acenou para mim, as pequenas rugas ao redor dos olhos mais evidentes do que antes. Se ele tivesse um pouco mais de barba, tio Leone seria idêntico ao papai Noel.

— Como foi a viagem, meninas? — Ele indagou. — Farol da Ilha continua a mesma?

Tasha sentou-se na mesa, com os pés sobre a madeira. Tia Janice jogou uma camisa e bermudas para Tio Leone, que os vestiu sem pudor. Ela examinou uma pilha de roupas sobre a cadeira e colocou um vestido colorido repleto de girassóis. Respirei aliviada.

— Tudo exatamente igual. — Tasha disse.

— E como anda seu pai ultimamente, Alicia? — Tio Leone perguntou, enquanto bebericava um pouco do seu chá de ervas.

— Está melhor. — afirmei.

Apesar de ter levado um soco do meu pai uma vez, Tio Leone parecia genuinamente preocupado com seu bem-estar. Não conseguia imaginá-lo guardando rancor de ninguém.

— Sinto falta de Farol da Ilha. — Tia Janice comentou, saudosa. — São Paulo é tão... industrial.

Ela dizia essa palavra como se fosse um palavrão. Com o vestido recém colocado e aquele velho olhar um pouco etéreo, Janice parecia um personagem de um filme hippie dos anos 70. Tinha sentido falta dela.

— Conseguiu encontrar o que foi buscar? — perguntou, com uma piscadela.

Não sabia nem por onde começar a responder a essa pergunta. Tinha encontrado a solução para o mistério que vinha me assombrando desde que Valentina partiu. Tinha encontrado Gabriel, Laura. Parecia que o dia em que peguei a Kombi e parti tinha sido milênios antes.

— Acho que encontrei mais do que estava procurando.

— Isso é dizer pouco. — Tasha acrescentou, dando uma mordida generosa em um dos biscoitos famosos de Tia Janice.

— Você fez uma tatuagem? — Tio Leone encarou meu ombro marcado.

Assenti.

— Tasha também.

Ela sorriu e mostrou o ombro. Ao invés de reclamar, Janice e Tio Leone nos elogiaram e voltaram a comer tranquilamente.

Exausta, balbuciei alguma coisa incoerente e cambaleei até o corredor.

— Estou morta. Vou tirar um cochilo rápido — afirmei, bocejando.

— Tudo bem, querida.

Assim que cheguei em meu velho quarto na casa dos Moreira, sentei sobre a cama e fechei os olhos, tentando decidir se tudo o que tinha acontecido havia sido real. Joguei a mochila no chão, onde ela se mesclou ao resto do caos no quarto. Depois, mudando de ideia, a peguei novamente, tirei todas as roupas lá de dentro e deixei apenas a caixa com as cartas na minha frente. Ainda havia 2 envelopes. Os quatro primeiros haviam devastado tudo o que eu conhecia e me alterado para sempre. Será mesmo que eu seria capaz de sobreviver aos próximos 2?

Engolindo em seco, abri o envelope número 5.

Querida Alicia,

Se você terminou de ler o diário, e tenho certeza que sim, já sabe o que eu fiz. Não sei como você me vê agora que sabe mais sobre mim do que qualquer outra pessoa. Espero sinceramente que não me veja como um monstro ou uma aberração. Às vezes me pergunto se teria feito as coisas diferentes se pudesse voltar no tempo até aquele dia na praia. Acredito que não. Sei que isso é algo horrível de se admitir, mas a morte dele foi uma espécie de liberação. Não sei o que isso faz de mim. Acho que estou quebrada a certo ponto que não posso mais ser consertada. Mas você pode. Foi por isso que te escolhi, porque vi em você o mesmo tipo de

desespero silencioso que eu senti. Queria que você visse que há esperança pra você. Que sua vida pode ser tão fantástica quanto você quiser que seja.

Talvez você não queira ir até o fim agora que descobriu. Peço que, por favor, não desista. Leia as cartas até o final. Quando sua mãe morreu e você parou de fotografar, algo essencial dentro de você morreu também. Isso é o que você ama, e você é maravilhosa no que faz. Deixei pra você uma lista de todos os museus no Rio que fazem exposições de fotografia e como contatá-los. Faça sua mágica com as fotos que tirou. Envie-as para todos eles. Só abra a próxima carta quando estiver na abertura da sua próxima exposição. Confie em mim, não vai demorar.

*Com amor,
Valentina.*

Segui o conselho de Valentina e agendei um quarto escuro em um laboratório em Pinheiros que cobrava por hora pelas próximas semanas. Troquei a lista de Valentina por uma lista de museus e galerias em São Paulo. Editei, troquei filtros, tentei visões diferentes e me emocionei tanto que não tive muito tempo para pensar em muito além das fotos. O tempo todo, ouvi cada canção na playlist de Valentina milhares de vezes, de novo e de novo, tentando encontrar uma fotografia perfeita para cada uma delas. A cada dia que se

passava, conforme seu rosto surgia em fotografias perdidas, a falta que sentia de Gabriel se tornava mais intensa.

Não havia muito movimento no estúdio que eu tinha alugado para trabalhar nas fotos. Na maior parte do tempo, era apenas eu e o quarto escuro. Exceto pelos fins de tarde, quando um garoto atraente com a pele cor de chocolate e olhos expressivos dividia o espaço comigo. Ele sempre aparecia, exatamente no mesmo horário, revelava algumas fotos, e ia embora.

Certo dia, quando estávamos ambos em um quarto escuro, ele olhou para uma das fotografias que eu pendurava na fina corda para que secasse. Era uma das minhas favoritas. Aquela do casal tatuado na praça em Belo Horizonte, onde o garoto girava a garota no ar. Eu havia usado uma técnica que adorava que fazia com que a foto parecesse uma pintura a óleo. O garoto espiou por cima do meu ombro, sem nem tentar ser discreto.

— Uma garota romântica.

— O quê? — Me retraí, surpresa com sua proximidade.

— A foto. É bem romântica. A maioria das suas fotografias são. — Ele comentou, dando de ombros de maneira retraída, quase tímida. — Até as que retratam apenas a cidade de cima parecem românticas, de alguma maneira.

Observei as fotos esticadas na linha. Aquela no farol. A primeira que havia tirado em anos. Aquelas no vale da lua, com as sombras das rochas formando padrões complicados e intrigantes. Cada fotografia era tão especial, tão pessoal, que estar ali revelando-as com ele parecia íntimo demais.

— Não foi minha intenção, exatamente. Só queria que as pessoas sentissem o mesmo que eu senti quando tirei cada uma

delas. Sabe?

Ele se inclinou por sobre o meu ombro pra olhar com mais atenção. Ali, embaixo da luz avermelhada, era difícil dizer qual era a cor dos olhos dele.

— Se essa era a ideia, aposto que se apaixonou no caminho.

— Ele brincou, descontraído.

Estiquei os lábios em um sorriso desconfortável.

— Claro. As cidades eram todas apaixonantes, cada uma da sua maneira. — desviei do assunto, tentando não pensar em um certo garoto que havia deixado para trás.

— Você deve ser uma fotógrafa de viagem, então. — Ele presumiu, ainda perto demais.

Neguei com a cabeça.

— Quem sabe um dia.

Finalmente, ele se afastou e pegou algumas das próprias fotos na bandeja com o líquido que aos poucos revelaram as imagens e as pendurou no canto oposto ao meu. Já que ele havia feito o mesmo, espiei as imagens que ele revelava com o canto do olho. Elas eram misteriosas e levemente sinistras. Algumas retratavam paisagens mórbidas e lúgubres: Galhos secos de árvores que se erguiam como garras contra o céu nublado e raivoso. Outras eram ainda mais perturbadoras; rostos de bonecas, retratados com tanto cuidado e detalhes que até as pequenas veias na porcelana pareciam pular para fora do papel.

— Uau.

Ele me lançou um sorriso de lado, parecendo se sentir tão exposto e desconfortável quanto eu havia me sentido enquanto ele analisava as minhas.

— Eu sei. Não são para todos. Queria fazer uma exposição que retratasse o medo, em suas diferentes formas.

— São incríveis. — afirmei, impressionada.

Passei os olhos sobre uma imagem com uma garota em um quarto escuro, as mãos tampando os olhos e ouvidos e a boca escancarada em um grito silencioso.

— Que medo é esse? — indaguei, apontando a imagem da garota.

Ele passou os dedos perto da imagem, sem tocá-la.

— Solidão.

— Gosto muito dessa. — afirmei.

Ele pegou mais uma imagem na bandeja e a pendurou.

— Tem medo da solidão? — questionou.

— Claro. Todos temos.

O garoto inclinou a cabeça minimamente, encarando nossas fotos ali tão perto uma das outras. Tão diferentes. Tão complementares. Amor e medo. Eles ocupavam lados opostos daquele quarto escuro, e talvez dentro de mim também.

— Desculpe, não me apresentei. Alicia. — estendi a mão.

— Rafael. — Ele respondeu, pegando minha mão e sacudindo em uma introdução formal. Seus cabelos curtos destacavam o intenso tom escuro de sua pele, que parecia mais rico quando sobreposto ao branco de sua camiseta e jeans desbotados. Ele era bonito. Fotógrafo, como eu. E pelo modo como continuava segurando minha mão, podia jurar que estava interessado. Seria tão fácil beijá-lo. No entanto, ele podia ser tudo o que eu pensava que queria. Mas não era Gabriel.

— Rafael, se algum dia elas acabarem em uma galeria, e aposto que irão, conto com seu convite. Vou querer comprar uma.

Puxei a mão, libertando meus dedos finos dos seus, ásperos e robustos.

— Digo o mesmo. Posso definitivamente usar algum romance no meu apartamento. As fotos sinistras estão começando a assustar as garotas. — zombou ele, rindo.

— Tenho uma amiga que adoraria cada uma delas. Ela treme a vista de qualquer animal que não seja um cachorro, mas, estranhamente, é apaixonada por tudo que envolve horror.

Ele riu sonoramente, o som rouco ecoando no cômodo pequeno.

— Gostaria de conhecê-la.

Nós revelamos o restante das fotos em um silêncio confortável, então nos despedimos, com a promessa de nos encontrarmos novamente algum dia.



*Às vezes, no silêncio da noite
Eu fico imaginando nós dois
Eu fico ali sonhando acordado
Juntando o antes, o agora e o depois
Sozinho - Caetano Veloso*

Quando finalmente terminei de escolher, nomear e editar as fotos, fiz o que Valentina havia pedido e enviei uma proposta para todos os museus, galerias e cafés na minha atualizada lista. Ela não sabia que eu me mudaria pra São Paulo quando fez a sua, então não achei que uma pequena alteração de cidade seria um problema.

Os próximos dias foram monótonos e sem grandes acontecimentos agora que o trabalho tinha acabado. Rafael tinha se tornando um bom amigo, e, às vezes, depois das horas no laboratório fotográfico, nós saímos para um copo de café regado a bastante conversa. Estava começando a me acostumar com a rotina preguiçosa quando minhas férias acabaram e tive que voltar ao trabalho.

Não percebi o quanto sentia falta daquele lugar até entrar lá novamente e ser atingida pelo odor único de couro, cigarro e caixas empilhadas. A bagunça apaixonante da loja era como um raio de sol depois de muitos dias de chuva, familiar e cálida. Alan nos recebeu com um abraço apertado por mais ou menos dois segundos antes de sair por entre as caixas, gritando que liberar duas funcionárias para férias no mesmo mês tinha quase acabado com sua sanidade e que deveríamos voltar ao trabalho imediatamente por que havia muito o que fazer ali.

— Sou louca por ter sentido falta de ouvi-lo gritando com a gente? — Tasha indagou, observando com um olhar emocionado enquanto Alan seguia até o depósito, os sapatos elegantes e caros fazendo um tic tac engraçado contra o piso.

— Definitivamente não. Onde mais encontraríamos alguém que usa sapato social com uma camiseta do superman e óculos de oncinha e faz isso parecer a combinação mais natural do mundo? — brinquei, gargalhando.

Alan levantou a cabeça por meio das caixas vazias no depósito.

— Estou ouvindo isso! — berrou.

— Nós te amamos! — gritamos de volta ao mesmo tempo.

O resto do dia foi maravilhosamente normal. Tasha e eu revezamos turnos atrás do caixa, tagarelando o tempo inteiro, para o desgosto de Alan. Ela estava bastante concentrada na tarefa árdua de experimentar algumas das jaquetas de couro da loja e checar as pontas duplas dos seus cabelos bicolores quando lhe fiz uma pergunta:

— Você ouviu falar de Lucas depois que voltamos?

Ela levantou os olhos enormes, sabendo exatamente que não era em Lucas que eu estava interessada.

— Poucas vezes. Ele me convidou para um show da banda na Galeria do Rock e disse que a gente devia sair uma hora dessas.

Mordi o lábio com força.

— Você vai? Para o show, quero dizer?

Tasha deu de ombros, desinteressada, puxando uma jaqueta marrom do cabide e substituindo a preta que usava.

— Não sei.

— Tasha... — comecei.

Ela comprimiu os lábios finos e suspirou.

— Não tenho notícias de Gabriel, Ali. E, honestamente, não te contaria se tivesse. Você é uma garota incrível. Se ele não vê isso, o

cara é um idiota.

O barulho do sino na porta anunciando um novo cliente interrompeu o que quer que fosse que eu pretendia dizer em seguida. Tasha tirou a jaqueta, expondo os braços magros e assumiu sua expressão de vendedora responsável. Levantei os olhos e tentei enxergar a pessoa que tinha entrado, mas minha visão estava bloqueada por uma das estantes. Circulei-a e segui até a entrada. Estava prestes a perguntar o usual “Posso ajudar?” quando percebi quem tinha acabado de entrar.

Ele estava exatamente como na última vez que eu o tinha visto. Os cabelos castanhos e ondulados cobrindo parte da testa, os enormes olhos verdes caleidoscópicos exibiam um tom claro e ardente. Ele usava All stars detonados, jeans mais velhos ainda e uma camiseta azul marinho. A garoa lá fora havia feito com que a camiseta grudasse um pouco no peito e transformasse seus cabelos em um emaranhado. Ainda assim, estava tão lindo que doía.

— Está procurando por algo específico? — perguntei, subitamente desconfortável, sem saber o que fazer com as mãos. Cruzá-las? Deixá-las balançando ao redor do corpo? Por que diabos aquilo parecia importante?

Gabriel levantou uma sobrancelha de modo sugestivo.

— Uma morena de cabelos cacheados. Teimosa, meio agressiva. Olhos selvagens. Gosta de fazer perguntas. Soa familiar?

Cruzei os braços sobre o peito, consciente do emaranhado que meu cabelo era aquela manhã, e de que eu usava uma camiseta velha com buracos na manga e jeans folgados.

— Talvez.

Ele passou as mãos pelos cachos molhados, o que os deixou ainda mais emaranhados.

— Sabe onde posso encontrá-la?

Dei um passo para frente. Olhei para cima, para seu queixo forte, com uma barba malfeita que insistia em despontar.

— Pode ser difícil. Alan organiza tudo na loja de um modo muito peculiar — disse, rindo, certo flerte na voz.

— É mesmo? — franziu o cenho.

— Sim. Está vendo aquela área ali? — Apontei para o canto à nossa esquerda, consciente da proximidade dele, que se inclinava como se cada palavra que eu dizia fosse fascinante.

Ele assentiu.

— Pertence à artistas que morreram exatamente aos vinte e sete anos.

Gabriel arregalou os olhos, e eu podia praticamente sentir a curiosidade emanando dele, como algo vivo.

— Mesmo?

— Aham — continuei: — Ali do outro lado ele guarda álbuns com as melhores músicas com “Rain” no título.

Fui caminhando enquanto apontava para as incontáveis pilhas de discos e CDs espalhadas pela loja. Não olhei para trás para checar se ele estava me seguindo, mas podia senti-lo, a apenas alguns passos de distância. Tagarelar sobre discos me parecia mais fácil do que perguntar o que ele estava fazendo ali, ou ouvir o retumbar insistente do meu coração.

— Está vendo aquela prateleira ali em cima, na direita? Aqueles são os discos com músicas que fizeram partes de clássicos

do cinema. E aquelas do outro lado são toda uma coletânea de discos para se ouvir na estrada.

Gabriel contemplou todos os cantos embasbacado, os olhos eram como dois buracos de minhoca, tentando absorver tudo ao mesmo tempo, transportar o que ele via para aquela dimensão estranha que se escondia debaixo daquela camisa de flanela e sorriso despreocupado.

— Esse lugar é incrível — falou, atônito.

— Eu também acho. — suspirei, sentindo o cheirinho característico de couro e poeira. — É uma pena que as pessoas quase não comprem discos hoje em dia.

Passei os dedos distraidamente pela superfície de papelão das capas empoeiradas. Tirei um disco do Queens da coleção “Alfabetização musical” de Alan.

Gabriel apoiou o queixo em meu ombro, tentando espiar o título do álbum. Tentei não ficar distraída pelo seu cheiro fresco de sabonete de baunilha e água da chuva, ou sua respiração ritmada em meu pescoço, mas estava distraída demais pra me focar em não me distrair.

— A Night At The Opera. Ótimo disco. — Ele disse, deslizando a mão por cima da minha para olhar a capa mais de perto. É engraçada a quantidade de terminações nervosas que temos nas mãos e eu nunca tinha notado antes.

— Eu costumava ouvir The Prophet’s song sem parar quando era pequena. Sempre em Vinil. Meu pai dizia que só se conhece realmente uma canção quando a escuta vendo a agulha riscar o disco, devagarzinho.

— Homem sábio, seu pai.

Soltei uma risadinha nervosa, e coloquei rapidamente o disco de volta no lugar.

— Fiquei profundamente decepcionada quando descobri que nunca ia ter um bigode como o do Freddy. — mudei de assunto, aflita.

Gabriel riu. Sua risada era estrondosa. O tipo de som rico e caloroso que ocupa todo o espaço que o cerca. Também era meio descontrolada, de um jeito bom.

— Aí está algo que eu pagaria pra ver.

Desviei os olhos, ainda perturbada com as memórias que continuavam vindo, incontroláveis. Gabriel, de algum modo, percebeu a mudança. Chegou mais perto, o que me fez sentir estranhamente pequena.

— *I dreamed I saw on a moonlit stair. Spreading his hand on the multitude there. A man who cried for a love gone stale...*

Ele cantou baixinho a letra de The Prophet's Song, apenas para que eu ouvisse, a voz aveludada e serena. Fechei os olhos, sendo carregada de volta para um passado do qual mal me lembrava. A voz de Gabriel era como um portal, me levando de volta para a criança perdida em canções que eu tinha sido. Exatamente como o tinha feito quando ele cantou pra mim no Galeria. Meu pai costumava dizer que a música é a única língua pela qual as almas realmente se comunicam. Não sabia como alguém podia ouvir algo assim e não acreditar nele.

Ainda podia ouvir Alan tagarelando no balcão, sentir o olhar ávido de Tasha a poucos metros, no entanto, conforme ele cantava, tudo se desintegrou aos poucos, até que nada mais restasse.

— Gabriel... — comecei, quando ele parou de cantar e quebrou aquela bolha mágica na qual nos encontrávamos. — Por que você está aqui?

Ele cerrou o maxilar e abaixou os olhos.

— Quando estávamos no mirante em BH, você me disse que queria que eu conhecesse esse lugar. Então eu vim.

Ele me fitou com aqueles olhos incomparáveis, parecendo tentar comunicar algo essencial que eu não conseguia descobrir o que era.

— Simples assim?

Ele assentiu, se apoiando na ponta dos dedos e inclinando-se para frente daquela maneira estranha que sempre fazia.

— Simples assim. — repetiu.

Fitei-o, esperando que ele dissesse mais, mas ele apenas me encarou de volta.

— Fico feliz que tenha vindo. Sabia que você gostaria desse lugar.

Virei-me para não ter que encará-lo e comecei a organizar discos que já estavam bastante organizados. Ele pareceu perceber meu desconforto e pousou uma mão em meu braço, o toque suave causando ondas de eletricidade que pareciam impossíveis. Ele manteve a mão ali até que eu me virasse e encarasse aqueles caleidoscópios de frente.

— Esse não é o único motivo pelo qual vim aqui.

— Não? — indaguei, a voz saindo baixa e esganiçada.

Ele negou com a cabeça e envolveu meu rosto com as duas mãos, afastando meus cachos insanos.

— Claro que não.

Seus olhos agora carregavam um tom inteiramente diferente, um verde azulado que queimava como uma chama, e parecia querer me envolver nela.

— Por que, então?

Ele deu mais um passo em minha direção, seu corpo tão próximo que fazia meu raciocínio lógico desaparecer.

— Por que eu fui o maior idiota do mundo em deixar você ir embora aquele dia. Assim que vi você se afastar, quis correr atrás de você e pedir que ficasse.

Tirei suas mãos do meu rosto e as segurei firmemente entre as minhas, lembrando exatamente a sensação de torpor completo e tristeza que senti ao partir e deixá-lo em meio a mata.

— Por que não pediu?

Ele engoliu em seco, a tristeza repentina afastando o tom único de verde que seus olhos haviam assumido e substituindo-o pelo verde musgo com o qual eu havia me acostumado.

— Você sabe por quê.

Sim, é claro que sabia. Quis dizer que não me importava com sua doença, que dez anos era muito tempo. Que, o que quer que viesse depois disso, eu enfrentaria com ele. Mas já havia dito isso antes. E ele me deixou ir embora mesmo assim.

— O que mudou, então? — questionei, a voz distante.

— Nada. — Ele disse.

Suas palavras foram como um balde de água fria. Suspirei e soltei suas mãos, quebrando qualquer contato. Ele não deixou que eu o fizesse. Envolveu meus dedos nos seus e se aproximou mais uma vez, vencendo a distância que eu havia colocado entre nós.

— Se nada mudou, por que está aqui?

Ele apertou meus dedos trêmulos e frios, os aquecendo com os seus.

— Nada mudou sobre o que eu disse lá. Ainda estou doente. Sempre vou estar. E ficar comigo vai ser a coisa mais difícil que você vai fazer na vida. Nunca vou ser normal. Mas esses dias sem você foram uma tortura. Eu te amo, Alicia. Te amo tanto que não sei mais o que fazer. Desde aquele dia na beira da estrada, não consigo te tirar da cabeça.

Fitei-o, boquiaberta e zozna, resistindo a tentação de beliscar pra me convencer de que realmente estava ouvindo aquilo.

— Espere, você o quê?

Ele riu.

— Eu te amo, sua criatura teimosa e incrível.

Pisquei sem parar algumas vezes. O verde azulado em seus olhos estava de volta. Não sei dizer se seus olhos realmente variavam em tons de verde ou se eu era a única que conseguia ver. Contudo, naquele momento, não havia nada mais incrível que saber que havia um tom neles só pra mim.

Sem pensar duas vezes, envolvi seu pescoço com os braços e enterrei meus dedos em seus cabelos macios, ficando na ponta dos pés para que meus lábios ficassem na altura dos seus. Ele se inclinou e tomou minha boca com a sua. Agarrou minha cintura e me puxou para perto de si, me beijando como se eu fosse a única gota de água em um deserto vasto.

— Hey! Isso aqui é um estabelecimento respeitável, não é um motel! — A voz estrondosa de Alan nos repreendeu, com o menor dos traços de humor. Gabriel e eu nos separamos, ofegantes e rindo.

— Desculpe. — Ele gritou de volta para o cômodo, procurando por Alan, que tinha desaparecido atrás das caixas novamente.

— Deixe os pombinhos continuarem com a demonstração de afeto mais nauseante da história, Alan. — Tasha entrou na gritaria.

Gabriel acenou para ela.

— Hey, Tasha.

Ela acenou de volta, agora usando três jaquetas, uma em cima da outra, sobre o vestido justo.

— Hey, babaca que partiu o coração da minha amiga. — Tasha cumprimentou de volta. — Se fizer isso de novo, vou esmagar as suas bolas.

Gabriel assentiu, tentando forçar uma expressão séria no rosto e bateu continência, como se Tasha fosse um general.

— Vou fazer o meu melhor pra que isso nunca aconteça novamente. — Ele me olhou de rabo de olho, reluzindo. — Se ela deixar, quero passar minha vida inteira fazendo-a a mulher mais feliz do mundo pra compensar qualquer babaquice do passado.

Sim. Apenas sim, pensei.

Tasha levantou uma sobrancelha ameaçadora e sorriu, tudo ao mesmo tempo. Apenas ela conseguia misturar expressões tão diferentes em uma só.

— Bom — disse. — Podem voltar a engolir um ao outro agora. Vocês têm a minha benção.

Gabriel gargalhou, olhando ao redor como se quisesse confirmar que ninguém mais apareceria entre as pilhas de discos para gritar coisas absurdas para ele. Não consegui resistir e gargalhei também.

Nos encaramos com intensidade por alguns segundos, até que as gargalhadas cessassem. Gabriel levou a mão ao meu pulso, desenhando círculos imaginários e padrões intrínsecos com a ponta dos dedos. Fechei os olhos e me perdi na sensação da pele dele na minha.

— Alicia?

— Huum? — ronronei, ainda distraída demais para pronunciar uma palavra inteira com coerência.

— Eu sei que isso não vai ser exatamente simples, mas estou disposto a te dar cada um dos meus dias, os bons e os ruins, se você estiver disposta a me deixar tentar.

Abri os olhos. Acariciei seu rosto anguloso com a ponta dos dedos, o gesto repleto da mesma delicadeza de suas palavras.

— Ainda precisa perguntar?

Ele me abraçou e levantou meu corpo até que meus pés não tocassem mais o chão, então me rodopiou. Enquanto ele me girava, transformando as coisas ao nosso redor em borrões indistintos, seu rosto era a única coisa que eu conseguia ver com clareza. Parecia apropriado, porque até quando ele parou de me rodar, estar com ele ali era a coisa mais nítida em meu mundo.



*Como quando eu fecho meus olhos
E não me importo se alguém me vê dançando
Como eu posso voar, e nem sequer pensar em tocar o chão
Brand New - Ben Rector*

As próximas semanas foram incríveis. Gabriel e eu aproveitamos cada oportunidade que tivemos para nos conhecer no mundo real, nas nossas vidas fora da estrada. Meu pai havia transferido boa parte do dinheiro do seguro da minha mãe para minha conta, e eu finalmente consegui sair da casa de Tasha e alugar um apartamento em Morumbi. Gabriel costumava ir pra lá depois da faculdade e do meu turno do trabalho, já que Mauricio ainda morava com ele, pois, apesar de estar se adaptando a ideia de nos ver juntos, ele não era exatamente meu maior fã.

Conforme os dias passavam, me acostumei à rotina preguiçosa que tinha tomado conta. Falava com meu pai regularmente agora por telefone e por Skype. Ele parecia um pouco mais saudável a cada dia. Por diversas vezes, pensei que fosse ter uma recaída, mas até então, não tinha acontecido.

Lucas e Tasha estavam juntos e passavam boa parte do tempo em meu novo apartamento de um quarto, que mal parecia o suficiente para mim e Gabriel, quanto mais para todos nós juntos.

Era estranho estar com Gabriel todos os dias. Descobri todos esses estranhos e apaixonantes detalhes sobre ele que me deixavam maluca e com vontade de estrangulá-lo, às vezes. Eu odiava o modo como ele amarrava o sapato, realmente odiava. Odiava que ele roncasse um pouco quando ia dormir tarde. Odiava o modo como ele mordiscava a ponta da caneta antes de escrever, e odiava o buraco imenso que ele tinha no all-star, mas no fim do dia, tudo parecia organizado demais, vazio demais quando ele não dormia lá. De repente, eu ansiava por ver aquele cadarço teimoso

arrastando no chão, e lia cada texto imaginando a curva dos seus lábios enquanto mordida minhas canetas, que pareciam desagradavelmente impecáveis sem ele mordiscando-as enquanto se concentrava em mais um roteiro mirabolante de um livro novo. Queria mais que tudo acordar pela manhã e me deparar com seu all-star furado na beirada da cama, desafiando-me silenciosamente. Queria vê-lo com os cabelos desalinhados, os olhos inchados e a barba rala adorável e ouvi-lo roncar até ser forçada a acordar. Tinha me apaixonado até mesmo pelos defeitos dele.

Estávamos todos juntos em meu apartamento uma noite, assistindo um filme de terror na Netflix, quando o porteiro do prédio me chamou pelo interfone e disse que havia uma entrega importante pra mim no correio. Inicialmente, pensei que Valentina tivesse encontrado uma maneira de mandar um pacote via sedex do além mais uma vez. No entanto, assim que desci até a portaria o senhor Antônio me entregou o envelope comprido, soube que não era dela.

Quando abri o envelope e percebi o que dizia, subi correndo até o andar de cima, pulando e rodopiando como uma louca e chamando a atenção de vários vizinhos que entravam e saíam do prédio.

— Ai meu Deus! Ai meus Deus! Ai Meu Deus! — gritei, abrindo a porta do apartamento e recebendo olhares alarmados de Tasha, Gabriel e Lucas. Eles passavam mais tempo no meu apartamento minúsculo do que eu, ultimamente.

— O que aconteceu, Ali? Você parece prestes a ter um derrame. — Tasha apontou.

Dei mais alguns pulinhos histéricos e rodopiei algumas vezes ao redor da sala bagunçada. Subi em cima do sofá vermelho e pulei

até ouvir a madeira ranger debaixo dos meus pés. Gabriel gargalhou e Lucas encarou Tasha, como se buscasse alguma explicação para a minha insanidade temporária no rosto dela.

— Uma galeria quer expor as minhas fotos! — berrei, saltitando.

— Sêrio? — Tasha indagou, o rosto alegre.

— Parabéns! — Gabriel disse logo em seguida, vindo me dar um abraço apertado. Ele subiu no sofá junto comigo e envolveu minha cintura, me prendendo em um abraço apaixonado. — Estou tão orgulhoso de você. Sabia que conseguiria.

— Quando vai acontecer? — Lucas indagou, sorrindo e me cumprimentando sem sair do tapete multicolorido que cobria algumas manchas de cor duvidosa no piso de cerâmica.

— Não sei ainda. Vou respondê-los agora mesmo. — afirmei, já correndo em direção ao meu computador e abrindo meu e-mail. Todos se amontoaram ao meu redor para observar enquanto eu digitava, em um estado de total e completo êxtase. Não conseguia acreditar que aquilo estava acontecendo. Poucos meses antes, eu nunca pensei que pudesse voltar a fotografar. E agora, ali estava, realizando o sonho da minha vida cercada pelas pessoas mais incríveis no planeta.

— Obrigada, Val. — sussurrei baixinho, antes de enviar.

**

— E se ninguém aparecer? E se não gostarem das fotos? E se ninguém comprar nada? — tagarelei nervosamente enquanto

dirigíamos até a Vila Madalena, onde a exposição estava prestes a acontecer.

Gabriel tirou uma das mãos do volante e a colocou sobre a minha, me acalmando um pouco. Respirei fundo algumas vezes, até sentir que não iria mais vomitar.

— Acalme-se. Vai dar tudo certo. Muita gente estará lá e todos vão ficar encantados com o seu trabalho, porque ele é ótimo.

Escolhi acreditar nele. Fechei os olhos e deixei que seu toque me acalmasse. Gabriel tinha o dom de me deixar imediatamente mais tranquila. Ainda assim, quando chegamos em frente ao prédio alto com paredes negras onde a exposição aconteceria, ele teve que sair do carro e praticamente me arrastar para fora, porque eu não conseguia mover as pernas.

Ajeitei o vestido azul escuro que usava pela milésima vez e encarei a entrada da galeria com o coração realizando uma dança descontrolada dentro do peito. Gabriel percebeu minha hesitação e ficou ali ao meu lado em silêncio, elegante em seu smoking. Encarei a entrada iluminada do prédio com seu letreiro em letras escarlate pelo que me pareceu uma eternidade.

— Está pronta? — Gabriel perguntou, ainda com a mão firmemente entrelaçada a minha.

Assenti. Juntos, nós entramos. Uma pequena multidão se acumulava no espaço relativamente pequeno. Pessoas de todas as raças e estilos se aglomeravam ao redor das paredes brancas onde minhas fotografias pendiam em molduras elegantes. Garçons em gravatas de cetim perambulavam pelo salão, distribuindo taças de vinho aos compradores. A cena me parecia tão adulta e surreal que tive que piscar com força algumas vezes para me convencer de que

aquilo realmente estava acontecendo. Assim que vi o bando de pessoas observando os quadros, uma parte do nó que havia se formado em meu estômago se desfez.

— Alicia! — Alguém chamou, em meio à multidão.

Identifiquei a fonte do barulho ao avistar Marcela, a elegante curadora da galeria, caminhar até mim em seu vestido preto festivo. Ela pegou a minha mão quando me alcançou, arregalando os olhos dourados com animação. Sempre que tinha boas notícias, seus olhos ficavam tão grandes que era quase impossível encará-los diretamente.

— Que bom que está aqui. Suas obras estão sendo um completo sucesso. Vendemos sete até agora, e parece que o número vai aumentar.

Respirei aliviada, soltando um som visceral da garganta que era metade um soluço e metade um engasgo.

— Está vendo aquele grupo de mulheres ali? — Ela apontou para um grupo sorridente de mulheres elegantes em seus vestidos.

Assenti.

— São jornalistas. Críticas de arte fantásticas. Consegui convencê-las a vir e elas adoraram a ideia de nomear as fotos como canções.

— Não acredito nisso — disse, sorrindo tanto que minhas bochechas protestaram.

Marcela pareceu finalmente notar quem estava ao meu lado e observou Gabriel dos pés à cabeça com olhos aprovadores. Ele estava especialmente bonito aquela noite. Marcela havia insistido que fizéssemos uma exposição elegante, portanto, a maioria das pessoas no salão vestiam roupas formais. Gabriel estava de

smoking pela primeira vez desde que eu o havia conhecido. Seus cabelos estavam penteados para trás, fazendo com que seus olhos parecessem maiores e mais impressionantes.

— E quem seria esse belo cavalheiro? — Marcela indagou, estendendo a mão para que ele a pegasse.

— Gabriel. — Ele se apresentou. — Sou o namorado da Alicia.

Levantei os olhos, sorrindo como uma idiota. Era a primeira vez que ele se chamava assim na frente de alguém. Marcela sorriu, parecendo decepcionada. Apesar de estar em seus trinta, ela preservava uma beleza jovial.

— Vá conhecer seus futuros compradores. — Ela insistiu, dando um tapinha leve em meu traseiro para me encorajar. Revirei os olhos, murmurei um “já volto” apressado para Gabriel e passeei pelo salão, tentando ouvir a opinião das pessoas presentes sobre as fotografias expostas.

Uma sensação cálida se espalhou pelo meu peito enquanto eu observava as imagens. Cada lugar que visitamos. O que vi pelo caminho. O Farol. Era como ver a história que havia me levado até ali exposta nas paredes.

Estava tão concentrada nas fotos que esbarrei em alguém no caminho. Abri a boca para me desculpar quando percebi em quem havia esbarrado.

— Rafael!

— Oi. — Ele acenou, sorrindo. Usava jeans escuros, uma camisa social e um blazer. Não estava exatamente formal, mas parecia tão diferente do fotógrafo despreocupado que eu conhecera no estúdio que demorei um pouco para associar os dois.

— Você veio.

Ele balançou a cabeça, observando as fotos com os olhos caramelados ávidos.

— Claro que sim. Eu prometi. A primeira venda foi pra mim. — Ele afirmou, parecendo feliz por mim.

Avistei Tasha vindo em nossa direção, mas também precisei de alguns segundos para ter certeza de que era mesmo ela. Ela usava um delicado vestido amarelo, e havia abandonado as fortes linhas do delineador por algo mais suave. Seus cabelos claros repletos de mecha negras estavam presos em um penteado elegante. Ela estava fantástica.

— Ali! Você viu quanta gente está aqui? Isso é incrível. — Ela comemorou, me abraçando. Pareceu notar a presença de Rafael e seu sorriso mudou imediatamente. — Olá, estranho.

Ele a cumprimentou de volta com aquele sorriso despretenso que sempre tinha. Vi Lucas no outro lado do salão e acenei. Ele não parecia muito incomodado com o modo com que Rafael parecia flertar com Tasha, então decidi fazer mesmo.

Quando percebi que ninguém mais prestava atenção em mim, esgueirei-me até o banheiro e abri a bolsa pequena que carregava, em busca do sexto e último envelope. Acaricieei a superfície cor de creme, tentando me preparar para o fim daquela jornada. Todos aqueles meses seguindo as palavras dela haviam feito com que eu a sentisse comigo novamente, e, apesar de estar ansiosa para descobrir o que aconteceria em seguida, e grata por tudo o que aquela jornada havia trazido, não me sentia pronta para deixá-la ir ainda.

Finalmente, abri o envelope. A carta número 6 era a mais singela de todas, e talvez a mais especial.

Querida Ali,

Sabia que você me deixaria orgulhosa. A próxima aventura é por sua conta. Eu te amo.

Valentina.



Nós cantamos um pouco mais alto
Nós dançamos um pouco mais
Nós nos sentimos um pouco mais jovens
Nós amamos um pouco mais forte
Meu coração
Bate por você
My heart beats for you - Rooney

5 anos depois

Olho para frente, para o mar que incansavelmente atinge a costa, as águas revoltas e selvagens, em mudança constante, no entanto, estranhamente iguais. O ruído das ondas atingindo as pedras altas sobrepuja o constante e suave som da garoa que cai, fina, deixando o ar agradavelmente úmido. O Farol ainda se ergue bem perto no horizonte. Mesmo depois de tantos anos, aquele lugar estava exatamente como o deixei. Podia quase ouvir os ecos das risadas de Tasha e Valentina na areia.

Nos meus fones de ouvido, em um volume ensurdecedor e frenético, a voz de Jim Morrison me envolve em seu ritmo melódico. Na tela do ipod cor de rosa caindo aos pedaços, o título da música desliza. “The End”. Passo os dedos sobre a fita adesiva, que mal se segurava ao material liso depois de tanto tempo. Nenhuma música nunca me pareceu tão apropriada. Fecho os olhos com força e respiro fundo, enterrando os pés na areia. Aquela canção continua tocando, implacável.

**This is the end
Of our elaborate plans, the end
Of everything that stands, the end.**

É isso aí, meu bom e velho Jim. Esse é o fim. Ou o início. Se há algo que tudo o que me levou até ali, naquele momento, me ensinou é que todo fim é o começo de alguma coisa. E todo começo inevitavelmente dá fim a algo.

Sentei-me na areia com meu velho caderno com a capa de couro desgastada e abri a primeira página, repleta de rabiscos incoerentes. Procurei por uma página em branco, ponderando sobre o que dizer. Suspirei, e deslizei a caneta pela folha amarelada.

*Querida Valentina,
Tenho uma história para contar...*

Uma vez, quando tinha sete anos, li em algum lugar que passamos quase um terço da nossa vida dormindo. Um ser humano que vive por, digamos, 60 anos e dorme em média sete horas por noite terá dormido mais ou menos dezoito anos da sua vida. Esse fato ficou remoendo-se em minha cabeça de criança, até o ponto onde eu decidi que dormir era inútil, e ninguém devia desperdiçar tanto tempo assim. Não é tão difícil deduzir que minha determinação fervorosa durou menos de uma semana, e acabei apagando no chão do banheiro, babando e roncando como o motor do velho carro do meu pai.

Eventualmente, percebi que o tempo que passamos acordados é ínfimo, e, para alguns, inexistente. Passamos pela vida em um perpétuo estado de sonambulismo. Ouvimos palavras que nunca terão significado, sorrimos sem gargalhar, fugimos do amor por que ele nos assusta, evitamos as mudanças por que o desconhecido é perigoso demais.

No entanto, se tivermos sorte, e apenas assim, alguma coisa acontece e te desperta, súbita e irremediavelmente. E você olha ao redor, para tudo o que enxergou toda a sua vida sem realmente ver, e percebe a beleza daquilo tudo. Para alguns, o despertador

cósmico é um livro que muda tudo, uma canção que diz as palavras certas. Para outros, é o amor. Para mim, foi você. 5 anos atrás, você me acordou, Val.

A voz de Jim continuou a socar meus ouvidos. Parei de escrever e voltei a atenção para as ondas revoltas, os olhos vidrados e ouvidos atentos à música.

**Can you picture what will be
So limitless and free**

Ri, assim, como louca, porque de repente aquelas palavras me parecem ferozes. Estar ali, depois de todo aquele tempo, parece trazer de volta todo o horror daqueles primeiros dias. Enquanto a música soa na playlist que eu nunca abandonei, posso jurar que a sinto ali, ao meu lado. Com os olhos úmidos, continuo a escrever.

Não sei nem por onde começar a te contar tudo que hoje é a minha vida por sua causa. Gabriel e eu ainda estamos juntos. Cada dia é uma descoberta com ele. Alguns são maravilhosos, alguns são difíceis, e alguns parecem impossíveis. Sua doença está avançando lentamente, mas não tem sido um peso tão grande em nossas vidas. Pelo menos, não ainda. Ele ainda consegue fazer tudo o que ama, apesar da ocasional dificuldade em beber uma xícara de café quente ou de tocar seu violão. Mês que vem, partimos para os Estados Unidos para participar de uma pesquisa experimental que pode amenizar os sintomas no futuro. Tenho a mais sincera e absoluta esperança de que tudo vá dar certo lá. Contudo, mesmo se não der, estou preparada pra enfrentar tudo o que vier ao lado dele.

Mesmo nos dias mais difíceis, ele ainda é o rosto que eu quero ver quando acordar na manhã seguinte.

Sou uma fotógrafa profissional agora. Depois daquela primeira exposição, uma revista de viagem me contratou como funcionária integral para fotografar suas matérias culturais. Sou literalmente paga para viajar. Quão incrível é isso? Eu costumava achar que tinha o melhor emprego do mundo na loja de discos, mas isso é ainda melhor. Você adoraria tantos dos lugares nos quais estive. Uma vez, quando estava na Tailândia, uma garotinha de sorriso fácil passou vendendo lírios em um restaurante local. Era sua flor favorita. Foi impossível não lembrar de você.

Gabriel tem sido incrível sobre minha rotina maluca que nunca permite que eu esteja em um só lugar. Alguns anos atrás, ele publicou seu primeiro livro, que foi um sucesso. Está negociando um contrato internacional para o segundo agora. Já que ele pode escrever em qualquer lugar, viajamos juntos.

Natasha está noiva! Consegue acreditar? Nunca a imaginei como o tipo que se casa, mas depois que o rolo com o Lucas acabou, ela investiu em Rafael. Os dois ainda estão juntos. Ele trabalha como fotógrafo em um jornal local. Ela comprou a loja de discos depois que Alan se mudou e agora toma conta das coisas por lá. Lucas se tornou médico e se mudou para o sul. Não o vejo há algum tempo. E Mauricio, bem, ainda é Mauricio, exceto que agora ele é professor. Ele é o único deles que continuou perseguindo uma carreira musical. Ele ainda faz muitos shows com sua nova banda e parece feliz. Nunca mais ouvi falar de Laura, mas gosto de imaginar que ela está em paz com a mãe, pedindo carona

em alguma estrada qualquer. Às vezes, quando chego em algum lugar novo, olho ao redor como se esperasse encontrá-la.

Meu pai ainda mora na velha casa de praia, e diz que sempre posso visitar quando quiser. Durante os últimos anos, ele teve algumas recaídas, que, honestamente, quase me destruíram. Mas ele se recuperou e voltou a namorar. Ele me visita em São Paulo sempre que pode. Eu, no entanto, nunca mais tinha voltado à Farol da Ilha. Acho que estava com medo de enfrentar todos os fantasmas que deixei aqui.

A razão pela qual voltei a escrever depois desse tempo todo é que a maior aventura da minha vida está prestes a começar. Estou grávida. Não foi algo que planejei ou que esperava, mas já amo esse pedacinho de mim com tudo o que tenho. Nós não sabemos se ela vai nascer com o cromossomo que causa o Huntington, como Gabriel. A possibilidade me apavora. Não importa o que aconteça, eu a amarei. Nós decidimos chamá-la de Valentina. Onde quer que você esteja, espero que esteja feliz.

*Com amor,
Alicia.*

Arranquei a folha amarelada e a selei em um envelope cor de creme, assim como os que havia recebido um dia. Uma sombra longa surgiu atrás da mim, na areia, fazendo com que eu me virasse, um sorriso no rosto. Gabriel me estendeu a mão e me ajudou a levantar. Sua mão tremeu com o movimento. Por um segundo, apenas olhei para ele. Seus cabelos estavam mais curtos

agora, a pele mais bronzeada devido à nossa última viagem à Santorini. Mas seus olhos eram exatamente os mesmos. Algo me fazia acreditar que aqueles caleidoscópios nunca deixariam de ser como eram quando eu o conheci.

— Está pronta? É quase meia noite. Seu pai vai estourar os fogos em alguns minutos.

Peguei sua mão e voltei para a casa de praia, parando em frente ao velho carvalho, o mesmo carvalho onde tudo havia começado. Cavei o buraco com os dedos até encontrar o lugar onde colocávamos as cartas. Com um aperto no peito, afundei a carta que havia escrito na terra.

— Adeus, Valentina. — sussurrei para o vento, assim que os fogos de artifício estouraram no céu, anunciando o início de um novo ano.

Gabriel envolveu meus dedos repletos de terra com os seus e os apertou com gentileza. Absorvi a sensação do toque suave de dois dedos se entrelaçando, sabendo que às vezes, aquilo que acontecia nos momentos de silêncio entre nós dois, no tempo de uma batida de coração, no olhar suave, valia mais que qualquer palavra.

Ouvi a gargalhada de Tasha dentro da casa, e sorri. Gabriel pousou a mão sobre a minha barriga, que agora estava tão grande que era quase impossível ver os meus próprios pés. A ondulação maravilhosa do bebê chutando tomou meus sentidos, como sempre acontecia quando Gabriel a tocava.

— Gabriel?

— Sim? — disse, beijando o topo da minha cabeça com carinho.

— Você está com medo? — indaguei, acariciando a barriga protuberante. Ele me abraçou com força, me segurando em seus braços como se quisesse apagar qualquer sentimento ruim que eu pudesse ter apenas com o seu calor.

— Não. Nem um pouco.

— Mentiroso.

Ele me abraçou mais forte.

— Tudo bem. Estou completamente apavorado, mas isso faz parte. É um tipo muito bom de medo.

— Isso existe? Medo bom?

Ele assentiu, uma certeza de ferro no olhar.

— Claro que sim. É aquele tipo de medo que sentimos antes de a montanha russa começar a andar no parque, antes de pular de asa delta, ou antes de se apaixonar. Você está apavorado, mas sabe que algo incrível está prestes a acontecer.

Respirei fundo seu cheiro suave de folhas recém colhidas e sabonete, deixando que suas palavras me acalmassem.

— Eu te amo.

Ele sorriu. Aquele sorriso gigantesco que mudava seu rosto inteiro.

— Eu também te amo, Ali. Com todo meu coração.

Embragados naquela felicidade totalmente aterradora, nós seguimos em direção à velha casa de praia, deixando o passado para trás.

AS 100 CANÇÕES

1. Here comes the sun - The Beatles
2. We've gotta get out of this place - The Animals
3. Masters of war - Bob Dylan
4. Wish you were here - Pink Floyd
5. Heroes - David Bowie
6. Who wants to live forever - Queen
7. Change - Blind Melon
8. Wherever you will go - The Calling
9. Codinome beija-flor - Cazuza
10. Shake - The head and the Heart
11. My little girl - Jack Johnson
12. In Between days - The Cure
13. Her diamonds - Rob Thomas
14. The man who sold the world - Nirvana
15. Segredos - Frejat
16. Sozinho - Caetano Veloso
17. Eu sei - Legião Urbana
18. Save me - Globus
19. Linger - The Cranberries

20. Should I stay or should I go - The Clash
21. Love will tear us apart - Joy division
22. Last flowers to the hospital - Radiohead
23. Holding on or letting go - Ross Copperman
24. Somewhere only we know - Keane
25. Stairway to heaven - Led Zeppelin
26. Asleep - The Smiths
27. Seven Nation Army - The White Stripes
28. The unforgiven II - Metallica
29. Don't shy from the light - Neulore
30. White Room - Cream
31. Lost in the light - Bahamas
32. Promise - Ben Howard
33. Every ship must sail away - Blue Merle
34. Everything Trying - Damien Jurado
35. Fire - Daniel Lanois
36. Simple Man - Lynnyrd Skynyrd
37. Night - Bill Calahan
38. This Night- Black lab
39. Delicate - Damien Rice
40. Some Devil - David Mathews
41. Dance with the devil - Breaking Benjamim
42. Don't look back in anger - Oasis
43. Down - Jason Walker
44. Walk - Foo Fighters
45. Dust in the wind - Kansas
46. Drops of Jupiter - Train
47. The End - The Doors

48. Garotos - Leoni
49. Wanted dead or alive - Bon Jovi
50. Blue on Black - Kenny Wayne
51. Losing your memory - Ryan Star
52. Mercy - U2
53. Still haven't found what I am looking for - U2
54. My body is a cage - Peter Gabriel
55. November Rain - Guns and roses
56. Secrets - One Republic
57. Unsteady - Ambassadors
58. Open your eyes - Snow Patrol
59. The other side - David Gray
60. Romeo and Juliet - Dire Straits
61. Reminds me of you - The Themes
62. Say hello to heaven - Temple of the dog
63. Man in the wilderness - Styx
64. You make my dreams come true - Hall and Oats
65. Back to black - Amy Winehouse
66. Too close - Alex Care
67. Collide - Howie Day
68. Not Today - Imagine Dragons
69. Sutilmente - Skank
70. Human - The killers
71. Baba O'Riley - The Who
72. 500 miles - The Proclaimers
73. Crazy Mary - Pearl Jam
74. Let her go - Passenger
75. Use somebody - Kings of Leon

76. O Segundo Sol - Cassia Eller
77. Route 66 - Chuck Berry
78. Slow it down - The Lumineers
79. The weight of us - Sanders Bolke
80. Have you ever seen the rain - Rod Stewart
81. Natasha - Capital Inicial
82. Sympathy for the devil - Rolling Stones.
83. Green eyes - Coldplay
84. Brighter than sunshine - Aqualung
85. Breathe - Anna Nalick
86. Awake my soul - Munford and sons
87. Wire to wire - Razorlight
88. Dream catch me - Newton Faulkner
89. Little Talks - Of Monsters and Men
90. If I should go before you - City and Colour
91. Drive - Oh Wonder
92. Lost Stars - Adam Levine
93. A maker of my time - The Paper Kites
94. Coisa linda - Tiago Iorc
95. What's up - 4 Non Blondes
96. A casa é sua - Arnaldo Antunes
97. Por você - Barão Vermelho
98. What a wonderful world - Louis Armstrong
99. Pra dizer adeus - Titãs
100. Caleidoscópio - Paralamas do Sucesso

[1]3. Esperarei neste lugar onde o sol nunca brilha

4. Tigres amarelos rastejam na selva, em seus olhos escuros.

[2] Ian Curtis - Vocalista da banda Joy Division

Kurt Cobain - Vocalista da banda Nirvana

Virginia Woolf - Escritora

Hernest Hemingway - Escritor

Van Gogh - Pintor